



O Açucareiro

NAGUIB MAHFOUZ

Vencedor do Prémio Nobel da Literatura





O Açucareiro
Naguib Mahfouz

Vencedor do Prémio Nobel da Literatura
Civilização Editora

Sobre o Autor

Naguib Mahfouz nasceu no Cairo em 1911. Modernizou a literatura árabe, sendo considerado um dos seus maiores vultos. Foi o único escritor de língua árabe a ser galardoado com o Prémio Nobel da Literatura.

Publicou 34 romances, mais de 350 contos, dezenas de argumentos cinematográficos e cinco peças de teatro ao longo de uma carreira de mais de 70 anos. Viveu com a mulher e as duas filhas na sua cidade natal até falecer, em 2006.

Sinopse

"A distinção do sayyed permanecera análoga à de outrora: a gubba de tecido fino, o quftan de cetim reluzente e a kufiyya de seda eram os de sempre, mas a cabeça embranquecida, os bigodes prateados, o corpo emaciado, como que vazado, e ainda o facto de tornará casa cedo pertenciam todos à actualidade, bem como a terrina de leite coalhado e a laranja preparada para a sua ceia; sem álcool, sem raezza, sem carne, sem ovos, contudo, o fulgor dos seus grandes olhos azuis indicava que o seu desejo de viver não se quebrantara nem se estancara."

O Açucareiro, o último volume da Trilogia do Cairo, a obra-prima de Naguib Mahfouz, é o retrato envolvente da luta de uma família em mudança face ao surgimento do Egipto moderno. À medida que o Cairo se liberta de vez do colonialismo, Ahmad Abdel Gawwad encontra-se já velho e doente. Incapaz de controlar o destino da sua família, observa impotente a sua descendência e as tradições que preza desagregarem-se ante os seus olhos.

Através do percurso dos três netos de Ahmad, vemos o Egipto moderno tomar forma. Um neto é um activista comunista, outro, um fundamentalista muçulmano, lutando ambos por aquilo que acreditam ser um mundo melhor. Ridwan, herdeiro do charme do pai, Yassin, e neto predilecto de Ahmad, lança-se numa carreira política apoiada numa relação homossexual com um político influente.

"O terceiro volume da Trilogia do Cairo de Mahfouz, autor galardoado com o Prémio Nobel, é um retrato impressionante de uma família em decadência que é um reflexo do meio em que se insere - um Egipto que se está a adaptar ao mundo moderno."

PUBLISHERS WEEKLY

"O Açucareiro é um romance maravilhoso, com muitas mensagens, óbvias e ocultas [...]"

THE TEMES LITERARY SUPPLEMENT

"O Açucareiro proporcionará muito deleite e reflexão."

GLASGOW HERALD

Ficha Técnica

Título original

ts-Sukkariyya

Copyright (c) 1957, Naguib Mahfouz

Copyright da edição portuguesa (c) 2006 Américo Fraga Lames &
C." LdV Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Tradução

Badr Hassanein

O tradutor agradece a preciosa colaboração de Margarida Hassanein

Revisão

Serviços Técnicos de Revisão da Livraria Civilização Editora

Adaptação da capa

Livraria Civilização Editora

Créditos fotográficos da capa

Ilustração (c) Lucy Davey

Design (c) Gavin Morris/TW

Fotografia do autor (c) Veer/Photonica/Getty Images

Pré-impressão, impressão e acabamento

CEM Artes Gráficas, Barcelos para Livraria Civilização Editora em
Agosto de 2008

ISBN 978-972-26-2526-5

Depósito Legal 275590/08

Livraria Civilização Editora

Américo Fraga Lames & C.1, L*

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27 4050-023 Porto TeL 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt www.civilizacao.pt

CAPÍTULO 1

As mulheres estavam em redor do fogareiro, as cabeças próximas umas das outras e as mãos estendidas para as brasas incandescentes: as de Amina, descarnadas e com as veias salientes; as de Aisha, secas, quase empedernidas; as de Umm Hanafi, rijas qual pele de tartaruga, e finalmente as de Naima, formosas, de uma alvura imaculada.

Parecia que o frio daquele mês de Janeiro enregelava os recantos da sala que se mantivera inalterável com o volver dos tempos, com as suas esteiras multicolores e os seus sofás dispostos ao longo das paredes.

O antigo candeeiro a gás desaparecera, tendo sido substituído por uma lâmpada eléctrica que do tecto pendia.

O local conhecera modificações, a "sessão do café" agora decorria outra vez no primeiro andar, ou melhor, todas as actividades do segundo andar tinham sido transferidas para o primeiro andar por consideração pelo pai que não podia subir as escadas dados os seus problemas cardíacos; na verdade, mesmo os membros da família tinham igualmente sofrido idêntica transformação: o corpo de Amina parecia um ramo seco e a sua cabeça estava coberta por uma cabeleira branca; conquanto não tivesse atingido os sessenta anos, aparentava ter uns dez a mais. Mas a modificação de Amina era pouco significativa quando comparada com o estado de decadência e de fraqueza de Aisha. Os seus cabelos, que preservavam o seu colorido dourado, e os olhos azuis podiam tão-só provocar escárnio ou compaixão; com efeito, aquele olhar extinto não transmitia a menor sugestão de vida nem se apreendia donde procedia a extrema lividez da sua pele... Aquele semblante de ossatura saliente, de olhos encovados e faces cavas poderia alguma vez pertencer a uma mulher de trinta e quatro anos?

Quanto a Umm Hanafi, parecia que os anos nela se haviam acamado, deixando incólume a essência, poupando também a carne e a adiposidade mas não a pele, muitíssimo marcada no pescoço e nos lábios, como que por sedimentos de poeira, de escamas... e os seus olhos descontentes pareciam associar-se ao silente pesar dos membros da família.

Só Naima, no meio daquele grupo, parecia uma rosa plantada no recinto de uma tumba. Tornara-se numa formosa jovem de dezasseis anos, com cabelos dourados e resplandecentes que emolduravam uma face ornada com olhos azuis; assemelhava-se a Aisha quando jovem, ou talvez ainda fosse mais deslumbrante. Mas era magra e esguia qual sombra, tinha um olhar quieto e devaneador e, em simultâneo, cândido, quase o de uma criatura estranha a este mundo.

A jovem era inseparável da mãe, como se não quisesse se distanciar desta por um só momento.

Umm Hanafi, que friccionava as mãos por cima do braseiro, disse:

- Esta semana, os operários deixam o prédio após aí terem trabalhado durante um ano e meio...

Naima acrescentou com um certo tom de sarcasmo:

- O prédio de Amm Bayyumi, o vendedor de xaropes...

Os olhos de Aisha soergueram-se por um instante do fogareiro voltando-se para Umm Hanafi sem pronunciar qualquer palavra.

Certo dia, a família ficara a saber que a casa que antigamente pertencera ao sayyed^[2] Muhammad Ridwan seria demolida e que, no seu lugar, seria edificado um prédio com quatro andares que todos já apelidavam de prédio de Amm^[1] Bayyumi, o vendedor de xaropes...

Todas aquelas antigas memórias... Mariam e Yassin... mas quem sabe onde estaria Mariam actualmente... e a sua mãe e Bayyumi, o vendedor de xaropes, que se apossara da casa mediante herança e por tê-la adquirido... aqueles eram os dias em que a existência deveras era existência e o coração se mantinha sereno...

Umm Hanafi tornou a dizer:

- A coisa mais bela naquele prédio, minha senhora, é a nova loja de Amm Bayyumi: os candeeiros, os dondorma^[3], os doces... espelhos por toda a parte, lâmpadas eléctricas, a telefonia ligada dia e noite. Ah! Como deploro Hassanein, o barbeiro, Darwish, o vendedor defoul^[4], el-Fuli, o leiteiro, e Abu Sari, o vendedor de sementes grelhadas, que das suas lojas anacrónicas devem contemplar o estabelecimento e o prédio do camarada do passado...

Amina, ajustando o xaile sobre os ombros, clamou:

- Glória a Allah, o Magnânimo nas suas oferendas...

Naima, cingindo com os braços o pescoço da mãe, disse:

- As paredes do prédio quase que atravancam deste lado o nosso

terraço; quando ali houver inquilinos, como faremos para passar algum tempo no terraço?

Amina, que não podia, principalmente em consideração por Aisha, aparentar não ter ouvido a pergunta da linda neta, volveu:

- Não te aflijas com os inquilinos, pensa em te distraíres a teu bel-prazer!

Assim falando, lançou um olhar extremoso a Aisha para ver o efeito que sobre a filha tinha tido a sua resposta delicada; de tanto recear por ela, quase acabara por a recear. Mas Aisha, naquele instante, estava totalmente alheada a fitar um espelho colocado sobre uma mesa entre o quarto do sayyed e o seu, não tendo perdido o hábito de se mirar conquanto presentemente para ela nada daquilo tivesse o menor sentido. Com o transcorrer do tempo, não mais se atemorizava de ver reflectido o seu rosto descarnado, lívido e macilento e a cada vez perguntava-lhe uma voz interior: "Onde está a Aisha de antigamente?", ao que sem se mortificar respondia: "E onde estão Muhammad, Otman e Khalil?"

Amina, ao constatar tudo isso, sentia o coração apertar-se-lhe e o seu desalento transmitia-se instintivamente a Umm Hanafi, que de tal forma se entranhara na família que herdara também os seus padecimentos.

Naima levantou-se, dirigiu-se para a telefonia colocada entre a sala de estar e a sala de jantar e ligou-a dizendo:

- Mãe, esta é a hora em que difundem música gravada em discos...

Aisha acendeu um cigarro inspirando uma longa baforada enquanto Amina se pôs a contemplar o fumo que, ao se alargar, formava uma subtil nuvem por cima do fogareiro.

Da telefonia ouvia-se uma voz que entoava:

- "Ó companhia de amigos dos belos dias transcorridos, quem dera que pudesses retornar!"

Naima regressou ao seu lugar envolvendo-se no roupão. Agradava-lhe muito o canto tal como, no passado, este havia encantado a sua mãe; sabia, intuitivamente, como ouvir um motivo, memorizá-lo e repeti-lo com a sua modulação exacta. Esta sua paixão não entrava em contradição com o sentimento religioso que nela preponderava sobre todos os demais.

A rapariga orava com regularidade, jejuava durante o mês do

Ramadão desde os dez anos de idade, devaneava muito sobre o mundo invisível, recebia sempre com um enorme gáudio o convite para ir à mesquita de el-Hussein^[5], quando a avó lho fazia; no entanto, não suspendia o seu amor pelo canto e tão logo se achava a sós cantava no seu quarto ou na casa de banho.

Aisha apoiava tudo o que a sua filha única fazia, a esperança única que alumia o seu horizonte sombrio: nela apreciava tanto a religiosidade como a voz. Alentava o vínculo que a rapariga mantinha com ela - vínculo que podia parecer descomedido - e neste sentia prazer e não admitia ouvir reparo algum a este respeito; ou melhor, em geral, aborrecia-a qualquer censura, ainda que insignificante, e feita com a melhor das intenções.

De resto, ela não tinha outra tarefa em casa excepto a de permanecer sentada, a tragar o café e a fumar.

Se Amina a chamava para que a auxiliasse em alguma lida - não porque dela tivesse precisão mas para lhe oferecer um pretexto que a desviasse das suas cogitações -, a mulher melindrava-se e replicava com uma frase já rotineira: "Deixe-me em paz..."

Ao mesmo tempo não autorizava Naima a fazer fosse o que fosse, como se o mínimo movimento da filha a estremecesse. Caso lhe tivesse sido possível rezar em seu lugar, tê-lo-ia feito para até acautelar o esforço da prece.

Quantas vezes Amina com ela tinha conversado a este respeito, recordando-lhe que a rapariga já estava em idade de casar e que devia adquirir um conhecimento pleno das incumbências de uma dona de casa!... Mas Aisha sempre lhe redarguia num tom amofinado:

- Não vê que é qual uma sombra? A minha filha não deverá sujeitar-se a qualquer esforço, deixe-a em paz, no mundo não me sobeja outra esperança para além dela!

Amina não sabia o que acrescentar: o seu coração despedaçava-se de tristeza... Observando-a, lobrigava na filha a imagem personificada das esperanças frustradas; observando o seu semblante infeliz que tinha perdido todos os sinais de entusiasmo, ela limitava-se a um suspiro, evitando abespinhá-la e arcando com complacência e ternura benevolente as respostas acerbadas e os reparos ríspidos...

A voz continuava a cantar: "Ó companhia de amigos dos belos tempos idos" e, fumando, Aisha escutava.

Nem a tristeza nem a desesperança nela haviam apagado a sensibilidade pelo canto que havia amado e que continuava a amar; ou antes, aquela sensibilidade exacerbava-se na sua alma devido aos sentimentos de plangência e desgosto que não raro o canto expressa. E, apesar de estar ciente de que nada no mundo pode fazer voltar a companhia dos amigos dos belos dias passados, interrogava-se, por vezes, se aquele passado havia efectivamente sido ou se não fora mais do que um devaneio, uma fantasia...

De outro modo, onde estava o seu ditoso lar? Onde estava o seu nobre esposo? Onde estavam Otman e Khalil? E como era imaginável que só oito anos a pudessem separar daquele passado?

Amina só excepcionalmente tinha prazer em ouvir tais canções. O maior mérito da telefonia, na sua opinião, era o de lhe possibilitar ouvir declamar o Nobre Alcorão e escutar as informações diárias; quanto às canções, entristecia-se ao perceber a melancolia dos conteúdos e inquietava-se ao meditar no que a filha sofria ao ouvi-las, ao ponto de certa ocasião ter declarado a Umm Hanafi:

- Não são estes porventura os gemidos por um finado?

Amina estava de tal modo preocupada com Aisha que esquecia os distúrbios ligados à pressão arterial de que começara a padecer. Doravante, só sentia contentamento na visita a el-Hussein e aos demais santos de Allah, agradecendo do fundo do coração ao sayyed, que não mais a mantinha enclausurada e a deixava livre para ir visitar, conforme a sua aspiração, as casas de Allah.

Também ela cessara de ser a Amina de outrora. A tristeza e o desalento tinham-na visceralmente transfigurado. Com o transcorrer dos anos, havia perdido a sua excepcional dedicação e a sua assombrosa aptidão em organizar, prover às limpezas e superintender. Agora só cuidava de questões que se prendiam com o sayyed e Kamal; confiara a Umm Hanafi a tarefa de tratar da sala do forno e da dispensa, contentando-se unicamente com a fiscalização, mas desempenhava também esta atribuindo-lhe escassa importância. Tinha uma confiança enorme em Umm Hanafi, que, por certo, não era uma estranha à casa e à família e que para todos havia sido uma companheira de toda a existência, com eles partilhando a sorte e a desgraça. Com efeito, entranhara-se de tal modo na família que se tornara num seu membro, associando-se-lhe com todo o seu coração

nas alegrias e nos pesares...

Por um instante, o silêncio imperou entre as mulheres como se o canto se houvesse assenhoreado dos sentimentos, até Naima falar:

- Hoje na rua encontrei Salma, a minha colega da escola primária; no próximo ano, realizará o exame para o diploma do bacharelato...

- Se o avô te tivesse autorizado a prosseguir os estudos, tê-la-ias superado, mas assim o não quis ele! - exclamou Aisha.

Amina apreendeu a manifestação de desacordo encerrada na frase "mas assim o não quis ele" e retrucou:

- O avô tem ideias das quais não desiste; mas tu terias deveras visto com agrado que ela prosseguisse os estudos, não obstante os esforços que estes implicam, tratando-se de uma rapariga franzina e querida que não suporta a fadiga?

Aisha meneou a cabeça sem proferir uma palavra, enquanto Naima recomeçou com uma certa mágoa:

- Teria desejado concluir os estudos; hoje todas as raparigas estudam como os rapazes...

Umm Hanafi atalhou com um tom de desprezo:

- Estudam porque não encontram esposo, mas uma jovem bonita como tu...

Amina abanou a cabeça aquiescendo e disse:

- Além do mais, és instruída, ó rainha de todas as raparigas, tens o diploma dos estudos primários, que mais queres? Nem sequer careces de te empregares... Oremos a Allah para que te dê alento e circunde a tua cativante formosura com um pouco de saúde, de carne e de gordura.

- Desejo para ela saúde e não gordura. A gordura é uma imperfeição, mormente nas raparigas. A sua mãe era no seu tempo um prodígio e não era anafada - volveu Aisha num tom áspero.

Amina sorriu e acrescentou com amenidade:

- Naima, a tua mãe era, de facto, no seu tempo um prodígio...

- Depois, porém, tornou-se numa testemunha viva do escoar do tempo! - exclamou Aisha num gemido.

Umm Hanafi resmoneou:

- Que Allah vos torne felizes, tu e Naima!

- Ámen, ó Deus do Universo!... - respondeu Amina, que afagava docemente os ombros da neta.

As mulheres tornaram ao seu silêncio, escutando uma voz diversa que cantava "Gostaria de te ver todos os dias",

De repente, ouviu-se a porta da casa a abrir-se e depois a fechar-se. Umm Hanafi exclamou:

- O meu senhor grande! - levantou-se pressurosa e saiu para ir acender a lâmpada das escadas.

Não passou muito tempo até Amina, a filha e a neta ouvirem as usuais pancadas da bengala contra o pavimento; depois o sayyed surgiu no limiar da sala e, como sempre, as mulheres levantaram-se todas com a merecida cortesia.

Este deteve-se um pouco para observá-las, arquejante, depois saudou-as dizendo:

- Boa noite.

- Noite feliz - responderam todas elas.

Amina precedeu-o no seu quarto para acender a luz, o homem seguiu-a com toda a gravidade da sua velhice encanecida e sentou-se para recobrar fôlego. Ainda só eram vinte e uma...

A distinção do sayyed permanecera análoga à de outrora: a gubba^[6] de tecido fino, o quftan^[7] de cetim reluzente e a kufiyya^[8] de seda eram os de sempre, mas a cabeça embranquecida, os bigodes prateados, o corpo emaciado, como que vazado, e ainda o facto de tornar à casa cedo pertenciam todos à actualidade, bem como a terrina de leite coalhado e a laranja preparada para a sua ceia; sem álcool, sem mezza^[9], sem carne, sem ovos; contudo, o fulgor dos seus grandes olhos azuis indicava que o seu desejo de viver não se quebrantara nem se estancara.

Ele principiou a despir-se como de costume, com o auxílio de Amina; envergou a gallabiyya^[10] de lã, envolveu-se na aba'a^[11], pôs na cabeça o barrete e sentou-se no sofá com as pernas cruzadas.

A mulher trouxe-lhe a ceia, que ele comeu sem entusiasmo, após o que lhe entregou um copo de água cheio até metade, pegou no frasco do medicamento e verteu seis gotas que o homem absorveu com um esgar de desagrado, sussurrando:

- Louvor a Allah, Deus da Criação!

Em mais de uma circunstância, o médico tinha-lhe dito que a terapêutica seria seguida apenas durante um determinado prazo mas que teria de seguir a dieta, e tinha-o posto de prevenção contra todos

os possíveis descuidos ou infracções porque os seus distúrbios ligados à pressão se haviam exacerbado e o coração estava cada vez mais debilitado. A experiência tinha-o compelido a adoptar os conselhos do médico, depois de muito sofrer por tê-los tido em pouca consideração.

Quantas vezes tivera de se arrepender por não se ter atido às suas indicações! Por fim, subordinara-se às ordens: comia e bebia apenas o que lhe era admitido; não regressava após as vinte e uma; no entanto, o seu coração não perdera a esperança de um dia alcançar de novo a saúde, graças à Providência, e de desfrutar de uma vida boa, serena... embora a existência pretérita houvesse terminado para todo o sempre!

Apurou o ouvido, escutando com deleite a canção que provinha da telefonia, enquanto Amina, sentada no seu colchão, lhe falava do frio do dia, da chuva que se abatera a cântaros antes do meio-dia... mas ele não prestava atenção e, por fim, disse muito satisfeito:

- Foi-me dito que, esta noite, iriam transmitir algumas canções antigas...

A mulher sorriu acolhendo favoravelmente, seja porque lhe agradasse aquele estilo de canções seja sobretudo para que se achasse em concordância com o sayyed, para quem eram as preferidas.

Nos olhos do homem, continuou a rutilar por alguns instantes a alegria, que foi rapidamente empanada por um certo quebranto. Já não conseguia fruir durante muito tempo de uma sensação deliciosa sem que esta se voltasse de súbito contra ele fazendo com que despertasse do seu devaneio e colidisse contra a realidade, realidade que o cercava por todas as partes enquanto o passado não mais era do que uma quimera!

Para quê, portanto, se alegrar se os dias do divertimento, do gáudio e da saúde tinham cessado para sempre? Se haviam desaparecido a boa comida, a bebida e o bem-estar? Onde estava o seu porte comparável ao de um dromedário, a gargalhada que aguda lhe brotava do peito? O que sucedera aos seus regressos à alvorada, embriagado pelas alegrias múltiplas? Agora devia voltar para casa às vinte e uma para às vinte e duas dormir; tinha de comer, beber e caminhar segundo cálculos precisos referidos na agenda do médico. E aquela casa que o tempo havia coberto de tristeza tomara-se para ele o único centro do seu viver.

Quanto à desventurada Aisha, era para ele um espinho no coração;

lamentava não poder de modo algum emendar os destroços daquela existência e, por isso, nem conseguia permanecer tranquilo por ela: o amanhã iria talvez achá-la ainda mais solitária, infeliz, sem pai nem mãe? E aquilo que mais o preocupava era o risco de um agravamento da sua saúde, temia mais do que outra coisa qualquer que as forças o atraíssem obrigando-o a ficar de cama qual morto, como tinha acontecido a muitos dos seus amigos queridos, quando ainda se sentia cheio de vontade de viver. Pedia, assim, auxílio a Allah por causa destes pensamentos, que, como moscas, vojavam em seu redor. Mas tinha de escutar as antigas cantigas, quanto mais não fosse para adormecer ao som das suas melodias...

- Deixa a telefonia ligada mesmo se eu adormecer!

Amina abanou a cabeça afirmativamente e sorriu e o marido recomeçou num suspiro:

- Quão difícil é para mim subir as escadas!

- Meu senhor, descanse em cada degrau...

- Mas há muita humidade nas escadas, como este Inverno é tremendo... - depois, como se se interrogasse a si mesmo:

- Aposto que foste visitar el-Hussein, como de costume, não obstante o frio...

Ela respondeu, acanhada e enleada:

- Mas, meu senhor, para ir visitá-lo toda a contrariedade se torna insignificante...

- A culpa é toda minha!...

Mostrando-se conciliante, Amina acrescentou:

- Ando à volta do túmulo e receio pela sua saúde e pela sua vida.

Como tinha necessidade de preces sinceras agora que todas as coisas boas lhe viravam as costas... até o duche frio, que ele tinha por hábito tomar em cada manhã, para revigorar o seu corpo, lhe fora proibido porque, conforme fora dito, era perigoso para as suas artérias. Então, quando todas as coisas boas e agradáveis se tornam prejudiciais, que Allah tenha misericórdia de nós!

Após um instante, chegou até ao quarto o estampido da porta da entrada que se fechava; Amina ergueu o olhar murmurando:

- Kamal!

Volvidos alguns minutos, Kamal penetrou no aposento envergando o sobretudo negro que metia em relevo a sua aparência alta e elegante.

Ele observou o pai através dos óculos de ouro; os bigodes fartos e negros, bem tratados, davam-lhe uma aparência de grande nobreza e varonilidade. Cumprimentou, inclinando-se sobre a mão do pai que o convidou a sentar-se e lhe perguntou, como de costume, com um sorriso:

- Onde estava, estimado professor?

Aprazia a Kamal aquele tom amistoso e afável que só agora, após longos anos, lhe era destinado; sentando-se no sofá, respondeu:

- Estava no café com alguns amigos.

"Sabe-se lá que espécie de amigos! Parece um jovem circunspecto, pacato, digno, mais do que na sua idade seria desejável, e que passa a maior parte das noites na sua biblioteca... Quanta diferença entre ele e Yassin ainda que cada qual tenha os seus defeitos..."

A sorrir, o sayyed acrescentou:

- Foste ao congresso do Wafd^[12] hoje?

- Sim, e ouvimos o discurso de Mustafa en-Nahas^[13]; foi um dia inolvidável...

- Disseram-me que era um grande acontecimento; não podendo nele participar, ofereci o meu convite a um amigo, a saúde já não me permite canseiras...

Dominado por um sentimento de carinhosa compaixão, Kamal tartamudeou:

- Que Allah lhe dê forças...

- Não houve incidentes?

- Não, o dia decorreu sereno; a polícia, ao invés do habitual, limitou-se a vigiar...

O homem meneou a cabeça com agrado, após o que, num tom de sugestão, disse:

- Voltemos à velha questão: persistes na tua ideia errada no tocante às lições particulares?

Kamal continuava a experimentar um sentimento de confusão e de enfado sempre que se via forçado a confessar que não concordava com o parecer do pai, assim sendo, disse com afabilidade:

- Já falámos tudo sobre essa questão!

- Todos os dias, amigos meus pedem-me que dê lições particulares aos filhos; não rejeites um ganho legítimo; as lições particulares são fonte de bastante lucro para os professores e os que por ti perguntam

são pessoas importantes do bairro...

Kamal não disse uma palavra sequer ainda que a sua face expressasse uma recusa delicada, pelo que o homem reiterou com um ar inquieto:

- Recusas isso para perder tempo em infundáveis leituras e escrever sem a menor retribuição; será aceitável semelhante coisa vinda de um indivíduo atilado como tu?

Nisso, Amina disse a Kamal:

- Deves amar o dinheiro como amas a ciência - e depois, virando-se para o sayyed, com um sorriso não desprovido de uma certa fatuidade, acrescentou:

- Kamal é igual ao avô, não coloca o seu amor pela ciência no mesmo patamar que outra coisa qualquer...

O sayyed, entediado, exclamou:

- Lá estás tu a dar-lhe de novo com o avô!... Ora, acaso se tratava do Imã Muhammad Abdu^[14]?

Apesar de nada saber sobre o Imã, a mulher voltou com entusiasmo:

- Porque não, meu senhor? Todos os vizinhos vinham ter com ele por causa de assuntos relacionados com a existência e com a religião.

O bom humor levou a melhor no sayyed que, sorridente, replicou:

- Os homens do seu jaez hoje valem, cada dez, uma piastra!

No semblante da mulher, alastrou-se uma expressão de revolta, contudo conservou-se silente.

Kamal, pelo contrário, sorriu com um aspecto de carinho mesclado de um certo embaraço, após o que pediu licença para se retirar e abandonou o quarto.

Na sala, encontrou Naima, que lhe vedou o caminho para lhe mostrar o seu novo vestido; a rapariga afastou-se para ir procurar o vestido e Kamal, enquanto aguardava, sentou-se junto de Aisha.

Como todos os membros da família, também ele tentava ser atencioso com a irmã, interessando-se pela filha, Naima, mas, para além disso, nutria pela linda jovem admiração análoga à que outrora tivera pela mãe.

Naima chegou com o vestido e Kamal estendeu-o diante de si para o examinar, revelando grande pasmo enquanto observava a sobrinha com uma meiga afeição, subjugado por aquela extraordinária e plácida formosura, coroada pelo resplandecente fulgor de uma frágil pureza.

Afastou-se com o coração não isento de ansiedade; acompanhar uma família até aos anos de velhice é seguramente muito triste.

Não é algo que o deixasse indiferente ver o pai débil e despojado após a sua dominação e a sua prepotência, a mãe que estiolara devido à idade e ainda o acelerado declínio de uma irmã... aquele ambiente pejado de infortúnio e dos indícios precursores do fim...

Subiu as escadas até ao andar superior - ao seu apartamento, como soía designá-lo -, onde vivia solitário entre o quarto de dormir e a sua biblioteca, que davam ambos para a rua de Bain el-Qasrain. Retirou as roupas e, depois de ter envergado a gallabiyya e de se ter envolvido no roupão, encaminhou-se para a biblioteca, onde havia uma grande secretária, disposta perto da machrabiyya^[15] que tinha ao seu lado duas fileiras de estantes para os livros.

Queria ler, pelo menos, um capítulo da obra de Bergson As Duas Fontes da Moral e da Religião e rever pela derradeira vez o seu artigo mensal sobre o pragmatismo para a revista el-Fikr^[16].

Aquelas escassas horas consagradas à filosofia, que se alongavam até à meia-noite, eram os momentos mais felizes do seu dia, aqueles durante os quais - segundo a sua fórmula - se sentia um ser humano. Quanto ao resto do dia, passado a ensinar na escola primária Silihdar ou a suprir as necessidades básicas da vida, era realizado pela natureza animal, que, por mais que nele estivesse abafada, o levava a constantemente preservar o seu ser e a saciar os seus desejos. Não tinha nem amor nem apreço pela sua profissão oficial, porém não declarava publicamente o seu descontentamento, sobretudo aos familiares, para evitar as críticas e, não obstante tudo isto, era um excelente professor que desfrutava de estima e de consideração.

O director confiava-lhe também actividades específicas da escola de tal forma que ele se deleitava em se pensar como um escravo. Com efeito, acaso não será o escravo que executa com primor o labor que não lhe apraz? Na verdade, o intenso desejo de cintilar, aquele desejo que o acompanhara desde a meninice, incitara-o sempre, inexoravelmente, a uma tentativa de distinção.

Desde o começo, havia determinado tornar-se numa figura reverenciada quer pelos alunos quer pelos professores e conseguira-o; aliás, não só era respeitado mas também amado, apesar da cabeça grande e do nariz enorme... e à cabeça e ao nariz, ou melhor, à

impressão desagradável que deles decorria, talvez se pudesse imputar o mérito de ter metamorfoseado o jovem numa pessoa tão decidida e destarte estimada e respeitada.

Soubera sempre que a cabeça e o nariz lhe criariam obstáculos e, assim, propusera-se resolutamente precaver-se contra a aleivosia dos engraçadinhos.

Todavia, não escapava, por vezes, no decorrer das aulas ou no pátio de recreio, a um qualquer remoque mordaz ou a um piscar de olho a que ele reagia com grande firmeza para depois se aplacar graças à sua instintiva bondade. Ademais, a sua admirável capacidade de explicar e de se fazer entender bem como os temas singulares e cativantes que de quando em vez ele abordava, alusivos ao nacionalismo ou às reminiscências da Revolução, eram coisas que lhe angariavam a simpatia geral da "opinião pública" entre os alunos, o que, acrescentando à sua determinação ao intervir no momento oportuno, bastava para aniquilar, na sua génese, todas as tentativas de insubordinação.

E ainda que, a princípio, muito tivesse sofrido devido às injuriosas piscadelas de olho que, de novo, faziam assomar as suas feridas passadas, tinha, por fim, começado a regozijar-se com a grande estima que fora capaz de granjear na alma das crianças que o olhavam com assombro, amor e apreço.

Kamal tinha igualmente outro problema com que se defrontar ligado aos artigos todos os meses publicados na revista el-Fikr, porque apreendia que o director e os demais professores pudessem pedir esclarecimentos a do que ali alegava sobre as relações entre filosofias antigas e modernas, sobretudo em termos de crítica aos dogmas e à moral; uma forma de cultura, a sua, que não parecia se conciliar com a responsabilidade de um professor.

Felizmente, contudo, nenhum dos responsáveis da escola lia a revista el-Fikr e, em seguida, ele deu-se conta de que só eram impressos mil exemplares, cuja metade era exportada para outros países árabes. Isto encorajou-o a perseverar no envio dos seus textos à redacção, sossegado no tocante a si e ao seu emprego.

Durante aquelas breves horas, "o professor de língua inglesa da escola primária de Silihdar" transformava-se num viajante livre que explorava as ilimitadas esferas do pensamento, lendo e tomando notas que anexava em seguida aos seus artigos mensais. O que o instigava a

suportar tamanhos esforços era o seu desejo de conhecer, o seu amor pela verdade e o seu espírito de aventura teórica, o anseio de se consolar e de achar um lenitivo para o ambiente de profunda angústia que o cercava e para o sentimento de solidão no seu íntimo acoitado.

Procurava uma salvação para a solidão no princípio da unidade da substância universal de Espinosa; consolava-se do seu escasso valor associando-se a Schopenhauer no combate que visava derrotar os desejos; minorava o sentimento que experimentava devido à infelicidade de Aisha explicando de novo a teoria do Mal de Leibniz ou banhando o seu coração sequioso de amor com a Arte Poética de Bergson. Contudo, a sua peleja ininterrupta não conseguia aniquilar a vacilação que nele atingia a condição de flagelo.

A verdade é, de facto, qual amante humano, não menos galante, inatingível, sempre pronta a zombar das razões, a originar incerteza e ciúme, não só o desejo incendiado de possessão mas também o de união. E, como aquele é susceptível de ter vários rostos, várias paixões e mutações e, muitas vezes, não está livre de arteirice, de engano, de crueza e de fatuidade.

E Kamal, quando era acometido pela incerteza e os seus esforços o derreavam, dizia para si mesmo à laia de consolo: "Estou deveras torturado mas estou vivo! Um ser humano vivo e a vida de um homem, digna deste nome, não se realiza sem que haja um preço a pagar!"

[1] Literalmente, "tio paterno", designação que é comumente usada, no Egipto, para se referir a uma pessoa de uma certa idade, mesmo quando não haja laços de parentesco.

[2] "Senhor", "patrão", título que, em geral, antecede o nome próprio.

[3] Gelado típico de origem turca.

[4] Favas.

[5] Filho de Ali e de Fátima e neto do Profeta. Morreu de forma trágica em Kerbala em 680. É sobretudo venerado pelos Xiitas.

[6] Longa túnica usada pelos homens, aberta à frente, e com mangas largas.

[7] Casaco comprido com mangas, de origem turca, aberto à frente e estreitado por um cinto.

[8] Grande lenço quadrado de seda que os homens costumam usar na

cabeça.

[9] Refere-se a um conjunto de diferentes aperitivos salgados: azeitonas, pepinos e limões macerados em vinagre, pedacinhos de queijo, amendoins, etc, servidos em pequenos pratos e que acompanham as bebidas alcoólicas.

[10] Túnica comprida de algodão aberta sobre o peito.

[11] Casaco de beduíno de lã grossa, de uma só cor ou listrado, sem gola e com mangas largas.

[12] Partido nacionalista egípcio fundado por Saad Zaghlul em 1918.

[13] Célebre político que chefiou o Wafd após a morte de Saad Zaghlul em 1927.

[14] Muhammad Abdu é um dos grandes reformadores muçulmanos dos finais do século XIX. Tentou incorporar as descobertas da ciência moderna no pensamento corânico e harmonizar ciência e religião.

[15] Varanda cercada por um gradeamento fechado de madeira que permite ver sem ser visto do exterior.

[16] Literalmente, "o pensamento".

CAPÍTULO 2

Conferir os registos, manter a contabilidade, ajustar o balanço do dia anterior eram coisas que Ahmad Abdel Gawwad sempre fizera da melhor forma, com a habitual exactidão; mas que fazia actualmente com uma fadiga que jamais experimentara antes de tombar vítima da idade e das doenças.

Curvado sobre os registos, debaixo do quadro que encerrava a bas-mala^[17], com os bigodes cinzentos que quase sumiam sob o nariz grande que parecia maior ainda naquele rosto macilento, o aspecto do sayyed inspirava comiseração, enquanto aquele do seu empregado e ajudante Gamil el-Hamzawi, que tinha cerca de setenta anos, metia dó. Mal terminava de servir um cliente, soçobrava sobre a cadeira a resfolegar arquejante.

Ahmad Abdel Gawwad dizia de si para si com indignação: "Se fôssemos funcionários, a pensão evitar-nos-ia, com a nossa idade, de nos matarmos a trabalhar!..."

Levantando a cabeça dos registos, observou:

- A situação ainda se ressentia um tanto da crise económica...
- Sem dúvida, mas este ano é melhor do que o anterior, que, por seu turno, é melhor que o outro; seja como for, louvado seja Allah... - respon-deu-lhe el-Hamzawi com um resquício de agastamento nos seus lábios descorados.

O ano de 1930 e os demais que se haviam seguido... aquele período que os comerciantes tinham descrito como "os dias do horror", durante o governo tirânico de Ismael Sidqi^[18], quando a escassez tinha dominado a vida económica...

Naquela época, as pessoas beijavam as mãos de quem as ajudava inter-rogando-se sobre o que o amanhã lhes destinava.

Pessoalmente, achara-se, sem dúvida alguma, entre os afortunados porquanto as dificuldades económicas o não haviam conduzido à beira de uma falência muitas vezes anunciada...

- Sim, apesar de tudo, louvado seja Allah... Reparou então que Gamil el-Hamzawi o fixava com um olhar estranho em que irresolução e embaraço se amalgamavam.

O que mais poderia haver? O homem levantou-se, aproximou a

cadeira da secretária, sentou-se e sorriu atarantado.

Fazia muito frio, não obstante o sol luminoso, e o vento, sibilante, levantava borrascas que faziam gemer portas e janelas.

O sayyed, endireitando-se na cadeira, virou-se para ele e disse:

- Conta-me o que tens: tenho a certeza de que me queres dizer algo de importante!

El-Hamzawi, baixando os olhos, respondeu:

- Ninguém invejaria a situação em que me encontro!.. Não sei como começar a falar...

O sayyed, instigando-o, prosseguiu:

- Mas vivi mais tempo na tua companhia do que com a minha família; podes dizer-me tudo o que tens dentro de ti...

- Mas é justamente esta estreita relação que agora se tornou difícil para mim, meu senhor...

Estreita relação? Semelhante coisa nunca lhe ocorrera.

- Mas o que queres dizer?...Mas, na verdade... El-Hamzawi acrescentou num tom desconsolado:

- Chegou para mim o momento de me retirar; "Allah não impõe a alma alguma o que não é de sua capacidade"^[19].

O sayyed sentiu que se lhe confrangia o coração; o facto de el-Hamzawi renunciar ao trabalho constituía para ele como que um prenúncio do seu próprio afastamento: como poderia ele sozinho assumir o peso do trabalho na loja achando-se adoentado e velho? Olhou desnorteado para o seu colaborador, que tornou a dizer, totalmente atrapalhado:

- Lamento muito, mas já não tenho forças para trabalhar, este tempo findou... mas organizei tudo e não o deixarei desamparado; ocupará o meu lugar uma pessoa mais competente do que eu...

A sua plena confiança na honestidade de el-Hamzawi tirara-lhe dos ombros metade dos cuidados. Como poderia com sessenta e três anos permanecer de forma contínua na loja do romper do Sol até ao cair da noite? Destarte acrescentou:

- Mas deixar o trabalho e ficar encerrado em casa apressa a decadência de um ser humano, acaso não o vês entre os funcionários aposentados?

- A decadência já está em curso antes de ter abandonado o trabalho - volveu el-Hamzawi sorrindo. De súbito, o sayyed pôs-se a rir como que

para encobrir a confusão que já sentia antes de declarar:

- Ó velho finório, queres deixar-me em resposta aos rogos insistentes do teu filho Fuad!

- Allah me proteja - exclamou el-Hamzawi emocionado -, o meu estado de saúde a ninguém passa despercebido e é o único motivo.

"Quem sabe? Fuad é magistrado do Ministério Público e, como tal, não está satisfeito por ver que o pai permaneceu um mero empregado numa loja, ainda que o seu patrão seja aquele que lhe aplanou o caminho para obter o cargo no Ministério Público!"

Depois, compreendendo que as suas palavras haviam feito sofrer o empregado, emendou-se e, cortês, perguntou:

- Quando é que Fuad é transferido para o Cairo?

- Neste Verão ou, no máximo, no próximo Verão.

Após uma pausa de silêncio carregada de constrangimento, el-Hamzawi adequou-se ao tom delicado do sayyed e tornou a dizer:

- Se vier para o Cairo morar comigo, devo pensar em casá-lo, não acha, meu senhor? É o único varão entre sete filhas, é indispensável que case e, sempre que nisso medito, aflora ao meu pensamento a sua amável neta...

O homem dirigiu pois ao sayyed um olhar perscrutador e acrescentou baixinho:

- É claro que não somos do mesmo nível... O sayyed só pôde retorquir:

- Que Allah me perdoe^[20], Amm Gamil, somos como irmãos há muito tempo...

"Talvez Fuad o tivesse induzido a sondar o seu pulso? Magistrado do Ministério Público era uma função de relevo, mas o que sobretudo importa é a bondade. Seria, porém, aquele o ensejo para falar em casamento?"

- Diz-me antes se estás realmente decidido a deixar o trabalho!

O sayyed ouviu, de repente, uma voz que vinha da porta da loja e dizia:

- Mil vezes bom dia...

- Bem-vinda... - depois, indicando a cadeira deixada livre por el-Hamzawi, acrescentou: - Instale-se...

Zubaida sentou-se, o corpo intumescido e anafado, o semblante carregado de maquilhagem; sem jóia alguma no pescoço, nas orelhas e

nos braços, sem nada que lembrasse a beleza de outrora.

O sayyed principiou a dizer-lhe as fórmulas de boas-vindas que soía dirigir a todos os clientes, nada mais, mas no seu coração não se regozijava com a visita. Jamais a mulher viera sem lhe fazer inúmeras exigências!

Perguntou-lhe pela sua saúde e esta respondeu ausente com um Louvado seja Allah!".

Após um curto silêncio, o homem repetiu:

- Seja bem-vinda, seja bem-vinda...

A mulher agradeceu sorrindo, conquanto fosse para ela manifesto que as cortesias do sayyed Ahmad eram assaz mornas; riu fingindo desconhecer o ambiente que a rodeava: o transcorrer dos anos havia-lhe ensinado com efeito a ser indiferente... depois volveu:

- Não quero desperdiçar o teu tempo quando estás atarefado, mas és a pessoa mais nobre que em toda a minha vida conheci! Assim, faz-me um novo empréstimo ou encontra-me algum comprador para a minha casa. Que bom seria se fosses tu a adquiri-la!

Ahmad Abdel Gawwad respondeu num suspiro:

- Eu?... Quem me dera, mas este já não é o tempo de antigamente, ó sultana! Quantas vezes te disse eu a verdade mas parece que não crês nas minhas palavras, ó sultana...

A mulher riu para ocultar a esperança frustrada e acrescentou:

- A sultana está sem dinheiro, o que se há-de fazer?

- Da outra vez, dei-te o que pude mas, agora, a situação é distinta e não me permite proceder da mesma forma...

- Não me podes encontrar um comprador para a casa? - perguntou Zubaida com ansiedade.

- Procurarei um para ti, prometo-to.

- É o que de ti se espera, ó mais nobre dos homens! - respondeu com reconhecimento e continuou num tom magoado. - Não foi só o mundo que se alterou, são as pessoas as que mais se alteraram. Que Allah lhes perdoe! Na época da notoriedade, acorriam para me vir beijar os sapatos; agora, se me avistam num lado da rua, vão para o outro lado.

"Ao homem estará sempre negada alguma coisa, ou melhor, várias coisas: a saúde, a mocidade, as pessoas... mas os dias do contentamento, das canções e do amor... onde estarão eles hoje?"

- Por outro lado, ó sultana, jamais quiseste pensar no futuro... A

mulher suspirou triste e depois volveu:

- Sim, não sou como a tua querida Galila, que negoceia a honra e granjeia dinheiro e casas. Além do mais, Allah pôs-me à prova com uma caterva de biltres... A imoralidade de Hassan Anbar chegou ao ponto de me vender por uma libra egípcia uma pitada de cocaína quando no mercado escasseia!

- Que Allah o amaldiçoe!

- Hassan Anbar? Que seja mil vezes maldito!

- Ou melhor, maldita seja a cocaína!

- Por Allah, a cocaína é mais compassiva do que o ser humano!

- Não... não: é muito triste que tenhas caído em seu poder!

- Ela destruiu-me e desbaratou os meus bens: o que posso fazer?

Mas quando me acharás um comprador?

- Inshallah^[21], na primeira ocasião. Levantando-se, Zubaida disse-lhe com um tom de censura:

- Ouve, quando da próxima vez vier ter contigo, sorri-me com todo o coração. Todos os agravos têm pouca consequência salvo os que de ti vêm. Sei perfeitamente que te enfado com os meus pedidos mas acho-me num sarilho que só Allah sabe e tu, para mim, és o melhor dos homens.

O sayyed, desculpando-se, retorquiu:

- Não penses de mim coisas que não são: quando chegaste, estava deveras preocupado com uma questão grave e as preocupações dos comerciantes, como bem o sabes, não têm fim!

- Que Allah delas te liberte!

O sayyed inclinou a cabeça em sinal de reconhecimento, enquanto a acompanhava à porta, depois cumprimentou-a dizendo-lhe:

- Serás bem-vinda em qualquer circunstância, e isso to digo de todo o coração.

Notou nos olhos da mulher um olhar apagado, pejado de tristeza e teve pena dela.

Regressou acabrunhado à sua secretária e dirigiu-se a Gamil el-Hamzawi exclamando:

- Assim é este nosso mundo!

- Que Allah o proteja dos seus males e lhe dê com profusão os seus bens. Mas o tom de el-Hamzawi tornou-se severo ao passo que precisava:

- É uma punição merecida para uma mulher leviana!

Ahmad Abdel Gawwad meneou num ímpeto a cabeça, de forma brusca, como que para, em silêncio, se insurgir contra a severidade daquele juízo e, em seguida, interrogou-o, voltando à conversa embargada pela chegada da mulher:

- Então persistes na tua ideia de me abandonar?

- Não se trata de abandono, deixo simplesmente o trabalho, o que muito me desagrada - volveu o homem numa grande agitação.

- Palavras iguais àquelas com que incensei Zubaida, há escassos minutos!

- Que Allah me perdoe! Falo de todo o coração: não vê, meu senhor, que a velhice está prestes a tornar-me incapaz?

Naquele momento, um cliente entrou na loja e el-Hamzawi encaminhou-se para ele.

Da entrada, uma voz conhecida disse num tom afável:

- Quem está sentado por trás da secretária radiante como a Lua?

Apareceu o sheikh^[22] Metwalli Abdes Samad envergando a gallabiyya de tecido puído, rugoso e desbotado, com as babuchas esfarrapadas, a cabeça envolta num tecido de lã cardada. Firmava-se num bordão e piscava os olhos avermelhados dirigindo o olhar para a parede adjacente à secretária do sayyed persuadido de que o estava a fitar...

Ahmad Abdel Gawwad sorriu apesar das preocupações e disse:

- Venha, sheikh Metwalli, como está?

O homem abriu a boca, onde não sobejava um único dente, e disse em voz alta:

- Que a tensão arterial cesse e que a boa saúde regresse ao melhor dos homens...

O sayyed levantou-se e avançou para o sheikh, que moveu o olhar para este mas que, em simultâneo, recuou como se pretendesse fugir...

Após o que se pôs a girar sobre si mesmo, gritou e apontou para os quatro pontos cardeais:

- Daqui virá uma solução... Daqui virá uma solução... - depois precipitou-se para a rua dizendo: - Hoje não, amanhã ou depois de amanhã... Diz: "Allah é quem mais sabe..."

Afastou-se com grandes passadas com uma veemência que pouco se coadunava com o seu aspecto fenecido...

[17] O mesmo que "Bismillah Ar-rahman Ar-rahim", ou seja, "Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso".

[18] Ismael Sidqi paxá foi presidente do Conselho entre 1930 e 1933.

[19] Alcorão, II, versículo 286.

[20] Frase utilizada para declinar um elogio, em sinal de modéstia.

[21] Literalmente, "Se Deus quiser"

[22] Literalmente, "ancião", "chefe", professor de uma escola religiosa.

CAPÍTULO 3

Na sexta-feira, todos os ramos se ligavam ao tronco e a velha casa voltava a povoar-se com os filhos e os netos: uma tradição feliz que jamais os membros da família haviam suspenso.

Amina já não era a "heroína" da sexta-feira que outrora fora, Umm Hanafi assumia hoje a função principal na cozinha; contudo, Amina não abdicava de lembrar que Umm Hanafi era a sua aprendiz e o seu desejo latente de elogios instigava-a a declará-lo francamente cada vez que sentia já não ser digna destes.

Ademais, Khadiga, embora presente na qualidade de visita, não descurava a menor ocasião para oferecer a sua ajuda.

Pouco antes de o sayyed sair para ir para a loja, todos os hóspedes confluíam à sua volta: Ibrahim Shawkat e os filhos Abdel Munim e Ahmad, Yassin com Ridwan e Karima, evidenciando aquela postura recatada e devota que convertia o riso deles num sorriso e as palavras num rumorejo.

O sayyed, à medida que se adiantava na idade, retirava da presença destes uma alegria que cada vez mais prezava. Assim sendo, condenava Yassin por não ir ter com ele à loja, confinando as suas visitas à sexta-feira.

Seria possível que aquele asno não percebesse que continuamente aspirava a vê-lo?

E o filho Ridwan, de rosto belo, olhos negros, pele rósea, cuja beleza reflectia várias facetas que ora lhe evocavam Yassin, ora Haniyya, a mãe de Yassin, e até o querido amigo Muhammad Iffat, era, entre todos os netos, o seu predilecto!

E Karima, a irmã, aquela rapariga em miniatura de oito anos apenas que - como atestavam os seus olhos negros, os mesmos olhos de Zannouba, á sua mãe - haveria de amadurecer de forma assombrosa: admirava-a com tiin sorriso impregnado de pejo e de reminiscências.

Quanto a Abdel Munim e Ahmad, bastava para o alegrar divisar nos seus rostos uma parte considerável do seu grande nariz bem como os pequenos olhos de Khadiga e isso apesar de ambos serem os mais afoitos ao conversarem com ele...

Todos estes netos seguiam os estudos com um êxito que lhe

provocava um sentimento de orgulho, ainda que parecessem cuidar mais de si próprios do que do avô!

Por um lado, traziam-lhe conforto ao provarem-lhe que a sua existência jamais seria interrompida, mas, por outro, recordavam-lhe que a sua pessoa se estava a arredar, a pouco e pouco, da posição de centro de interesse geral que sempre ocupara.

O que o não amargurava porquanto com os anos vem a sabedoria... tal como surgem a debilidade e as moléstias. Quem dera, porém, que tudo isso houvesse impedido que as recordações nele se alastrassem,.. quando estava no princípio da vida, como os jovens netos... quando, em 1890, estudava um pouco e muito se divertia em todos os locais de el-Gamaliyya e nos refúgios de el-Azbakiyya, em companhia de Muhammad Iffat, Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far. Era o seu pai quem sozinho cuidava da loja; o seu pai que, por vezes, repreendia o filho único embora continuasse a tratá-lo com infinita ternura. A existência então era uma página dobrada, repleta de esperanças; depois viera Haniyya... Mas, calma! As recordações dele não deviam trocar!...

Levantou-se para cumprir a oração da tarde e isto significava que estava prestes a sair; vestiu-se e encaminhou-se para a loja enquanto todos os demais participavam na "sessão do café", em redor do fogareiro da avó, num ambiente de encontro e tagarelice. Amina, Aisha e Naima ocupavam o sofá principal; Yassin, Zannouba e Karima o da direita; no sofá da esquerda, sentaram-se Ibrahim Shawkat, Khadiga e Kamal, ao passo que Ridwan, Abdel Munim e Ahmad acomodaram-se nas cadeiras no centro do aposento, debaixo da lâmpada eléctrica. Ibrahim Shawkat, conforme ao seu velho hábito, que o tempo não alterara, elogiava os diferentes pratos que o tinham deleitado, embora nos últimos tempos tivesse limitado os seus elogios aos méritos da mestra no que se prendia à sua excelente aluna.

Zannouba repetia as suas palavras de louvor à laia de eco pois que não perdia ocasião alguma que lhe possibilitasse atrair a simpatia de um qualquer membro da família do esposo.

Com efeito, desde que lhe haviam sido franqueadas as portas da casa da família de Yassin e lhe fora consentido frequentar os seus parentes, ela, considerando aquilo como o reconhecimento do seu estatuto, tinha manobrado com muito tacto de modo a estreitar os

laços com eles depois de ter vivido durante muitos anos sozinha qual escória da sociedade.

A bem dizer, a morte de um recém-nascido de Yassin fora a razão que tinha levado os membros da família a fazer-lhe uma visita de condolências. Zannouba tinha-lhes apertado a mão pela primeira vez desde o casamento e, estimulada por este primeiro passo, fora visitar es-Sukkariyya^[23].

Em seguida, quando a doença do sayyed se agravara, ela fora a Bain el-Qasrain, ou melhor, ousara mesmo penetrar no seu quarto para vê-lo e conversara com ele como duas pessoas que há muito pouco se conhecem e que atrás de si não têm uma história em comum.

Zannouba, destarte, havia-se introduzido na família de Ahmad de tal modo que tratava Amina por "tia" e Khadiga por "irmã".

Ela parecia um exemplo de modéstia e, ao contrário das outras mulheres da família, quando saía evitava qualquer forma de garridice.

Como a sua beleza desabrochava antes do tempo, parecia mais velha do que a sua idade, pelo que Khadiga recusava de todo acreditar que tivesse apenas trinta e seis anos. Não obstante isso, conseguira obter de todos uma opinião favorável a tal ponto que Amina certo dia acerca dela havia declarado:

- Sem dúvida, as suas origens devem ser boas, talvez as origens remotas; mas, mesmo assim, é uma boa moça, a única que soube viver durante muito tempo com Yassin!

Khadiga, com toda a sua bagagem de carne e adiposidade, parecia mais encorpada do que o próprio Yassin e não negava com isso estar satisfeita, tal como estava realmente satisfeita com Abdel Munim, Ahmad e, em geral, com a sua existência matrimonial coroada de êxito, conquanto não cessasse nunca de se lastimar para evitar o mau-olhado.

O seu comportamento para com Aisha tinha-se, pelo contrário, transformado por completo: durante oito anos, jamais lhe escapara uma só palavra que deixasse vislumbrar motejo ou rispidez mesmo que por brincadeira. Ou melhor, mostrava-se muito cuidadosa em ser amável com esta, em conquistá-la e tratá-la com doçura, por abnegação ante o infortúnio da irmã e por temor do destino que lhe infligira uma sorte tão severa e pela inquietação que a mulher, na sua grande tristeza, tirava do cotejo das suas condições respectivas.

Ela adoptara uma postura magnânima quando tinha imposto a Ibrahim Shawkat que renunciasse ao seu direito legítimo à herança do irmão defunto em benefício de Naima: por conseguinte, toda a herança passara para Aisha e a filha.

Khadiga, naquele instante, tinha tido esperança de que o seu gesto fosse prezado mas Aisha, avassalada por um estado de agitação, não se dera tão-pouco conta da generosidade da irmã, o que não havia impedido esta última de persistir em cumulá-la de afeição, compaixão e condescendência, como se para ela se houvesse transformado numa segunda mãe.

Ela só desejava que a irmã ficasse satisfeita e lhe quisesse bem, como se fosse o inconsciente penhor do êxito que Allah lhe tinha consentido!...

Ibrahim Shawkat estendeu o maço de cigarros a Aisha, que tirou um agradecendo-lhe; depois, este tirou um para si e ambos se puseram a fumar. Muitas vezes, o abuso de Aisha em cigarros e café fora tema de reparos, ainda que a mulher, geralmente, os acolhesse com um encolher de ombros.

A mãe limitava-se a dizer, num tom de súplica:

- Que o Nosso Senhor lhe dê paciência - enquanto Yassin era o mais audaz ao dar-lhe conselhos como se a perda do filho o houvesse habilitado a fazê-lo.

Mas Aisha não o considerava tocado pela desdita como ela e recusava reconhecer-lhe uma posição considerável no mundo dos torturados porque o filho falecera antes de completar um ano, contrariamente ao que sucedera com Otman e Muhammad.

Na verdade, falar das desgraças parecia ser o seu entretenimento dilecto e ela vangloriava-se de ocupar um lugar único no mundo do sofrimento.

Kamal, pelo contrário, prestava atenção ao que diziam Ridwan, Abde Munim e Ahmad sobre o futuro; apurou o ouvido, sorrindo, enquanto Ridwan, o filho de Yassin, asseverava:

- Todos nós somos da área das humanísticas, não temos nenhuma faculdade que mereça ser escolhida exceptuando a de Direito.

Abdel Munim, o filho de Ibrahim Shawkat, com a sua voz forte de inflexão perpassada de soberba, respondeu, meneando a grande cabeça que fazia com que se assemelhasse, mais do que os outros

rapazes, a Kamal:

- É claro, é claro, mas ele não quer compreender!

Ao proferir aquela derradeira frase, apontou para o seu irmão Ahmad, cujos lábios esquisaram um leve sorriso escarninho. Ibrahim Shawkat aproveitou o ensejo para acrescentar, indicando, outrossim, Ahmad:

- Que se inscreva em Letras se assim o entender mas tem antes de me persuadir da sua importância. Entendo o Direito. Mas Letras?

Kamal baixou o olhar como que amargurado. Voltara-lhe ao pensamento o eco de uma antiga disputa a propósito da Faculdade de Direito e da Escola Superior de Professores. Continuava a respirar o ar das velhas esperanças embora, todos os dias, a vida lhe infligisse duros golpes.

Um magistrado do Ministério Público, por exemplo, não precisava de apresentações, ao passo que um articulista da revista el-Fikr podia ser obrigado a ter de se apresentar como pessoa, mais do que aos seus obscuros artigos.

Ahmad Ibrahim Shawkat não o deixou entregue às suas dúvidas e, olhando-o com os seus pequenos olhos proeminentes, disse:

- Deixo a resposta ao tio Kamal!

Ibrahim Shawkat sorriu para encobrir o descontentamento, enquanto Kamal respondia sem entusiasmo:

- Estuda aquilo que achares estar em consonância com a tua vocação! Uma expressão de triunfo assomou no rosto de Ahmad, cuja graciosa cabeça ora se voltava para o irmão ora para o pai. No entanto, Kamal tornou a dizer:

- É fundamental que saibas que o Direito te abrirá brilhantes perspectivas na vida prática que os estudos literários jamais serão capazes de te oferecer. Se escolheres Letras, o teu futuro estará no ensino, uma profissão penosa e sem o menor prestígio...

- Mas hei-de me orientar para o jornalismo!

- O jornalismo! - vociferou Ibrahim Shawkat. - Mas ele não se dá conta do que diz!

Ahmad, voltando-se para Kamal, acrescentou:

- Na nossa família, guiar ideias ou guiar uma carroça são coisas idênticas!

Ridwan Yassin sorriu e disse:

- Os maiores pensadores do nosso país vêm do Direito. Ahmad acrescentou, com uma certa fatuidade:

- O pensamento a que me refiro é outro!

Abdel Munim Shawkat, franzindo o sobrolho, disse:

- E algo de aterrador, de aniquilador; sei perfeitamente ao que aludes... Ibrahim Shawkat voltou a falar com Ahmad, observando os demais como que para solicitar que fossem testemunhas do que se preparava a dizer:

- Pondera antes de deliberares! Estás ainda no quarto ano, a tua herança não há-de exceder as cem libras egípcias por ano; alguns amigos meus lamentam-se vivamente porque os filhos, depois de concluída a universidade, não encontram trabalho ou se empregam como secretários com remunerações de miséria. Dito isto, és livre de escolher...

Yassin imiscuiu-se na disputa:

- Ouçamos o parecer de Khadiga - sugeriu. - Foi a primeira professora de Ahmad e de nós todos é a pessoa mais apropriada para escolher entre o Direito e as Letras...

Um sorriso delineou-se em todos os lábios; também Amina sorriu, dobrada sobre a cafeteira, e mesmo Aisha.

Khadiga, animada pelo sorriso desta última, volveu:

- Contar-lhes-ei algo divertido. Ontem, já a tarde ia avançada... e, como bem sabem, no Inverno escurece depressa... ao voltar de ed-Darb el-Amar para es-Sukkariyya, tive a sensação de que um homem me seguia, quando eis que me ultrapassa sob a cúpula que sobrepuja a Porta de el-Metwalli e que se me dirige perguntando: "Aonde vais, minha linda?" Então, voltei-me para ele e respondi-lhe: "Para casa, senhor Yassin!..."

Os presentes escarneceram com fragor ao passo que Zannouba lhe desferia um olhar expressivo cheio de reprovação e de desespero.

Yassin, pelo contrário, esboçou um gesto com a mão na direcção dos que riam, fazendo com que todos regressassem ao silêncio, e perguntou:

- Será possível que tamanha cegueira me tenha atingido? Ibrahim Shawkat pô-lo de sobreaviso dizendo:

- Atenção!

Por seu lado, Karima pegou na mão do pai e desatou a rir como se,

apesar de ser uma criança de oito anos, tivesse percebido o sentido do relato da sua tia.

Zannouba, nisso, comentou a situação dizendo:

- As piores coisas são aquelas que ateiam o riso!

Yassin fixou Khadiga com um olhar exasperado, dizendo de si para si: "Cavaste-me um buraco, rapariga insignificante!" De novo, Khadiga volveu:

- E, se há alguém aqui que precisa de se inscrever em Letras^[24], esse alguém és tu e não Ahmad, ó meu tolinho!...

Zannouba aprovou as suas palavras ao passo que Ridwan tomou a defesa do pai, apelidando-o de "vítima inocente".

Ahmad continuava a olhar para Kamal, como que hipnotizado por uma esperança, enquanto Abdel Munim observava às ocultas a prima Naima, que, colada à mãe, se assemelhava a uma rosa branca...

O rosto da rapariga, pálido e delicado, ruborizava-se sempre que sentia os pequenos olhos do primo presos na sua pessoa.

Ibrahim Shawkat voltou a falar, alterando a sequência da conversa, e, dirigindo-se a Ahmad:

- Repara como o Direito transformou o filho de el-Hamzawi num brilhante magistrado do Ministério Público...

Kamal avaliou aquelas palavras como uma acerba crítica dirigida à sua pessoa, mas nisso Aisha interveio pela primeira vez e disse:

- Deseja pedir Naima em casamento.

No silêncio com que a notícia foi acolhida, Amina acrescentou:

- O seu pai falou ontem com o avô...

- E o meu pai consente? - perguntou Yassin muito sério.

- Tudo isso é prematuro.

- E o que pensa disso Aisha banem^[25]? - perguntou Ibrahim Shawkat com cautela, observando a mulher.

Aisha, sem olhar para ninguém, replicou:

- Não sei o que dizer...

- Mas és a única que tem o poder de decidir... - acrescentou Khadiga fitando-a muito.

Kamal quis depor a favor do amigo e disse:

- Fuad é realmente um jovem extraordinário...

- Julgo que a família tem origens modestas? - perguntou Ibrahim Shawkat com a sua cautela habitual.

E Abdel Munim Shawkat, com a sua voz forte:

- Pois é! Um tio materno é usurário, o outro, padeiro e o tio paterno é secretário de um advogado - a seguir prosseguiu com uma entoação envergonhada, como se quisesse corrigir-se. - Mas tal não diminui o valor de um ser humano porque o homem vale por si mesmo, não pela sua família!

Kamal deu-se conta de que o sobrinho pretendia declarar duas verdades nas quais cria, conquanto entre si antagónicas: a primeira consistia na origem humilde de Fuad, a segunda, no facto de a modéstia das origens deste não diminuir o valor de uma pessoa. Ou antes, compreendeu algo mais ainda, que o sobrinho com a primeira havia investido contra Fuad e com a segunda quisera se remir pela crítica indevida de modo a contentar a sua profunda fé religiosa. O mais estranho era que o ter ouvido declarar aquelas duas verdades o havia serenado, poupando-o à incómoda necessidade de ter de as manifestar com toda a franqueza. Também ele, tal como o sobrinho, não acreditava na diferença de classes mas era, por outro lado, como Abdel Munim, atreito a atacar Fuad e a depreciar a posição cuja importância e cuja preeminência, comparativamente às suas, tinha de reconhecer. Era notório que Amina não admitia de bom grado aquela investida, pelo que acudiu declarando:

- O pai é um homem bom que nos serviu durante toda a vida com honradez e lealdade.

Khadiga encheu-se de coragem e repostou:

- Mas, se este casamento acontecer, Naima terá de se dar com pessoas invulgares, as origens são tudo!...

Um auxílio veio-lhe donde ninguém esperaria. Com efeito, Zannouba exclamou:

- Disseste a verdade, as origens são tudo!

Yassin agitou-se e olhou de relance para a irmã, interrogando-se qual teria sido na alma da mulher o motivo verdadeiro, qual o seu comentário íntimo e tudo isso lhe lembrou o universo das cantoras e das orquestras... Chegou mesmo a maldizer Zannouba, dentro de si, devido à sua vã presunção e sentiu-se constrangido a falar de modo a mitigar as palavras da mulher:

- Não se esqueçam de que se estão a referir a um magistrado do Ministério Público...

Khadiga, animada pelo silêncio de Aisha, redarguiu:

- Foi o meu pai quem fez dele um magistrado do Ministério Público, foi o meu pai quem o tornou naquilo que é!

Ahmad Shawkat, com escárnio nos olhos proeminentes que lembravam os do falecido Khalil Shawkat, interveio:

- Estamos em dívida para com o seu pai mais do que ele em relação a nós!

Khadiga, o indicador espetado para ele, acrescentou com uma voz pejada de reprovação:

- Fazes sempre discursos ininteligíveis!

-Tenham calma, sobretudo porque a palavra final pertence ao nosso pai... - volveu Yassin no tom de quem espera pôr termo à contenda.

Amina distribuiu as chávenas de café enquanto os olhos dos jovens estavam todos virados para o lado onde Naima estava sentada, colada à mãe.

Ridwan dizia de si para si: "Que rapariga deliciosa e bonita, quem dera que me fosse consentido tornar-me num seu amigo, num seu companheiro! Se juntos caminhássemos na rua, os homens ficariam abismados ao pretender afirmar quem de nós dois é o mais formoso."

Também Ahmad dentro de si dizia: "É muito bela mas até parece que está grudada à mãe e não possui a mínima instrução."

Abdel Munim, ao invés, ponderava: "Bela e dona de casa, muito piedosa, só tem um defeito: a fragilidade! Mas também esta é bela e seria um crime dá-la a Fuad", após o que, detendo o diálogo interior, perguntou:

- E tu, Naima, diz-nos qual a tua opinião!

O rosto pálido tornou-se rosado, a rapariga franziu o sobrolho, depois sorriu; estava muito tensa e transitava do sorriso à carranca como se a ambos se quisesse esquivar em simultâneo; assim sendo, respondeu com enleio, como se se lastimasse:

- Não tenho nenhuma opinião a este respeito, deixa-me em paz!...

- A falsa modéstia... - exclamou Ahmad sardónico.

- Falsa? - interrompeu-o Aisha.

- A modéstia era um costume antigo; tens de falar, senão é como se desbaratasses a tua existência - emendou o jovem.

- Mas nós desconhecemos semelhante linguagem - retorquiu Aisha com amargura.

- Aposto que a nossa família permaneceu com um atraso de quatro séculos, em comparação com a época em que vivemos - acrescentou Ahmad num queixume e sem se formalizar com o olhar ameaçador da sua mãe.

- Porque é que só calculaste quatro? - perguntou-lhe Abdel Munim zombeteiro.

- Por misericórdia! - replicou o jovem sem a menor inquietação. Nisso, Khadiga voltou-se para Kamal:

- E tu, quando pensas em casar?

Kamal, colhido de supetão, tentou escapar dizendo:

- É uma conversa antiga!

- E recente ao mesmo tempo; e não te deixaremos antes que Allah te haja ligado a uma boa moça!...

Amina seguiu as últimas deixas da conversa com maior atenção; o casamento de Kamal era, na realidade, o seu desejo mais caro.

Quantas vezes lhe havia rogado que o realizasse para que, do seu único filho varão, pudesse gozar da felicidade de ter um neto.

- O seu pai - disse - propôs-lhe moças das melhores famílias, mas defende-se sempre com alguma desculpa...

- Míseras desculpas, mas quantos anos tens actualmente, senhor Kamal? - perguntou Ibrahim Shawkat a rir.

- Vinte e oito anos!... Já passou o tempo...

Amina espantou-se ao ouvir o número de anos como se não quisesse acreditar, ao passo que Khadiga, abespinhada, retrucava:

- Muito gostas tu de acrescentar anos!

Com efeito, sendo ele o irmão mais novo, ao confessar a sua idade também revelava indirectamente a da sua irmã. E esta, conquanto o marido tivesse atingido os sessenta anos, abominava declarar ter trinta e oito.

Kamal não sabia o que redarguir porque, na sua opinião, a questão não era das que se podem resolver com uma palavra só. No entanto, tinha sempre a sensação de que lhe pediam que clarificasse a sua posição e, em jeito de justificação, disse:

- Estou ocupado na escola durante o dia e, à noite, na minha biblioteca!

- Que vida excepcional, tio! - exclamou Ahmad ardente. - Contudo, o homem, não obstante isso, tem de casar!

Yassin, que conhecia Kamal melhor do que todos eles, acrescentou:

- Evitas todas as preocupações de modo a não seres distraído da tua procura da verdade mas esta acha-se precisamente nas preocupações. Não descobrirás por certo o que a vida é ao permaneceres numa biblioteca; a verdade encontra-se em casa e na rua...

- Habituei-me a gastar o meu vencimento até ao último tostão, nada pus de parte, como poderia casar? - redarguiu Kamal ensaiando com cuidado um jeito de se desviar daquelas perguntas.

- Mostra vontade, uma vez pelo menos, para o casamento e logo saberás como te preparares para o enfrentar - porfiou Khadiga, o que o deixou embaraçado.

Yassin acrescentou a rir:

- Gastas o teu vencimento até ao último tostão para não casares. Como se ambas as coisas constituíssem um problema único!...

Mas por que motivo não casava Kamal apesar das circunstâncias favoráveis e do anseio dos pais?

Vivera um longo período sob a divisa do amor durante o qual o casamento teria sido algo falho de sentido; àquele período seguira-se outro em que o amor fora substituído pelo pensamento, que, era inegável, lhe preenchia a existência. Para ele, o maior júbilo era descobrir um livro magnífico ou conseguir publicar um artigo! Dizia de si para si que um filósofo não casa, que a tal não é forçado. Olhava para cima e pensava que o casamento o teria, pelo contrário, compelido a olhar para baixo. Assim como sempre lhe agradara, e continuava a agradar, a posição de espectador alheado, do mesmo modo tentava evitar inserir-se na engrenagem da existência: cioso da sua liberdade como o avarento do seu dinheiro. E, ademais, para ele, a mulher não mais era senão a satisfação de um apetite lúbrico; e a juventude, em particular, não se esbatia pois que não passava uma semana sem que experimentasse as alegrias do espírito ou os gozos dos sentidos... E, além disso, estava hesitante, era acometido pela dúvida em relação a todas as coisas ao passo que no casamento era indispensável ter fé.

- Sosseguem - acrescentou -, casarei quando assim o desejar. Zannouba sorriu, ao sentir que retrocedia dez anos, e perguntou:

- E porque não desejas casar?

- O casamento é algo de anódino mas vocês fazem dele uma coisa

monumental!... - respondeu com uma espécie de agastamento.

Porém, no seu íntimo, Kamal estava persuadido de que o casamento era algo de importante, e por certo nada anódino. Mas era constantemente assaltado por uma sensação estranha: no dia em que se submetesse ao casamento seria condenado para todo o sempre.

Libertou-o da sua situação a voz de Ahmad que dizia:

- Chegou a altura de subirmos até à biblioteca.

Erguendo-se, Kamal acolheu com júbilo o convite, e saiu seguido por Abdel Munim, Ahmad e Ridwan; subiram todos até à sala da biblioteca para levar de empréstimo alguns livros do tio, coisa que soíam fazer sempre que visitavam a velha casa.

A secretária de Kamal ficava no centro, sob a lâmpada eléctrica, entre duas fileiras de estantes de livros. Sentou-se diante da secretária, ao passo que os jovens liam os títulos dos volumes que nas prateleiras se alinhavam.

Abdel Munim escolheu o livro Aulas sobre a História do Islão, Ahmad, pelo contrário, o volume Princípios de Filosofia, após o que todos se instalaram em redor da sua secretária enquanto, por seu turno, Kamal, silente, os observava.

Por fim, Ahmad, perturbado, disse:

- Não poderei ler como desejo enquanto não tiver aprendido bem pelo menos uma língua estrangeira.

Abdel Munim, que folheava as páginas do seu livro, sussurrava:

- Ninguém conhece a fundo o Islão, na sua verdade!

- O meu irmão - ripostou Ahmad encolerizado - aprende a verdade do Islão pelas mãos de um homem um tanto vulgar em Khan el-Khalili^[26]!

- Está calado, blasfemo! - vociferou Abdel Munim. Kamal voltou-se para Ridwan e perguntou-lhe:

- E tu não escolhes um livro?

- Passa o tempo todo a ler jornais wafdistas - retorquiu no seu lugar Abdel Munim.

- Nisso o meu tio concorda comigo! - respondeu Ridwan indicando Kamal.

O tio, que em nada cria, era, no entanto, wafdistas! Tal como se sentia, comumente, desprendido da realidade, e, não obstante isso, porfiava em manter laços com as pessoas e com o mundo...

- Mas vocês dois também são wafdistas! - continuou Ridwan olhando umas vezes para Abdel Munim e outras para Ahmad. - O que há de estranho nisso? Quem ama a pátria é wafdistas, não é?

- O Wafd é, sem dúvida, o melhor partido - disse Abdel Munim com voz segura -, ainda que em si mesmo não seja totalmente concludente...

- Partilho esta opinião do meu irmão - atalhou Ahmad a rir -, ou antes, a bem dizer, partilho com ele meramente esta opinião; talvez não concordemos no que toca à capacidade de persuasão do Wafd. Quanto ao mais, temos de nos interrogar sobre o que o nacionalismo é. É verdade que a independência está acima de todos os conflitos mas o significado do nacionalismo deve evoluir de forma a ser absorvido por um conceito mais alargado e mais grandioso; e não é inverosímil que, de futuro, consideremos os mártires do nacionalismo como hoje consideramos as vítimas daquelas batalhas desvairadas que entre tribos e famílias eclodiam!

"Batalhas desvairadas, ó louco! Acaso não tinha Fahmi morrido como mártir numa daquelas batalhas desvairadas? Mas onde está a certeza?" Apesar destes seus pensamentos, Kamal objectou com rudeza:

- Quem morre por algo maior do que si mesmo é um mártir; o valor das coisas sofre alterações mas a atitude de um homem ante estas tem um valor imutável no tempo...

Ao se afastar da biblioteca, Ridwan, respondendo a um reparo de Abdel Munim, disse:

- A política é a função mais importante na sociedade!

Quando regressaram à "sessão do café", Ibrahim Shawkat dizia a Yassin:

- Educamos, orientamos, aconselhamos... mas cada um dos rapazes está mergulhado numa biblioteca, num universo que nos escapa, onde somos calcados por uma turba de estranhos acerca dos quais nada sabemos! O que podemos fazer?

[23] Literalmente, "o açucareiro". Tal como os títulos dos dois primeiros volumes da Trilogia, também aqui se trata do nome de uma rua e de um bairro da cidade do Cairo.

[24] Em árabe, o termo "letras" aqui empregue significa "as regras da

boa educação".

[\[25\]](#) Palavra de origem turca que significa "senhora".

[\[26\]](#) Bairro famoso do velho Cairo pelo seu bem conhecido mercado (suque).

CAPÍTULO 4

O eléctrico estava de tal modo apinhado que nem tão-pouco havia já espaço para se ficar em pé; Kamal, confundido com a multidão dos passageiros que se encontravam em pé, dela emergia devido à sua estatura alta e esguia. Parecia-lhe que, como ele, todos rumavam para o local da comemoração da festa nacional - a festa do 13 de Novembro^[27] - e atentava nos seus semblantes com um olhar curioso e afável.

A bem dizer, participava nestas festividades como os que nelas resolutamente crêem, ainda que, em simultâneo, estivesse certo de não ter qualquer fé.

As pessoas, embora não se conhecessem, cavaqueavam entre si e comentavam a situação, pelo simples facto de terem o mesmo escopo e de estarem ligadas pelo partido wafdistas, que unira os seus corações. Uma delas disse:

- Este ano, a festa do Jibad^[28] bem merece este nome, na verdadeira acepção da palavra, ou assim deveria ser...

Outra acrescentou:

- É indispensável responder a Hoare^[29] e à sua infeliz declaração. Uma terceira pessoa, irritada por ouvir o nome de Hoare, vociferou:

- Esse filho de um cão diz-nos: "Aconselhamo-vos a que não restaurem a Constituição de 1923, nem a de 1930", mas o que tem ele a ver com a nossa Constituição?

- Não se esqueça - acudiu outra pessoa - de que antes tinha declarado: "Quando fomos consultados, demo-vos um conselho", etc, etc...

- Está certo, mas quem foi consultá-lo?

- Pergunta-o a este governo de rufiões!

- Ou apenas a Tawfiq Nessim^[30]!... Esqueceram-no porventura? Mas porque é que o Wafd assinou um armistício com ele?

- Todas as coisas têm um fim, aguardemos pelo discurso de hoje. Kamal escutava, ou melhor, participava nas discussões e o mais extraordinário era o seu entusiasmo não ser inferior ao daqueles outros. Era a oitava festa de Jibad a que assistia e, como em todas as demais,

estava penetrado de amargura devido às experiências políticas dos anos anteriores.

"Sim", dizia para si mesmo, vivi a época de Muhammad Mahmoud^[31], que suspendeu a Constituição durante três anos, renováveis, e extorquiu a liberdade do povo em troca da promessa de secar os charcos e os pântanos! Bem como vivi os anos de terror que Ismael Sidqi impôs ao país.

O povo tinha confiança em certas pessoas e queria-as para seus governantes mas havia sempre, por trás, aqueles déspotas nefandos, protegidos pelos bastões e pelas balas da polícia inglesa!

E logo diziam ao povo de uma maneira ou de outra: 'És um povo inepto e nós somos os teus tutores. Mas as pessoas arremessavam-se em pelejas incessantes das quais saíam sempre agonizantes, até adoptarem uma atitude passiva pontuada pela resignação e pelo escárnio e deixarem tão-só em campo os Wafdistas de um lado e os déspotas do outro. O povo limitava--se a ser um espectador que a medo acicatava os seus homens sem, no entanto, lhes estender uma mão."

O coração de Kamal não podia fingir desconhecer a existência do povo; palpitava sempre em uníssonos com este embora o pensamento do jovem errasse tresmalhado nas brumas da dúvida.

Apeou-se do eléctrico na Rua Saad Zaghlul e encaminhou-se, por entre uma multidão espalhada, em direcção aos pavilhões erigidos com tendas nas imediações da "Casa da Nação"^[32].

A cada dez metros, deparava-se com um grupo de soldados, chefiado por um oficial inglês, em cujo semblante se descortinava um símile de solenidade bronca...

Pouco antes de avistar os pavilhões das tendas, Kamal encontrou Abdel Munim, Ahmad e Ridwan, que conversavam com um jovem que desconhecia; aproximaram-se dele, saudando-o, e permaneceram com o tio durante alguns instantes.

Havia cerca de um mês que Ridwan e Abdel Munim eram estudantes de Direito, enquanto Ahmad transitara para o último ano da escola secundária.

Ao vê-los na rua, os sobrinhos pareciam-lhe agora "homens feitos", ao passo que, quando em casa os observava, eram para ele tão-só os filhos da irmã e do irmão.

Que belo moço era Ridwan! Bem como o amigo que lhe havia sido apresentado como sendo Hilmi Ezzat. E Kamal achou acertado o ditado que afirma: "As aves da mesma família andam sempre em bandos."

Kamal estava maravilhado com Ahmad e dele esperava sempre uma palavra original, gentil ou uma conduta insólita. De todos os sobrinhos, aquele era o que mais se aproximava da sua mente. Quanto a Abdel Munim, parecia-se muito com ele embora fosse mais baixo e anafado; o rapaz agradava-lhe, mas quão antipáticos eram a sua grande fé e o seu fanatismo!

Kamal alcançou o enorme pavilhão composto por tendas e lançou um olhar sobre a enorme multidão que ali se juntara, feliz por vê-la tão abundante, após o que examinou longamente a tribuna, em direcção à qual se elevaria em breve a voz do povo. Em seguida, sentou-se. Achar-se no meio de tanta gente aglomerada fazia aflorar do âmago do seu ser, resguardada na solidão, uma nova personalidade que fervia de vida e de entusiasmo. Em circunstâncias idênticas, a mente, num esforço supremo de concentração, libertava as forças amordaçadas da alma, ansiosa por uma existência repleta de sentimentos e de sensações susceptíveis de atizar a luta e a esperança.

Destarte, a sua vida remoçava-se, os seus instintos acordavam, a solidão desagregava-se e ele unia-se às pessoas participando na existência destas, abraçando as suas esperanças e as suas mágoas.

Atendendo ao seu temperamento, Kamal jamais conseguira tornar aquela vida o seu estado duradouro, ainda que, de quando em vez, fizesse por não perder a ligação com a realidade quotidiana, com a vida das pessoas.

Naquelas ocasiões, que fossem adiados os problemas da matéria, do espírito, da natureza e do sobrenatural... e que ele se sentisse subjugado pelo interesse por tudo o que as pessoas amavam e abominavam: a Constituição, a crise económica, a situação política, a questão nacional... Assim sendo, não era esquisito que, após uma noite transcorrida a meditar sobre a vanidade da existência e a traquejar o vento, com a razão que o havia compelido a privar-se da mercê do repouso, ele gritasse: "O Wafd é a doutrina do povo!"

O jovem amava com fervor a verdade, a transparência; aspirava à tolerância, estava agrilhoado à dúvida e sofria na sua luta incessante

contra os instintos e as emoções. É indispensável haver instantes em que aquele que está exausto se abriga no seio da multidão para aí renovar o seu sangue e atrair para si mais calor e juventude!

Se na biblioteca havia eleito alguns raros amigos como Darwin, Bergson, Russell, debaixo daquelas tendas podia encontrar milhares, que, embora parecessem desprovidos de razão, expressavam, no contacto mútuo, a nobreza de instintos conscientes. Estes, além do mais, não eram inferiores aos seus autores dilectos na produção de acontecimentos e na feitura da História!...

No meio de tamanha ebulição da vida política, Kamal via-se a amar e a execrar, apoiar e revoltar-se, por mais que todas as coisas continuassem a surgir-lhe despidas de valor.

Sempre que se achava ante aquele paradoxo, a angústia fazia-o oscilar. Mas não havia nenhum aspecto da sua existência que estivesse desprovido de paradoxos e de angústias. Assim, o seu coração ambicionava realizar-se numa unidade harmónica, caracterizada pela perfeição e pela ventura: mas onde estava tal unidade? Sentia que não podia fugir à vida intelectual pelo simples facto de possuir uma alma "pensante". E, no entanto, não conseguia prescindir de também aspirar à "outra vida", para a qual, além do mais, todos os instintos nele tolhidos e inoperantes propendiam: vida esta que representava a sua única possibilidade de salvação.

Talvez fosse por isso que a multidão se lhe afigurava ainda mais deslumbrante quanto mais numerosa era e, como os demais e com igual veemência e anseio, o seu coração aguardava pela chegada dos chefes.

Abdel Munim e Ahmad haviam-se sentado em duas cadeiras contíguas, ao passo que Ridwan e o amigo Hilmi Ezzat deambulavam, para cima e para baixo, pelo corredor que separava o pavilhão ou se detinham à entrada para conversar com alguns militantes. Mas que jovens cheios de encanto ambos eram!...

Os murmúrios das pessoas, ao somarem-se, geravam um estrépito geral: das extremidades que os rapazes ocupavam elevava-se um rumor que alternava com gritos. E, quando do exterior chegou o eco de um aplauso demorado, todas as cabeças se voltaram para a entrada do pavilhão.

Os espectadores puseram-se em pé pressurosos e aplaudiram por

sua vez com convicção ante o surgimento na tribuna de Mustafa en-Nahas, que cumprimentava com um sorriso franco e um aceno enérgico com as mãos.

Kamal observou-o com olhos donde haviam sumido, por um instante, todos os resquícios de dúvida.

"Como posso acreditar neste homem", interrogava-se ele, "depois de ter perdido a fé em todas as coisas? Talvez porque se trata de um símbolo da independência e da democracia?!"

Seja como for, a correspondência entusiástica e recíproca entre o homem e o povo é um fenómeno que merece reflexão; é indiscutível que nos achamos perante uma força irrefreável, destinada a desempenhar o seu papel histórico na constituição do nacionalismo egípcio!"

A atmosfera estava repassada de arrebatamento e de ardor; os responsáveis, a muito custo, conseguiram fazer com que, de novo, o silêncio reinasse no local, para que as pessoas pudessem ouvir a voz do recitador do Alcorão que declamava excertos simples, repetindo de quando em vez o versículo: "Ó profeta! Incita os crentes ao combate!"

[33]

As pessoas aguardavam por aquele chamamento e faziam-no seguir por autênticas ovações, de tal modo que alguns indivíduos radicais pediram que se fizesse silêncio por respeito ao Livro de Allah.

As palavras destes suscitavam nele recordações de uma época em que também ele fora um radical; desenhou-se-lhe nos lábios um sorriso indefinido e, de súbito, compreendeu que o seu universo interior, corroído por um excesso de contradições, se assemelhava a um vazio.

O líder levantou-se e encetou o seu discurso com uma voz aguda e uma explanação convincente. Após ter falado durante duas horas, terminou com um vibrante apelo à revolução.

O entusiasmo das pessoas atingiu o seu acme: todos se ergueram das suas cadeiras e principiaram a bradar num frenesim.

Kamal partilhava o entusiasmo e as aclamações da multidão, esquecido da sua profissão, que reclamava uma certa compostura.

Parecia-lhe ter regressado aos dias gloriosos de que ouvira falar, não tendo podido vivenciá-los visto ter pouca idade.

"Seriam, nesse tempo, os discursos igualmente proferidos com

tamanho fulgor? Acaso os escutariam as pessoas com idêntico entusiasmo? Seria por isso que mesmo a morte parecia um acontecimento despiciendo? Teria sido, sem dúvida, este o estado de ânimo de Fahmi ao se precipitar para a morte, ou para a eternidade... ou então para o nada?!... Seria imaginável que um homem como ele, incessantemente perseguido pela dúvida, pudesse morrer como mártir? Talvez o nacionalismo - qual o amor - nos possa sujeitar ainda que sem fé!..." Grande era a sobreexcitação gerada pelo entusiasmo e os aplausos quase intimidadores; as cadeiras bamboleavam devido aos movimentos dos espectadores: qual seria o passo seguinte?

Kamal ignorava-o e percebeu que as pessoas se dirigiam para a saída. Abandonou o seu lugar e lançou em seu derredor um olhar à procura dos sobrinhos, mas não os vislumbrou; saiu do pavilhão por uma porta transversal e principiou a caminhar com passos estugados para se adiantar à multidão em direcção à Rua de Qasr el-Aini.

No seu trajecto, passou defronte da "Casa da Nação". Sempre que tal fazia, procurava com o olhar o balcão histórico e o pátio que haviam testemunhado os mais ilustres momentos do combate nacional.

Sim, aquela residência tinha como que um efeito assombroso na sua alma... Ali estivera Saad, ali estiveram Fahmi e os seus camaradas... E, na rua que agora percorria, haviam ribombado as detonações que se haviam cravado no peito dos mártires...

O seu povo necessitava continuamente de insurreições para se opor às vagas de repressão que teimavam em embargar o caminho do seu ressurgimento; necessitava de revoltas periódicas que constituíam como que uma vacina contra moléstias perniciosas, pois que as ditaduras eram a doença endémica do país.

A sua participação na festa nacional conseguira, portanto, dar-lhe de novo confiança; naquele momento, somente lhe interessava ver o Egipto responder à declaração de Hoare de forma enérgica, qual golpe fatal.

Ao caminhar diante da Universidade Americana, Kamal pressentiu acontecimentos graves, e maquinalmente endireitou a sua silhueta alta e magra, ergueu a grande cabeça e acentuou o estrépito dos seus passos.

Também o professor deve, por vezes, imitar os seus alunos na insurreição. Sorrindo acabrunhado, pensava em si como um mestre de

cabeça grande, condenado a ensinar para todo o sempre e tão-só as noções rudimentares de inglês embora fosse apto, naquela mesma língua, a descobrir, por meio de leitura, tantas coisas absconditas.

O seu corpo, nas multidões da Terra, preenchia um espaço reduzido, mas a sua imaginação libertava-se na voragem incerta de todas as coisas secretas da natureza: de manhã, interrogava-se sobre o significado de uma palavra e a ortografia de outra; à noite, interrogava-se sobre o significado da sua existência, o enigma que se situava entre dois enigmas.

Da mesma forma, de manhã, o coração inflamava-se-lhe com um sentimento de rebelião contra os Ingleses e, durante a noite, o sentimento de irmandade universal sofredora, a sua irmandade para com os seres humanos, convidava-o a colaborar perante o enigma do destino...

Meneou a cabeça com uma certa violência como que para afugentar aqueles espectros.

Enquanto se aproximava da Praça Ismailiyya, chegou-lhe o burburinho das aclamações e compreendeu que os manifestantes tinham alcançado a Rua de Qasr el-Aini.

O sentimento de luta que lhe enchia o peito levou-o a imobilizar-se; talvez lhe fosse possível associar-se, de algum modo, à manifestação de 13 de Novembro. A Nação tinha, durante muito tempo, sofrido na condição de vítima conformada que recebe os golpes!

Hoje, Tewfiq Nessim, ontem Ismael Sidqi, anteontem Muhammad Mahmoud, todo um infame encadeamento de déspotas até à "pré-história": todo o filho de cão, encandeado pelo seu poder, havia ambicionado ser o tutor eleito e julgava que o povo era inepto...

Mas, devagar... A manifestação estava a ferver e transbordar, mas o que estaria a suceder acolá?

Kamal, apreensivo, recuou; ouvira um estrondo que o fizera sobressaltar. Permaneceu à escuta e o mesmo estampido repetiu-se. Eram disparos.

A distância lobrigou os manifestantes que se precipitavam aqui e ali como que num arriscado sorvedouro cuja razão não conseguia explicar claramente.

Alguns grupos arremessavam-se para a praça, outros para as ruas transversais, enquanto numerosos polícias ingleses a cavalo

calcorreavam o local a toda a pressa.

Klevou-se uma grande vozeria onde se amalgamavam gritos de cólera e pedidos de ajuda à medida que a quantidade de disparos se multiplicava.

O coração de Kamal pôs-se a latejar com veemência, desassossegado tomo estava em relação a Abdel Munim, Ahmad e Ridwan.

Dominado pelo alvoroço e pela fúria, voltou-se para a direita e para a rua e, tendo descortinado não longe um café, para lá se encaminhou.

Assim que franqueou a porta semicerrada, veio-lhe à memória a loja de basbusa^[34] do bairro de el-Hussein, onde, pela primeira vez, ouvira o estalejar das balas.

O tumulto alastrou-se a toda a parte: as detonações das armas de fogo avolumaram-se de forma horripilante, para, em seguida, principiarem a rarear. O estrondo de vidros estilhaçados mesclava-se ao relincho dos cavalos. Levantaram-se vozes que urravam, o que indicava que grupos revoltosos, enfurecidos, se deslocavam apressados de um ponto para outro.

Um velho penetrou no café e, antes que alguém o questionasse, respirando com sofreguidão, disse:

- As balas dos polícias ingleses chovem caudalosas sobre os estudantes, e só Allah pode conhecer o número de vítimas!

Depois sentou-se e prosseguiu com uma tremura na voz:

- Agiram perfidamente contra inocentes! Se tivessem intenção de dispersar os manifestantes, ter-se-iam limitado a disparar para o ar, desde as suas posições distantes, mas acompanharam, pelo contrário, a comitiva com uma calma aparente, espalharam-se e ocuparam as vias transversais da rua principal e, de modo inesperado, sacaram das pistolas e começaram a atirar. Impiedosos, disparavam e os jovens tombavam, contorcendo-se no seu sangue. Os ingleses são animais ferozes mas os soldados egípcios não são menos selvagens! Por Allah, mas é deveras uma carnificina deliberada!

Do fundo do café ouviu-se uma voz que clamava:

- Bem me dizia o coração que o dia de hoje não terminaria bem!

- São dias que prenunciam desgraças! - acrescentou outra. -

Aguardamos grandes incidentes desde que Hoare fez o seu discurso; esta é apenas "uma" batalha à qual outras se seguirão, garanto-lhes!

- As vítimas são sempre os estudantes, os filhos dilectos da Nação,

que tristeza!

- Mas os disparos acabaram, não é? Escutem...

- A principal manifestação está próxima da "Casa da Nação", ali o combate prosseguirá durante longas horas!

Todavia o silêncio imperava na praça; o tempo escorria vagaroso, carregado de tensão. A escuridão descia: as luzes do café acenderam-se. A seguir, nada mais se ouviu, como se a morte se houvesse abatido sobre a praça e as ruas circunvizinhas...

A porta do café foi escancarada e foi possível vislumbrar a praça sem um transeunte, sem uma viatura. Depois chegou uma coluna de polícias a cavalo com os seus capacetes de aço que deram a volta à praça, precedidos pelos chefes ingleses.

Kamal, no seu íntimo, não cessava de se interrogar sobre o que teria acontecido aos sobrinhos.

Mal o movimento se reiniciou na praça, ele abandonou o café à pressa e não tornou à casa sem antes ter passado por es-Sukkariyya e Qasr esh-Shawq para se certificar de que Abdel Munim, Ahmad e Ridwan haviam regressado...

Demorou-se sozinho na biblioteca com o coração pejado de tristeza, de ansiedade e de cólera. Não leu nem escreveu uma única palavra e ali ficou, como que alheado, a pensar na "Casa da Nação", em Hoare, no discurso aliciante, nas aclamações nacionalistas, no sibilar dos projecteis e nos gritos das vítimas.

Tentou relembrar o nome do proprietário da loja de basbusa em que outrora se havia refugiado, mas a memória não veio em seu socorro...

[27] A 13 de Novembro de 1918, Saad Zaghlul, Abdel Aziz Fahmi e Ali Sharawi tinham-se encontrado com o alto-comissário britânico do Cairo, Reginald Wingate, para lhe pedir a abolição da lei marcial, da censura sobre a imprensa e lhe expressar a esperança que tinham de ver os Ingleses reconhecerem o direito do Egipto à independência.

[28] Jihad é uma palavra árabe de género masculino, cujo significado real conota um amplo leque de acepções que vão desde a sua interpretação como "luta espiritual" até à luta física, política ou militar.

[29] Sir Samuel Hoare era subsecretário de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em Outubro de 1935, tinha dado a entender

que o governo britânico, após ter sido consultado, se opunha ao regresso do Egipto ao regime constitucional, com a justificação de que a Constituição de 1923 era inaplicável e a de 1930, impopular.

[30] Várias vezes presidente do Conselho no Egipto entre 1920 e 1934.

[31] Conhecido político egípcio; esteve com Saad Zaghlul entre os fundadores do Wafd, do qual sairia posteriormente, com um grupo de moderados, por estar contra a atitude inflexível de Zaghlul. Participara na criação do partido dos liberais constitucionais, em 1922, de que se tornou presidente em 1929.

[32] Designação que foi atribuída à velha residência de Saad Zaghlul.

[33] Alcorão, VIII, versículo 65.

[34] Doce preparado com sêmola, manteiga, açúcar, nozes e coberto de coco ralado.

CAPÍTULO 5

A casa de Muhammad Iffat em el-Gamaliyya tinha, para Ahmad Abdel Gawwad, um aspecto muito prezado e familiar. O portão de madeira que, do exterior, parecia a entrada de uma antiga wikala^[35]; o muro alto que, exceptuando o cimo das árvores, encobria o que, por detrás, existia; o jardim esplêndido que amoreiras e sicómoros sombreavam e onde haviam sido plantados, conforme um tracejado exacto, arbustos de hena, limoeiros e diversas espécies de jasmins; o pequeno lago no centro, formosíssimo, e a varanda de madeira que se prolongava por toda a largura do jardim.

Muhammad Iffat, enroscado na aba'a que trazia quando se encontrava em casa, mantinha-se de pé nos degraus da varanda, à espera do hóspede, enquanto Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far estavam sentados em dois bancos lado a lado.

Ahmad Abdel Gawwad, após ter cumprimentado os amigos, acompanhou Muhammad Iffat até ao sofá que ficava no centro da varanda e ambos ali se acomodaram.

Todos eles haviam perdido a rotundidade de outrora, afora Muhammad Iffat, que parecia intumescido e cujo rosto apresentava uma coloração rubicunda. Ali Abder Rahim estava já careca, ao passo que os cabelos dos restantes haviam embranquecido. As rugas haviam igualmente escalavrado os rostos de todos eles; Ali Abder Rahim e Ibrahim el-Far pareciam mais envelhecidos do que os outros e a face rubra de Muhammad Iffat parecia congestionada. Somente Ahmad Abdel Gawwad, se bem que muito magro e com os cabelos brancos, preservava a beleza e a sedução antigas.

Gostava muito de estar na companhia daqueles amigos, como lhe agradava também a aparência do jardim que se estendia até ao outro muro que dava para el-Gamaliyya. Inclinou levemente a cabeça para trás, como se quisesse sorver de forma mais intensa a fragrância dos jasmins e da hena, entreabrindo de quando em quando os olhos para se entregar ao gorjeio das aves que nas ramagens das amoreiras e dos sicómoros se divertiam.

No entanto, o sentimento mais nobre que encerrava no coração naquele momento era o da fraternidade e da amizade pelos homens

que tinha à sua frente.

Fixava com os seus grandes olhos azuis os semblantes queridos, deformados pela idade, e o coração enchia-se-lhe de tristeza e de ternura por eles e por si próprio.

E, entre todos, era o mais ligado ao passado e às recordações; fascinava-o tudo o que lhe evocava a beleza da mocidade, o arroubo das paixões e as aventuras juvenis.

Ibrahim el-Far levantou-se e dirigiu-se para uma mesinha próxima sobre a qual estava a caixa do jogo de gamão e, pegando nela, disse:

- Quem quer jogar comigo?

Ahmad Abdel Gawwad, que só excepcionalmente se associava aos jogos destes, replicou num tom de desaprovação:

- Adia o jogo por ora! Não consintamos que o jogo comece de repente sem antes dedicarmos um instante a nós mesmos!

El-Far arrumou de novo a caixa no seu lugar e, logo depois, entrou um criado núbio que trazia uma bandeja com três copos de chá e um de whisky e soda.

Muhammad Iffat, com um sorriso, agarrou neste último, ao passo que os restantes pegaram no chá. Aquela distribuição que, todas as noites, se repetia não raro os fazia rir. Muhammad Iffat, exibindo o copo que na mão segurava e indicando os dos amigos cheios de chá, exclamou:

- Que Allah perdoe os dias que vos educaram! Ahmad Abdel Gawwad suspirou:

- Todos fomos educados do mesmo modo, e tu em primeiro lugar, mas és o menos bem-educado...

Todos haviam recebido, e isso no mesmo ano, ainda que em períodos distintos, a ordem do médico de abandonar as bebidas alcoólicas; mas o médico de Muhammad Iffat havia-lhe concedido que bebesse um só copo por dia. Ahmad Abdel Gawwad, convencido de que o médico do amigo era mais condescendente do que o seu, que ele considerava por demais drástico, deliberara visitar aquele que, no entanto, grave e resolutamente, o pusera de sobreaviso, dizendo-lhe:

- O teu estado de saúde é bem diferente daquele do teu amigo! Quando se soube da sua visita ao médico de Muhammad Iffat, o assunto tomou-se no objecto de conversas e de numerosos gracejos... Ahmad Abdel Gawwad tornou a dizer, rindo:

- Tiveste de corromper o teu médico, sem dúvida alguma, oferecendo-lhe um belo presente para que te permitisse beber este copo!

El-Far, com os olhos presos no copo que o amigo segurava na mão, suspirou e acrescentou:

- Por Allah, já quase esqueci o deleite de beber!

A chalacear, Abder Rahim voltou-se para ele:

- Estás a desacreditar o teu arrependimento com semelhantes palavras! El-Far implorou o perdão de Allah e, num tom resignado, murmurou:

- Louvado seja Allah!

- Estamos reduzidos a sentir inveja por causa de um simples copo!. Onde... onde estão as bebedeiras de antigamente?

- Se se querem mortificar - disse Ahmad Abdel Gawwad a rir -, façam-no por coisas más, não pelas boas, filhos de cão!...

- És como os outros pregadores, aqueles cuja língua se acha num mundo e o coração noutro...

E eis que Ali Abder Rahim, falando mais alto para mudar de conversa, exclamou:

- Meus senhores, o que pensam de Mustafa en-Nahas? O homem que não se deixou emocionar pelas lágrimas do velho monarca enfermo, que recusou renunciar por um instante só à sua exigência mais insigne: a Constituição de 1923...

Muhammad Iffat, com um estalar de dedos, retorquiu muito contente:

- Muito bem... muito bem... É ainda mais inexorável do que Saad Zaghlul em pessoa, este homem que, ao ver o rei tirânico adoentado e em pranto, o defrontou com uma coragem extraordinária e lhe repetiu com convicção as palavras da nação que o havia reconhecido como seu chefe: "Antes de mais, a Constituição de 1923!" E, destarte, esta foi restaurada. Quem o teria pensado?

Ibrahim el-Far meneou a cabeça em sinal de assombro:

- Imaginem aquela visão - disse -, o rei Fuad^[36], consumido pela doença e pela velhice, a pousar a mão num gesto de grande amizade no ombro de Mustafa en-Nahas e pedir-lhe que formasse um governo de coligação; e en-Nahas, sem se deixar impressionar, sem esquecer a missão de líder fiel e leal, sem abandonar por um instante aquela

Constituição que as lágrimas do rei haviam quase toldado, permanece impassível e responde-lhe com denodo e convicção: "Meu senhor, antes de mais nada, a Constituição de 1923!"

- Meu senhor, antes de mais nada, a grande meta - recomeçou Ali Abder Rahim imitando as palavras do amigo.

E Ahmad Abdel Gawwad:

- Juro por Aquele que determinou que devemos ver o whisky circular no meio de nós e dele nos mantermos arredados que se trata de uma atitude extraordinária!

Depois de ter emborcado o seu copo, Muhammad Iffat prosseguiu:

- Estamos em 1935, transcorreram já oito anos desde a morte de Saad e quinze desde a Revolução e os Ingleses continuam em toda a parte: nos aquartelamentos, na polícia, no exército, em todos os ministérios. As capitulações, que tornam cada filho de leoa^[37] num temível senhor, continuam vigentes... esta situação ignominiosa tem de cessar...

- E não se esqueçam de algozes quais Ismael Sidqi, Muhammad Mahmoud e el-Ibrashi^[38].

- Se os Ingleses se retirarem, nenhum destes terá qualquer importância: as mudanças de governo terão fim...

- Sim, e, se o rei pensa armar-se em manhoso, não achará ninguém que o ampare!

Muhammad Iffat voltou a dizer:

- O rei terá de escolher entre duas coisas: o respeito da Constituição ou então dizer adeus a todos.

Ibrahim el-Far, com um certo cepticismo, perguntou:

- Os Ingleses abandoná-lo-iam caso ele lhes solicitasse protecção?

- Se os Ingleses aceitarem retirar-se, por que razão deveriam eles proteger o rei?

- Mas os Ingleses aceitariam seriamente partir? - perguntou outra vez el-Far.

Muhammad Iffat, com a confiança de quem se orgulha da sua cultura política, replicou:

- Fomos apanhados de surpresa pela declaração de Hoare e daí o facto de ter havido manifestações e mártires, que Allah tenha misericórdia deles; em seguida, foi o apelo à coligação e a Constituição de 1923 foi restaurada. Afianço-lhes que actualmente os Ingleses

desejam chegar a negociações. Na verdade, ninguém sabe como se poderá debelar este pesadelo; como será possível os Ingleses partirem e como poderá alguma vez cessar realmente a influência estrangeira? Mas a nossa confiança em Mustafa en-Nahas é ilimitada...

- Cinquenta e três anos de ocupação poderão porventura terminar com algumas palavras trocadas à volta de uma mesa?

-Palavras precedidas todavia pelo sangue inocente já derramado... - Mesmo assim!...

- Achar-se-ão numa posição crítica numa conjuntura também ela grave a nível internacional! - disse Muhammad Iffat piscando o olho. '

- Sempre conseguirão encontrar alguém que os auxilie na retaguarda! Ismael Sidqi está vivo, não morreu!

Muhammad Iffat acrescentou no tom de quem está a par dos acontecimentos:

- Falei com inúmeras pessoas devidamente informadas e dei-me conta de que estão optimistas; dizem que o mundo está ameaçado por uma guerra mortífera, que o Egipto está na boca do canhão e que seria do interesse de ambas as partes chegar a um acordo honroso...

Depois de se ter massageado o ventre com uma expressão de confiança e de serenidade, prosseguiu o seu discurso:

- Comunico-lhes uma notícia importante: prometeram-me que me havia de candidatar na comarca de el-Gamaliyya nas próximas eleições. Prometeu-mo en-Noqrashi^[39] em pessoa!

Os rostos dos amigos resplandeceram de alegria; em seguida, quando chegou o momento de tecer observações, Ali Abder Rahim, fazendo alarde e de gravidade, volveu:

- O Wafd só tem um defeito: o de, por vezes, propor a candidatura de verdadeiros animais para deputados!

Ahmad Abdel Gawwad, como que para explicar os pontos fracos do partido, repostou:

- E o que pode o Wafd fazer? Deseja representar a Nação no seu todo, cavalheiros e escumalha, e quem mais, senão animais, poderia representar a escumalha?

Muhammad Iffat deu-lhe uma pancada nailharga dizendo:

- Velho desbragado, tu e Galila são como que uma pessoa só, ambos velhos e desavergonhados!

- Ficaria satisfeito se apresentassem a candidatura de Galila: em

caso de aperto, seria capaz de estender a sua melaya até na presença do monarca!

Nisso, Ali Abder Rahim, sorrindo, voltou a dizer:

- Encontrei-a anteontem, diante da sua viela, continua corpulenta como o mahmal^[40], mas "A velhice comeu e urinou em cima dela..."^[41]

- Tornou-se numa grande mualleina^[42], a sua casa mantém-se em plena laboração noite e dia; os dedos do flautista ainda se movem mesmo aquando da sua morte... - acrescentou el-Far.

Ali Abder Rahim, depois de ter longamente rido, voltou:

- Estava a passar diante da porta da sua casa quando avistei um homem que discretamente se estava a introduzir, convencido de que ninguém o notaria: quem julgam vocês que era?... - a seguir, piscando o olho a Abdel Gawwad: - O protegido de Allah Kamal Ahmad ofendi^[43], professor na escola Silihdar!...

Muhammad Iffat e el-Far dispararam uma gargalhada retumbante enquanto, totalmente atordoado, Ahmad Abdel Gawwad esbugalhava os olhos, em virtude do estupor e da comoção:

- Kamal, o meu filho?...

- Em pessoa. Estava embrulhado no seu sobretudo, trazia os óculos de aros dourados e os fartos bigodes que lhe conferiam um aspecto de grande respeitabilidade: caminhava com circunspecção e compostura como se não fosse o filho do "senhor dos histriões" e com a mesma dignidade se dirigiu para uma rua transversal rumo à casa como se devesse virar para penetrar na grande mesquita de Meca! Disse para mim: "Torna o teu passo mais ligeiro, filho da puta!"

Os presentes riram estrepitosamente; Ahmad Abdel Gawwad não se refizera ainda da estupefacção e pensou esquivar-se rindo com os outros.

Muhammad Iffat encarou-o e perguntou num tom expressivo:

- O que há de extraordinário nisso, acaso não se trata do filho de Vossa Senhoria?

Meneando a cabeça em sinal de admiração, Ahmad Abdel Gawwad replicou:

- Sempre o considereei um jovem educado, honesto, de temperamento pacato, constantemente recluso na sua biblioteca a ler ou a escrever, de tal modo que receava por ele pelo facto de se manter demasiado arredado e renitente no seu labor inútil...

Ibrahim el-Far interveio com escárnio:

- Quem sabe, talvez em casa de Galila haja uma secção da Biblioteca Nacional egípcia!

E Ali Abder Rahim acrescentou:

- Ou talvez ele se isole na biblioteca para ler O Regresso do Sbeikh^[44]; o que se pode esperar de um homem que começou a vida declarando que o ser humano deriva de um macaco?

Todos desataram a rir e com eles Ahmad Abdel Gawwad que, por experiência, sabia que manter-se sério em casos similares significava tornar-se num alvo fácil para muitos dichotes e bisbilhotices. Em seguida, disse:

- É por isso que o maldito não pensa casar, e eu que já começara a imaginar coisas acerca dele...

- Quantos anos tem actualmente o protegido de Allah?

- Vinte e nove.

- Que bonito! Tens de fazer com que se case: porque não se quer ele casar?

Muhammad Iffat soltou um arrote, friccionou o ventre e disse:

- Não passa de uma moda! Além do mais, as moças de hoje atravancam as ruas e não se pode ter confiança nelas. Não ouviram o sheikh Hassanein cantar "Quantas coisas que nos levam à loucura podemos observar, o bey^[45] e a senhora no cabeleireiro?".

- E não te esqueças da crise económica e do futuro incerto dos jovens. Os jovens que finalizam os estudos universitários empregam-se com salários de dez libras egípcias por mês, e é com muita dificuldade que encontram trabalho!

Ahmad Abdel Gawwad, visivelmente atormentado, perguntou:

- Receio que venha a saber que Galila outrora foi minha amante ou que esta perceba que o rapaz é meu filho!

Ali Abder Rahim acrescentou a rir:

- E achas que ela faz um interrogatório aos seus clientes?

Muhammad Iffat pestanejou e disse:

- Se aquela libertina disso ficar a saber, há-de narrar-lhe a história do seu pai do alíf ao ya.^[46]

Ahmad Abdel Gawwad exclamou num suspiro:

- Que Allah não queira que isso aconteça! Nisso, Ibrahim el-Far perguntou:

- E julgas que quem conseguiu descobrir que o seu primeiro antepassado era um macaco não é capaz de perceber que o pai não passa de um fornicador dissoluto?

Muhammad Iffat riu com tal entusiasmo que tossiu e se conservou em silêncio durante alguns instantes para depois acrescentar:

- A bem dizer, a aparência de Kamal induz em erro; circunspecto, sossegado, severo, um professor de escola na verdadeira acepção da palavra!...

Ali Abder Rahim, num tom conciliador:

- Meu senhor, que Allah o preserve e lhe dê longa vida! Quem se assemelha ao pai jamais agirá de forma injusta...

Muhammad Iffat perguntou de novo:

- O importante é saber se é "esperto" como o pai... quero dizer, se é capaz de lidar com as mulheres e de subjugar-las.

- Nisso não acredito - retorquiu Ali Abder Rahim. - Suponho que continue a andar, sisudo e correcto, até que a porta do quarto atrás de si e da sua companheira se feche, para depois começar a despir-se mantendo a mesma sisudez e correcção, e, em seguida, se estenda sobre a mulher com a máxima sisudez e correcção como se estivesse a dar uma aula importante...

- Um "esperto" engendrou um tonto!

Ahmad Abdel Gawwad interrogou-se de si para si, como que abespinhado por aquilo lhe parecer estranho. Decidiu fingir desconhecer a novidade e, vendo el-Far ir buscar a caixa do jogo de gamão e voltar trazendo-a na mão, disse, sem vacilar, que havia chegado o momento de jogar.

Mas parecia que os seus pensamentos insistiam em voejar em derredor da recente notícia...

Para se consolar, dizia para si que tinha educado o filho dando-lhe uma boa instrução, que o jovem obtivera o diploma superior e se tornara num professor respeitado. Assim sendo, podia agora fazer o que bem entendia e talvez, por sorte, sabia igualmente como se divertir não obstante a sua aparência emaciada, a sua cabeça e o seu nariz desmedidos! E, se o destino fosse justo, Kamal deveria ter casado há muito já e Yassin nunca. Mas quem se pode vangloriar de estar apto para sondar semelhantes mistérios? Nisso, el-Far perguntou:

- Quando é que viste Zubaida pela última vez? Ahmad, após ter

meditado um pouco, disse:

- Durante o mês de Janeiro, isto é, há cerca de um ano, no dia em que veio ter comigo à loja para que a ajudasse a vender a casa...

Ibrahim el-Far prosseguiu:

- Foi Galila quem a comprou, depois daquela estúpida se ter enamorado por um carroceiro que a largou sem um tostão. Hoje vive num quarto minúsculo no terraço da casa de Sawsan, a cantora, num estado de decadência que mete dó!

Ahmad Abdel Gawwad, entristecido, meneou a cabeça e murmurou:

- A sultana num quarto minúsculo no terraço! Louvado seja o Eterno!... Ali Abder Rahim acrescentou:

- Um fim bem triste, ainda que previsível!

Um sorrisinho de piedade escapou a Muhammad Iffat.

- Que Allah tenha compaixão de quem confia neste nosso mundo! El-Far propôs que se jogasse e Muhammad Iffat aceitou defrontá-lo. Voltaram-se para o jogo do gamão e Ahmad Abdel Gawwad disse:

- Vejamos quem terá a sorte de Galila e quem, a de Zubaida!

[35] Espécie de caravansarai com vários pisos composto por quartos para os comerciantes em trânsito, entrepostos para as mercadorias e estábulos para os animais.

[36] Ahmad Fuad, sultão do Egipto a partir de 1917, e posteriormente, de 1922 até 1936, rei com o título de Fuad I.

[37] O mesmo que filho da puta.

[38] Muhammad Zaki el-Ibrashi, presidente do Conselho da Coroa no tempo do rei Fuad.

[39] Político e um dos mais fiéis aliados de Saad Zaghlul, que foi posteriormente por diversas vezes presidente do Conselho. Em 1948, por ter determinado a dissolução da sociedade política religiosa dos Irmãos Muçulmanos que tinha sido fundada em 1927, foi assassinado por um dos seus membros.

[40] Caixa de madeira de forma piramidal, forrada de brocado, que era utilizada para o transporte do Cairo até Meca do tecido de seda recamado, fabricado no Egipto, com que o muro exterior da Kaaba era revestido, e que todos os anos devia ser renovado. O mahmal era carregado por camelos e, no momento da partida para a peregrinação,

atravessava as ruas do Cairo por entre uma enorme multidão exultante. Esta cerimónia remontava já ao século XIII mas foi eliminada em 1952 após a revolução de Gamai Abdel Naser.

[41] Expressão largamente utilizada para dizer que alguém ou algo está muito gasto, muito envelhecido.

[42] Feminino de muallem, ou seja, mestre. Aqui com o significado de "gerente" de uma casa mal-afamada.

[43] Título dado aos orientais que se vestiam à europeia.

[44] Famoso romance erótico.

[45] Título honorífico.

[46] Respectivamente, a primeira e a última letra do alfabeto árabe.

CAPÍTULO 6

Kamal sentou-se com Ismael Latif numa das pequenas salas do café de Ahmad Abdu, a mesma onde, no tempo da primeira juventude, costumava divertir-se na companhia de Fuad el-Hamzawi.

Ali dominava um calor ameno, não obstante o frio de Dezembro. Com efeito, era mais do que natural que - estando a porta da entrada hermeticamente cerrada e, com ela, o único orifício para a superfície^[47] - no local houvesse, a despeito da enorme humidade, uma temperatura bastante agradável.

Afora o seu desejo de contentar Kamal, nada mais impelia Ismael Latif a considerar aprazível o facto de se deter no café de Ahmad Abdu.

O jovem, transferido por necessidade de sobrevivência para Tanta^[48], onde, após o fim da sua formação na Escola dos Estudos Comerciais, havia encontrado trabalho como contabilista, continuava a ser o antigo e fiel amigo de Kamal que, nas férias quando voltava ao Cairo, nunca deixava de telefonar à escola de Silihdar para marcarem um encontro e de novo verem-se naquele refúgio de longa data.

Kamal achou-se a fitar o seu velho amigo, tal como ele se ofereceria sob o seu aspecto possante, de semblante magro e quase ossudo, apreciado pelas suas qualidades de discrição, de cortesia e de honestidade que havia adquirido e, graças às quais, encarnava um modelo irrepreensível do pai e do esposo, agora que fora ultrapassada a fase da impertinência, da vulgaridade e da desfaçatez que o havia caracterizado na primeira juventude.

Kamal despejou o chá verde no copo do amigo, serviu-se por sua vez e depois, com um sorriso ténue nos lábios, disse:

- Parece que o café de Ahmad Abdu não te entusiasma!...
- Na verdade, é assaz admirável - retrucou Ismael alongando o pescoço naquele seu trejeito peculiar -, porque não procuramos um sítio à superfície?
- De qualquer modo, sempre é o local mais indicado para albergar gente verdadeiramente honesta como tu!...

Ismael desatou a rir e meneou a cabeça como que para confirmar o facto de se ter tornado deveras digno daquela distinção reconhecida. Kamal continuou com delicadeza:

- O que se conta em Tanta?
- Está tudo bem! Passo o dia todo no trabalho e as noites são totalmente dedicadas à minha mulher e aos meus filhos!
- E como vai essa descendência?
- Não tenho de que me queixar! O conforto deles é à custa das nossas canseiras, todavia, que Allah seja eternamente louvado!
Induzido pela curiosidade que sempre lhe despertava a questão "família", Kamal prosseguiu:

- Também estás convencido de que os filhos representam "a verdadeira felicidade", como dizem as pessoas mais avisadas?
- Estou!
- Apesar das inevitáveis preocupações que acarretam?
- Apesar de tudo!

Kamal considerou o amigo com redobrado interesse. Tinha na sua frente um indivíduo distinto, que não tinha a menor ligação com o Ismael Latif que havia frequentado entre os anos de 1921 e 1927, aquele excepcional período da sua existência que vivera com todo o seu ser, em que cada segundo fora dedicado à aprendizagem da alegria imensa ou do sofrimento violento; aquele período da mais pura amizade levada a cabo no tocante a Hussein Shaddad, do amor mais cristalizado em Aida, do ardor arrebatado nutrido pela flama da Revolução egípcia; aquele período finalmente das experiências impetuosas para as quais o haviam empurrado a dúvida, as exigências da carne. E, deste último período, Ismael Latif fora o símbolo e o guia ilustre. Mas hoje não mais tinha qualquer ligação com isso...

- No entanto - recomeçou Ismael Latif com uma nota de decepção -, há sempre motivos de apreensão: o novo quadro de pessoal, a suspensão das promoções e dos subsídios extraordinários. E tu bem sabes a que ponto estava acostumado, com o meu pai, à vida abastada! Além do mais, não me deixou nada em herança e, porque a minha mãe gasta toda a sua pensão, tive de aceitar trabalhar em Tanta para ganhar a vida. Alguém como eu teria porventura aceite algo semelhante?

- Mas alguém como tu não se teria acomodado com nada! - acrescentou Kamal, que desatou a rir.

Ismael sorriu com uma certa vanidade, orgulhoso do seu passado opulento, a que renunciara unicamente por opção pessoal.

- Não sentes, por vezes, nostalgia de algum momento de então?
- Oh, não estou saciado de tudo! E, ademais, ainda não me enfastiei com a minha nova vida. Tudo o que devo fazer é desenhencilhar-me de quando em quando de modo a conseguir algum dinheiro da minha mãe (o mesmo sucede com a minha mulher em relação ao pai) visto que continuo a amar perdidamente a existência sumptuosa!

Então, Kamal não pôde deixar de replicar a rir:

- Ou seja, apontaste-me o caminho e, de repente, desamparaste-me! Ismael soltou uma gargalhada pujante que devolveu ao seu rosto, agora circunspecto e grave, grande parte da expressão astuta de antigamente.

- E desagrada-te? - disse. - Claro que não! Gostas desta vida com uma devoção esquisita, embora sejas um ser comedido. No decorrer de escassos anos, dei mais escapadelas do que darias ao longo de toda a tua vida! -depois, num tom que se tornara austero:

- Casa-te e muda de vida!

Kamal respondeu-lhe com uma certa ironia:

- Esse facto merece ser tema de cogitação.

"No espaço de poucos anos, de 1924 a 1935, surgiu um novo Ismael Latif digno de ser observado por quem tem a paixão dos milagres! De qualquer modo, continuava a ser o mesmo velho amigo de outrora. Quanto a Hussein Shaddad, a França arrancara-o à sua pátria, tal como Hassan Salim, que escolhera o estrangeiro como local de residência. Ai, perderam qualquer vínculo com o meu coração! E, ainda que Ismael Latif nunca tenha sido, um dia, para mim um amigo da alma, continua a ser a recordação viva de um passado fabuloso. Por isso é digno de estima e é-me ainda querido pela sua lealdade. Não existe alegria espiritual na sua companhia, contudo, é o sinal vivo de que o passado não foi mera ilusão, aquele passado com cuja realidade me preocupo da mesma forma que me interesso pela minha própria existência.

O que estará a fazer Aida presentemente? Em que sítio deste vasto mundo se achará? Como pôde o meu coração curar do seu amor? São tantos prodígios..."

- Estou cheio de admiração, sayyed Ismael! Mereces francamente todo o êxito!

Este último olhou em seu redor fitando o tecto, as lanternas, as salas

exíguas, as faces dos clientes perdidas por trás dos seus devaneios e as dos que se entretinham a conversar ou a jogar...

- O que tanto te atrai neste café? - perguntou.

Sem lhe responder prontamente, Kamal falou com uma voz triste:

- Ainda não sabes?! Será demolido em breve e, sobre os seus destroços, um novo edifício será construído. Faz parte dos resquícios de um passado que está destinado a desaparecer para sempre.

- Mil vezes adeus! Que este cemitério desapareça para dar lugar a um prédio novo!

"O meu amigo tem razão, mas também o coração tem as suas razões! Ó meu amado café, és um fragmento da minha alma: entre estas paredes, como sonhei, como meditei; Yassin viveu aqui durante anos e Fahmi encontrou-se com os revolucionários para pensar e agir em prol de um mundo melhor, E, ademais, amo-te porque és feito do mesmo tecido que os sonhos... Contudo, de que serve tudo isso? Para quê a nostalgia do passado? Sem dúvida, esta será sempre o ópio dos sentimentais! E não há pior desventura do que um coração nostálgico associado a um espírito céptico! Mas poder-se-á afirmar alguma coisa quando se não acredita em nada.

-Tens razão... teria sugerido que destruíssem igualmente as pirâmides caso as pedras pudessem ter uma qualquer utilidade de futuro...

- As pirâmides? Mas qual a relação com o café de Ahmad Abdu?

- Falo de vestígios no geral... quero dizer, que tudo seria destruído em proveito do presente e do futuro.

Ismael Latif desatou a rir outra vez, depois, com aquele seu hábito de alongar o pescoço, quase num gesto de desafio, exclamou:

- Todavia, escreves, por vezes, coisas que contradizem as tuas palavras. Como bem sabes, de quando em quando, também eu leio a revista el-Fikrem tua honra. Já te manifestei a minha opinião. Pois é! Os teus artigos são complicados e toda a revista... Allah me proteja... é fastidiosa! Tive de abdicar de comprá-la pela simples razão de que a minha mulher não acha nela nada que seja "legível". Perdoa-me, mas estou a repetir textualmente as suas palavras. Dizia pois que, algumas vezes, nos teus artigos, encontrei o exacto oposto do que agora sustentas. Mas não pretendo perceber muito (aqui entre nós, nem sequer um pouco) o que escreves... A este propósito, não seria melhor

se escrevesse como os autores que sabem agradar? Se o fizesses, encontrarias uma multidão de leitores e ganharias rios de dinheiro.

Houve um tempo em que ele havia acolhido uma opinião do mesmo género com um desprezo renitente e rebelde. O desprezo ainda existia mas sem rebeldia. Nem sequer continuava totalmente certo quanto à necessidade do desprezo. Não porque suspeitasse de que este fosse incongruente, mas porque actualmente duvidava da utilidade dos seus textos. Chegava ao extremo de desconfiar das suas dúvidas, acabando por confessar a si mesmo que se sentia enfadado com tudo, que, por vezes, o mundo se assemelhava a uma palavra velha e puída...

- Nunca aceitaste o facto de que eu pudesse pensar.

- Lembras-te disso? - Ismael riu com fragor. - Que época!

Uma época que não mais era, cuja flama deixara de arder mas que sobrevivia bem resguardada no seu lugar, qual cadáver de um ente querido... ou qual a bomboneira abandonada no seu canto desde a noite do casamento de Aida...

- Não tiveste mais notícias de Hussein Shaddad ou de Hassan Salim?

- Fizeste-me lembrar! - respondeu Ismael erguendo as fartas sobrancelhas. - No ano passado, não estava no Cairo quando fiquei a par da situa-

De regresso de Tanta, soube que a família Shaddad fora devastada. O coração de Kamal começou a pulsar de forma tão desatinada que teve de ser valente para se mostrar calmo ao indagar:

- O que queres tu dizer?

- Soube pela minha mãe que Shaddad bey faliu. A Bolsa tragou até ao último tostão tudo o que possuía. Era um homem acabado: não suportou o golpe e suicidou-se!

- Que notícia! E quando aconteceu tudo isso?

- Há alguns meses. O palácio também se perdeu com tudo o resto. Aquele palácio em cujo jardim vivemos instantes inolvidáveis!

"Quais instantes? Qual palácio? Qual jardim? Quais recordações? Que olvidada? Que esquecimento pungente? A família ilustre. O grande homem. O sonho sublime. Aquele intenso alvoroço não ultrapassa a estrita exigência da situação e aquele latejar que meu coração gera... acaso não é mais vivo do que merecem recordações delidas pelo esquecimento?"

- O bey suicidou-se, o palácio perdeu-se... O que será da restante família? - perguntou Kamal com voz sumida.

- A mãe do nosso amigo tem apenas quinze libras egípcias de rendimento mensal sobre um waqf^[49] privado - respondeu Ismael indignado. Mudou-se para um apartamento modesto em el-Abbasiyya. A minha mãe foi vê-la e, de regresso, falou-nos dela a chorar. Aquela senhora, que vivia numa opulência que se não podia imaginar! Lembras-te?

E como a recordava! Poderia, alguma vez, o amigo pensar que ele houvesse esquecido?

O jardim, o pavilhão, até mesmo o ar entoavam a doçura de viver: recordava tudo! A alegria e a tristeza igualmente. E, naquele momento, estava deveras triste. As lágrimas batiam às portas detrás dos seus olhos e brotavam. Nunca mais poderia atormentar-se pelo café de Ahmad Abdu que estava destinado a desaparecer quando tudo estava prometido ao desaparecimento!

- É realmente desolador! Porém, mais triste ainda é não termos podido tão-pouco apresentar os nossos pêsames! Não achas que Hussein regressou da França?

- Veio decerto depois do sucedido, bem como Hassan Salim e Aida. Mas, presentemente, nenhum deles se encontra no Egipto.

- Mas como pôde Hussein partir de novo abandonando os seus à sua sorte? E quem o sustenta desde a falência do pai?

- Ouvi dizer que casou no estrangeiro. É provável que durante a sua longa permanência na França tenha também achado um trabalho. Pessoalmente, nada sei. No que me toca, não mais o vi desde o dia em que juntos lhe dissemos adeus... Quanto tempo decorreu já? Cerca de dez anos... não é?... É uma época muito remota... Quanta tristeza me trouxe...

Palavras... e aquelas malditas lágrimas que batem às portas detrás dos seus olhos, reclusas dentro de si desde aquele período distante, aquelas lágrimas estavam como que enferrujadas... o seu coração regurgitava de tristeza, relembrando-lhe que a tristeza fora por ele escolhida como um símbolo. A notícia, que tanto o estremecera, havia-o como que despojado de todo o seu presente pondo a descoberto o homem de então, completamente empastado de amor sincero e de sentida tristeza. Era desta maneira que o seu antigo sonho findava? A

falência e o suicídio? Como se o destino houvesse eleito aquela família para o disciplinar com a educação dos deuses caídos.

Falência, suicídio! Ainda que Aida, devido à posição social do marido, continuasse a viver na opulência, o que seria agora daquele seu orgulho angelical? E aqueles acontecimentos haviam-se abatido igualmente sobre a sua irmãzinha?...

- Hussein tinha uma irmãzinha. Como se chamava? Lembro-me do seu nome por vezes e esqueço-me dele muitas vezes!

- Budur! Vive com a mãe compartilhando todas as dificuldades da sua nova existência.

"Imagina a família de Aida a viver modestamente, como tantos outros à nossa volta. Ver-se-á algum dia Budur sair com as meias remendadas? Apanhar o eléctrico? Oh, mas não graces contigo mesmo! Estás muito triste e, não obstante todas as tuas habituais reflexões sobre as classes sociais e as suas diferenças, estás aniquilado por este transtorno do destino! Desagrada-te ouvir que o teu ideal rebola no lodo! Contudo alegras-te que do antigo amor nada mais sobreviva em ti!"

Sim, mas o que subsistira realmente daquele amor passado? Quando respondia: "Nada!", o seu coração vibrava com um alvoroço invulgar ante o eco da mais insignificante canção daquela época, por mais ordinárias que pudessem ser as palavras, as imagens e as melodias. O que significava tudo isso?

"Mas, devagar! Era uma reminiscência do amor, não o amor em si. E o amor é-nos precioso em qualquer dos casos, mormente quando não nos atinge pessoalmente. Mas, neste momento, sinto-me como que submerso num oceano de paixões. O facto é que o mal latente expelia o seu veneno aquando de uma fraqueza momentânea. Como agir, se a dúvida que em nós abalou todas as certezas se detém cautelosa na soleira do amor? Não porque este esteja de modo algum acima da dúvida, mas em sinal de apreço pela tristeza, e para defender a verdade do passado..."

Ismael voltou à catástrofe dos Shaddad com mil pormenores e depois, manifestamente aborrecido, concluiu como quem deseja acabar:

- A eternidade pertence a Allah tão-somente! A história é por demais desagradável, mas por hoje basta de tristezas!

Kamal não tentou perguntar-lhe nada mais. Chegava-lhe tudo quanto soubera por Ismael. Tinha agora apenas uma desesperada necessidade de sossego e meditação. Chorava em silêncio com lágrimas recônditas que o seu coração derramava, o que o deixou surpreendido, tendo-se o doente de outrora restabelecido do seu mal, pelo que repetiu para si, atônito: "Nove, dez anos... Um período tão grande, tão breve! Que aspecto terá Aida hoje?"

Como lhe teria agradado contemplá-la demoradamente à procura do segredo daquele passado mágico; melhor ainda, do seu próprio segredo! conseguia evocá-la outra vez a não ser, durante um instante fortuito, na antiga atmosfera restituída à memória ou então como uma imagem de uma publicidade para sabões; ou ainda quando desperto de súbito do sono com um sussurrante "É ela!", mas tratava-se tão-só na realidade de uma superposição de lineamentos de uma artista de cinema ou uma furtiva reminiscência. Então, acordavam, ele e a sua realidade... Todavia, cansara-se de permanecer sentado. A sua alma anelava por uma excursão aventureira pelo mundo invisível!

- Aceitarias o meu convite para ir beber um copito num local mais aprazível e sossegado? - perguntou a Ismael.

Este desatou a rir dizendo:

- A minha mulher está à minha espera para que a acompanhe num visita à sua tia.

Recebeu a recusa com indiferença. Estivera a sós consigo mesmo por tempo demais. Abandonaram o local a cavaquear acerca de tudo um pouco. Entrementes, Kamal ia repetindo para si:

"Algumas vezes o amor, quando existe, é um fardo, mas como nos faz falta quando cessa de existir!"

[47] O café estava construído no subsolo.

[48] Cidade que se localiza a 94 km a norte do Cairo.

[49] legado cujas rendas pertencem aos familiares do doador e que, após a morte do seu último descendente, se destinam a instituições de caridade.

CAPÍTULO 7

"É mesmo agradável ficar aqui sentado!... Mas, infelizmente, tenho a mão curta^[50]! A partir deste lugar quentinho, é possível avistar todos os que vão e vêm na Rua Faruq... Bem como de el-Muski e de el-Ataba... Se não fosse o frio de rachar de Janeiro, não seria obrigado a esconder-me, instigado pelo desejo, atrás dos vidros do café, abandonando contra a minha vontade a esquina estupenda do lugar, situada no passeio em frente! Mas a Primavera terá de regressar algum dia! Sim, regressará, todavia, entretanto tenho a mão curta! Já lá vão agora dezasseis anos, ou mais ainda, que estou parado no sétimo escalão! A loja de el-Hamzawi foi cedida por um valor baixíssimo. O apartamento de el-Guriyya, conquanto enorme, rende apenas umas escassas libras egípcias. Quanto à casa de Qasr esh-Shawq, não só é a minha residência mas igualmente o meu refúgio. E, se Ridwan tem um avô rico, Karima só a mim tem como sustento. Pai de família e incorrigível mulherengo! Contudo, infelizmente, tenho a mão curta!"

De súbito, os olhos de Yassin detiveram-se espantados sobre um jovem alto e esguio, de bigodes quadrados e óculos de aros dourados que, vindo de el-Muski, se dirigia, pavoneando-se no seu sobretudo preto, para os lados de el-Ataba.

Sorriu, soerguendo-se na sua cadeira como se se propusesse levantar-se, no entanto, no final, não se mexeu.

Caso o jovem não houvesse mostrado um ar apressado, teria ido ao seu encontro para convidá-lo a sentar-se com ele...

"Kamal é um melhor companheiro nos momentos de enfado! Jamais, nem por um minuto sequer, lhe atravessou a mente casar ainda que os trinta anos se avizinhassem. Mas eu, porque me precipitei e casei antes do tempo? E porque tive eu uma recidiva antes de ter recobrado da primeira bofetada? Mas quem é que se não lamenta, seja ele solteiro ou casado? El-Azbakiyya era um refúgio e um local de divertimento... Presentemente, não passa de uma ruína e tornou-se no covil dos rufiões e da população abjecta!"

Ficar a espreitar este cruzamento é o único prazer que me resta... antes de ir à procura de uma presa de baixo custo! A melhor presa é ainda alguma criadita egípcia que trabalhe em casa de europeus.

Aquelas raparigas têm, em geral, uma aparência elegante e cuidada, mas a qualidade maior que possuem é a leviandade...

No mercado de fruta e hortaliças, na praça de Azhar, havia-as em grande abundância..."

Tendo acabado de sorver o seu café, sentou-se atrás da porta de vidro fechada, examinando o cruzamento em busca de qualquer bela moça para que a imagem das mulheres cingidas nas suas capas e nas suas melayas se fixasse na retina dos seus olhos.

Observava-as, com um olhar que ia do geral para o mais ínfimo pormenor, paciente e sem jamais se enfadar.

Algumas vezes, podia permanecer assim sentado até às dez da noite! Outras vezes, sentava-se durante o tempo estritamente necessário para beber o café, depois levantava-se bruscamente para se lançar, qual adeleiro, no encalço de alguma presa na qual tivesse pressentido a disponibilidade e as modestas pretensões como se ele fosse um comerciante de mobiliário antigo. Mas, usualmente, contentava-se em contemplar e, não raro, sucedia-lhe ainda perseguir uma beldade qualquer sem um real propósito. Mas o verdadeiro espírito empreendedor nele despertava tão-somente para dar caça a uma criada impudica ou a alguma viúva com mais de quarenta anos, e fazia-o de quando em vez tomando muitas precauções em relação à sua pessoa.

Na verdade, não mais era aquele homem de antigamente e não só porque os seus rendimentos estavam sujeitos a grandes responsabilidades mas também porque os seus quarenta anos lhe haviam caído em cima de forma de todo indesejada... Que realidade horripilante! "Ah, este cabelo branco sobre as têmporas! Quantas vezes recomendei ao barbeiro que o tratasse de alguma maneira... mas este respondeu-me que o problema de um cabelo é insignificante... E, no final, achamo-nos inadvertidamente com os cabelos todos brancos! Que ambos vão para o diabo, os cabelos brancos mais o barbeiro! Este último indicou-me uma tinta milagrosa, mas não a experimentarei. Contudo, o meu pai, por exemplo, chegou aos cinquenta anos sem um único cabelo branco. Mas estou muito longe de ser como ele: não só no que aos cabelos brancos se refere! Aos quarenta anos e mesmo aos cinquenta, era ainda um jovem, ao passo que eu!,, No entanto, meu Deus, não posso dizer que exagerei mais do que ele o fez.

Mas aquietar a tua mente e atormenta o teu coração... Acaso poderás de verdade pensar que a vida de Harun er-Rashíd^[51] foi deveras como a relatam os narradores? Zannouba já está bem distante de tudo isso... o casamento, num certo sentido, é um equívoco repugnante! Mas o que lhe confere a força que tem é que, ao longo de toda a existência, não deixamos nunca de nos agarrarmos a este equívoco.

Bem poderão alternar os estados, mudar as épocas, mas o tempo jamais deixará de produzir mulheres errantes e homens sérios que se afadigam na sua perseguição.

A juventude é uma maldição, a velhice é uma maldição! Então, onde ficará a quietude do coração, onde? A pior desgraça que pode na vida acontecer é a de nos acharmos um dia interrogando-nos assombrados: onde estamos?!"

Yassin abandonou o café às dez e meia, calmamente atravessou a praça de el-Ataba na direcção da Rua Muhammad Ali, após o que penetrou na taberna da "Estrela", onde cumprimentou Khalu, curvado atrás do balcão, na sua atitude habitual.

O homem respondeu à saudação com um sorriso rasgado que descobriu os seus dentes amarelados e cariados, acenando com o queixo para a sala do fundo como que para lhe mostrar que os amigos o aguardavam.

Diante do balcão, principiava um corredor que conduzia a três salas, umas atrás das outras, nas quais imperava uma atmosfera de turbulenta algazarra... alcançou a última das três que obtinha a sua claridade de uma única janela, protegida por barras de ferro e que dava para o beco de el-Mawardi; estava mobilada com três mesas dispostas nos cantos: naquele instante, duas estavam desocupadas e, à roda da terceira, sentavam-se os seus amigos. Estes acolheram-no, tal como em todas as noites, com aclamações de júbilo. Apesar das suas reflexões amarguradas relativas à idade, Yassin era o mais jovem da companhia.

O mais velho era um funcionário público reformado e solteiro, e junto dele estavam um secretário-chefe do Ministério dos Waqf^[52], o director do pessoal da administração da universidade e um advogado, dono de bens imobiliários, que não trabalhava.

Os semblantes deles estavam marcados pelo vício da bebida quer no olhar apagado quer na cor que parecia congestionada ou de uma

lividez extrema.

Convergiam à taberna entre as vinte e as vinte e uma para só a abandonar a altas horas da noite, consumindo as mais infames bebidas alcoólicas, contanto que fossem as mais eficazes e as mais baratas. Quanto a Yassin, não se demorava nunca - salvo raras exceções - do começo até ao fim junto deles.

Ademais, normalmente passava duas ou três horas na companhia destes, conforme lhe apetecia...

Como de praxe, o velho solteirão recebeu-o dizendo:

- Bem-vindo, ó hagg^[53] Yassin!

Dirigia-se-lhe sempre daquela maneira por consideração pelo seu nome abençoado^[54]! Por seu turno, o advogado, que entre todos era quem se encontrava mais alcoolizado, exclamou:

- Estás atrasado, ó meu herói! Estávamos justamente a dizer: "Terá colidido com uma mulher que nos obrigará a ficar privados da sua agradável companhia durante toda a noite!"

E o velho solteirão, filosofando à volta das palavras do advogado:

- Só uma mulher pode apartar um homem de outro!

Yassin, que nesse ínterim se havia acomodado entre este e o amigo que trabalhava no Ministério, retrucou a chalacear:

- No que a isso se refere, não corres perigo algum!

O velho, erguendo o copo e levando-o aos lábios, declarou:

- Exceptuando os momentos diabólicos em que uma rapariga de catorze anos conseguiria excitar-me...

- O nome é de Tuba e o fazer é de Arnshir^[55]!... - prosseguiu o funcionário do Ministério.

- Não compreendo o que queres dizer com essas palavras estúpidas!

- Nem eu...

Nesse meio-tempo, chegou Khalu com os copos e o termo.

- Este ano, Janeiro exagerou nos seus caprichos - volveu Yassin agarrando no seu copo.

- Allah na Sua criação age de um modo diferente, Janeiro ofereceu-nos o frio e levou-nos para sempre Tewfiq Nessim!

- Poupa-nos à política, por caridade! - bradou o advogado. - Continuamos a usá-la como mezza para cada uma das nossas bebidas a tal ponto que acaba por nos sufocar. Procurem outro assunto...

Mas o amigo da universidade intrometeu-se:

- Toda a nossa existência, na verdade, é só política e nada mais!
- E tu, um chefe de pessoal no sexto escalão, o que tens a ver com a política?

O outro interrompeu-o agastado:

- Por favor... um sexto escalão antigo que remonta aos tempos de Saad!

- Quanto a mim, o meu sexto escalão remonta aos tempos de Mustafa Kamel^[56]! É por isso que fui para a reforma, em homenagem à sua memória! - acudiu o solteirão que a seguir acrescentou: - Ouçam lá, não faríamos melhor se nos embriagássemos e cantássemos?

Yassin, entretido a esvaziar o seu copo, retorquiu:

- Antes de mais nada, embriaguemo-nos, meu pai!

Ao longo da sua existência, jamais experimentara a alegria de uma amizade verídica e profunda.

Todavia, em cada um dos seus encontros - no café ou na taberna -, tinha um certo número de "amigos". Possuía uma facilidade extrema em se familiarizar e era-lhe ainda mais simples conquistar a simpatia das pessoas. Havia conhecido o actual grupo apenas desde que a taberna - em virtude das alterações nas suas condições financeiras - se havia tornado no seu ponto de encontro nocturno predilecto.

Entre eles, estabelecera-se uma rede de conversas assaz peculiares, ainda que, fora da taberna, não se encontrasse com nenhum deles, nem para tal se esforçasse de alguma maneira. Ligava-os tão-só o vício da bebida e a necessidade de se entregarem a este desembolsando o menos possível. Entre todos, aquele que ocupava uma posição mais eminente era o chefe do pessoal administrativo da universidade, no entanto, tinha infelizmente muitos filhos a seu cargo. O advogado tornara-se num cliente habitual do local, aliciado pela reputação de eficácia das suas bebidas alcoólicas, depois de as não contrafeitas lhe fazerem cada vez menos efeito...

Desde então, havia-se habituado ao local e com ele se familiarizara.

Yassin começou a beber e tagarelar arrojando-se no sorvedouro orgíaco que se ia alastrando no local e que reverberava de uma a outra extremidade. Ele preferia o velho solteirão a todos os demais membros da companhia. Yassin não perdia uma ocasião para espicaçá-lo, nomeadamente no tocante a símbolos sexuais. Aquele punha-o de prevenção contra todos os desregramentos e apelava para as suas

responsabilidades familiares.

Yassin retorquia com um desdém soberbo:

- Somos indivíduos feitos para tal! Assim era o meu pai e, antes deste, assim era o meu avô.

E porque também aquela noite havia acabado de repisar a mesma asserção, o advogado perguntou-lhe gracejando com ele:

- E a tua mãe? Também ela era desta maneira?

Torceram-se de riso, e Yassin com eles, se bem que o seu coração se lhe entranhasse no peito em virtude da dor, e pôs-se a beber de forma descomedida... Por outro lado, a embriaguez não conseguia cancelar nele a impressão de se aviltar... este não era nem o seu local nem o seu álcool nem o seu dia...

"Por toda a parte de mim se escarnece. Como sou diferente do meu pai! O pior desgraçado é aquele que se vê envelhecer ao passo que os seus rendimentos diminuem... Mas a bebida é um amigo compassivo que oferece deleitável companhia e um grande lenitivo de tal modo que faz parecer todas as desditas insignificantes. Portanto, repete para ti: A minha alegria é grande.' Decerto não mais regressarão os bens desbaratados ou a juventude perdida, no entanto, no decorrer de toda a vida, o álcool saberá ser o teu melhor companheiro! Mamaste-o desde criancinha, actualmente ele alegra a tua maturidade e há-de fazer estremecer de prazer a tua cabeça encanecida. E é legítimo que o meu coração se regozije por este motivo, não obstante a tristeza e as preocupações. E, um dia, quando Ridwan for um homem feito e Karima estiver casada, continuarei a erguer o meu cálice brindando à felicidade na praça de el-Ataba el-Khadra. Oh, sim, quão grande é a minha alegria!"

De repente, num ambiente ruidoso e por entre vozes excitadas, a companhia desatou a cantarolar: "Quão humilhado é o prisioneiro do amor!"

E logo a seguir: "Ó vizinha do rio!" Pessoas que se encontravam nas restantes salas e no corredor retomaram em coro... Depois fez-se silêncio, um silêncio opressivo que induziu o "chefe de pessoal" a voltar à conversa relativa às demissões de Tawfiq Nessim e a interrogar-se sobre o tratado que se propunha proteger o Egipto contra o perigo que representava a Itália, aquele incómodo vizinho estacionado na Líbia. Em resposta, o grupo entoou em conjunto:

"Baixa a cortina para me pôr ao abrigo... pois temo que os vizinhos espreitem."

O velho solteirão, se bem que se tivesse excedido na bebida e no entusiasmo, insurgiu-se contra tal obscenidade e principiou a acusá-los de leviandade numa altura em que era necessário mostrar-se extremamente sério. E então eles, a uma só voz, responderam entoando: "Estás a falar a sério ou divertes-te com esta tua discussão?" O pobre velho só pôde rir e de novo se associar a eles na devassidão, sem o menor cuidado.

Yassin, tendo abandonado a taberna à meia-noite, chegou a casa em Qasr esh-Shawq por volta da uma. E, tal como em cada noite estava habituado a fazer, começou a percorrer os quartos do apartamento, como se se dedicasse a uma fiscalização! Achou Ridwan no seu quarto a estudar ainda: o jovem levantou os olhos do compêndio de Direito para trocar com o pai um sorriso. Entre ambos, havia um amor profundo e um grande respeito, apesar de Ridwan estar perfeitamente ciente de que àquela hora o pai retornava sempre alcoolizado.

Quanto a Yassin, estava cheio de admiração pela beleza, pela inteligência e pela enorme boa vontade do filho. E via já nele o futuro magistrado do Ministério Público que realçaria a sua importância e que, reavivando o seu orgulho, o consolaria de tantas coisas!...

- Como vão as aulas? - perguntou ao filho.

E esboçou um trejeito para si mesmo como se entendesse dizer: "Estou aqui à tua disposição!"

Ridwan sorriu e os olhos deste lembravam os de Haniyya, pintados a khôl...

Yassin indagou ainda:

- Incomoda-te se eu ligar o gramofone?

- A mim não... mas os vizinhos estão a dormir a uma hora tão tardia.

Yassin afastou-se com uma expressão dissimulada:

- Então que durmam em paz!

Penetrando no quarto de dormir dos filhos, achou Karima profundamente adormecida no seu pequeno leito enquanto o de Ridwan aguardava desocupado, na outra extremidade do aposento, que o rapaz acabasse de estudar. Por um instante, atravessou a mente de Yassin despertá-la para com ela se divertir, no entanto, ao pensar nos protestos que teriam acompanhado o seu acordar àquela hora,

renunciou ao seu intento e resolveu-se a ir para o seu quarto!

A mais bela noite naquela casa era sempre a de sexta-feira! O dia de descanso adorado! Quando regressava a casa na sexta-feira - não obstante a hora -, não hesitava em convidar Ridwan a com ele se sentar na sala, depois despertava Karima e Zannouba, ligava o gramofone e continuava a cavaquear e a caçoar com eles até noite adentro. Amava toda a sua família e, em particular, Ridwan. É certo que, na realidade, não mostrava interesse - nem para tal tinha tempo - em acompanhá-los, controlá-los e aconselhá-los, contudo, confiava principalmente nos cuidados de Zannouba e na natural bondade dos filhos.

Seja como for, jamais por um só instante teria suportado conduzir-se em relação a eles da maneira intransigente com que o seu pai sempre havia lidado com ele, rejeitando do fundo do coração fazer nascer em Ridwan aqueles mesmos sentimentos de apreensão e de pavor que experimentara pelo pai. Na verdade, ainda que o houvesse ambicionado, jamais seria bem-sucedido! Todos se lhe juntavam depois da meia-noite, deixava que a paixão que por eles nutria se manifestasse espontânea, sem reservas, unindo a embriaguez do álcool àquela do amor.

Afectuoso, escarnecia-os, tagarelava com eles, repetindo-lhes por vezes os dichotes dos bêbados com quem se cruzara na taberna, sem se apoquentar com a impressão que as suas palavras podiam produzir naquelas almas cândidas, indiferente aos sinais de protesto que Zannouba às ocultas lhe fazia. E parecia olvidado de si mesmo e disposto a livremente seguir os impulsos do seu temperamento sem a menor prevenção.

No seu quarto, deparou-se, como era costume, com Zannouba meio adormecida. Assim era ela invariavelmente. Ainda antes de entrar, já a ouvia roncar, no entanto, não conseguia atingir o centro do aposento sem que ela começasse a agitar-se, a abrir os olhos e a exclamar num tom galhofeiro:

- Louvado seja Allah por te ter feito regressar são e salvo.

Logo a seguir, erguia-se para o ajudar a despir-se e para dobrar as suas vestes com muito cuidado. Assim observada, ao natural, parecia muito mais velha. Não raro, imaginava-a contemporânea, mas o certo era que ela se tornara na companheira da sua existência, misturara as

suas raízes às dele: aquela antiga meretriz que conseguira viver ao seu lado, coisa em que as suas outras esposas haviam fracassado, construindo alicerces consistentes para a vida conjugal. É evidente também que as suas existências - sobretudo de princípio - haviam enfrentado tempestades! E, se ela por vezes se deixava ir a vociferar, era todavia sempre por ser extremamente ciosa da vida que tinham em comum. O tempo tornara-a mãe. Tendo vivido a dolorosa perda do seu primogénito, só lhe restava Karima, o que fazia com que ela se houvesse apegado cada vez mais à sua vida familiar, sobretudo porque estava ameaçada pelo perigo de perder o frescor e por uma velhice prematura.

O tempo havia-lhe ademais ensinado a desenvolver a paciência, o espírito da condescendência, em resumo, a comportar-se como uma "senhora" na verdadeira acepção da palavra. E, neste sentido, exagerou ao ponto de não mais se maquilhar quando saía; de sorte que conseguiu por fim angariar - ainda que de forma relativa - a consideração de Bain el-Qasrain bem como de es-Sukkariyya.

Esforçava-se, por diplomacia, em tratar bem Ridwan, com excessiva ternura e benevolência, conquanto por ele não sentisse, principalmente após a perda do único filho varão que dera a Yassin, qualquer espécie de carinho.

Não obstante a sua transformação, ela continuava sempre a zelar pela sua elegância, pelo seu asseio pessoal. Sorrindo, Yassin contemplou-a enquanto se penteava defronte do espelho e, embora por vezes experimentasse uma espécie de descontentamento, sentia contudo - verdadeiramente - que ela se havia tornado em algo de importante na sua existência, que jamais poderia dispensar.

A mulher levantou-se para buscar um xaile com o qual se envolveu, a tiritar de frio e, gemebunda, disse:

- Que frio! Não me poderias poupar a estas vigílias durante o Inverno?..,

- Sabes bem - redarguiu-lhe Yassin sarcástico - que o álcool metamorfoseia as estações: mas porque te dás ao trabalho de despertar?

- São as tuas acções que me dão trabalhos! - resfolegou ela. - Assim como as tuas palavras!

Yassin, embrulhado na sua gallabiyya, tinha a aparência de um

dirigível! Estacou ali, a contemplar a mulher, contente, afagando o ventre, com os olhos negros que lampejavam; após o que disparou numa gargalhada:

- Se me tivesses visto trocar cumprimentos com os soldados!

Aqueles da última guarda tornaram-se grandes amigos meus!...

Zannouba tartamudeou num suspiro:

- Que alegria!

[50] Expressão largamente utilizada e que significa ter escassos meios.

[51] Trata-se do quinto califa abássida (766-809).

[52] Ministério que administra os bens das fundações religiosas e de caridade.

[53] Título de respeito dado a todo o muçulmano que realizou a peregrinação a Meca, aqui utilizado em sentido irónico.

[54] Yassin é igualmente o nome de uma das suratas (capítulos) do Alcorão.

[55] Tuba e Amshir: respectivamente, o quinto e o sexto mês do calendário copta. Trata-se aqui de um dos provérbios mais populares no Egito que significa que as tempestades e as vagas de frio ocorrem no mês de Amshir, embora o mês de Tuba seja conhecido pelo seu clima frio.

[56] Fundador do partido nacionalista, primeira expressão do nacionalismo egípcio. Viveu entre 1874 e 1908.

CAPÍTULO 8

Era mesmo um deslumbramento ver passar Ridwan Yassin, com passadas vagarosas, em el-Ghuriyya e, com efeito, o jovem atraía sobre a sua pessoa todos os olhares. Tinha dezassete anos, olhos negros, era de estatura mediana e tendia ligeiramente para o anafado; distinto no trajar a modos de parecer amaneirado, mediante o tom rosado do semblante facilmente teria sido possível ligá-lo à família Iffat. Consciente da sua formosura, parecia irradiar um fulgor de beleza não isenta de uma certa coqueteria nos meneios.

Ao passar por es-Sukkariyya, lançou um olhar para a rua, com um sorriso indefinido. Recordou a tia Khadiga e os seus dois filhos Abdel Munim e Ahmad e, ao pensar neles, experimentou uma certa indiferença. Na realidade, jamais em situação alguma, achara dentro de si algo que o incentivasse a escolher um dos seus parentes para amigo, na verdadeira acepção da palavra.

Transpôs velozmente o Portão de el-Metwalli e encaminhou-se para ed-Darb el-Ahmar até que, chegado junto de uma casa vetusta, bateu e ficou à espera. A porta abriu-se e surgiu Hilmi Ezzat, o companheiro de infância que actualmente se tornara no seu colega na Faculdade de Direito, não menos formoso que ele.

Ao vê-lo, Hilmi regozijou-se e ambos os jovens se abraçaram, trocando um beijo, como sempre faziam quando se encontravam.

Enquanto subiam a escada, Hilmi enalteceu a gravata do amigo, reparando na cor que estava em perfeita consonância com a camisa e as calças. Os dois jovens eram apontados como modelos de elegância e bom gosto e, aliás, o cuidado destes pelo vestuário e pela moda não era inferior ao interesse que demonstravam pela política e pelos estudos de Direito.

Alcançaram um grande aposento de tecto alto que servia de quarto de dormir e de sala de estudo, como se podia constatar pelo leito e pela secretária.

Os dois amigos haviam muitas vezes permanecido acordados a estudar e depois haviam adormecido, lado a lado, no grande leito de negras colunas e mosqueiro.

O facto de Ridwan passar as noites fora de casa não era algo de

invulgar: desde o fim da sua meninice, acostumara-se a ser convidado em variadas casas para aí passar alguns dias; em casa do avô Muhammad Iffat em el-Gamaliyya; em el-Munira, em casa da mãe que não tivera nenhum outro filho, embora houvesse casado com Muhammad Hassan.

Por uma razão idêntica, mas também pela propensão natural do pai para a indiferença e pelo facto de Zannouba acolher com um secreto júbilo tudo aquilo que podia manter o rapaz arredado de casa, ainda que por pouco tempo, jamais fora negado a Ridwan a possibilidade de passar a noite com o amigo durante a época de exames. Em seguida, a situação tornara-se da tal modo rotineira que já ninguém lhe prestava atenção.

Num ambiente de igual desprendimento crescera também Hilmi Ezzat. O pai, comissário de polícia, falecera há dez anos e naquele lapso de tempo todas as suas seis irmãs se haviam casado e o rapaz continuara a viver sozinho com a mãe já de idade.

Esta, no início, havia-se deparado com muitas dificuldades ao querer exercer uma certa autoridade sobre ele, de tal modo que, bem depressa este último se havia transformado no efectivo senhor da casa.

A mulher vivia com uma pequena pensão do marido à qual se juntava os proventos do arrendamento do primeiro andar da sua antiga casa; família, desde a morte do pai, não havia portanto nunca mais tido uma existência realmente desafogada. Todavia, Hilmi havia conseguido, não obstante isso, prosseguir nos estudos até se matricular na Faculdade de Direito tendo sempre o cuidado de preservar aquele mínimo de respeitabilidade que a sua posição social exigia.

A alegria que Hilmi experimentava ao encontrar o amigo era muito peculiar pois que não sentia prazer algum em passar o seu tempo, seja a trabalhar seja a descansar, excepto na companhia deste. Também naquele dia, como sempre, a presença de Ridwan o enchia de energia e de entusiasmo: convidou-o a sentar-se no sofá, contíguo à porta da machrabiyya, e sentou-se ao seu lado começando a meditar na escolha de um assunto para a conversa (e quantos não havia!...).

No entanto, um certo acabrunhamento, que assomara no olhar de Ridwan, reprimiu a torrente do entusiasmo de Hilmi, que observou o amigo tentando perceber e, a seguir, tendo presumido do que se podia

tratar, tartamudeou: - Foste visitar a tua mãe? Aposto que regressas de lá... Ridwan compreendeu que o amigo havia interpretado acertadamente o seu estado de ânimo pelo aspecto do seu semblante; surdiu dos seus olhos um véu de angústia, pelo que aquiesceu com a cabeça sem pronunciar uma única palavra. Hilmi perguntou-lhe:

- E como está ela?

- Está bem... - e, suspirando, acrescentou: - Mas aquele Muhammad Hassan!! Não sabes o que significa ter uma mãe cujo esposo é um homem que não é o teu pai!

- No entanto, isso ocorre com frequência - voltou Hilmi tentando confortado. - Não há de que te envergonhares, e, além do mais, é uma história antiga!

- Não, não! - vociferou Ridwan enraivecido. - Está constantemente em casa, nunca se afasta a não ser para ir para o seu trabalho no Ministério. Queria tanto fazer-lhe uma visita e achá-la desacompanhada pelo menos uma vez que fosse! Aquele homem gosta de desempenhar o papel de pai e de conselheiro... que vá para o diabo! Não desperdiça uma oportunidade para me lembrar que é o director da repartição onde o meu pai trabalha, na Direcção dos Arquivos, e não tem pejo em criticar o seu comportamento durante as horas de expediente... porém, no que me diz respeito, não fico calado...

Interrompeu-se por um instante para aplacar a sua exaltação, após o que retomou:

- A minha mãe é mesmo estúpida por ter consentido em desposar semelhante homem; acaso não teria sido melhor se houvesse regressado para o meu pai?

Hilmi, que estava a par de inúmeros episódios relativos ao amplamente conhecido comportamento de Yassin, acrescentou com um sorriso e trauteando:

- Na paixão ardente, quantas vezes chorei de dor! Ridwan esboçou um gesto de recusa com a mão e disse:

- Mesmo assim! A paixão pelas mulheres é um pavoroso enigma! Mas, nisso tudo, o maior aborrecimento é que ela parece satisfeita!

- Não te percas por esse motivo pois amarguras o teu sossego...

- É uma coisa estranha que grande parte da minha existência deva transpirar infelicidade - exclamou Ridwan desconsolado. - Abomino o marido da minha mãe e não amo a esposa do meu pai; é toda uma

atmosfera perpassada de aversão. O meu pai, como aliás a minha mãe, não foi feliz na sua escolha, mas o que posso eu fazer? A mulher do meu pai trata-me com cordialidade, porém não tenho a impressão de que me ame... A que ponto a existência pode ser complicada!

Uma velha criada entrou, carregando o tabuleiro do chá, e Ridwan, que tivera de defrontar na rua o vento frio de Fevereiro, ficou com água na boca.

Enquanto os dois jovens vertiam o chá nos copos para dissolver o açúcar, o silêncio foi caindo e a pouco e pouco Ridwan se recompunha, pelo que cessou de falar da sua miserável existência.

Hilmi alegrou-se novamente e, muito satisfeito, volveu:

- Habituei-me a estudar contigo e já não sei fazê-lo sozinho...

Ridwan sorriu ante aquele delicado sentimento e, num ímpeto, perguntou ao amigo:

- Leste o decreto acerca da constituição da delegação para as negociações?

- Sim, mas correm inúmeros rumores a esse propósito e todos eles são pessimistas atendendo à atmosfera que rodeia as negociações; ao que parece, a Itália, que ameaça as nossas fronteiras, é o verdadeiro eixo das negociações, ao passo que os Ingleses, por seu lado, nos chantageiam caso o acordo fracasse!

- O sangue dos mártires ainda está quente e temos mais de reserva. Hilmi meneou a cabeça e disse:

- São só palavras: a batalha amainou e iniciaram-se as conversações, o que te parece?

- Seja como for, o Wafd tem a esmagadora maioria no seio da delegação. Imagina que perguntei a Muhammad Hassan, o marido da minha mãe, a sua opinião sobre a situação e este respondeu-me zombeteiro: "Mas vocês julgam deveras que os Ingleses sairão do Egipto?" E este é o homem que a minha mãe aceitou por esposo.

Hilmi Ezzat desatou numa gargalhada estrondosa e perguntou-lhe:

- E a opinião do teu pai sobre esta questão é diferente?

- O meu pai odeia os Ingleses e isso basta-lhe.

- Odeia-os do fundo do coração?

- O meu pai não odeia nem ama ninguém do fundo do coração.

- Pergunto-te agora a tua opinião, estás confiante?

- Porque não? Até quando esta questão poderá ficar pendente?

Cinquenta e quatro anos de ocupação... Ufa! Não sou o único desafortunado!

Hilmi, absorvendo o derradeiro trago do seu copo, retorquiu num sorriso:

- Quer parecer-me que estás a falar com aquela mesma paixão outra vez... foi naquela altura que os seus olhos incidiram sobre ti!

- Mas os olhos de quem?

Hilmi sorriu de um jeito estranho, após o que acrescentou:

- Sempre que és possuído pela paixão, a tua carnação ruboriza-se e apareces em toda a tua formosura. Num daqueles momentos felizes, "ele" reparou em ti quando estavas a conversar comigo; era no dia em que a delegação dos estudantes se dirigiu para a "Casa da Nação", apelando à união, lembras-te daquele dia?

Ridwan, com um interesse que não tentou disfarçar, perguntou:

- Sim, mas de quem se trata?

- Abder Rahim Isa paxá!

Ridwan ponderou por alguns instantes e, em seguida, gaguejou:

- Vi-o uma vez, ao longe...

- Ele, pelo contrário, viu-te naquele dia pela primeira vez. Uma expressão indagadora despontou no rosto de Ridwan, ao passo que Hilmi retomava:

- E, quando me encontrou, logo depois de te teres afastado, perguntou-me por ti e pediu-me que lhe fosses apresentado na primeira oportunidade.

- Conta-me tudo o que sabes - disse Ridwan com um sorriso. Hilmi bateu ao de leve no ombro do amigo e replicou:

- Chamou-me e perguntou-me com prudência, porquanto é extremamente precavido: "Quem é aquele belo moço que estava a conversar contigo?" Respondi-lhe que se tratava de um colega de Direito, de um amigo de longa data, mencionando-lhe o teu nome, etc, etc. Então, perguntou-me muito interessado: "E quando é que mo apresentas?" Por meu turno, fingindo desconhecer o seu escopo, respondi-lhe: "E por que razão, ó paxá?" Ao que ele estourou, como alguém que está agastado, de tal modo a sua vivacidade por vezes o avassala: "Para lhe dar uma aula de religião, filho de um cão!"

Também eu desatei a rir até ele me tapar a boca com a mão... Por um momento, o silêncio reinou interrompido tão-só pelo rugir do vento

que no exterior soprava e pelo fragor da aldraba de uma janela que batia contra o muro.

Ridwan, alteando a voz, indagou:

- Ouvi falar muito dele, é verdadeiramente tal como se diz?

- E ainda mais...

- Mas é velho!

Hilmi Ezzat, cujo trejeito do rosto alardeava um sorriso tácito, respondeu:

- Essa é a coisa de somenos importância; trata-se de um homem de elevada posição social, agradável, poderoso e a sua velhice é mais vantajosa do que a juventude...

Ridwan, sorrindo de novo, perguntou:

- Onde mora?

- Numa vivenda pacata em Helwan.

- Ah! Sempre apinhada de visitas de todas as classes sociais.

- E nós estaremos entre os que o apoiam, porque não? É um político experimentado e nós fazemos parte dos jovens!

Ridwan, com uma certa cautela, informou-se:

- E a mulher e os filhos?

- És mesmo ingénuo, é solteiro; nunca casou e não lhe agrada esse género de vida. É filho único e sempre viveu sozinho com os domésticos, qual ramo quebrado de uma árvore. Quando o conheceres, não mais o poderás esquecer...

Os dois jovens trocaram um olhar demorado, risonho, pejado de mudança, até Hilmi Ezzat retomar com uma certa impaciência:

- Pergunta-me, por favor, quando o iremos nós visitar.

Ridwan, examinando os resíduos de chá no fundo do copo, disse:

- Quando o iremos nós visitar?

CAPÍTULO 9

A casa de Abder Rahim Isa paxá, localizada na esquina da Rua en-Naga, em Helwan, era um exemplo de simplicidade e de elegância. Era uma vivenda de cor sombria, de um único andar, com três metros de altura, cercada por um jardim repleto de flores e que principiava por um salamlif^[57]. A casa, a rua e a área limítrofe estavam mergulhadas num silencioso remanso. Num banco próximo da entrada costumavam sentar-se o porteiro e o motorista; um porteiro núbio de feições admiráveis, com uma silhueta esguia, e um motorista de faces rosadas, na flor da mocidade. Hilmi Ezzat, relanceando o salamlík, cochichou ao ouvido de Ridwan:

- O paxá manteve a promessa que fizera, hoje não há nenhuma outra visita para além de nós!

Hilmi Ezzat era conhecido do porteiro e do motorista que, corteses, se levantaram para o receber; destarte, quando este principiou a gracejar com eles, desataram a rir com uma espantosa familiaridade.

O tempo seco tornava o frio cortante e os dois jovens atravessaram um faustoso pátio de recepção onde ressaltava um grande retrato de Saad Zaghlul em trajes de cerimónia. Hilmi Ezzat dirigiu-se para um espelho alto que chegava ao tecto e que se encontrava no centro da parede do lado direito, e aí se mirou demoradamente. Ridwan não hesitou em seguir o seu exemplo e contemplou-se por sua vez, imitando o amigo, de tal modo que Hilmi, sorridente, disse:

- Eis duas Luas^[58] que envergam um fato e um fez. Quem ama o Profeta em todo o seu esplendor pede a Allah que o abençoe^[59].

Sentaram-se lado a lado num sofá dourado coberto por um suave tecido azul.

Transcorridos alguns minutos, por detrás do cortinado que revestia a grande porta coroada pelo retrato de Saad, ouviu-se um ruído.

Ridwan, com o coração que pulsava de ânsia, voltou-se para aquela parte. Vestido com um elegante fato preto, espalhando em seu redor um odor delicado, apareceu um homem: era de carnação morena; tinha as faces impecavelmente escanhoadas, uma compleição elegante e mesmo esguia, lineamentos graciosos, emaciados pela idade, pequenos olhos fenecidos; o seu fez inclinava-se para a frente ao ponto

de roçar as sobrancelhas. Avançava calmo, digno, com pequenos passos indolentes que infundiam ao coração de Ridwan um sentimento de deferência e de serenidade. Permaneceu em silêncio até que, tendo chegado junto dos dois jovens que se haviam levantado para o receber, começou a examiná-los com um olhar penetrante, fitando principalmente Ridwan, ao ponto de se ver na necessidade de contrair as pálpebras. Depois, de súbito, sorriu e no seu rosto avelhentado espraçou-se uma tal amabilidade e um tal magnetismo susceptíveis de abreviar ou mesmo cancelar a distância que os apartava.

Hilmi estendeu-lhe a mão e este estreitou-a, segurando-a bastante tempo dentro da sua, após o que lhe ofereceu os lábios e conservou-se à espera... Hilmi percebeu e apresentou-lhe a face para que a beijasse. Voltando-se a seguir para Ridwan, o paxá disse, num tom afectuoso:

- Perdoa-me, meu filho, mas este é o meu jeito de cumprimentar...

Ridwan estendeu a mão e o homem apertou enquanto perguntava a rir:

- E a face?

Ridwan ruborizou-se e Hilmi, apontando para si mesmo, exclamou:

- Excelência, tem de tratar directamente com o tutor!

Abder Rahim paxá riu e limitou-se a apertar a mão de Ridwan; depois instou ambos os jovens a sentarem-se e, sentando-se por seu turno num grande sofá junto deles, acrescentou a sorrir:

- O teu tutor é execrável, Ridwan: acaso não é este o teu nome? Sê bem--vindo! Vi-te na companhia deste jovem doidivanas, agradou-me a tua distinção e quis encontrar-te... vejo que não me fizeste suspirar por um tal encontro!

- Fico satisfeito por ter tido a honra de conhecer Vossa Excelência, ó paxá.

- Que Allah me perdoe, meu filho - retomou o homem, fazendo girar um grosso anel de ouro em torno do anular da mão esquerda -, não empregues expressões exaltadas e títulos honoríficos: não me agradam; aquilo a que concedo verdadeira importância é à delicadeza da alma, à pureza e à franqueza. No que toca a "Vossa Excelência, ó paxá" e "Vossa Excelência, 6 bey," somos todos filhos de Adão e de Eva! Na realidade, agradou-me a tua boa educação e quis convidar-te a vir a minha casa. Sê portanto bem--vindo! És colega de Hilmi na

Faculdade de Direito, não é?

- Sim, meu senhor, somos colegas desde a época em que frequentávamos a escola primária de Khalil Agha.

O paxá levantou as sobrancelhas grisalhas em sinal de estupefacção e disse:

- Amigos de infância! - depois, meneando a cabeça: - Muito bem, muito bem! E talvez como ele pertença ao bairro de el-Hussein?

- Sim, meu senhor, nasci na casa do meu avô, o sayyed Muhammad Iffat, em el-Gamaliyya, e actualmente vivo em casa do meu pai, em Qasrj esh-Shawq.

- Os bairros típicos do Cairo! Que sítios encantadores! Deves saber que também eu ali vivi muito tempo com o meu falecido pai e, mais precisamente, em Bir Guwan. Era filho único, um autêntico demónio; muitas vezes, juntava os rapazes e íamos como que num cortejo nupcial^[60], de ruela em ruela, molestando todos, até mesmo as pedras! Desgraçado do doente que o destino atirava no nosso caminho! O meu pai ficava exasperado e \ corria atrás de mim com o bastão... Estavas a dizer, meu filho, que o teu avô é Muhammad Iffat?

- Sim, meu senhor - respondeu Ridwan muito orgulhoso. O paxá, após ter ponderado por um momento, acrescentou:

- Lembro-me de tê-lo visto certa vez em casa do deputado do bairro de el-Gamaliyya; é um homem influente, um nacionalista convicto. Esteve quase para ser nomeado deputado para as próximas eleições mas, no derradeiro instante, retirou-se para abdicar do lugar para o seu amigo, o deputado cessante. A nossa recente união estabelece a regra da amizade nas eleições para permitir que os nossos irmãos liberais constitucionalistas obtenham alguns lugares. Com que então és colega de Hilmi na Faculdade de Direito! Muito bem! O Direito é a disciplina mais importante e requer por parte de quem a estuda uma brilhante inteligência. No que toca ao futuro, só tens de te empenhar!

O jovem teve a impressão de que as últimas palavras do homem encerravam uma promessa e um encorajamento, pelo que o seu coração se encheu de ambição e de entusiasmo.

- Nunca conhecemos o fracasso, nem sequer por uma só vez, durante a nossa vida escolar! - apressou-se a dizer.

- Muito bem! Isso é indispensável; depois enveredarás para o cargo de magistrado do Ministério Público e mais tarde para o de juiz. E há

sempre alguém que abra aos jovens que se empenham as portas vedadas! A vida de magistrado é muito importante; baseia-se numa inteligência alerta e numa consciência penetrante. Também eu, graças a Allah, fui um dos filhos fiéis da magistratura e só abandonei a magistratura para me dedicar à política. O patriotismo, por vezes, impõe-nos que renunciemos a ocupações que nos são queridas... Mas, ainda hoje, encontrarás quem me nomeie como modelo de justiça e de rectidão! Dedica-te sempre com empenhamento e honestidade e na tua vida privada serás livre. Cumpre a tua obrigação e faz aquilo que mais ambicionas. Mas, se desprezares o teu dever, as pessoas em ti hão-de ver tão-somente as tuas imperfeições. Não reparas que muitos intriguistas só se deleitam quando alegam que um tal ministro tem este defeito e que tal poeta tem aquela outra insuficiência? Pois bem, mas não são única e forçosamente os ministros e os poetas que têm vícios; sê portanto antes de mais ministro e poeta e somente depois faz aquilo que te aprouver. Esta lição não passará despercebida à tua inteligência, professor Ridwan...

Nisso, Hilmi Ezzat declarou com uma certa malícia:

- "Pode ser julgado por nobres sentimentos um homem cujos defeitos sejam tão poucos que mal podem ser enumerados!"^[61] Não é assim, Vossa Excelência, ó paxá?

Inclinando a cabeça para o ombro esquerdo, este replicou:

- Com efeito, glória Àquele que é o único perfeito! O homem, como tal, é extremamente frágil, Ridwan, mas por essa mesma razão deve ser valente em todas as circunstâncias. Compreendes? Poderia falar-te dos mais insignes homens do nosso país e não encontrarias ninguém que estivesse desprovido de uma qualquer imperfeição; poderíamos conversar longamente, examinar os exemplos com o desígnio de erigirmos uma existência repleta de perfeição e de felicidade...

- Não te havia dito que a amizade do paxá é um tesouro inesgotável?
- disse Hilmi fitando Ridwan.

Abder Rahim Isa voltou-se para este último, que não havia desviado os olhos dele, e prosseguiu:

- Amo a ciência, amo a vida e amo as pessoas; é meu hábito tomar pela mão os mancebos até eles crescerem, e o que haverá no mundo de mais belo do que o amor? Se nos achamos ante um problema legal, devemos resolvê-lo juntos... Se consideramos o futuro, devemos

pensá-lo juntos... Se de nós se apossa o desejo de descansar, façamo-lo juntos... Por exemplo, nunca encontrei um homem tão avisado como Hassan bey Imad: hoje pertence ao número restrito do corpo político, todavia (não prestes atenção ao facto de se tratar de um dos meus adversários políticos!) quando se dedica a algo fado até ao fim, quando está alegre dança nu... a vida é bela com a condição de se ser sábio e ter vistas largas! Sabes ter vistas largas, Ridwan?

Hilmi Ezzat imiscuiu-se de imediato:

- Se as não tem, estamos na disposição de lhas alargar!...

Um sorriso infantil, ligado ao seu desejo imenso de alegria, alumiou o semblante do paxá, que disse:

- Este rapaz é um demónio, Ridwan, mas o que posso eu fazer? Trata-se do teu amigo de infância, o felizardo! Todavia, não fui eu quem primeiro afirmou que os pássaros de todas as espécies acabam por cair. Também tu deves ser algum demónio; diz-me, Ridwan, quem és tu? Oh! levaste-me a que me abrisse mas conservaste o silêncio, como aquelas velhas raposas que são os políticos, não é verdade? Diz-me, Ridwan, o que é que te agrada e o que é que não consegues tolerar?

Nisso entrou o empregado carregando o tabuleiro com o café; era um jovem imberbe que lembrava o porteiro e o motorista.

Enquanto bebiam a água com perfume de flores, o paxá perguntou:

- A água com perfume de flores é a bebida dos habitantes do bairro de el-Hussein, não é?

- Sim, senhor - balbuciou Ridwan sorrindo.

O paxá meneou divertido a cabeça e continuou:

- Ó felizes habitantes de el-Hussein^[62], auxiliem-nos!

Todos os presentes riram, e o empregado também sorriu ao sair da sala. O paxá tornou a perguntar:

- O que é que te agrada e o que é que odeias? Fala com franqueza, Ridwan; permite-me que te ajude a responder: interessas-te pela política?

Hilmi Ezzat disse:

- Ambos fazemos parte da comissão de estudantes.

- Essa é uma primeira razão para uma aproximação entre nós; e inte-ressas-te pela literatura?

- Tem uma verdadeira paixão por Shawqi, Hafez e el-Manfaluti^[63]...

O paxá repreendeu-o dizendo:

- Meu amigo, está calado. Quero ouvir a voz dele... Desataram todos a rir e Ridwan decidiu-se a responder:

- Sou louco por Shawqi, Hafez e el-Manfaluti.

- "Sou louco por", que expressão admirável - acrescentou o paxá estupefacto - que só se ouve no bairro de el-Gamaliyya... el-Gamaliyya, talvez se devesse pôr este nome em ligação com o termo "Gamai^[64]", ó Ridwan. Então és um apaixonado por obras como Prata dourada, A noite quando o meu amigo, Seja quem for e Um ramo o ergue e outro o abaixa, AllahL Allah!..^[65] Eis outro motivo para uma aproximação entre nós, ó el-Gamaliyya! Gostas do canto?

- É um admirador de...

- Mas está calado tu!

Riram todos novamente e Ridwan acrescentou:

- Umm Kulthoum.

- Concordo, ainda que prefira a música de antigamente, porém o canto é todo ele belo e a mim agrada-me "Quer aquilo que é austero quer aquilo que é divertido", como diria el-Maarri^[66], e "sou louco por" ele, como diria Vossa Senhoria... Muito bem! Noite encantadora!

O telefone tocou e o paxá levantou-se, encostou o auscultador ao ouvido e disse:

- Estou! Olá, olá, Vossa Excelência, ó paxá!

- Disse abertamente ao chefe do partido qual é a minha convicção, e é a mesma que a de Maher e de en-Noqrashi^[67].

- Lamento, paxá, não posso... Não esqueço que foi o rei Fuad em pessoa que se opôs, no passado, à minha promoção, e o rei Fuad é a derradeira pessoa com legitimidade para falar de moralidade... seja como for, encontrar-nos-emos amanhã no clube, que a paz esteja com Vossa Excelência, ó paxá...

O homem regressou muito abespinhado mas, ao olhar para Ridwan, acalmou-se e retomou o seu discurso dizendo:

- Sim, senhor Ridwan, conhecemo-nos e que belo é conhecermos-nos. Aconselho-te a que te apliques, a não descurares o teu dever e os ideais e agora falar-te-ei do canto e do bem-estar...

Nisso, Ridwan olhou para o relógio; no rosto do paxá apareceu um véu de ansiedade, pelo que disse:

- Ah, não me faças isso! O relógio é o pior inimigo das reuniões de

amigos.

Ridwan gaguejou um tanto confuso:

- Mas faz-se tarde, Vossa Excelência ó paxá!

- Faz-se tarde! Queres dizer que na minha idade faz-se tarde!!

Enganas-te, meu filho, continuam a agradar-me os serões, a beleza e o canto após a uma da noite. A noite não principiou ainda, dissemos apenas "Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso^[68]", não protestes! O automóvel está à vossa disposição até amanhã de manhã; sei que passas a noite fora de casa para estudar, estudemos portanto, porque não? Agradar-me-ia muito revisar os princípios do Direito público ou alguma coisa da sbaria^[69]. A propósito, quem vos ensina a sharia? O sheikh Ibrahim Nadim? Que Allah lhe dê uma boa noite, era um grande capitão! Não te surpreendas, um dia haveremos de escrever a história de todos os homens deste tempo: deves compreender tudo; esta é uma noite de amor e de amizade! Diz-me, Hilmi, qual é a bebida mais adequada para uma noite como esta?

- Whisky e soda e carne grelhada - retorquiu o jovem com toda a tranquilidade.

- E a carne grelhada é porventura uma bebida? Demónio! - retrucou o paxá a rir.

^[57]Palavra turca que designa um local reservado à conversa entre homens.

^[58]A Lua é sinónima de beleza resplandecente.

^[59]Expressão popular geralmente utilizada para significar que, quando se ama alguém, faz-se referência a essa pessoa de forma insistente como que para lembrá-la a Deus.

^[60]Alusão ao cortejo que acompanha a esposa da casa paterna até à do marido na noite do casamento. Este cortejo é formado por inúmeras pessoas e precedido por músicos que tocam vários instrumentos.

^[61]Verso de um poema de Abo At-Tayyeb Al-Mutanabi (915 Kofa - 965 Bagdade), sábio e poeta da corte do século X, que se notabilizou pela sua magnífica criação poética.

^[62]Bairro do velho Cairo onde se situa a mesquita dedicada a el-Hussein, neto do Profeta, que morreu de forma trágica em Kerbala em

680 e que é muito venerado pelos Muçulmanos, sobretudo os Xiitas.

[63] Trata-se de três célebres poetas e escritores egípcios: Ahmad Shawqi (1868-1932), Hafez Ibrahim (1871-1932) e Mustafa Lufti el-Manfaluti (1876-1924).

[64] "Gamai" significa beleza.

[65] Expressão que aqui quer dizer: "Que bom, que bom!"

[66] Abo Al-Ala el-Maarri (973-1058), célebre poeta e prosador árabe do Norte da Síria.

[67] Ahmad Maher e Mahmud en-Noqrashi, dois notáveis representantes do Wafd.

[68] Fórmula ritual que se encontra no início de cada surata do Alcorão.

[69] O paxá utiliza-a aqui querendo dizer que a noite mal começou. Lei Islâmica.

CAPÍTULO 10

À quinta-feira no final do almoço, toda a família de Khadiga se reunia conforme um costume ao qual não renunciavam. A sala acolhia o pai, Ibrahim Shawkat, Abdel Munim, Ahmad e também Khadiga que, visto que raramente podia estar sem nada fazer, se sentava no meio deles a debruçar uma toalha para a mesa.

A idade aparecia agora evidente em Ibrahim Shawkat, que, contudo, lhe havia oposto uma longa e enérgica resistência: os seus cabelos haviam encanecido e, se bem que tivesse levemente engordado, conservava uma saúde de suscitar inveja. Sentado no meio dos seus filhos, mantendo-se calmo e sereno, fumava um cigarro enquanto os seus olhos proeminentes reflectiam a indolência e a fleuma de sempre. Os dois jovens falavam sem descontinuidade, ora entre eles ora dirigindo-se ao pai ou à mãe; esta última, que participava na conversa sem erguer a cabeça do bordado, assemelhava-se a uma massa descomunal de carne e gordura.

Doravante, após a morte da sogra, ninguém podia importunar a sua tranquilidade, não mais havendo quem lhe disputasse a soberania em sua casa. Khadiga punha no cumprimento dos seus deveres um empenhamento que não abrandara tal como velava pela sua adiposidade, quintessência de toda a sua beleza, com grande cuidado; tentava impor o seu ascendente sobre todos os seus familiares, especialmente o marido e os dois filhos, mas, ao passo que o primeiro se submetia, Abdel Munim e Ahmad desbravavam o seu caminho, cada qual segundo as suas ideias, buscando no amor da mãe um escape para a sua tirania. A mulher, há já alguns anos, havia conseguido fazer com que o marido voltasse a respeitar as tradições religiosas e Ibrahim Shawkat habituara-se a fazer a oração e o jejum.

Abdel Munim e Ahmad haviam crescido naquela atmosfera mas agora, desde há dois anos, Ahmad havia cessado de rezar evitando normalmente os interrogatórios da mãe ou recorrendo a algum pretexto. Ibrahim Shawkat amava os filhos com um amor visceral e neles tinha muito orgulho; não perdia uma oportunidade para pôr em evidência os seus incessantes sucessos graças aos quais Abdel Munim chegara à Faculdade de Direito e Ahmad ao último ano dos estudos

secundários.

Khadiga, a este propósito, costumava dizer com uma certa vaidade:

- Tudo isso é fruto dos meus cuidados, se a incumbência te houvesse sido entregue, nenhum deles teria sido bem-sucedido ou gozaria hoje de qualquer consideração...

Há pouco, constatara-se que Khadiga, por falta de prática, havia esquecido as regras básicas da leitura e da escrita, pelo que se tornara no alvo das setadas mordazes de Ibrahim a tal ponto que os filhos, para retribuir tantos favores (quanto orgulho tinha nestes!) decidiram ajudá-la a lembrar aquilo que havia esquecido. Khadiga, num primeiro momento, inquietou-se, no entanto, depois riu longamente e, resumindo a questão em poucas palavras, declarou:

- Uma mulher não necessita de escrever ou de ler se não deve escrever cartas de amor!

Ela parecia feliz e satisfeita no seio da sua família, embora não lhe agradasse que Abdel Munim e Ahmad tivessem tão pouco apetite e irritava-se com a magreza destes de tal modo que repetia com algum ressentimento:

- Disse mil vezes que bebessem de manhã camomila antes de comerem para que vos abrisse o apetite; têm de comer muito, não vêm como o vosso pai faz?

Os dois jovens sorriram voltando-se para o pai, que disse:

- Mas por que razão não tomas o teu exemplo pessoal, tu que comes como um moinho?

- Deixo-lhes a liberdade de avaliar e de escolher - respondeu Khadiga sorrindo.

- O teu mau-olhado atingiu-me, minha velha, foi por esta razão que o médico me aconselhou arrancar todos os dentes... - acrescentou Ibrahim num protesto.

Nos olhos da mulher lampejou uma expressão carinhosa enquanto dizia:

- Não te preocupes, o mal partirá com eles e, Inshallah^[70], em seguida não te queixarás mais de qualquer dor...

Nisso, Ahmad voltou-se para esta dizendo:

- O nosso vizinho, o inquilino do segundo andar, deseja adiar para o próximo mês o pagamento do arrendamento; encontrou-me nas escadas e pediu-me este favor!

A mulher, cujo semblante se ensombrou, replicou:

- E o que lhe respondeste tu?

- Prometi-lhe que falaria com o meu pai... -E já lhe falaste?...

- Não, estou a falar disso consigo!

- Nós não partilhamos com ele o seu apartamento e, assim sendo, ele não está autorizado a partilhar connosco os nossos meios de subsistência! Se formos condescendentes com ele, o inquilino do primeiro andar também fará a mesma coisa; não conheces as pessoas, não te metas naquilo que não te diz respeito...

Ahmad olhou para o pai perguntando-lhe:

- Qual é a sua opinião, pai?

- Tem piedade de mim! Não me importunes, tens a tua mãe... O jovem voltou-se de novo para a mãe prosseguindo:

- Se usarmos de benevolência para com um homem que se acha numa situação difícil, não morreremos com certeza à fome...

Khadiga respondeu, agastada:

- A mulher falou comigo e adiei o pagamento, fica sossegado, no entanto, fiz-lhe observar que o arrendamento da casa deve ser pago tal como se pagam as despesas com a alimentação: acaso errei? Por vezes é--me reprovado o facto de não me tornar amiga das vizinhas, contudo, quem conhece as pessoas agradece a Allah a solidão...

- E nós porventura somos melhores que os outros? - recomeçou a perguntar Ahmad, com uma piscadela de olho.

Khadiga, franzindo o sobrolho, respondeu:

- É evidente, a não ser que tenhas uma opinião sobre ti diversa!

Abdel Muním acudiu:

- A opinião que tem sobre si mesmo é que ele é superior a todos, que não existe outra opinião que não seja a dele e que a sabedoria é algo que lhe foi reservado em exclusive.

- O teu irmão é também da opinião que as pessoas possam arrendar casas sem pagar o aluguer! - acrescentou Khadiga zombeteira.

- Na realidade, Ahmad não está sequer convencido do facto de que algumas pessoas têm o direito de possuir casas... - retorquiu Abdel Munim a rir.

- Essas ideias infelizes são um pecado... - disse Khadiga meneando a cabeça.

Ahmad fitou o irmão com um olhar enfurecido e Abdel Munim,

encolhendo os ombros com indiferença, disse:

- Pensa bem antes de te encolerizares... Ahmad insurgiu-se:
- Faríamos melhor se não continuássemos esta discussão!
- Ou antes, espera até teres idade suficiente...
- Tens apenas um ano a mais do que eu...
- Mesmo se tivesse apenas um dia a mais, sempre seria um ano mais

avisado do que tu.

- Não acredito neste provérbio.
- Escuta, só há uma coisa que me interessa: que recomeces a rezar comigo...

Khadiga abanou a cabeça muito desgostosa e disse:

- O teu irmão tem razão. As pessoas, ao crescerem, tornam-se sensatas, mas tu... Deus me guarde de ti! Até o teu pai voltou a rezar e a jejuar, mas como fizeste para te tornares assim? Pergunto-mo noite e dia!

Abdel Munim respondeu com uma voz forte, seguro de si mesmo:

- Com toda a sinceridade, a cabeça dele precisa de ser purificada por dentro...

-Ele...

- Escuta, mãe, este jovem não tem religião; é no que cheguei a acreditar...

Ahmad agitou a mão como que enraivecido e vociferou:

- A partir de que fundamentos te arrogas o direito de julgar o coração dos outros?

- As acções deixam transparecer a consciência - depois, simulando um sorriso, acrescentou: - Inimigo de Allah!

Ibrahim Shawkat, sem perder a calma e a impassibilidade, interveio:

- Não acuses injustamente o teu irmão.

Khadiga, voltando-se para Abdel Munim e observando Ahmad, continuou:

- Não prives o teu irmão da coisa mais inestimável que o homem pode deter! Como é possível que não seja crente? Aos membros da família materna faltam simplesmente os turbantes para serem em tudo homens de religião^[71]: o seu bisavô era um verdadeiro homem de fé! Crescemos rodeados por pessoas que rezavam e se consagravam ao serviço de Allah como se estivéssemos numa mesquita!

Ahmad replicou sardónico:

- Como o tio Yassin.

Ibrahim Shawkat deixou escapulir uma gargalhada e Khadiga, exasperada, disse:

- Fala de forma educada do teu tio, o que tens a reprovar-lhe? O seu coração está cheio de fé e Deus guia-o. Olha para o teu avô, para a tua avó.

- E o meu tio Kamal?

- O teu tio Kamal é um devoto de el-Hussein, não sabes nada.

- Há demasiadas pessoas que nada sabem...

- Se todas as pessoas descurassem a religião, isto seria uma boa coisa para ti? - perguntou-lhe Abdel Munim enfurecido.

- Seja como for, fica sossegado, não terás de continuar a expiar pelas minhas culpas - respondeu Ahmad com serenidade.

- Deixem de brigar, gostaria que se parecessem com o vosso primo Ridwan - disse então Ibrahim Shawkat.

Khadiga fixou-o com um olhar carregado de ressentimento como se lhe desagradasse que Ridwan fosse considerado melhor do que os seus filhos. Ibrahim recomeçou a explicar o seu ponto de vista:

- Aquele jovem mantém boas relações com os grandes homens da política; é inteligente e assegurou para si um futuro brilhante...

Khadiga, irritada, respondeu:

- Não sou da tua opinião. Ridwan é um jovem desafortunado como todos aqueles que têm a má sorte de serem privados dos cuidados maternos. Com efeito, a "senhora" Zannouba não se interessa verdadeiramente por ele; eu não me deixo enganar pelo facto de o tratar bem porque a sua política é comparável à dos Ingleses! Assim sendo, o infeliz jovem não tem domicílio fixo, passa a maior parte das noites fora de casa; quanto às suas ligações com figuras importantes, são coisas desprovidas de sentido; ainda é um simples estudante e frequenta o mesmo ano do curso de Abdel Munim: o que significa nesse caso este seu perigoso imiscuir-se num mundo que não é o seu? Não sabes escolher os exemplos!

Ibrahim lançou-lhe um olhar como que a querer exprimir "nunca concordas comigo" e continuou a desenvolver o seu pensamento, dizendo:

- Os jovens de hoje não são como aqueles de antigamente: a política modificou tudo; todas as pessoas importantes têm os seus seguidores

entre os jovens e quem tem ambição e quer abrir um caminho não pode deixar de se virar para uma figura poderosa. O teu pai deve a sua posição excelente às estreitas relações que sempre manteve com diferentes personalidades!

Khadiga respondeu com altivez:

- São as pessoas que procuram conhecer o meu pai, não é ele quem corre atrás delas; quanto à política, os meus filhos não se interessam por nada disso. Se tivessem podido ver o tio que morreu como mártir, perceberiam por eles próprios o significado das minhas palavras. Foi a gritar "Viva fulano" e "Abaixo sicrano" que morreram tantos bons rapazes! Se o saudoso Fahmi fosse vivo, seria hoje um juiz afamado.

Abdel Munim acrescentou:

- Cada qual tem o seu modo de agir, nós não imitamos ninguém. Se quiséssemos ser como Ridwan, sê-lo-íamos!

- Muito bem falado! - exclamou Khadiga.

- És como a tua mãe, ambos incomparáveis - comentou com um sorriso o pai.

Bateram à porta e, pouco depois, entrou a criada anunciando a visita da vizinha, a inquilina do primeiro andar. Khadiga, levantando-se, disse:

- Quem sabe o que quer... caso se trate de adiar o pagamento do arrendamento, um acerto entre nós só se encontrará na esquadra de el-Gamaliyya!...

[\[70\]](#) mesmo que "Se Deus quiser".

[\[71\]](#) Alusão aos turbantes que distinguem os homens que se consagram ao estudos islâmicos.

CAPÍTULO 11

O bairro de el-Muski estava apinhado, aos habitantes da zona - já de si numerosa - havia-se juntado naquele dia uma nova vaga de gente procedente da praça de el-Ataba. O sol luminoso de Abril incendiava o ar; Abdel Munim e Ahmad, completamente transpirados, tentavam abrir passagem com imensa dificuldade.

Ahmad, agarrando no braço do irmão, disse:

- Fala-me dos teus sentimentos...

Abdel Munim, após breve reflexão, respondeu:

- Não sei o que te posso dizer, a morte é uma coisa aterradora, o que dizer então quando se trata da morte de um rei? A rua ao longo da qual o cortejo fúnebre passou estava atulhada de pessoas como nunca me acontecera ver. Não tendo assistido ao funeral de Saad Zaghlul, não posso estabelecer uma comparação entre as duas cerimónias mas tive a impressão de que a maioria das pessoas estava emocionada; algumas mulheres choravam! Nós, os Egípcios, somos um povo sentimental!...

- Mas pergunto-te quais são os "teus" sentimentos.

Abdel Munim, tentando não esbarrar nos transeuntes, após breve e nova cogitação, respondeu:

- Partilho os sentimentos de todos: não o amava e, portanto, não estou desolado, mas também não estou satisfeito. Segui o caixão com um olhar desapaixonado, nada senti por ele ou contra ele. No entanto, a ideia do déspota jacente no caixão produziu em mim um certo efeito; um espectáculo deste género não podia deixar de me emocionar.

Todavia, o poder pertence unicamente a Allah, o Vivo, o Eterno; quem me dera que as pessoas disso se dessem conta! Se o monarca tivesse morrido anteriormente, numa conjuntura política diversa, muitos, muitíssimos teriam soltado trinados de júbilo. E tu, quais são os teus sentimentos?

- A mim não me agradam os ditadores, seja qual for a conjuntura política.

- Tudo bem, mas o que achas do espectáculo da morte?

- Não me agrada tão-pouco o romantismo bafiento.

- Então sentiste prazer? - perguntou Abdel Munim com um certo

incómodo.

- Gostaria de viver tempo bastante para ver o mundo livre de todos os tiranos, independentemente dos seus nomes e das suas características...

Os dois permaneceram alguns instantes em silêncio, derrotados pela fadiga, após o que Ahmad retomou:

- E agora o que irá acontecer?

Abdel Munim respondeu no tom de convicção que o caracterizava:

- Faruq^[72] é ainda um adolescente, não tem a subtileza do pai nem a sua astúcia; se as coisas correrem pelo melhor, as negociações hão-de obter bom êxito, o Wafd regressará ao poder, e teremos uma relativa estabilidade e a época das conspirações conhecerá finalmente um termo... o futuro dá-nos esperança...

- E os Ingleses?

- Se as negociações tiverem bom êxito, a nossa ligação com os Ingleses tornar-se-á positiva e, por conseguinte, romper-se-á a actual aliança anti-popular entre eles e o Palácio; o rei será então forçado a respeitar a Constituição.

- O Wafd é a melhor coisa...

- Sem dúvida alguma! O Wafd não esteve no poder tempo suficiente para que se possa avaliar a sua força efectiva mas, dentro em breve, a experiência revelará as suas potencialidades. Estou de acordo contigo, este é o melhor partido, mas as nossas aspirações vão igualmente muito para além disso.

- Claro, tenho a certeza de que o governo wafdistas poderá ser um bom ponto de partida para uma mais ampla evolução, e é tudo o que pode fazer; mas achas realmente que encontraremos um acordo com os Ingleses?

- Ou alcançaremos o acordo ou então voltaremos ao governo de Sidqi. No nosso país, há uma indestrutível reserva de traidores cuja única função sempre foi a de castigar o Wafd cada vez que dizia "não" aos Ingleses... esta gente está sempre de atalaia e este é que é o drama...

Quando os dois jovens alcançaram o Novo Caminho, acharam-se de forma inopinada defronte do avô Ahmad Abdel Gawwad, que se dirigia para o bairro de es-Sagha. Foram ao seu encontro e cumprimentaram-no com grande respeito. O avô, sorrindo, perguntou-lhes:

- Donde vêm e para onde vão?

- Assistimos às exéquias do rei Fuad - respondeu Abdel Munim. O homem, sempre com um sorriso nos lábios, disse:

- Louvados sejam!

A seguir, saudou-os e cada qual prosseguiu o seu caminho. Ahmad observou durante algum tempo o velhote que se afastava, após o que disse:

- O avô continua amável e elegante e dele emana como que um perfume bom.

- A mãe conta coisas extraordinárias sobre a sua prepotência...

- Não acredito que seja um tirano, não consigo imaginar tal coisa.

Abdel Munim riu e disse:

- Também o rei Fuad, no final do seu reinado, parecia simpático e bondoso.

Os jovens desataram a rir e encaminharam-se para o café de Ahmad Abdu. Na sala que fazia frente à fonte, Ahmad avistou o sheikh de barba comprida, olhar incisivo, sentado no meio de um grupo de jovens que o fitavam com enorme atenção. Ahmad deteve-se e disse ao irmão:

- Ali está o teu amigo, o sheikh Ali el-Menufi, "E a terra fez sair os seus pesos"^[73]; tenho de te deixar aqui...

Abdel Munim acrescentou:

- Ora vem sentar-te connosco! Gostaria que ficasses ao seu lado para que o ouvisses. Argumenta com ele se bem te aprouver; muitos dos que estão à sua volta são estudantes universitários...

- Não, meu velho, uma vez estive a modos de o defrontar numa querela; os fanáticos não me agradam! Adeus!

Abdel Munim fixou-o com um olhar de reprovação, após o que lhe disse muito secamente:

- Adeus! Que Allah te conduza pelo caminho da rectidão!

Abdel Munim avançou para o grupo que circundava o sheikh Ali el-Menufi, director da escola primária el-Husseini. O homem, imitado por todos os que estavam sentados à sua volta, levantou-se para o receber; os dois abraçaram-se e, a seguir, o sheikh, sentando-se junto dos demais, após ter examinado com o seu olhar penetrante Abdel Munim, observou:

- Não te vimos ontem.

- Tinha de estudar.

- Parece-me uma desculpa admissível, mas por que motivo o teu irmão te deixou e se foi embora?

Abdel Munim sorriu sem replicar, pelo que o sheikh Ali el-Menufi acrescentou:

- É Deus aquele que guia!... Não se espantem com o jeito de se comportar de Ahmad: o nosso Grande Mestre^[74] deparou-se com inúmeros jovens iguais a ele que hoje estão entre os mais fiéis seguidores da sua propaganda e isso porque, se Allah deseja guiar no caminho da rectidão as pessoas, o Demónio sobre elas não tem poder algum. Somos soldados de Allah, propagamos a Sua luz e combatemos os Seus inimigos, somos os únicos que Lhe havemos ofertado em dádiva as nossas almas; quão grande é a ventura dos soldados de Allah!

Um dos presentes replicou então:

- Porém, o reino do Demónio é enorme!

O sheikh Ali el-Menufi sentenciou então num tom de condenação:

- Eis alguém que teme o universo do Demónio quando Allah está perto dele! O que se lhe poderá dizer? Estamos com Allah e Allah está connosco, o que haveríamos de recear? Que soldados, no mundo, dispõem de idêntica força? Que arma será mais acerada? Os Ingleses, os Alemães, os Italianos confiam principalmente na civilização materialista, vós, pelo contrário, tendes como esteio a fé sincera; a fé quebra o ferro, a fé é a maior força no mundo: enchei de fé os vossos corações puros e o mundo pertencer-vos-á...

Outro acrescentou:

- Somos crentes, no entanto, a nossa nação é fraca! O sheikh cerrou o punho, apertando-o, e vociferou:

- Se sentes alguma fraqueza, é porque a tua fé é deficiente sem que de tal te dê conta; a fé desenvolve a força e dá-lhe ímpeto. As bombas são obras de mãos idênticas às nossas, são fruto da força antes de serem o agente gerador dessa. Como pôde o Profeta vencer as gentes da Arábia? Como puderam os Árabes dominar o mundo inteiro?

Abdel Munim acrescentou cheio de entusiasmo:

- A fé... a fé.

Mas outra voz indagou:

- Mas como podem os Ingleses ser tão poderosos sem serem

crentes? O sheikh, passando os dedos por entre a barba, disse com um sorriso:

- Toda a pessoa poderosa tem a sua fé! Eles acreditam na pátria e nos interesses materiais; mas a fé em Allah está acima de todas as coisas. Aqueles que têm fé em Allah merecem ser mais fortes do que os que acreditam nesta vida. Nós, Muçulmanos, temos entre as mãos um tesouro que devemos fazer prosperar. O Islão deve voltar a viver tal como o momento do seu advento. Nós somos muçulmanos apenas de nome, devemos sê-lo de verdade. Allah deu-nos o Seu livro e ternos fingido ignorá-lo, merecemos, portanto, as actuais condições de aviltamento. Retornemos ao livro de Allah, voltemos ao Alcorão, nosso símbolo, como o pregou o nosso Guia em Ismailiyya. A sua mensagem, logo que foi proferida, penetrou nas almas, conquistou países e aldeias enchendo todos os corações...

- Mas não seria algo de sensato mantermo-nos arredados da política?

- A religião é dogma, lei e política. Allah é por demais misericordioso para deixar as questões humanas mais graves desprovidas de legislação ou guia. Esta será, na verdade, a nossa lição desta noite.

O sheikh estava cheio de entusiasmo, o seu método era o de enunciar uma certa realidade, em torno da qual giravam depois os debates animados pelas perguntas dos seus seguidores e pelas suas próprias respostas, que consistiam na sua grande maioria em citações do Alcorão e dos Hadith^[75]. Falava como se pregasse ou como se se estivesse a dirigir a todos os que estavam presentes no café.

Ahmad, sentado no fundo da sala, escutava-o com um sorriso levemente irónico, sorvendo chá verde. Ele media, com estupefacção, o abismo que existia entre ele e aquele grupo de fanáticos, e experimentava por eles menosprezo e irritação. Num certo momento, foi acometido por um desejo de provocação e pensou pedir ao sheikh que baixasse o tom de voz para não perturbar a tranquilidade dos clientes do café; porém, ao recordar que no meio dos seguidores do sheikh também estava o irmão, renunciou ao seu intento e não achou nada melhor senão abandonar o local, pelo que se levantou, exasperado, e partiu.

^[72] Após a morte do rei Fuad (sultão do Egipto entre 1927 e 1922 e,

mais tarde, rei até 28 de Abril de 1936, data da sua morte) foi proclamado rei o seu filho Faruq. Este nascera em 1920, pelo que ainda era menor. Assim, o exercício do poder foi entregue a um conselho de regência.

[73] Alcorão, XCIX, versículo 2. Aqui utilizado com o significado de "é o Dia do Juízo".

[74] Refere-se ao sheikh Hassan el-Banna, fundador e chefe supremo da sociedade dos "Irmãos Muçulmanos" (1927-1928) que foi assassinado no Cairo em 1949.

[75] Relação dos actos e das palavras do Profeta.

CAPÍTULO 12

Abdel Munim voltou para es-Sukkariyya por volta das oito da noite.

Tendo o frio abrandado, o tempo estava mais ameno e alastrava-se a doçura da incipiente Primavera. A lição continuava a fermentar na sua cabeça e a ribombar no seu coração; mas a sua capacidade de se dedicar a esta e de a reelaborar atenuara-se.

Atravessou o pátio da casa envolto na densa escuridão e dirigiu-se para a escada.

Abriu-se então a porta do primeiro andar e, à luz que coava do interior do apartamento, divisou uma figura indistinta que, furtiva, saía e fechava a porta e, tendo-o lóbrigado, o precedeu na direcção da escada. O seu coração principiou a palpar, o sangue a escorrer, acelerado, nas veias qual insecto agitado pelo calor ardente. Viu-a na obscuridade contemplá-lo, esperando-o no primeiro patamar. Ele agiu da mesma maneira, continuando a olhar para ela como que incrédulo quanto à capacidade dos jovens de enganarem os adultos. A rapariga, com efeito, afastara-se de casa com o pretexto de ir visitar os vizinhos, coisa que faria sem dúvida mas unicamente depois de se ter exposto corajosamente numa aventura arriscada no patamar mergulhado na escuridão. Abdel Munim sentia a cabeça vazia, tendo-se esvaecido e sumido as ideias que ali se haviam digladiado até há um minuto.. O seu ser estava concentrado num único anseio: o de saciar o desejo que já há algum tempo lhe atormentava os nervos e os membros.

A sua fé sincera parecia ter-lhe voltado as costas irada, ou ter-se aninhado no seu íntimo, rosnando com indignação mas sem que se lhe ouvisse a voz abafada no crepitar do fogo abrasador. Acaso não era ela a sua namorada?

Mas é evidente! Podiam testemunhá-lo todos os recessos do pátio, a caixa da escada, o lado do terraço que dava para es-Sukkariyya; sem dúvida, ela havia estado à espera do seu retorno para encontrá-lo no momento oportuno. Tamanha canseira só por causa dele! Apressou-se a ir ao seu encontro, com uma certa prudência, e deteve-se diante dela no patamar; nada havia que os separasse. O perfume dos cabelos da rapariga saturava as suas narinas e a sua respiração sôfrega acariciava-lhe o pescoço. Aflorando-lhe o ombro, Abdel Munim sussurrou com

meiguice:

- Subamos até ao segundo patamar, assim estaremos num local mais seguro do que este.

A rapariga precedeu em silêncio o jovem, que a seguiu com uma certa precaução, até que, chegados ao patamar que se achava entre os dois andares, ela se deteve apoiando-se na parede e Abdel Munim se pôs diante dela, cingindo-a com os seus braços, após ela ter oposto uma breve resistência, como de costume, antes de se entregar ao seu amplexo...

- Meu amor...

- Esperei por ti à janela; a mãe está ocupada com os preparativos para a festa do Shimm en-Nasim^[76].

- Parabéns! Faz-me respirar o zéfiro dos teus lábios...

Os lábios deles encontraram-se num longo e cúpido beijo, após o que a jovem perguntou:

- Onde estavas?

Abdel Munim regressou por um instante passageiro à lição de política sobre o Islão, mas respondeu:

- No café, com alguns amigos.

- No café, quando só falta um mês para os exames? - disse a rapariga num tom de censura.

- Mas eu conheço perfeitamente a minha obrigação; dar-te-ei um segundo beijo para te punir pela má opinião que tens de mim...

- A tua voz é demasiado forte, esqueceste onde nos encontramos?

- Estamos em nossa casa, no nosso quarto... este patamar é o nosso quarto!

- A tarde, enquanto voltava da casa da minha tia, olhei para cima na expectativa de te ver à janela, quando eis de súbito vi a tua mãe fitar a ruela; os nossos olhares cruzaram-se e estremeci de medo.

- De que tiveste medo?

- Tive a impressão de que ela sabia o que eu procurava e que tinha descoberto o meu segredo...

- Queres dizer o "nosso" segredo, é uma só coisa aquela que nos une; além do mais, não somos nós uma só coisa?

Estreitou-a com força contra o peito, dominado por um desejo exasperado, como se, ao mesmo tempo, quisesse encontrar uma escapatória para fugir às vozes que, ténues, protestavam no seu íntimo

com desesperada resignação. Então, um fogo incandescente inflamou-o e foi possuído por uma força capaz de fundir dois seres numa voragem... Um suspiro profundo seguiu-se ao silêncio, depois uma alternância de arquejos e finalmente sentiu que ele era ele e que ela era ela e que a escuridão mantinha unidas duas sombras... depois atingiu-o o doce murmúrio da rapariga que, receosa, dizia:

- Encontramo-nos amanhã?

- Sim... sim, sabê-lo-ás atempadamente... - respondeu com uma nota de agastamento que se esforçou por ocultar.

- Diz-mo lá agora!

- Não sei como será o meu dia de amanhã! - respondeu ele enquanto, numa irritação crescente, descobria um peso cada vez maior sobre o seu coração.

- Porquê?

- Vai-te embora depressa, ouvi uma voz!

- Não, não se ouve a mínima voz.

- Ninguém nos deve encontrar assim!

Passou-lhe a mão sobre o ombro como se faria com um vestuário emporcalhado, libertou-se dos seus braços com falsa doçura e, lesto, subiu a escada.

Os seus pais estavam sentados na sala a ouvirem a rádio; a porta da sala de estudo estava fechada mas a luz que dela coava era sinal de que Ahmad estava a estudar. Abdel Munim cumprimentou o pai e a mãe como todas as noites, após o que se dirigiu para o quarto para se despir. Tomou banho, fez as abluções, voltou ao seu quarto e, depois de ter rezado, sentou-se no tapete com as pernas cruzadas e deixou-se transportar por uma profunda meditação.

Os seus olhos fixavam o vazio com um olhar triste, o coração ardia-lhe de dor, a alma estava dominada por um ardente desejo de chorar. Implorou a Deus que afugentasse o Demónio do seu caminho e o amparasse no combate contra as tentações. Aquele Demónio que o arrostava, provocando-o sob a aparência de uma jovem e lhe infundia no sangue um desejo irresistível. À mente que, pertinaz, dizia "não", o coração respondia "sim", arrastando-o para um conflito medonho que se concluía inevitavelmente com a derrota e o arrependimento. Em cada dia, uma provação e, a cada provação, um inferno: quando terminaria aquele suplício? Toda a sua luta espiritual estava ameaçada

pela ruína, como se ele construísse castelos no ar. Quem se afunda no lodaçal jamais encontra paz! Quem lhe dera que, mediante o arrependimento, fosse possível resgatar a hora passada!

[\[76\]](#) Literalmente, significa "respirar o zéfiro". É o nome dado à festa da Primavera que se celebra no Egipto passando o dia nos jardins e parques de recreio em família.

CAPÍTULO 13

Ahmad Ibrahim Shawkat alcançou por fim a sede da revista O Homem Novo, em Ghamra. O edifício, que compreendia dois andares e uma cave, situava-se entre duas estações de eléctricos.

Ahmad compreendeu, de súbito, devido às roupas estendidas à varanda, que o andar superior estava reservado à habitação.

No primeiro andar, pelo contrário, havia uma porta ladeada por um letreiro no qual estava escrito o nome da revista.

A cave estava destinada à tipografia e o jovem distinguiu as máquinas através das barras das janelas. Transpostos os quatro degraus que conduziam ao primeiro andar, ele perguntou à primeira pessoa que encontrou -um operário que segurava na mão as provas da impressão - pelo professor Adli Karim, o proprietário da revista.

O homem indicou-lhe, no fundo de uma sala vazia, uma porta fechada com a inscrição: "Redactor-Chefe". Ahmad avançou e olhou em seu redor à procura de um porteiro mas, achando-se sozinho diante da porta, após um instante de hesitação, bateu levemente até que lhe chegou, vinda do interior, uma voz que o convidava a entrar. Tendo aberto a porta, o seu olhar enxergou, no fundo da sala, dois grandes olhos, encimados por fartas sobancelhas brancas, que o fitavam com uma expressão interrogativa.

- Queira-me desculpar - disse e, após ter fechado de novo a porta atrás de si, acrescentou: - É só um minuto...

- Acomode-se - respondeu o homem com cortesia.

Ahmad aproximou-se da secretária, onde se amontoavam os livros e os papéis, e cumprimentou o professor, que se levantara para o receber. Só depois de o outro se ter novamente sentado é que o imitou e acedeu ao seu convite.

Aquele era, pois, o grande professor de que, no decorrer dos últimos três anos, recebera luzes e conhecimentos através dos livros e da revista!...

O jovem, experimentando uma sensação de contentamento e de orgulho, começou, de súbito, a fixá-lo com intensidade. Parecia que queria gravar nas pupilas aquele rosto descorado, marcado pela idade, emoldurado por cabelos encanecidos e que conservava, única

recordação da juventude afoita, dois olhos profundos de um fulgor incisivo. Aquele homem era o seu mestre, o "pai espiritual", como se acostumara a defini-lo, e achava-se agora ali, na "sala da inspiração" que não tinha paredes mas unicamente estantes com livros que se elevavam até ao tecto! O professor, com solicitude, disse-lhe:

- Bem-vindo!

Ahmad respondeu timidamente:

- Vim para renovar a minha assinatura... - depois, seguro do efeito positivo das suas palavras, acrescentou: - ... e para pedir informações sobre o artigo que enviei há duas semanas.

O professor Adli Karim disse-lhe a sorrir:

- Qual é o seu nome?

- Ahmad Ibrahim Shawkat.

O professor franziu o sobrolho pensativo, esforçando-se por recordar, após o que disse.-

- Agora vem-me à ideia, és o primeiro assinante da minha revista; sim, e contigo trouxeste outros três assinantes, não é verdade? Lembro-me do nome Shawkat e julgo ter-te enviado uma carta de agradecimento em nome da revista.

Ahmad, contente pelo facto de o mestre se ter lembrado dele, disse.-

- Recebi a sua carta na qual sou considerado "o primeiro amigo da revista"!

- É verdade, a revista O Homem Novo é uma revista de princípios e necessita de amigos fiéis para poder abrir um espaço entre as muitas publicações que detêm o monopólio no campo da informação cultural. Como amigo da revista, sê bem-vindo; contudo, até hoje, não me tinhas ainda honrado com a tua visita.

- Não, mas só obtive o diploma do secundário este mês...

- Mas acaso estás persuadido de que apenas os que possuem o diploma do secundário podem vir visitar a revista? - retorquiu o professor Adli Karim a rir.

Ahmad, com um sorriso um tanto confuso, acrescentou:

- Não, claro que não, quero dizer que ainda era muito jovem.

- Não é digno de um leitor da revista O Homem Novo calcular a idade tendo por base os anos; no nosso país, há pessoas idosas que já ultrapassaram os sessenta anos mas que ainda são jovens pela forma como pensam, e há jovens na primavera da vida que têm uma

mentalidade velha de mais de mil anos! Este é o mal do Oriente... - depois continuou num tom mais aprazível:

- Enviaste-nos artigos?

- Três artigos, cuja sorte foi a de terem sido ignorados; mas tinha esperança de que o quarto fosse publicado...

- Sobre que assunto? Perdoa-me mas recebo dezenas de artigos todos os dias.

- Sobre as teorias de Le Bon relativas ao ensino mais o meu comentário a esse propósito.

- Seja como for, podes pedir informações a este respeito na secretaria, na sala contígua.- assim, poderás ficar a saber o que aconteceu ao teu artigo.

Quando Ahmad estava preparado para se retirar, o professor Adli Karim fez-lhe sinal para que ficasse e disse:

- Como hoje a revista tem meio-dia de folga, gostaria que ficasses um pouco comigo para conversarmos.

- Com imenso prazer, meu senhor - balbuciou Ahmad muito satisfeito.

- Disseste que obtiveste o diploma do secundário este ano, quantos anos tens?

- Dezasseis anos.

- Ainda és muito novo, bom!... A revista está divulgada nas escolas secundárias?

-Infelizmente, não...

- Sei, a maioria dos nossos leitores é universitária; no Egipto, a leitura é ainda considerada um entretenimento barato, mas não poderá haver desenvolvimento algum enquanto não nos convenceremos de que essa é, pelo contrário, uma necessidade vital.

E, após um breve silêncio:

- E qual é a posição dos estudantes?

Ahmad fitou-o perplexo, quase que a pedir-lhe um posterior esclarecimento, e o outro acrescentou:

- Quero dizer, do ponto de vista político, que é onde se manifestam mais distintamente as posições de cada um...

- A grande maioria dos estudantes é wafdistas.

- Mas ouve-se falar de novos movimentos.

- O Jovem Egipto^[77]?... Não tem o menor peso, um grupo de

partidários que se contam pelos dedos! Os restantes partidos só têm apoiantes entre os parentes dos respectivos chefes; alguns não se interessam realmente pela política e os outros, entre os quais estou, preferem o Wafd, embora aspirem a algo de mais acabado...

O homem respondeu com uma certa satisfação:

- É aquilo que queria ouvir: o Wafd é o partido do povo e, ao mesmo tempo, é um movimento muito importante e espontâneo. O partido nacionalista de início era um partido "turco, religioso e reaccionário", ao passo que o Wafd estruturou o nacionalismo egípcio, purificando-o dos vícios e das torpezas, para além de ser uma escola do patriotismo e da democracia. Mas a questão reside no facto de que a pátria não se contenta nem se deve contentar com tal escola. Desejamos um novo estádio de evolução, desejamos uma escola social; a independência, com efeito, não é a última meta mas apenas um meio para alcançar os direitos constitucionais, económicos e humanos do povo.

- Como são belas essas palavras! - exclamou Ahmad cheio de entusiasmo.

- Mas o Wafd deve ser o ponto de partida; quanto ao Jovem Egipto, é um movimento fascista, reaccionário, criminoso, não menos perigoso do que o espírito religioso reaccionário e é um mero eco do militarismo alemão e italiano que idolatra a força, e tem por alicerce o despotismo, desprezando a dignidade e os valores humanos. O reaccionarismo, como a cólera e o tifo, é um mal endémico no Oriente e é imprescindível extirpá-lo...

Ahmad tornou a dizer com entusiasmo:

- O grupo dos leitores da revista O Homem Novo está profundamente convicto disso...

O homem sacudiu a sua grande cabeça muito desgostoso e acrescentou:

- É por isso que a revista é alvo de reaccionários de todas as tendências que me acusam de corromper a juventude!

- Tal como acusaram Sócrates no passado...

O professor Adli Karim sorriu satisfeito e disse:

- E tu, quais são as tuas intenções? Quero dizer, qual a Faculdade que te propões escolher?

- Letras...

O homem endireitou-se na cadeira e disse:

- A literatura é um dos melhores meios de emancipação contudo pode, por vezes, ser um instrumento do reaccionarismo; tens de saber escolher o teu caminho! O Al-Azhar^[78] e a Dar el-Uloum^[79] têm produzido uma literatura doentia que, ao longo de gerações, agiu sobre as mentes adormentando-as e aniquilando o pensamento. Seja como for, da forma como estão as coisas... e não te surpreendas se a preconizar tal opinião esteja um homem tido como um letrado... a ciência é o alicerce da vida moderna; temos a obrigação de estudar as ciências e de reeducar a nossa intelectualidade científica; quem desconhece as ciências, ainda que seja um génio, não pertence ao século XX. Também os letrados devem tomar parte na ciência que não pode ser considerada o domínio privativo dos cientistas; cabe a estes, sem dúvida alguma, tornarem-se peritos, aprofundarem a investigação, dedicarem-se à pesquisa e às descobertas, mas qualquer pessoa culta deve alumiar a sua mente à luz da ciência, desposar os seus princípios e os seus métodos, adoptar o seu estilo. A ciência deve tomar o lugar ocupado pela arte da divinação e da religião no mundo antigo...

Ahmad, convencido pelas palavras do seu mestre, disse:

- Assim sendo, a mensagem da revista O Homem Novo consiste no desenvolvimento da sociedade sobre alicerces científicos...

Adli, num tom circunspecto, acrescentou:

- Sim, cada um de nós tem de cumprir a sua obrigação, ainda que esteja sozinho em campo...

Ahmad meneou a cabeça em sinal de assentimento e o outro prosseguiu:

- Estuda, no entanto, a literatura, mas pensa no desenvolvimento da tua mente mais do que nas noções de memorização e não descures a ciência moderna. Na tua biblioteca, não devem estar ausentes, para além das obras de Shakespeare e de Schopenhauer, as obras de Comte, Darwin, Freud, Marx e Engels. Tem o entusiasmo das gentes da religião, mas não te esqueças de que cada época possui os seus profetas e que os da nossa são os cientistas.

O professor sorriu em sinal de despedida. Ahmad levantou-se, estendeu a mão para o cumprimentar, após o que abandonou a sala cheio de entusiasmo e de júbilo.

Na sala exterior, lembrou-se da assinatura e encaminhou-se para o

gabinete confinante à sala do professor; bateu, pediu licença e entrou. No gabinete, havia três secretárias: duas estavam desocupadas; por trás da terceira, estava sentada uma rapariga. Ahmad, que não contava com isso, estacou a observá-la, perplexo e surpreendido.

Tratava-se de uma rapariga de cerca de vinte anos, com a pele muito morena, olhos e cabelos negros. Alguma coisa na forma delgada do nariz, no queixo pontiagudo e nos lábios finos deixava transparecer nela um sentimento de força que, todavia, não prejudicava a sua beleza.

A rapariga, examinando-o, perguntou: ;

- Faça o favor de dizer!

- Vim para a assinatura... - respondeu ele à laia de justificação.

Ele pagou o montante exigido, recebeu o recibo e, em seguida, tendo entremetidos superado o embaraço inicial, começou a dizer:

- Enviei um artigo para a revista e o professor Adli Karim informou-me de que se encontra aqui na secretaria.

A rapariga instou-o a que se acomodasse numa cadeira diante da secretária; Ahmad sentou-se e a jovem perguntou-lhe:

- O título do artigo, por favor.

Ele respondeu, pouco à vontade, pelo facto de estar na presença de uma rapariga:

- "O Ensino segundo Le Bon".

Ela abriu um dossier e, tendo consultado algumas folhas, dele extraiu o artigo. Ahmad, ao distinguir a sua caligrafia, sentiu o seu coração latejar; tentou do seu lugar ler o que a vermelho fora escrito no artigo, mas a rapariga poupou-lhe o esforço de tal intento, declarando:

- Nele está escrito o que se segue: "Resumir e publicar na rubrica Cartas dos Leitores".

Ahmad sentiu-se frustrado nas suas expectativas e ficou a olhar para ela durante alguns instantes, sem conseguir falar e, por fim, perguntou:

- Em que número da revista?

- No próximo número.

- E quem o resumirá? - perguntou, após um momento de hesitação.

- Eu.

Dominado por um sentimento de exacerbação, insistiu:

- E o meu nome aparecerá?
- É evidente! - respondeu a jovem, rindo. - A fórmula usual preambular "Chegou-nos uma carta do escritor - e nisto ela deu uma olhadela para a assinatura - Ahmad Ibrahim Shawkat" será seguida pelo resumo fidedigno do teu pensamento!
Ahmad hesitou por alguns instantes e depois volveu:
- Teria preferido que fosse publicado na sua totalidade. A rapariga, sorrindo, respondeu:
- Da próxima vez, Inshallah... Observou-a em silêncio para, em seguida, se informar:
- Trabalhas aqui?
- Como vês. Foi acometido pela ideia de a interrogar sobre as suas habilitações, mas no derradeiro momento, faltou-lhe a coragem e limitou-se a dizer:
- Qual é o teu nome, por favor, para que eu possa telefonar e perguntar por ti caso seja necessário?
- Sawsan Hammad.
- Muito obrigado.
Ahmad levantou-se e saudou-a com um gesto de mão, depois, antes de abandonar a sala, voltou-se para ela e disse:
- Espero que o resumas com cuidado...
- Sei qual é o meu dever - respondeu sem olhar para ele. E este deixou a sala, arrependido por aquilo que dissera.

[77] Associação nacionalista que, com a sua organização paramilitar das Camisas Verdes, Únha-se, muitas vezes, manifestado contra o Wafd, que lhe opunha as Camisas Azuis. Fundada pelo advogado Ahmad Hussein, a associação teve notável peso na vida política dos estudantes entre 1934 e 1938, ano em que foi dissolvida.

[78] A mais famosa mesquita e universidade do mundo islâmico, fundada no Cairo no século X.

[79] Instituto de Ensino Superior, fundado no Cairo em 1872 por Ali paxá Mubarak para formar sobretudo os docentes de língua e literatura árabes e de ciências islâmicas para as escolas secundárias.

CAPÍTULO 14

Kamal estava na sua sala de estudo quando Umm Hanafi entrou para lhe dizer:

- O senhor Fuad el-Hamzawi está lá em baixo com o meu senhor grande...

Kamal levantou-se, enroscado na sua ampla gallabiyya, deixou a sala e apressou-se a descer.

Fuad regressara pois ao Cairo após um ano de ausência, o ilustre magistrado do Ministério Público de Qena regressara!... Ao sentimento de amizade e de simpatia, que instintivamente havia experimentado, adicionou-se, contudo, uma sombra de desapontamento... Com efeito, a sua amizade por Fuad vivera desde sempre num conflito entre o amor e a intolerância, a inveja e o carinho. Por mais que tentasse subtrair-se, elevando-se, por meio da razão, acima da mesquinha dos instintos básicos, tornava sempre a cair de novo.

Kamal, ao descer a escada, não tinha dúvidas, com efeito, de que aquela visita haveria de avivar nele as recordações felizes, embora reabrisse, ao mesmo tempo, feridas já quase cicatrizadas. Ao atravessar a sala onde estavam sentadas a sua mãe, Aisha e Naima para participar na "sessão do café", o jovem ouviu a mãe murmurar:

- Pedirá, com certeza, a mão de Naima...

Ao se aperceber da presença do filho, a mulher volveu:

- Olha, está aqui o teu amigo... como é atencioso, queria beijar-me a mão mas proibi-lho!

Kamal encontrou o pai sentado no sofá, como um buda, estando, na sua frente, Fuad numa poltrona. Os dois velhos amigos deram um aperto de mãos e Kamal disse:

- Louvado seja Allah pelo teu feliz regresso, sê bem-vindo! Estás de férias?

O sayyed Ahmad respondeu por ele, a sorrir:

- Não, foi recentemente transferido para o Ministério Público do Cairo, depois de uma longa ausência ligada ao seu cargo no Alto Egipto!

Kamal, sentando-se por sua vez no sofá, disse:

- Parabéns! De agora em diante, esperamos ver-te de quando em vez.

- É claro! - replicou Fuad. - Desde o começo do próximo mês, irei morar em el-Abbasiyya, onde aluguei um apartamento nas imediações da esquadra do bairro de el-Waili.

A aparência de Fuad não se alterara muito mas a sua saúde tinha visivelmente melhorado: engordara ligeiramente, o seu semblante adquirira um belo colorido, ao passo que os olhos continuavam animados pela habitual inteligência.

- E como está o teu pai? - perguntou-lhe o sayyed Ahmad. - Não o vejo desde há uma semana.

- Poderia estar melhor. É claro que continua a lamentar-se por ter deixado a loja. Esperemos, pelo menos, que o seu sucessor esteja à altura do trabalho.

- Por esse motivo, vejo-me agora forçado a vigiar o trabalho constantemente; o teu pai interessava-se por tudo isso. Que Allah o cure e lhe dê saúde... - acrescentou o sayyed.

Fuad endireitou-se e cruzou as pernas^[80], movimento esse que chamou a atenção de Kamal e o aborreceu um tanto, enquanto o pai pareceu não se aperceber de nada.

As coisas terão mudado a tal ponto?... Sim, era magistrado do Ministério Público e era, por conseguinte, muito importante, mas esquecera, porventura, quem era o homem sentado como um buda na sua frente? Meu Deus... E não se limitara a isso tão-somente... Fuad, em seguida, tirado um maço de cigarros e oferecido um ao sayyed que se escusara e lhe agradecera! Por certo, a nomeação ao Ministério Público era capaz de fazer esquecer muitas coisas... mas era desagradável que um tal esquecimento envolvesse também o sayyed, cujos méritos de benfeitor pareciam, de agora em diante, disseminados no vento juntamente com o fumo daquele cigarro de luxo!

No entanto, nos gestos de Fuad, nada havia de afectado: era doravante um senhor habituado a dominar...

O sayyed, voltando-se para Kamal, disse:

- Felicita-o igualmente porque de magistrado-adjunto foi promovido a magistrado do Ministério Público.

- Parabéns, parabéns - disse Kamal sorrindo para o amigo -, espero,

em breve, poder felicitar-te pelo teu cargo de juiz.

- O próximo passo, inshallah! - respondeu Fuad.

"É provável que, quando se tornar juiz, se julgue no direito de urinar na j frente do homem que se encontra sentado diante dele de pernas cruzadas! Ao passo que um professor de escola primária se há-de manter sempre como tal, embora esteja guarnecido de fartos bigodes e de toneladas de cultura que servem tão-só para tornar a sua cabeça pesada."

O sayyed Ahmad observou atentamente Fuad e perguntou-lhe:

- E qual é a situação política? Fuad, muito satisfeito, respondeu:

- O milagre aconteceu! O tratado foi firmado em Londres; enquanto ouvia a rádio anunciar a independência do Egipto^[81] e o fim do tempo das quatro reservas^[82], não podia acreditar nos meus ouvidos. Quem haveria de acreditar?

- Assim, estás entre os que estão satisfeitos com o tratado?

Meneando a cabeça ao jeito das pessoas influentes, Fuad disse:

- No geral, sim, o tratado tem opositores leais e outros que o não são. Se considerarmos as circunstâncias em que nos achamos e recordarmos que o nosso povo suportou, sem se revoltar, o governo de Sidqi, não obstante a sua dureza, devemos encarar este tratado como um passo vantajoso pois que aboliu as reservas, aplanou o caminho para a abolição das imunidades para os estrangeiros e estabeleceu um termo para a ocupação depois de tê-la circunscrito a uma determinada área. Trata-se, sem dúvida, de um passo excepcional!

O sayyed Ahmad, que era um admirador do tratado embora pouco documentado sobre as suas condições, teria desejado por parte do jovem uma maior sintonia com o seu próprio estado de ânimo, e, destarte um tanto decepcionado, acrescentou com teimosia:

- Seja como for, não devemos esquecer que o Wafd devolveu ao país a constituição e aplanou o caminho para a independência ainda que após longos anos...

Kamal pensava de si para si: "Fuad foi sempre 'frio' no tocante à política, e é provável que não tenha mudado embora pareça inclinar-se para o Wafd; ao passo que hoje eu, que sempre me deixei arrebatado pela paixão, me transformei e em nada mais acredito; mesmo a política não foi poupada à minha dúvida imensa. Todavia, o meu coração ainda continua a palpar pelo patriotismo, não obstante a

minha mente."

Fuad tornou a dizer, rindo:

- Nos períodos de tumulto, a procuradoria mantém-se na retaguarda ao passo que a polícia ocupa a linha da frente: é sempre assim! Se o Wafd voltasse ao poder, devolveria à procuradoria o seu papel, restringiria o da polícia porquanto, nos períodos de normal exercício do poder, a lei ocupa o primeiro lugar.

O sayyed comentou estas palavras dizendo:

- E como podemos esquecer o período de Sidqi? Os soldados, nos dias das eleições, agrupavam os cidadãos com os seus bastões e inúmeros dos nossos amigos mais notáveis viram as suas casas destruídas e faliram porque haviam permanecido fiéis aos princípios do Wafd. E quem vemos nós hoje? "O demónio" no seio da delegação, com as roupagens dos nacionalistas liberais!

Fuad disse:

- As circunstâncias impõem a união, união essa que não teria sido completa se também o demónio e os seus apoiantes não houvessem aderido; mas são os resultados que interessam!

O jovem manteve-se na companhia do sayyed durante um período de tempo em nada breve e, enquanto Fuad sorvia o café, Kamal observava-o com cuidado, reparando no seu elegante terno de seda branca e na rosa vermelha que ornamentava a botoeira e na personalidade forte que procedia da sua recente posição social. Sentiu, por conseguinte, no fundo da alma, que, apesar de tudo, ficaria contente se aquele jovem pedisse a mão da sobrinha. Mas Fuad não aflorou a questão e pareceu querer retirar-se. Com efeito, pouco depois, disse ao sayyed:

- Dou-me conta de que para si chegou o momento de partir para a loja. Quanto a mim, permanecerei ainda um pouco com Kamal e virei de novo visitar o sayyed Ahmad antes de ir para Alexandria, porque decidi passar lá as minhas férias desde os finais de Agosto até aos começos de Setembro.

Depois, pôs-se em pé, apertou a mão do sayyed despedindo-se dele e deixou o aposento precedido por Kamal.

Os dois jovens subiram juntos a escada que conduzia ao andar de cima e detiveram-se na biblioteca. Fuad, sorrindo, começou a examinar com cuidado os livros enfileirados nas estantes e depois

perguntou:

- Posso pedir-te um livro emprestado?

Kamal, dissimulando um certo mau humor, respondeu:

- Com muito prazer. O que costumas ler nos teus tempos livres?

- Tenho as antologias de poesia de Shawqi, de Hafez e de

Mutran^[83], alguns livros de el-Jahiz^[84] e de el-Maarri, mas prefiro a obra A Literatura da Vida e da Religião^[85] e a produção dos nossos autores contemporâneos. Leram também algumas obras de Dickens e de Conan Doyle; mas a dedicação ao direito absorve-me a maior parte do tempo...

Fuad, depois de se ter levantado e ter dado uma voltinha, observando os livros e lendo os seus títulos, regressou ao seu lugar e, num suspiro, tornou a dizer:

- Uma biblioteca só com obras de filosofia é um campo no qual não tenho nem camelo fêmea nem camelo macho^[86]. Leio a revista el-Fikr na qual escreves e, desde há vários anos, sigo os teus artigos que nela são regularmente publicados; não quero com tal dizer que os li todos nem que me recordo de alguns deles. Não há nada mais enfadonho do que ler um artigo de filosofia! E um magistrado do Ministério Público é um homem sobrecarregado de trabalho... Porque não escreves sobre temas mais aprazíveis?

Kamal havia frequentemente ouvido a declaração do fracasso dos seus esforços, mas não se afligira por demais pois que a tal se afizera. A dúvida, no seu alcance assolador, consome também a tristeza! Mas, no fundo, o que é a notoriedade? E o que é o talento de chamar a atenção? Porém, aquilo que o divertia muito era o facto de Fuad não encontrar nele uma maneira agradável para passar o tempo livre...

- O que queres tu dizer com "temas mais aprazíveis"? - perguntou.

- Por exemplo, a literatura.

- Li, muitas vezes, obras magníficas na época em que andávamos juntos mas não sou um escritor...

- Então fica a sós com a filosofia! Acaso não serás um filósofo? - replicou Fuad a rir.

"Acaso não serás um filósofo?" Esta frase que estava gravada no seu coração fê-lo estremecer de espanto ao ouvi-la repetida, tal como sempre lhe acontecia desde que esta lhe fora dirigida por Aida na Rua de es-Sarayyat! Para disfarçar o desassossego que dele se apoderara,

soltou uma gargalhada; depois recordou o tempo em que Fuad tentava granjear a sua amizade seguindo-o qual sombra. Agora era ele, pelo contrário, quem o observava: aquele homem que se tornara importante, digno de ser cortejado e tratado com veneração! "O que obtive 'eu' da minha vida?"

Observando os bigodes do amigo, de repente, Fuad desatou a rir e disse:

- Mesmo que...

Pela expressão dos olhos de Kamal percebia-se que este se interrogava sobre o significado daquela exclamação, pelo que o outro lhe disse:

- Ambos caminhamos para os trinta sem termos casado. A nossa geração está pejada de solteiros, a geração da crise! Insistes na tua opinião?

- Não me afasto dela nem uma passada.

- Não sei porquê mas tenho a certeza de que nunca hás-de casar!

- Sempre foste muito perspicaz...

Fuad, sorrindo amavelmente como que a querer se justificar de antemão por aquilo que iria dizer, respondeu:

- És por demais egoísta, queres ser o único senhor da tua existência, caro, o Profeta casou, o que não o impediu de desenvolver a sua extraordinária vida espiritual... Depois, tornando a rir:

- Desculpa-me se dei o exemplo do Profeta, havia esquecido que tu... mas devagar, já não és o ateu de antigamente, agora chegas ao extremo de duvidar do ateísmo, e isso é um passo de conquista da fé...

Kamal respondeu com toda a serenidade:

- Deixemos de lado a filosofia que não te agrada, diz-me antes por que razão não te casaste tu visto essa ser a tua opinião sobre o celibato!

Logo após ter pronunciado aquelas palavras, Kamal deu-se conta de que não deveria ter colocado a Fuad uma semelhante questão com receio de que a interpretasse como um desejo de o levar, a pouco e pouco, a falar sobre o seu noivado com Naima! Mas Fuad pareceu não notar, pois soltou uma gargalhada estrepitosa sem todavia perder a dignidade, para em seguida acrescentar:

- Sabes perfeitamente que me entreguei a uma vida de devassidão só com um atraso relativo, não agi como tu que, pelo contrário, te

iniciaste muito depressa; ainda não fiquei saciado!

- Assim sendo, há-de casar quando ficares saciado?

Fuad esboçou um gesto com a mão como que a querer repelir da sua pessoa uma mentira e acrescentou num tom de confiança:

- Se esperei até hoje, posso esperar um pouco mais, até ao momento em que me torne juiz, por exemplo, e me for possível tornar-me genro de um ministro, se o quiser...

"O filho de Gamil el-Hamzawi!... Uma esposa, filha de um ministro, tendo uma sogra em el-Mabyada^[87]! Desafio Leibniz a justificar semelhante coisa, como justifica a existência do mal nas criaturas!"

- Claro, encaras o casamento sob uma óptica...

- Mais apropriada do que a de quem nem um olhar lhe concede! - interrompeu-o Fuad a rir sem aquele ter completado as suas palavras.

- Mas a felicidade...

- Não te ponhas a filosofar! A felicidade é uma arte pessoal, podes encontrá-la junto da filha de um ministro como podes não encontrar senão infelicidade no teu meio. O casamento é um contrato como aquele que ontem foi firmado por en-Nahas e que subentende: negociação, cálculo, astúcia, perspicácia, vantagens e desvantagens. No nosso país, este é a única maneira de ascender socialmente. Na semana passada, foi nomeado conselheiro um homem ainda só com quarenta anos, ao passo que eu poderia quicá permanecer na magistratura toda a minha vida, mesmo se me aplicasse com afinco e me sacrificasse ao mais alto grau, sem nunca alcançar uma tal posição!

"E o que dizer de um professor primário do sexto escalão embora com a cabeça atulhada de filosofia?..."

- Na tua situação, poderias prescindir de semelhantes aventuras...

- Sem estas aventuras, nenhum primeiro-ministro teria conseguido formar um ministério!

Kamal esboçou um sorriso incompleto e disse:

- Precisavas de um pouco de filosofia, uma pequena dose de Espinosa...

- Empanturra-te mas poupa-me e fala-me antes dos locais onde nos podemos divertir e beber. Em Qena, era forçado a viver com discrição as horas de prazer; a nossa posição obriga-nos a viver isolados, evitando ao máximo os seres humanos; além do mais, a constante luta entre nós e a polícia constrange-nos a ser extremamente cautelosos. O

cargo de magistrado do Ministério Público é perigoso e extenuante...

"Lá estamos nós de regresso ao tema de conversa que ameaçou de rebentamento a minha vesícula! O nosso convívio é para mim a oportunidade de aprender e de me aperfeiçoar mas também é, ao mesmo tempo, o mais difícil exame relativo à confusa filosofia da existência..."

- Como podes imaginar, as circunstâncias levam-me a ter de contactar com numerosas personalidades e, quando estas me convidam para os seus palácios, considero que é meu dever declinar os convites para evitar que alguém me possa influenciar no exercício das minhas funções. Mas o entendimento delas não consegue conceber tal coisa, pelo que todos os poderosos da região me julgam arrogante quando estou inocente de tudo isso.

"Para além de estares saturado de arrogância, estás simultaneamente obcecado com o dever."

A seguir, Kamal, ajustando-se às palavras do amigo, disse:

- Sim...

- Pelas mesmas razões me opus aos homens da polícia - prosseguiu Fuad. - Eu não estou de acordo com os seus métodos pouco claros, por conseguinte, tenho-os sempre debaixo de olho: baseio-me na lei e eles, nas barbaridades da Idade Média. Todos me execram, no entanto, sou eu quem tem razão...

"Tens razão, há muito que o sei: és a inteligência e a rectidão em pessoa! Mas não amas e não podes amar. Não recorres ao direito apenas por amor ao direito mas também por presunção, por sobrançeria e por um sentimento de inferioridade... O homem é assim feito! Encontro gente como tu igualmente entre os funcionários de pouca relevância. O homem afável e poderoso não passa de uma fábula! Mas qual é o valor do amor? O que é o idealismo? E que significado tem cada coisa?"

Os dois jovens continuaram a conversar durante bastante tempo e, chegado o momento de partir, Fuad inclinou-se ao ouvido de Kamal para lhe fazer um pedido:

- Cheguei ao Cairo há pouco, conheces seguramente uma "casa", ou antes, "diversas casas"... respeitáveis, claro está!

Kamal sorriu e respondeu:

- O professor, tal como o magistrado do Ministério Público, procura

sempre proteger a sua respeitabilidade.

- Bem. Encontrar-nos-emos dentro em breve. De momento, estou atarefado, preparando o meu novo apartamento, mas não duvido de que passaremos juntos muitos serões.

- Está combinado!

Deixaram o quarto e Kamal só se separou do amigo depois de o ter acompanhado até à porta de casa. Ao regressar, enquanto passava pelo primeiro andar, o jovem encontrou a mãe, que o aguardava e lhe perguntou com uma certa impaciência:

- Não falou contigo?

Intuiu de imediato ao que se referia e sentiu uma dor que jamais experimentara antes mas fingiu não compreender e perguntou por seu turno:

- De que falas?

- De Naima!...

- Não... - respondeu ele atarantado.

- Estranho!

Trocaram um olhar demorado, após o que Amina prosseguiu e disse:

- Todavia, el-Hamzawi falou com o teu pai!

- Talvez não falasse a mando do filho... - respondeu Kamal dissimulando o mais que lhe era possível o seu violento desprezo.

Amina, abespinhada, acrescentou:

- É absurdo. Acaso não se dá conta Fuad de quem é em relação a Naima? O teu pai deveria fazer-lhe compreender a situação real.

- Fuad está inocente, talvez seja o pai que se precipitou sem ter devidamente ponderado, ainda que com boas intenções...

- Mas ele terá, sem dúvida alguma, conversado com o filho e este ter-se-ia recusado? Logo ele que se tornou num respeitável funcionário graças ao nosso dinheiro?

- É escusado falar desse assunto...

- Meu filho, este é um facto que a razão não consegue conceber; acaso não se dá conta de que o facto de nos tornarmos seus parentes não é decerto uma honra para nós?...

- Então não te desagrada...

- Não estou desagrada mas é a ofensa que me irrita...

- Não se trata de uma ofensa, é apenas um equívoco...

Kamal regressou ao seu quarto infeliz e mortificado meditando para si mesmo:

"Naima é uma bela flor mas, na qualidade de homem que apenas tem como virtude o amor pela verdade, devo perguntar-me se ela deveras se adequa a um magistrado do Ministério Público! Apesar das suas origens modestas, ele pode escolher para companheira da sua vida uma rapariga mais instruída, de melhores origens mas também mais abastada e mais bonita. O seu pai bondoso apressou-se a fazer um pedido pelo qual o seu filho não é responsável. É verdade que ao falar comigo foi bastante petulante, mas é indubitável que ele é assim. Fuad é um homem inteligente, íntegro, competente, impertinente e arrogante, mas não é culpa sua: a culpa é das diferenças sociais que geram em nós todo o género de doenças."

[80] Na verdade, no Egipto, este gesto de "cruzar as pernas", nomeadamente quando é feito por alguém mais novo na presença de pessoas idosas, é considerado uma falta de respeito.

[81] A independência, pela primeira vez ratificada pela Grã-Bretanha em 1920, foi reconhecida ao Egipto em 1922 mas continuou limitada devido à presença de aquartelamentos milites ingleses no país. Em 1936, esta presença veio a ser circunscrita apenas à área do canal de Suez. Em 1954, deu-se por fim a evacuação definitiva das tropas britânicas do território egípcio.

[82] Faz-se aqui alusão às quatro restrições que foram colocadas pela Inglaterra na sua declaração unilateral de independência do Egipto, a 28 de Fevereiro de 1922, e que tornavam uma lei de independência um logro. Eis pois as quatro restrições que garantiam os interesses britânicos: I) Assegurar as comunicações do Império Britânico no Egipto; II) Ter o direito de defender-se no Egipto contra todas as agressões e as ingerências estrangeiras; III) Ter o direito dos próprios interesses, dos interesses estrangeiros e das minorias no Egipto (regime das Capitulações); IV) Ter o direito de agir livremente na questão do Sudão.

[83] Khalil Mutran, célebre poeta libanês (1872-1949)

[84] De seu verdadeiro nome, Abu Uthman Amr ibn Bahr al-Kinaní al-Fuqaimi al-Basri (776-869). Um dos mais ilustres homens da

literatura árabe no período abássida, nasceu e faleceu na cidade de Baçorá no Iraque.

[85] Obra de carácter religioso do grande jurista e escritor iraquiano al-Mawardi (974-1058).

[86] Expressão idiomática que significa que algo é totalmente estranho para o locutor.

[87] Bairro popular do Cairo.

CAPÍTULO 15

A revista el-Fikr ocupava o rés-do-chão do número 21 da Rua Abdel Aziz; o gabinete do director, o professor^[88] Abdel Aziz el-Asyuti, tinha uma janela com grades que dava para a viela de Barakat, uma ruela sombria, pelo que, no interior, a luz se mantinha acesa, noite e dia.

Na realidade, sempre que Kamal se dirigia à direcção da revista, o simples facto de esta se achar no rés-do-chão e o aspecto mísero dos móveis impeliavam-no a reflectir sobre as condições do "pensamento" no seu país e sobre a sua situação particular na sociedade!

O professor Abdel Aziz recebeu-o com um amistososo sorriso de boas-vindas; nada havia de extraordinário nisso uma vez que se conheciam desde 1930 quando Kamal havia principiado a enviar os seus artigos de filosofia. Desde então, haviam decorrido seis anos, ao longo dos quais a colaboração de ambos havia sido tão franca quanto não remunerada; aliás, todos aqueles que escreviam para a revista eram colaboradores não remunerados, que trabalhavam simplesmente em prol da filosofia e da cultura.

Abdel Aziz recebia amistosamente todos os escritores voluntários, mesmo os especialistas em filosofia islâmica, como Kamal. De formação azharita^[89], havia viajado até à França, onde permanecera durante quatro anos, seguindo como podia as aulas na qualidade de ouvinte sem conseguir nenhum título universitário. Não carecia de enfrentar as dificuldades para obter o indispensável para viver devido a um rendimento mensal de cinquenta guines^[90] que lhe advinha de uma propriedade; e criara a revista el-Fikr em 1923, porfiando na sua publicação conquanto em nada aumentasse os seus rendimentos de modo a corresponder sequer a uma fracção dos esforços que nela desenvolvia.

Mal Kamal se sentou, entrou um homem da mesma idade que envergava um fato de linho cinzento; o recém-chegado era alto embora não tanto! como Kamal, que era também mais esguio. Tinha um rosto comprido, fronte média, os lábios carnudos, um nariz delicado e um queixo pontiagudo que conferiam à sua aparência uma impressão peculiar.

Adiantou-se com passos estugados, sorridente, e estendeu a mão ao

professor Abdel Aziz, que o apresentou a Kamal dizendo:

- O professor Riyad Quldus, tradutor junto do Ministério da Instrução Pública, veio integrar, recentemente, o grupo de redactores do el-Fikr, trazendo sangue novo à nossa revista com as suas recensões mensais acendendo teatro internacional e com pequenas novelas da sua lavra.

Ao apresentar em seguida Kamal, disse:

- O professor Kamal Ahmad Abdel Gawwad, que talvez te compreendam entre os seus leitores.

Os dois homens estreitaram as mãos e Riyad exclamou com assombro:

- Há anos que leio os seus artigos, artigos valiosos na verdadeira acepção da palavra.

Kamal agradeceu, acolhendo o louvor com aparente desinteresse, depois sentaram-se, um em frente do outro, diante da secretária do professor Abdel Aziz, que prosseguiu e disse:

- Não estejas à espera, professor Riyad, que ele te retribua o elogio dizendo que lê as tuas novelas interessantes: deixou de ler novelas!

Riyad, com uma gargalhada amável que revelou uma admirável dentição, com incisivos um tanto afastados, replicou:

- Assim sendo, a literatura não lhe agrada? No entanto, não há filósofo que não tenha uma concepção particular da estética à qual chega tão-só após muito ter lido acerca das diversas artes, entre as quais se encontra a literatura, claro está...

Kamal, algo atrapalhado, explicou:

- Não é que a literatura não me agrada: entreguei-me muitas vezes aos paraísos da prosa e da poesia, mas os momentos de repouso são por demais escassos!

- Assim, terá lido sobretudo novelas visto que a literatura moderna se limita à novela e ao teatro...

Kamal acrescentou:

- Li muito ao longo dos anos, mas eu... Nisso, Abdel Aziz el-Asyuti interrompeu-o com um sorriso eloquente:

- Daqui por diante, professor Riyad, debes tentar persuadi-lo com as tuas novas ideias. Por ora, basta que saibas que é um filósofo e que a sua paixão se centra no pensamento.

Dirigindo-se a Kamal, continuou:

- Trouxeste o artigo deste mês? Kamal tirou um sobrescrito de tamanho médio e, sereno, colocou-o diante do professor, que o agarrou e dele extraiu as folhas do artigo e, considerando com atenção o título, volveu:

- Acerca de Bergson? Perfeito!

- É uma mera apresentação genérica para realçar o papel que a sua filosofia teve na história do pensamento moderno, contudo, a este primeiro, talvez se sigam outros artigos meus mais circunstanciados.

Riyad Quldus escutava com cuidado e, contemplando Kamal com um olhar benevolente, perguntou:

- Há anos que acompanho os seus artigos, desde que começou a escrever acerca dos filósofos gregos: artigos de conteúdo diverso, por vezes até contraditórios em aparência no que toca às filosofias abordadas. Percebi então que é um historiador mas sempre me foi difícil avaliar o seu pensamento pessoal relativamente a tudo o que escreve e entender a que filosofia pertence.

Abdel Aziz el-Asyuti acudiu:

- Na revista, só há pouco nos interessamos pelos estudos filosóficos e temos por conseguinte de começar com exposições genéricas. Mas talvez, ulteriormente, o professor Kamal teorize um novo sistema filosófico e é provável que tu, Riyad, venhas a ser um defensor do "Kamalismo"!...

Desataram todos a rir; Kamal tirou os óculos e principiou a limpar as lentes. Era-lhe fácil prontamente se introduzir na conversa sobretudo se sentia prazer em falar com o interlocutor e se o ambiente lhe parecia ameno e agradável.

- Deambulo num museu onde nada há que me pertença - volveu Kamal -, sou tão-só um historiador e nem sei onde me situar...

Riyad Quldus, com uma crescente atenção, acrescentou:

- Na intersecção dos caminhos. Também eu permaneci durante algum tempo na mesma situação antes que me fosse manifesto o propósito que me devia perseguir. Mas julgo que esta postura tem uma história inerente porquanto, comumente, indica o fim de um estádio e o princípio de outro. Acaso não experimentaste diferentes espécies de fé antes de aí chegares?

O tom da conversa levava-o para uma antiga canção radicada no seu coração. Aquele jovem e aquele diálogo!... Haviam passado tantos

anos... anos infecundos no tocante à amizade espiritual, de tal forma que ele se acostumara, sempre que sentia falta de um interlocutor, a conversar de si para si. Há muito que ninguém conseguira aticar nele aquele ardor espiritual, nem Ismael Latif, nem Fuad el-Hamzawi, nem mesmo as dezenas dos seus colegas docentes. O lugar, que perdurara desocupado desde que Hussein Shaddad partira, estaria por ventura prestes a ser de novo preenchido?!

Ao colocar outra vez os óculos, sorriu e retorquiu:

- E certo que tudo isso tem uma história! Como sucede vulgarmente, também eu tive fé na religião e, mais tarde, fé na verdade...

- Lembro-me de que descreveu a filosofia materialista com um entusiasmo susceptível de dúvida...

- Era um entusiasmo genuíno mas, em breve, fui acometido pela dúvida... -Talvez se tratasse da filosofia do racionalismo...

- Seja como for, fui presa de outras dúvidas! As filosofias são lindos castelos no interior dos quais, porém, não é fácil viver...

- Aqui vai um testemunho de alguém da família - atalhou Abdel Aziz;

Kamal encolheu os ombros com indiferença ao passo que Riyad porfiava no seu interrogatório:

- Também há a ciência: acaso esta conseguiu esquivar-se às suas dúvidas?

- Trata-se de um mundo para nós inacessível do qual só conhecemos alguns resultados simples; por outro lado, li as opiniões de cientistas eminentes que duvidam que se possa adequar a realidade que nos envolve à realidade científica; outros celebram a lei da probabilidade, outros mais desistiram de advogar que existe uma verdade absoluta... e uma vez mais a minha cabeça foi abalada pela dúvida!

Riyad Quldus sorriu sem proferir uma só palavra enquanto o outro continuava:

- Estou igualmente mergulhado até ao pescoço nas aventuras do espiritual, subjugado pela vertigem que não cessa e transportado para um vazio horrendo! O que é a verdade? O que são os valores? O que é qualquer coisa? Sinto, por vezes, a consciência morder-me quando faço o bem tal como acontece quando resvalo no mal!...

Abdel Aziz desatou a rir com estrépito e disse:

- A religião vingou-se de ti. Abandonaste-a ao correres atrás de uma

verdade maior e regressaste de mãos a abanar!

Riyad Quldus acrescentou, e as suas palavras pareciam ser pura cortesia:

- Essa atitude de dúvida é interessante! Observar, ponderar, e a liberdade absoluta de colher um pouco de cada coisa como alguém que passa!

Abdel Aziz, dirigindo-se a Kamal, exclamou:

- És solteiro na maneira de pensar tal como o és na vida!

A atenção de Kamal foi arrebatada por aquele reparo momentâneo; seria o seu celibato resultado da sua maneira de pensar ou seria o inverso verdade? Ou talvez ambas as possibilidades resultassem de alguma outra coisa? Nisso, Riyad Quldus retomou:

- O celibato é uma situação temporária: talvez seja igual para a dúvida!

- Mas ele não parece estar realmente inclinado para o casamento - interveio Abdel Aziz.

Riyad disse surpreendido:

- Acaso haverá algo de inconciliável entre a dúvida e o amor? E o que impede um homem apaixonado de casar? Persistir no celibato nada tem a ver com a dúvida; a dúvida desconhece a pertinácia!

Kamal, pouco convencido, indagou:

- Mas o amor não tem porventura necessidade de alguma fé?

- Não - retorquiu Riyad Quldus a rir -, o amor é como o terramoto que da mesma forma faz estremecer a mesquita, a igreja e o lupanar...

"Um terramoto? Que paralelo acertado, um terramoto que devasta todas as coisas e tudo abisma no silêncio da morte."

- E o professor Quldus, que fez o elogio da dúvida, é porventura um dos seus discípulos?

- É assim mesmo - acrescentou Abdel Aziz a rir.

Dispararam todos num riso retumbante, após o que Ríyad, como se quisesse se apresentar, disse:

- Fui um "discípulo da dúvida" durante uma certa fase, depois abandonei-a. Já não tenho dúvidas relativas à religião porquanto não acredito nesta ao passo que acredito na ciência e na arte e a minha fé nestas é irrevogável, se Allah assim o quiser!

Então, sardónico, Abdel Aziz perguntou:

- Se Allah assim o quiser. Aquele em que já não acreditas! Riyad

Qultus redarguiu, a sorrir:

-A religião é o campo das pessoas mas de Allah nada sabemos, por isso quem pode afirmar "não acredito em Allah" ou "acredito Nele"?

Os profetas são os verdadeiros crentes porque são aqueles que O viram, O ouviram e falaram com os mensageiros da Sua revelação!

- Mas acredita na ciência e na arte? - perguntou Kamal.

- Sim.

- Ter fé na ciência é algo de admissível, mas na arte?... Antes prefiro, por exemplo, acreditar nos espíritos a acreditar na novela.

Riyad encarou-o com um olhar de censura mas acrescentou com toda a placidez:

- A ciência é a linguagem das mentes e a arte, a da individualidade humana no seu todo!

- Como tais palavras se assemelham a versos!

Riyad acolheu a ironia de Kamal com um sorriso condescendente e acrescentou:

- A ciência junta os homens à luz das suas ideias ao passo que a arte os junta num sublime sentimento de humanidade; ambas servem a evolução de todos os seres humanos e impelem-nos para um futuro melhor...

"Quanta pretensão! Escreve uma novela de duas páginas todos os meses e crê que com isso concorre para a evolução de todos os seres humanos; no entanto, não sou menos enfatuado do que ele quando sintetizo um capítulo da História da Filosofia de Von der Bolt e, no meu íntimo, reclamo o direito de ser encarado como sendo, no mínimo, semelhante a Fuad el-Hamzawi, 'magistrado-adjunto do Ministério Público de ed-Darb el-Ahmar'... Mas, de outro modo, como seria possível viver? Nós, homens, somos portanto loucos, sensatos ou simplesmente seres vivos? Que problema!"

- E o que me diz dos cientistas que não têm o seu entusiasmo pela iicia?

- Não podemos interpretar a humildade da ciência como uma insuficiência ou um desespero; a ciência é a magia, a luz, o guia e os milagres da humanidade; esta é a religião do futuro...

- E a novela? - perguntou Riyad que disfarçava pela primeira vez uma cena animosidade.

O outro, de modo precipitado como quem se quer justificar:

- Quero dizer, a arte num sentido lato... Riyadh Quldus perguntou muito exaltado:

- Poder-se-á viver numa solidão absoluta? São indispensáveis as conversas sigilosas, os consolos, a alegria, a orientação, a luz, as viagens por todos os lugares do mundo povoado e pelos lugares da alma... esta é a arte..,

Nisso, o professor Abdel Aziz intercedeu:

- Tenho uma ideia! Juntemo-nos com outros colegas, uma vez por mês. para discutir e abranger os vários campos do pensamento e depois publiquemos os nossos debates com o título de "Conversas do Mês tal".

Riyadh Quldus, que mirava Kamal com um olhar afável, disse:

- A nossa conversa não se há-de deter por aqui, pelo menos, é o que espero. Podemos considerar-nos amigos?

- Claro que sim, devemos promover as ocasiões de encontro... - respondeu Kamal com um entusiasmo verdadeiro.

Naquele momento, ante o pensamento daquela "nova amizade", Kamal sentiu-se trespassado por uma sensação de felicidade: apercebia-se de que uma nobre parcela do seu coração acordara após um profundo sono e mais do que nunca convencia-se do papel importante que a amizade desempenhava na sua existência, constituindo um factor que não podia dispensar porque senão permaneceria qual pessoa sedenta que arde no deserto...

[88] Neste contexto, o termo "professor" equivale a "senhor". Normalmente, são assim apenas pessoas que têm um curso superior mesmo quando este nada tem a ver com o campo da docência e do ensino.

[89] Formado na universidade de Al-Azhar

[90] Moeda do Egipto.

CAPÍTULO 16

Os dois novos amigos separaram-se na praça de el-Ataba; eram cerca de oito horas da noite quando Kamal, quase a sufocar devido ao calor intenso, regressou de el-Muski.

Na ruela de el-Gawhari, afrouxou o passo e entranhou-se nesta até atingir a terceira porta à esquerda, por onde, às ocultas, se enfiou e subiu até ao segundo andar. Depois tocou à campainha: pela janelinha da porta, assomou o rosto de uma mulher de mais de sessenta anos. Cumprimentou-o com um sorriso que deixava lobrigar vários dentes de ouro e abriu-lhe a porta. Kamal entrou em silêncio enquanto a mulher o recebia dizendo:

- Boas-vindas ao filho do meu querido amigo, boas-vindas ao filho do meu irmão!

Kamal acompanhou-a até à sala para a qual davam os outros quartos e onde havia dois sofás colocados frente a frente; no meio, um pequeno tapete, urdido qual brocado, uma mesa pequena e um narguilé. Um olor de incenso dispersava-se por toda a parte. A mulher anafada, que se tornara flácida devido à idade, trazia na cabeça um lenço com uma franja de pequenos discos metálicos. Os seus olhos maquilhados com khôl revelavam um olhar grave que acusava a dependência da mulher das drogas; sob as rugas que cavavam o seu rosto, subsistiam vestígios de uma beleza pretérita e de uma lascívia contumaz. Acomodou-se qual buda no sofá diante do narguilé, fazendo-lhe sinal para que se sentasse ao seu lado. Obedecendo-lhe, Kamal perguntou-lhe com um sorriso:

- Como está a senhora Galila?

A mulher, num tom de repreensão, exclamou:

- Diz antes "a minha tia paterna"!

- Como está, querida tia?

- Muito bem, ó filho de Abdel Gawwad... - depois com uma voz enérgica e roufenha: - Ó Nazla!

Após alguns instantes, chegou uma jovem com dois copos cheios que colocou na mesa pequena enquanto Galila retomava:

- Bebe! Dizia sempre isso ao teu pai nos dias venturosos de antigamente... Kamal pegou num copo e, rindo, disse:

- É deveras triste que eu tenha chegado tarde demais!

A mulher deu-lhe uma palmada fazendo retinir as suas inúmeras pulseiras de ouro.

- Que vergonha! - exclamou. - Querias profanar o sítio onde o teu pai se prosternava?

A seguir, tentando corrigir-se, acrescentou:

- Mas quem és tu comparado com o teu pai? Quando o conheci, já havia casado pela segunda vez; casara jovem, segundo os costumes daquela época, mas aquilo não o coibiu de se tornar no meu amigo durante um longo tempo, o mais belo da minha existência. Mais tarde, tornou-se amigo de Zubaida, que Allah a ampare, depois de uma dezena de outras, que Allah o perdoe. Tu, pelo contrário, permaneces solteiro e, não obstante isso, apenas vens visitar a minha casa na noite de sexta-feira. Que vergonha! Onde está a virilidade, onde?

O seu pai, do jeito como o estava a conhecer mediante as palavras de Galila, era um homem distinto do pai que pessoalmente conhecera, distinto também daquele de que lhe falara Yassin, o homem dos instintos e da vida recheada. As inquietações do pensamento não preocupavam o seu coração. Onde se situará ele quando comparado com o pai?

Mesmo quando ia visitar aquela casa na noite da sexta-feira, não se podia entregar de forma espontânea ao "amor" a não ser com o auxílio do álcool. Caso não estivesse alcoolizado, a atmosfera ter-lhe-ia parecido a tal ponto desagradável que o teria feito fugir. Não conseguia olvidar a primeira noite em que o destino o havia conduzido até àquela casa. Vira pela primeira vez aquela mulher, que o fizera sentar ao seu lado à espera que alguma rapariga ficasse disponível. E, quando, na conversa, lhe havia anunciado o seu nome por extenso, a mulher exclamara:

- É o filho do sayyed Ahmad Abdel Gawwad, o comerciante de en-Nahhasin? Sê mil vezes bem-vindo!

- Sim, conhece o meu pai?

- Se conheço o teu pai!... Conheço-o melhor do que tu... o seu suor misturou-se com o meu... Fui eu quem preparou o festejo da cerimónia nupcial da tua irmã. Na minha época, eu era aquilo que hoje para vocês, neste tempo austero, é Umm Kulthoum... Pergunta por mim mesmo às pedras da Terra.

- Foi uma honra conhecê-la, minha senhora...
- Escolhe, de entre as minhas raparigas, aquela que mais te agrada, entre pessoas magnânimas o dinheiro não conta.

E assim ele gozara pela primeira vez naquela casa às expensas do pai.

Naquela altura, Galila observara-o demoradamente de tal modo que se sentira um tanto constrangido. Não fosse a cortesia, a mulher teria manifestado abertamente o seu pasmo diante daquele formato de cabeça esquisito, daquele nariz não menos espantoso quando comparado com aquele rosto rosado, semelhante a uma lua cheia^[91].

A conversa arrastara-se muito e através desta Kamal ficara a conhecer a história secreta do seu pai e as suas singularidades que lhe desconhecia, para além de muitas das suas aventuras e dos seus atributos ocultos. Não pudera deixar de cogitar: "E eu que em virtude de uma grande confusão estou sempre hesitante entre o fogo do instinto e a aragem do sufismo!"

Prosseguindo a conversa com Galila, Kamal disse para agradecê-la:

- Não exagere, querida tia, sou um professor e os professores gostam da reserva. Não se esqueça de que durante as férias venho visitá-la mais do que uma vez por semana: não estava eu aqui anteontem? Venho visitá-la sempre que...

"Sempre que sou investido pela dúvida; é a dúvida mais do que a luxúria que me impele para ti!..."

- Sempre que... o que queres dizer, menino da mamã?

- Sempre que acabo de trabalhar...

- Diz antes outras palavras... Ufa! Esta vossa época... No nosso tempo, as moedas eram de ouro ao passo que as vossas são de ferro ou de cobre... o nosso canto era feito de carne e sangue ao passo que o vosso é interpretado pela rádio; os nossos homens em tudo eram os filhos de Adão ao passo que os vossos são os filhos de Eva! Tens alguma coisa a dizer, professor de raparigas?

Nisso, ela inalou algum fumo do narguilé, após o que se pôs a entoar:

Ó professor de raparigas, ensina-as A tocar os instrumentos e fá-las cantar.

Kamal desatou a rir e, inclinando-se para ela, deu-lhe um beijo afectuoso e travesso na bochecha, pelo que ela exclamou:

- Os teus bigodes parecem espinhos! Que Allah ajude Ateyya... -Mas ela gosta das coisas que picam...

- Por falar nisso, tinha aqui ontem o oficial da esquadra em pessoa! Não é para me gabar, mas todos os meus clientes são pessoas importantes: ou pensas que me dás uma esmola com as tuas visitas?

- Ó senhora Galila, és efectivamente Galila^[92]...

- Gosto de ti quando te embriagas! A embriaguez faz-te perder a sisudez do professor e faz com que te pareças um pouco mais com o teu pai! Mas, diz-me lá, Ateyya não te agrada? A moça adora-te!

Como poderão semelhantes corações, que a inclemência da vida tornou análogos às pedras, amar? Mas qual fora a sua ventura com os corações livres e ávidos de amor? A filha de um vendedor de pevides torradas amara-o e ele repelira o seu amor; amara Aida e a rapariga afastara-se dele; o léxico da sua existência associava ao amor apenas o sentido de sofrimento! Aquele sofrimento inconcebível que incendeia a alma até fazer-lhe divisar, à luz das suas intensas labaredas, os mais invulgares segredos da vida, deixando tão-só no seu rasto ruínas...

Comentando as palavras da mulher, Kamal disse com um certo sarcasmo:

- Adora-me?... Possas tu ter sempre boa saúde!

- Ateyya entregou-se a esta actividade, que aliás estava no seu destino, apenas após o divórcio!

- Louvado seja Allah, que é o único a ser glorificado também pelas desditas!

- Louvado seja Allah em qualquer situação!

O jovem esboçou um sorriso expressivo e Galila, tendo alcançado o seu sentido, disse num tom de reprovação:

- Achas que é exagerado da minha parte estar incessantemente a louvar Allah? Ah, que enfadonho és, filho de Abdel Gawwad... Ouve: não tenho nem filho nem filha e possuo quanto me baste neste mundo! Apenas Allah é Aquele que perdoa!

"É espantoso como, nas palavras desta mulher, afluem muitas vezes acentos que parecem inspirar-se no ascetismo..."

Destarte meditava para si Kamal, absorvendo o que lhe sobejava no copo e olhando às ocultas para Galila.

Como sempre, o álcool actuava sobre ele e insinuava nele os seus sortilégios, logo a partir do primeiro copo.

E eis que se achou a considerar um tempo remoto em que beber lhe trazia um júbilo divinal: quão numerosos haviam sido no passado aqueles instantes de alegria! A sua voluptuosidade, alimentada de começo meramente pela revolta e pela vingança, havia-se alterado com o tempo numa sorte de filosofia "vermelha", até que o transcorrer dos dias e o cristalizar dos hábitos haviam enfraquecido a embriaguez, que, aliás, muitas vezes, não estava desprovida da dor de ter de escolher entre o céu e a terra: isso, é evidente, antes que a dúvida se infiltrasse entre o céu e a terra...

A campainha retiniu. Ateyya, alva de carnação, flexível e bem delineada, entrou antecedida pelo tiquetaque dos seus passos e das suas casquinadas agudas; beijou a mão da "patroa", após o que, relanceando os copos vazios, se voltou para Kamal num tom jocoso:

- Traíste-me!

Inclinando-se para Galila para lhe murmurar algo ao ouvido, lançou a Kamal um olhar carregado de alegria; por fim, dirigiu-se para um dos quartos da direita enquanto a "patroa", com um safanão amigável, encorajava Kamal a acompanhá-la:

- Levanta-te e vai, luz dos meus olhos!

Kamal agarrou no seu feiz e encaminhou-se para o quarto, onde, pouco depois, também penetrou Nazla, a criada, que trazia um tabuleiro com uma garrafa, dois copos e uma pequena mezza. Ateyya disse-lhe:

- Traz também dois ratl^[93] de kebab^[94] de el-Agati: estou esfomeada!

Kamal, uma vez despido o casaco, sentou-se esticando as pernas como que para relaxar e ficou a contemplar a jovem, que retirava os sapatos e o vestido, envergava a camisa e se penteava na frente do espelho.

"O seu ideal de corpo: alvo, flexível e bem delineado... quem sabe como seria agora o de Aida!"

Muitas vezes, ela voltava à sua lembrança, mas quase impalpável... e isso mesmo quando recordava a sua magreza, a sua carnação morena e a sua fragilidade; a lembrança remota daquelas qualidades referia-se a atributos abstractos; além do mais, Kamal jamais recordava ter experimentado alguma atracção por tudo o que usualmente mais distingue o corpo feminino: os seios, as pernas, as ancas. Pelo

contrário, naquele momento, se lhe houvesse sido apresentada uma linda rapariga cujas características fossem a magreza, a cor morena da carnção e a fragilidade, decerto não a teria desejado nem tão-pouco por um riyal^[95]...

Mas então do que se sustentara aquele seu amor? E como podia a lembrança continuar a ser amparada pelo respeito e pela adoração quando para ele todas as coisas haviam perdido o sentido...

- Ufa... faz mesmo calor!

- Quando o álcool nos estonteia, o calor e o frio tornam-se para nós idênticos!

- Não me comas com os olhos, tira antes os óculos.

Uma mulher divorciada com vários filhos que escondia o desgosto profundo entregando-se sem o menor comedimento, que permitia que as noites devastadoras lhe consumissem a sua feminilidade e a sua humanidade sem em tal cuidar, amalgamando nos seus suspiros de uma alegria tão-só fictícia o ressentimento e a amargura. Era a imagem verdadeira da servidão, por conseguinte, parecia encontrar no álcool um abrigo contra o sofrimento e ainda contra o pensamento!

Ateyya deitou-se ao seu lado e alongou a sua mão branca até à garrafa para encher os dois copos. Garrafa essa que, naquela casa, era vendida ao dobro do seu valor. Aliás, ali tudo era dispendioso com a excepção de uma mulher, de um ser humano! Um encontro como aquele não teria ocorrido sem o álcool, que serve sempre para arredar do pensamento as outras mágoas!

Todavia, na nossa existência, existem putas de outra espécie... ministros, escritores, etc!

Ao segundo copo, Kamal começou a sentir os prenúncios auspiciosos do esquecimento e da alegria.

"Há muito que desejo ardentemente esta mulher mas não sei até quando... isso pode durar! O desejo é uma força despótica, o amor é algo radicalmente distinto, porem mesmo este, se for desprovido de desejo, torna--se estranho e diferente.

Se me fosse dado deparar-me um dia com o amor e o desejo ligados num mesmo ser humano, conheceria o descanso tão almejado! Eis porque a vida continua a parecer-me um conjunto de factores falhos de harmonia. Aspiro ao 'casamento' quer na vida pública quer na privada mas não sei qual das duas colocar como alicerce da outra. Sei

que sou seguramente um desgraçado ainda que o meu modo de viver me assegure o meu quinhão das alegrias do pensamento e dos deleites do corpo; sou comparável a um comboio que parte a toda a pressa sem saber donde vem nem para onde vai. O desejo é igual a uma mulher despótica; mas, em breve, o desgosto destroça-a e fica tão-somente o grito do coração, que implora, no seu desespero atroz, por uma felicidade sem fim. Mas em vão, e, assim sendo, jamais os lamentos se suspendem, a vida continua a ser um engano enorme e nós somos forçados a entrar em sintonia com as suas secretas razões para admitir, de bom grado, o cruel equívoco. Somos, pois, como que um actor que tem consciência do seu papel fictício em cima do palco, mas que não obstante isso continua a adorar a sua arte."

Kamal sorveu de uma só vez o terceiro copo, o que fez com que Ateyya soltasse uma retumbante gargalhada. A jovem mulher gostava muito de se embriagar, ainda que isso a levasse a agir de um modo estranho! Se Kamal não a continha, Ateyya alteava a voz, encolhia-se e punha-se a chorar e, por fim, vomitava.

O álcool começava a fazer girar a cabeça de Kamal, que sentiu um estremecimento de prazer: olhando-a, as suas feições retesaram-se. Naquele instante, Ateyya já não era um problema mas simplesmente uma mulher; e, assim sendo, era como se ele já não tivesse qualquer problema existencial; a vida - o mais sério dos problemas - parecia não mais o ser... "Mas bebe, afoga-te nos beijos..."

- Como és encantadora quando ris "sem razão"!

- Quando rio "sem razão", é porque as razões são de tal modo dignas que não podem ser reveladas...

[91] Na cultura árabe, utiliza-se a expressão "lua cheia" para significar que uma pessoa é extremamente formosa.

[92] Galila aqui é a forma feminina do adjetivo "jalil", que significa "magnífico", "nobre".

[93] Unidade de peso correspondente a cerca de 450 g.

[94] Palavra turca que designa, normalmente, um alimento confeccionado no espeto, sendo o mais tradicional à base de cordeiro. Trata-se de um prato muito apreciado no mundo árabe e islâmico.

[95] Moeda de prata que equivale a 20 piastras (uma libra egípcia

divide-se em 100 piastras)

CAPÍTULO 17

Abdel Munim regressou a es-Sukkariyya embrulhado no seu sobretudo, cerrando de quando em vez a gola para se proteger do frio cortante do Inverno. Conquanto fossem só seis da tarde, fazia já sombrio.

Quando o jovem atingiu o começo das escadas, a porta do primeiro andar abriu-se e dela se esgueirou o vulto delicado que estivera à espera. Com o coração a pulsar, Abdel Munim esbugalhou, na escuridão, os olhos incendiados para seguir cada gesto daquela figura, subindo na esteira desta as escadas com passos de lã, fazendo cuidado para não fazer barulho. Sentia-se dividido entre o desejo que o instigava a render-se e a vontade que o aguilhoava a vencer os seus nervos, que pareciam querer atraí-lo. Lembrou-se - só então! - de que a rapariga havia marcado um encontro para aquela noite e que ele teria podido antecipar ou retardar o instante de regresso para evitar o encontro! Mas havia-se esquecido... Esquecia-se demasiadas vezes! Mas aquele não era o momento para meditar ou relembrar, que tudo isso fosse, pois, adiado para mais tarde, quando se achasse a sós no seu quarto, num momento que o veria vitorioso ou derrotado, triunfante sobre si mesmo ou fatalmente destroçado...

Subiu as escadas, seguindo-a, sem ter tomado nenhuma resolução, cedendo ao mar imenso da provação... Nada teria podido fazer-lhe olvidar as mágoas do seu combate incessante! Chegado ao patamar, pareceu--lhe que o vulto da rapariga crescia ao ponto de preencher, na sua frente, o espaço e o tempo... Abdel Munim dissimulou a sua aflição e forçou--lge à determinação, ainda que ciente do quanto aquilo lhe custaria, e disse:

-Boa noite...

- Boa noite - respondeu a voz suave. - Obrigada por teres seguido a minha sugestão e teres vestido o sobretudo...

O jovem, afectado por aquela brandura, refreou-se e não lhe dirigiu palavras acerbadas e replicou, disfarçando o seu enleio:

-Temia que pudesse chover...

A rapariga ergueu a cabeça para o alto como que para contemplar o céu e acrescentou:

- Mais cedo ou mais tarde, há-de chover, não há estrelas no céu e foi--me difícil distinguir-te quando penetraste na ruela.

Abdel Munim, reprimindo as forças que sentia em grande tumulto, volveu, como que à guisa de desculpa:

- Está frio e sobretudo nestas escadas onde o ar é particularmente húmido.

- Não sinto frio quando estou perto de ti - replicou a jovem com uma naturalidade que junto dele aprendera.

Ele sentiu que o seu rosto se incendiava com um ardor que brotava do seu íntimo; a situação deixava augurar que de novo iria resvalar no erro mau grado seu e, assim sendo, recorreu à sua força de vontade para vencer o estremecimento que dele se apossara. A rapariga perguntou-lhe:

- O que tens tu, porque não falas?

Sentiu a mão dela que, suave, se apoiava no ombro e não conseguiu refrear-se, agarrou na rapariga entre os seus braços e beijou-a demorada- I mente - numa chuva de beijos - até que a sentiu arquejante e ela disse com a sua voz delicada:

- Não posso mais ficar longe de ti!

Manteve-a durante muito tempo enlaçada, quase que esquecido de si mesmo, enquanto ela suspirava ao seu ouvido:

- Como gostaria de permanecer assim para sempre... Estreitando-a mais ainda, Abdel Munim disse com um tremor na voz:

- Erro!...

Arredando ligeiramente a sua cabeça no negrume, a rapariga acrescentou:

- Erro porquê, meu amor?

Após uma certa vacilação, ele retomou:

- Devido ao pecado no qual nos estamos a despenhar...

- Que pecado, em nome de Allah?!

Com brandura, despegou-se dela e principiou a despir o sobretudo; esteve quase para o pousar no corrimão mas, no derradeiro instante - instante terrífico -, renunciou ao seu intento e colocou-o no braço endireitando-se. Tinha a respiração alterada, estava na iminência de se render, no entanto, recorrendo uma vez mais à sua força de vontade, conseguiu sustentar-se. A mão da rapariga ainda se alongou para alcançar o seu pescoço mas, agarrando nesta, ele aguardou que a respiração

voltasse a ser normal e a seguir disse pausadamente:

- Isto é um grande erro...

- Mas que erro?! Não percebo nada... "Uma garota que não tem ainda catorze anos! Divertes-te com ela para encobrir um desejo furioso, mas este entretenimento jamais terá uma finalidade e é meramente uma aventura que acarretará a cólera e a execração de Allah."

- Tens de perceber! Acaso poderíamos confessar o que fazemos?

- Confessá-lo?

- Vê como condenas uma tal ideia! Mas porque não o confessar se não fosse um erro vergonhoso?

Ao sentir a sua mão tentar detê-lo, ele começou a subir o lance de escadas seguintes, convencido de ter ultrapassado com sucesso a zona de perigo.

- Admite que ambos errámos, não devemos perseverar no erro...

- Fico espantada por ouvir tais palavras!

- Não há razão alguma para te espantares! A minha consciência não aguenta mais o pecado que me tortura e torna vãs as minhas orações.

"Ela calou-se! Fi-la sofrer, que Allah me perdoe! Que dor! Mas não recuarei! Agradece a Allah pelo facto de não te ter levado a fazer pior..."

- O que nos aconteceu deve servir-nos de lição para não mais fazermos nada de parecido; és ainda jovem e erraste mas não continues a correr atrás do pecado.

- Não pequei - disse a rapariga num tom choroso. - Tens por acaso intenção de me deixar? O que queres fazer?

Abdel Munim havia recobrado as suas forças e replicou:

- Volta para tua casa, não faças nada que devas ocultar, não te encontres com ninguém mais na escuridão...

- Deixas-me? Esqueceste tudo o que disseste acerca do nosso amor?

- volveu a rapariga com uma voz que vacilava.

- Eram palavras de quem não tem siso, erraste, que esta seja para ti uma lição! E cuidado com a escuridão, poderia ser a tua ruína. És ainda jovem, donde te vem tamanho atrevimento?...

Os soluços da jovem ecoaram na noite mas o coração de Abdel Munim não se comoveu. Estava como que avassalado por um fero prazer de triunfo.

- Compreende-me bem, não te zangues, lembra pelo contrário que, se tivesse sido um miserável, não te teria abandonado por certo... não antes de ter conseguido tudo o que desejava. Que Allah te proteja!

A seguir, subiu as escadas a correr; cessara o sofrimento e o remorso mais o dilaceraria!... Contudo, estava consciente das palavras do seu professor, o sheikh Ali el-Menufi: "Não se derrota o demónio fingindo desconhecer as leis da natureza." Sim, disso ele estava consciente sem dúvida alguma!

Apressou-se a despir-se, envergou a gallabiyya e depois, saindo do seu quarto, disse ao irmão Ahmad:

- Gostaria de ficar a sós com o pai por alguns instantes na sala de estudo, aguarda um pouco, por favor...

Dirigindo-se para a sala de estudo, pediu ao pai que o acompanhasse. Khadiga ergueu a cabeça para ele e perguntou:

- Tudo bem?

- Falarei primeiro com o pai, a seguir virei ter contigo...

Ibrahim Shawkat seguiu-o em silêncio; estreara há pouco a nova dentadura e, mansamente, voltara a cair na habitual indolência depois de ter vivido seis meses sem dentes! Pai e filho sentaram-se lado a lado e o primeiro disse:

- Não é nada de sério, se Allah assim o quiser?

Abdel Munim, sem hesitações ou rodeios, respondeu:

- Pai, quero casar!

O homem esgazeou os olhos e franziu o sobrolho; depois sorriu como se não tivesse compreendido bem e, meneando a cabeça com uma certa perplexidade, exclamou:

- Casamento! Cada coisa em seu devido tempo, porque me falas disso agora?

- Quero casar agora...

- Agora?! Tens só dezoito anos, não podes esperar até teres o diploma?

- Não posso...

Nisso, a porta abriu-se e Khadiga entrou perguntando:

- O que se passa por trás desta porta? Tens segredos que podes contar ao teu pai e não a mim?

Abdel Munim, agitado, franziu o sobrolho enquanto o pai principiou a dizer, quase sem apreender o significado das suas palavras:

- Abdel Munim quer casar...

Khadiga examinou atentamente o filho como se receasse que este houvesse ensandecido, após o que esbravejou:

- Casar? O que ouço? Então resolveste deixar a universidade?

- Disse que quero casar, não que quero abandonar os estudos; continuarei a estudar mesmo depois de ter casado, é só isso... - replicou Abdel Munim com uma voz forte, exasperado.

Khadiga, olhando tanto para um como para o outro, acrescentou:

- Abdel Munim, estás a falar a sério? E este gritou:

- Com toda a seriedade!

A mulher bateu uma mão na outra e exclamou:

- Foi afectado pelo mau-olhado! O que se passa na tua cabeça, meu filho? Abdel Munim levantou-se enfurecido e disse:

- Porque vieste aqui? Queria ver primeiro o pai a sós, mas não tens nunca paciência! Ouçam-me bem, quero casar. Faltam-me ainda dois anos para finalizar os estudos e tu, pai, podes sustentar-me durante este período; se não se desse o caso de disso estar convencido, não teria feito esta proposta.

Khadiga exclamou:

- Ó clemência de Allah! Comeram-lhe o cérebro...

- E quem me teria comido o cérebro?

- Só Allah os conhece... Que Allah os puna! E tu conhece-los melhor do que ninguém... Mas em breve saberemos de quem se trata...

O jovem voltou-se para o pai dizendo:

- Não lhe dêis ouvidos, até eu, neste momento, ignoro quem me caberá em sorte; escolham-na vocês mesmos, quero uma esposa digna de mim, seja ela quem for!

Khadiga perguntou-lhe então muito surpreendida:

- Queres dizer que não existe uma rapariga em especial na origem de toda esta desgraça?

- Não, acredita em mim, escolhe-a pois tu...

- Mas então qual o motivo de tamanha pressa? Deixa-me escolher para ti, dá-me algum tempo, é uma questão de um ano ou dois!

O jovem, alteando a voz, acrescentou:

- Não estou a brincar! Deixa-me! O meu pai compreende-me melhor do que tu.

O pai perguntou-lhe então com muita serenidade:

- Qual o motivo de tamanha pressa?
- O jovem baixou os olhos e respondeu:
- Não posso continuar sem casar...
- Como fazem os milhares de jovens que se acham na tua condição?
- perguntou Khadiga.
- Não admito fazer o que os outros fazem! - redarguiu, dirigindo-se ao pai.

Ibrahim ficou um tanto pensativo, depois, pondo fim à discussão, disse:

- Por hoje, chega, voltaremos à questão noutra ocasião... Khadiga preparava-se para falar mas o marido proibiu-lho, agarrando-a pela mão, e ambos deixaram a sala de estudo para voltar para os seus lugares na sala. Marido e mulher conversaram longamente, ponderando o caso sob todos os seus ângulos e, após terem muito discutido, Ibrahim inclinou-se e apoiou o pedido do filho. Esforçou-se, em seguida, por convencer a mulher, que acabou por aceitar a ideia do casamento; então Ibrahim disse-lhe:

- Temos Naima, a filha do meu irmão, não devemos cansar-nos à procura de uma esposa...

Khadiga acrescentou com resignação:

- Fui eu quem te persuadiu a desistir, a favor de Aisha, da tua parte da herança do defunto; não me oponho à escolha de Naima para esposa do meu filho. Sabes que desejo muito a felicidade de Aisha, mas receio as suas possíveis objecções porque não menosprezo as extravagâncias que desde há pouco tempo lhe passam pela cabeça... Acaso não mencionámos algumas vezes, na sua presença, o nosso desejo de casar Naima com Abdel Munim? Apesar disso, quando lhe foi dito que o pai de Fuad el-Hamzawi pedira a mão de Naima para o filho, pareceu-me que a minha irmã concordava com a ideia.

- Esta é uma história antiga que já tem mais de um ano. Graças a Allah, nada foi concluído... não teria sido uma honra para mim que a minha sobrinha desposasse aquele jovem, seja qual for a sua posição. Para mim, as origens são tudo! Naima será muito bem recebida por todos nós!

Khadiga, suspirando, acrescentou:

- Claro que será muito bem recebida! Mas quem sabe o que pensará o meu pai das nossas manobras quando delas tiver conhecimento!

- Ficará feliz, sem dúvida alguma; tudo isso parece um sonho mas não voltarei atrás sobre a minha decisão porque estou persuadido de que fingir desconhecer o desejo de Abdel Munim seria um erro imperdoável, sobretudo quando   possível atendê-lo!

CAPÍTULO 18

Na velha casa de Bain el-Qasrain, não se dera nenhuma alteração assinalável, mas eis que os vizinhos, entre os quais Hassanein, o barbeiro, Darwish, o vendedor de foul, el-Fuli, o leiteiro, Abu Sari, o vendedor de pevides grelhadas, e Bayyumi, o vendedor de xaropes, ficaram a saber que naquele dia a neta do sayyed Ahmad casava com Abdel Munim, seu primo direito.

O sayyed Ahmad, fiel às suas tradições antigas, passou o dia como sempre, tendo-se tão-só limitado a convidar os familiares para os quais fora pensado um banquete para a noite.

Era o começo do Verão. Todos os membros da família se reuniram na sala, o sayyed Ahmad Abdel Gawwad, Amina, Khadiga, Ibrahim Shawkat, Abdel Munim, Ahmad, Yassín, Zannouba, Ridwan e Karima, com excepção de Naima, que se estava a preparar para a cerimónia, no andar de cima, e Aisha, que estava a ajudá-la.

O sayyed, pouco depois de ter acolhido os convidados, ao se aperceber de que a sua presença imprimia na reunião familiar uma sombra de austeridade inoportuna para uma circunstância como aquela, retirou-se para o seu quarto, onde ficou à espera da chegada do mazoun^[96]. Havia liquidado a sua actividade comercial, vendendo a loja de modo a descansar na sua qualidade de idoso, não só porque contava sessenta e cinco anos mas também porque a saída de Gamil el-Hamzawi o havia obrigado a duplicar a sua concentração no trabalho, que agora lhe parecia por demais penoso. Resolvera, por conseguinte, pôr termo à sua actividade profissional, convencido de que lhe haveria de sobrar da liquidação da loja, adicionado ao dinheiro economizado anteriormente, o bastante para o restante dos seus dias.

A decisão do sayyed fora um acontecimento importante na vida de toda a família, de tal forma que Kamal se perguntara muitas vezes qual teria sido o verdadeiro papel de Gamil el-Hamzawi na sua vida, em geral, e de um modo particular na do pai.

O sayyed Ahmad manteve-se sozinho no seu quarto, meditando em silêncio sobre os acontecimentos do dia, como se não conseguisse convencer-se inteiramente de que o esposo era o seu neto Abdel Munim. No dia em que Ibrahim Shawkat lhe havia falado de

casamento, ficara surpreendido e dissera, num tom de censura:

- Como consentes que o teu filho te fale com tamanha familiaridade e te imponha a sua vontade? Na verdade, sois pais criados para arruinar as gerações!

Se as circunstâncias fossem outras e não aquelas de cuja delicadeza tinha plena consciência, o sayyed ter-se-ia oposto por certo; mas tratava-se de Aisha e, ante a sua desventura, ele renunciou completamente à sua costumada obstinação. O homem era incapaz de frustrar as esperanças da filha, sobretudo depois das observações que se haviam seguido ao silêncio de ad el-Hamzawi relativas a uma possível união com Naima. E, se o casamento desta última podia amenizar as mágoas da mãe, então seria bem-vindo!

A delicadeza da situação havia-o, por isso, levado a aquiescer, consenso que os garotos impusessem a sua vontade aos adultos e casassem enquanto ainda eram estudantes!

Havia, por isso, intimado Abdel Munim, fazendo-o prometer que concluiria os estudos. O jovem, então, exprimira-se com palavras belas e reconfortantes que o haviam animado e citara versículos do Alcorão e alguns Hadith, de tal modo que deixara na alma do avô sentimentos opostos de admiração e de zombaria.

Assim, hoje casa-se o aluno, quando Kamal ainda não pensou fazê-lo e ele próprio, no passado, se havia negado a anunciar o noivado - e tratava-se de um simples anúncio de noivado - do defunto filho Fahmi, morto antes de poder colher o fruto da sua verde mocidade! O mundo antigo desmoronara-se portanto e estava a nascer outro aturdido que fazia com que as pessoas se sentissem estranhas mesmo no meio de familiares... Agora os alunos casavam... quem sabe um dia o que seriam capazes de fazer!

Na sala de estar, Khadiga falava e, entre muitas outras coisas, dizia:

- Eis porque desocupámos o segundo andar dos inquilinos; acolherá esta noite os noivos da melhor maneira!

Yassin, num tom insidioso, disse-lhe:

- Tens todas as qualidades para ser uma "sogra" ímpar, mas não poderás gozar dos teus dotes extraordinários com esta esposa!

A mulher compreendeu o que ele queria dizer e, fingindo ignorá-lo, retorquiu:

- A esposa é minha filha e da minha irmã...

Zannouba, para suavizar as alusões mordazes de Yassin, intrometeu-se:

- Khadiga banem é uma senhora irrepreensível!

Khadiga agradeceu-lhe por consideração pelo irmão Yassin e apesar do secreto desdém que nutria pela cunhada, acolhia sempre as suas manifestações de simpatia agradecendo-lhe com condescendência. Karima era uma jovem deslumbrante de dez anos e Yassin decantava a sua feminilidade em flor.

Abdel Munim, pelo contrário, conversava com a avó Amina, que admirava a religiosidade deste e o interrompia de quando em quando para lhe desejar votos de felicidade.

Kamal, brincando com Ahmad, perguntou-lhe:

- E tu, casas no próximo ano?

- A não ser que eu siga o teu exemplo, querido tio!

Zannouba, que escutava a conversa deles, voltou-se para Kamal dizendo:

- Se o senhor Kamal consentisse, diligenciaria de modo a casá-lo em poucos dias!

Yassin, apontando para si mesmo, disse-lhe:

- Estou disposto a consenti-lo no que me toca!

Ao que ela lhe objectou, meneando a cabeça com escárnio:

- Já te casaste o quanto baste; ficaste com o teu quinhão e o do teu irmão...

Atraída pela conversa de Zannouba, Amina interveio voltando-se para Zannouba:

- Se conseguires fazer com que Kamal case, tentarei lançar trinados de alegria pela primeira vez na minha vida!...

Kamal, ao pensar na mãe a soltar trinados de alegria, só pôde rir, depois, porém, ao imaginar-se no lugar de Abdel Munim, à espera da chegada do mazoun, foi assaltado por uma espécie de desalento. A ideia do casamento originava no seu íntimo uma voragem tal como o Inverno estimula a asma no doente, e destarte fugia deste em qualquer circunstância sem, todavia, poder ignorá-lo. O seu coração estava agora "vazio" e disso sofria como, antigamente, sofrera pela "plenitude" do amor. Hoje, se tivesse desejado casar, só o teria feito palmilhando a senda tradicional, aquela que principiava com a casamenteira e finalizava com a família, as crianças e a inclusão no

mecanismo da existência. Naquela circunstância, não mais teria tido nem lugar nem forma de cultivar a sua propensão para a cogitação e teria continuado a encarar o casamento no seu modo muito peculiar como estando a meio caminho entre o desejo inflamado, por um lado, e a repulsa, por outro; para só achar no fim da vida solidão e melancolia...

Naquele dia, a única pessoa realmente feliz era Aisha; pela primeira vez, após nove anos, trajara um lindo vestido e entrançara os cabelos; com os olhos sonhadores, admirava a sua filha, que se assemelhava a um feixe de luz e, quando as lágrimas acabavam por derrotá-la, escondia à filha o seu semblante pálido e mortiço. Amina, a dado momento, surpreendeu-a a chorar e, dirigindo-lhe um olhar de reprimenda, disse:

- Não é certo que Naima abandone a casa com o coração triste!

Ao que Aisha, soluçando, replicou:

- Não vê que, num dia como este, ela está sozinha sem pai nem irmão?

- Que a ventura acompanhe sempre a mãe, que o nosso Deus lha conserve... e, além do mais, Naima está a ir para casa da tia materna e do tio paterno e, acima de tudo, tem com ela ainda Allah, o Criador de toda a riqueza!...

Aisha, enxugando os olhos, retomou:

- As memórias dos queridos defuntos enchem a minha alma desde o dealbar do dia; os seus semblantes surgem-me... e, quando Naima partir, ficarei completamente sozinha!

Amina disse num tom de reprovação:

- Não estás sozinha!

Naima, que afagava de quando em vez a cara da mãe, exclamou:

- Como poderei alguma vez deixar-te sozinha, mãe?

- A casa do teu marido ensinar-te-á como fazê-lo!... - respondeu Aisha, que sorria carinhosa.

A filha, atormentada, começou a dizer:

- Virás ter comigo todos os dias; até agora, evitavas aproximar-te de es--Sukkariyya mas, de hoje em diante, tens de vencer esse costume...

- Claro, como podes ter dúvidas? Nisso, Kamal foi ter com elas e disse:

- Preparem-se, o mazoun chegou.

Os seus olhos, quando disse aquelas palavras, não se desprendiam de Naima, cheios de assombro. Que beleza! Que graça! Parecia translúcida de tão delicada! Como poderia a bestialidade achar poiso naquela meiga criatura?

Mal se soube que o contrato estava firmado, houve entre os presentes uma troca de congratulações. E eis que um demorado trinado de alegria se ergueu, arremetendo contra a austera gravidade da casa e ressoando na atmosfera silente, de tal modo que, surpreendidos, todos se voltaram para o fundo da sala, onde se encontrava Umm Hanafi.

Chegado o momento do banquete, enquanto os convidados se encaminhavam para a mesa, Aisha sentiu o coração apertar-se-lhe ao meditar na separação próxima e ficou sem vontade de comer. A seguir, avançou-se Umm Hanafi informando que o sheikh Metwalli Abdes Samad estava sentado no chão do pátio e pedia para cear insistindo em ter pratos com carne. O sayyed pôs-se a rir e deu ordens para que se lhe preparasse um tabuleiro para lhe ser levado. Então, do pátio, elevou-se a voz do sheikh, que implorava a Allah uma longa vida para o seu muito querido Ibn^[97] Abdel Gawwad"; ao mesmo tempo, inteirava-se dos nomes de todos os seus filhos e netos para invocar a graça de Allah para cada um. Nisso, o sayyed disse a sorrir:

- Que pecado! O sheikh Metwalli esqueceu os vossos nomes, que Allah tenha compaixão da velhice...

Ibrahim Shawkat perguntou:

- Ele tem quase cem anos, não é?

Ahmad Abdel Gawwad respondeu afirmativamente e, naquele mesmo instante, ouviu-se outra vez a voz do sheikh, que se erguia dizendo:

- Em nome de el-Hussein, o mártir, dêem-me mais carne! O sayyed exclamou então a rir:

- O centro de toda a sua fé concentra-se hoje na carne!... Quando chegou a altura das despedidas, Kamal encaminhou-se para o pátio. Pois, ainda que a separação da mãe e da filha consistisse somente numa pequena deslocação de Naima para es-Sukkariyya, uma tal separação estava destinada a pesar no coração de ambas as mulheres. Com efeito, Kamal olhava para aquele enlace com cepticismo, tendo em conta o pendor de Naima para a vida conjugal...

Chegado ao pátio, distinguiu o sheikh Metwalli Abdes Samad sentado no chão com as pernas estendidas, sob a lâmpada eléctrica fixada no muro da casa para alumiar a entrada.

O velho vestia uma gallabiyya puída e tinha na cabeça um chapéu branco; havia descalçado os sapatos e jazia, encostado ao muro, semiadormecido para dar descanso à barriga cheia de comida.

Kamal reparou no líquido que escorria por entre as suas pernas e compreendeu, logo ao primeiro olhar, que o sheikh estava a urinar sem se dar conta enquanto respirava, com breves intervalos, emitindo um sibilo. O jovem contemplou-o com um olhar de desagrado a que se aliava a compaixão, depois ocorreu-lhe um pensamento que de mau grado o fez sorrir e de si para si disse: "Talvez em 1830 fosse uma criança mimada..."

[96] Encarregado da celebração e do registo do contrato matrimonial.

[97] "Ibn" significa filho. Era desta maneira que, por vezes, o sheikh apelidava Ahmad Abdel Gawwad.

CAPÍTULO 19

Logo no dia seguinte, Aisha foi visitar es-Sukkariyya. No decorrer dos últimos nove anos, a mulher jamais havia saído da velha casa a não ser para ir ao cemitério ou fazer algumas pequenas visitas a Qasr esh-Shawq aquando da morte do filho pequeno de Yassin.

Aisha deteve-se um pouco à entrada da ruela de es-Sukkariyya para abarcar com um olhar toda aquela zona. Os seus olhos encheram-se de lágrimas ao rever a terra diante da entrada da casa que os pés dos seus filhinhos Otman e Muhammad haviam outrora impregnado de corridas e brincadeiras; o pátio que havia sido todo adornado por altura do seu maravilhoso casamento, a sala de estar onde o marido, Khalil, tinha por hábito sentar-se para fumar o cachimbo e jogar gamão ou dominó. Ali estava a linda fragrância do passado imbuída de carinho e de amor que ela perdera para todo o sempre... fora tão feliz naquela época, uma felicidade que se tornara proverbial a tal ponto que fazia com que dela se dissesse que era "uma pessoa que ria constantemente, trauteava e nada mais tinha para fazer senão contemplar-se, rindo, ao espelho e entreter-se a pôr-se bela!", enquanto o marido cavaqueava e as crianças saltitavam por toda a parte... Eram, pois, dias passados... Aisha enxugou os olhos para não se deparar com a recém-casada ainda a chorar. Enxugou aqueles olhos que continuavam azuis embora as pestanas a pouco e pouco houvessem caído e as pálpebras fenecido. Ao entrar, notou que o apartamento fora reformado e apetrechado de maiores comodidades: fora também pintado pelo que parecia sorrir com todo o enxoval da esposa para o qual não se olhara a despesas!

Naima recebeu a mãe envergando um fresco vestido branco; os cabelos louros escorridos chegavam-lhe quase à cova inferior do joelho: era deslumbrante, terna, pura e dela emanava um perfume encantador.

As duas mulheres abraçaram-se longa e calorosamente, até que Abdel Munim, que trazia um roupão verdete por cima da gallabiyya de seda e que aguardava a sua vez para saudar Aisha, disse:

- Chega!... O mais pequeno cumprimento seria suficiente para esta separação aparente!...

Depois, enlaçando a tia, acompanhou-a até uma poltrona confortável onde a fez sentar, dizendo:

- Estávamos precisamente a falar de ti, querida tia. Resolvemos com dar-te para vir morar connosco!...

Aisha respondeu a sorrir:

- Isso não! Virei ter convosco todos os dias e será uma boa ocasião para dar um passeio; preciso de me mexer!

Abdel Munim respondeu então com a sua habitual sinceridade:

- Nauma^[98] disse-me que não podes ficar aqui porque és assaltada pelas lembranças; mas as lembranças infelizes não podem arremeter contra a alma de um crente porque se trata de coisas prescritas por Allah e que há muito sucederam. Agora somos nós os teus filhos e Allah compensou-te!

"Este jovem é bom e verdadeiro mas não se interessa com o que as suas palavras provocam nos corações feridos."

- Sem dúvida, Abdel Munim, mas estou bem na minha casa, é melhor para mim...

Naquele momento, entraram Khadiga, Ibrahim e Ahmad, que saudaram Aisha. A irmã disse-lhe:

- Se soubesse que esta era a maneira para que voltasses a visitar-nos, tê-los-ia casado antes que se tornassem maiores de idade!

Aisha riu e perguntou a Khadiga, fazendo com que esta relembresse o passado distante:

- A cozinha é conjunta ou a esposa reivindica tornar-se independente da sogra?...

Khadiga e Ibrahim desataram ambos a rir e Khadiga acrescentou num tom não desprovido de subentendidos:

- A esposa é igual à mãe, não se interessa por frivolidades. Ibrahim, para tornar inteligível aos dois filhos as alusões de Aisha, disse:

- As altercações entre a vossa mãe e a minha tiveram início devido ao problema da cozinha, que sempre fora o exclusivo da avó, enquanto a vossa mãe reivindicava a sua independência também naquele campo...

O esposo, atónito, perguntou:

- E tu, mãe, discutias por causa da cozinha?

- E acaso haverá outras razões, para além da cozinha, para as lutas que se desencadeiam entre as nações? - acudiu Ahmad a rir.

Ibrahim interveio então um tanto escarinho:

- A vossa mãe é poderosa como a Inglaterra enquanto a minha, que Allah tenha piedade dela...

A seguir, chegou Kamal, que trajava um elegante fato branco, com aquele seu rosto onde se ressaltava a fronte proeminente, o nariz grande, as lentes de armação dourada e os fartos bigodes quadrados. Trazia na mão um pacote grande que fazia supor ser um bonito presente. Khadiga, contem-plando-o, disse a sorrir:

- Cuidado, querido irmão, se não te emendas casando, continuarás a trazer presentes que nunca te serão retribuídos! Agora toda a família se prepara para casar: aqui Ahmad, acolá Ridwan e Karima. Decide pois o que é melhor para ti!

Ahmad, voltando-se para o tio, perguntou-lhe:

- As férias escolares já começaram?

Kamal, tirando o fez e fitando a linda esposa, respondeu:

- Falta ainda um breve período dedicado à vigilância e às correcções nas escolas primárias.

Naima afastou-se para voltar carregando uma grande bandeja de prata repleta de diversos tipos de doces de cores e sabores variados. Seguiu-se um momento de silêncio entrecortado somente pelo som produzido pelo mastigar e pelo sorver.

A seguir, Ibrahim começou a evocar as lembranças do seu casamento... a cerimónia, as cantoras, a bailarina. Aisha seguia as suas palavras sorridente mas com o coração amargurado ao passo que Kamal escutava com um grande interesse quer porque retornava pelo pensamento a imagens de um passado que voltava à superfície quer porque desejava enxergar as que lhe haviam escapulado.

Ibrahim, a rir, continuou:

- O sayyed Ahmad era tal como hoje é ou ainda mais austero, mas a minha mãe, que Allah tenha piedade dela, disse um dia com convicção: "Que o sayyed faça aquilo que bem lhe aprouver em sua casa, mas, na nossa casa, divertimo-nos como bem entendemos", e assim foi! No dia do casamento, o sayyed chegou com os seus amigos, entre os quais me lembro do sayyed Muhammad Iffat, o avô de Ridwan... que Allah faça com que todos estejam bem... e todos eles se sentaram na sala de estar, arredados da algazarra.

Khadiga acrescentou:

- Galila, a melhor cantora da época, animou o serão...

Kamal sentiu o seu coração enternecer-se ao recordar a velha patronne^[99] celebrava ainda a época do pai! Ibrahim, fitando Aisha, continuou:

- Nós tínhamos a nossa cantora particular e a sua voz ainda era mais linda do que a daquela profissional, e recordava-nos a voz de Munira el-Mahdiyya^[100] no auge da sua notoriedade!...

Aisha enrubesceu e disse muito calma:

- Há muito que a sua voz se calou, a tal ponto que ela esqueceu-o.

- Também Naima sabe cantar - volveu Kamal. - Nunca a ouviram? Ibrahim respondeu:

- É o que dela se diz mas ainda não a ouvi... conhecemo-la na qualidade de sheikha^[101], não como cantora! Ontem disse-lhe: o teu marido é o sheikh dos crentes mas deves adiar a oração e a piedade por algum tempo!...

Todos se riram e Ahmad, virando-se para o irmão, exclamou:

- Só falta à tua esposa juntar-se ao teu lado ao grupo do sheikh Ali eM -Menufi!

Ao que o esposo acrescentou:

- O nosso sheikh foi o primeiro que me aconselhou o casamento!

Ahmad, dirigindo-se de novo para Abdel Munim, disse:

- Talvez os Irmãos^[102] encarem o casamento como um item do seu programa político!...

Ibrahim voltou-se para Kamal:

- Quanto a ti, eras um miúdo... isto é, no momento do meu casamento... e tinhas cabelos compridos e espessos, ao contrário de hoje; além do mais, acusavas-me, a mim e ao meu irmão, de roubarmos as tuas duas irmãs e nunca nos perdoaste...

"Então, eu era uma arena vazia onde ainda se não haviam iniciado os combates! Falam da felicidade do casamento! Se soubessem o que dizem os esposos que se lamentam! Naima é demasiado querida para tolerar que algum de nós se aborreça perto dela; nesta existência, tudo acaba por se revelar um engano!"

Khadiga, comentando as palavras do marido, disse: - Julgávamos, naquele tempo, que ele agia daquela maneira por amor por nós, mas, com o suceder dos dias, compreendemos sem sombra de dúvida que, pelo contrário, se tratava da sua repugnância pelo casamento,

sentimento esse que despontou nele desde a mais tenra infância!

Todos se puseram a rir, incluindo o próprio Kamal; amava Khadiga e sabia que a irmã lhe queria muito bem, o que fazia com que o seu carinho por ela ainda fosse maior. Pelo contrário, a solicitude do jovem esposo agastava-o imenso! Ao invés, apreciava muito Ahmad e dele se orgulhava!

Era manifesto que fugia do casamento mas agradava-lhe que Khadiga lho recordasse em qualquer circunstância. O ambiente matrimonial que o rodeava criava nele uma grande emoção que extasiava o seu coração e os seus sentidos... Experimentou uma espécie de vaga nostalgia, após o que se interrogou, como se se tratasse da primeira vez: "O que me impede de casar? A vida do pensamento como o cria outrora? Hoje tenho as minhas dúvidas acerca do pensamento bem como sobre os pensadores! Será, porventura, o medo? A vingança? O desejo de sofrer? A reacção que decorre do amor antigo? Na minha existência, encontra-se a justificação para cada um destes motivos!..."

- Consegues entender porque me desagrada que fiques solteiro? - perguntou Ibrahim Shawkat a Kamal.

- Sim.

- Penso que serias um marido ideal se casasses: és um homem ligado à casa por temperamento, disciplinado, íntegro, és um funcionário respeitado, existe, por certo, em algum lugar do mundo, uma rapariga digna de ti, que estás a privar da felicidade!

Por vezes, também as mulas falam de forma judiciosa: uma rapariga que existiria em algum lugar da terra... mas onde? Quanto à acusação de integridade de que falava Ibrahim, referia-se a um ateu, pecador, bêbado e hipócrita! Uma rapariga num canto qualquer da terra... talvez na casa de Galila na viela de el-Gawhari? E o que poderiam suscitar aquelas dores em conflito incessante no seu coração? E a irresolução à qual conseguia esquivar-se somente através do álcool e dos prazeres do sexo? Diziam-lhe: "Casa-te para procriar e te perpetuares!" Ele que sempre havia aspirado a se tornar eterno sob diversos aspectos, teria de recorrer por fim, dominado pelo desespero, a este único meio natural e ordinário? Se esta era a única esperança, então que a morte adviesse indolor para lhe trazer o descanso eterno! Como a morte lhe parecera horrenda e sem significado! Mas, agora

que a vida havia perdido todo o sentido, a morte revelava-se-lhe como sendo a verdadeira felicidade da existência! Como são dignos de admiração os que se consagram à ciência nos laboratórios! Quão admiráveis são os líderes que se expõem ao perigo para obter a constituição! Ao passo que aqueles que persistem em rodar em torno de si mesmos subjugados pela hesitação e por ela atormentados... que Allah deles tenha compaixão!

Com uma admiração não desprovida de um sentimento de alegria, o olhar de Kamal demorava-se ora em Ahmad ora em Abdel Munim. A nova geração abria o seu árduo caminho em direcção a uma meta ilimitada sem incertezas nem indecisões. "Mas qual será o segredo do meu mal funesto?" Nisso, Ahmad disse:

- Na próxima quinta-feira, convidarei os esposos, os meus pais e a minha tia ao teatro er-Rihani, onde reservei um camarote.

Khadiga perguntou:

- Er-Rihani?

Ibrahim, para explicar à sua mulher, disse:

- Kishkish bey^[103].

Khadiga exclamou então a rir:

- Yassin, mal acabara de casar, esteve para ser expulso da nossa casa porque uma noite fora com a mulher, a mãe de Ridwan, a Kishkish bey.

Nisso, Ahmad disse com desembaraço:

- Isso era outrora... Hoje o meu avô não se oporia a que a minha avó fosse ao Kishkish bey! Khadiga disse ao filho:

- Vai com os esposos e com o teu pai, para mim chega-me a rádio..

Aisha, por sua vez, disse:

- Para mim é o bastante ficar aqui em vossa casa!

Khadiga continuou a contar com todos os detalhes a história de Yassin e de Kishkish bey até que Kamal, lançando uma olhadela para o relógio se recordou do encontro com Riyad Quldus, pelo que se levantou e licença para se retirar.

^[98]Diminutivo de Naima.

^[99]Em francês no texto.

^[100]Munira el-Mahdiyya (1885-1965), famosa cantora egípcia, conhecida sob a designação aia do Canto. Cantou ao longo de mais de

30 anos e participou nos movimentos de emancipação da mulher no Egito.

[101] Forma feminina de sheikh. Aqui significa "religiosa praticante".

[102] Os Irmãos Muçulmanos, ou seja, jamat al-Ikhwan al-Muslimin, literalmente, Sociedade de Irmãos Muçulmanos. Trata-se de uma organização islâmica de cariz político-religioso que foi fundada em 1928 por Hassan el Banna no Egito após o desmoronamento do Império Otomano. Este movimento opõe-se às tendências seculares das nações islâmicas e pretende "regressar" aos ensinamentos do Alcorão e repudiar as influências ocidentais. O lema da organização é: "Allah é o nosso objectivo. O Profeta o nosso líder. O Alcorão a nossa lei. O Jihadé o nosso caminho. Morrer pelo caminho de Allah é a nossa maior esperança."

[103] Personagem famosíssima criada e interpretada por Naguib er-Rihani (1891-1949). Este para si, como nome artístico, o nome desta mesma personagem que o notabilizara Ittil forma que o público tinha dificuldade em destrinçar a pessoa real da personagem.

CAPÍTULO 20

- Podes deveras desfrutar da beleza da natureza quando faltam apenas poucos dias para os exames?

Assim perguntava um estudante a um colega enquanto estavam sentados com um grupo de amigos, num semicírculo na relva, num pequeno planalto verde dominado por um pavilhão de madeira onde se encontravam outros rapazes. À volta deles, até onde a vista abarcava, havia palmeiras, canteiros e alamedas intervaladas por corredores de mosaicos. O rapaz ao qual se dirigira a pergunta respondeu:

- Sim, assim como Abdel Munim Shawkat desfruta da vida conjugal apesar de os exames estarem próximos!

Abdel Munim Shawkat, sentado com o irmão Ahmad Shawkat no semicírculo, disse:

- O casamento, ao contrário do que se considera, oferece ao estudante as melhores condições de êxito!

Hilmi Izzat, que estava sentado junto de Ridwan Yassin do outro lado do semicírculo, disse:

- É verdade, mas isto quando o marido é um dos Irmãos Muçulmanos!

Ridwan riu, descobrindo dentes que se assemelhavam a pérolas, apesar da ansiedade que a conversa lhe suscitara na alma. A questão do casamento avivava nele a sua angústia; ignorava se algum dia se teria atirado para uma tal aventura... uma aventura tão aterradora quanto indispensável mas tão afastada do seu espírito quanto o era do seu corpo.

Um estudante perguntou:

- Quem são os Irmãos Muçulmanos?

Hilmi Izzat respondeu:

- Uma sociedade religiosa que tem por fim fazer reviver o Islão do ponto de vista teórico e prático. Não ouviste falar das células que se começam a constituir nos bairros?

- São diferentes dos Jovens Muçulmanos? -Sim...

- E qual é a diferença?

- Pergunta ao Irmão... - respondeu, indicando-lhe Abdel Munim

Shawkat.

Este último falou paulatinamente com a sua voz forte:

- Somos uma sociedade que não se consagra apenas à instrução e à reforma dos costumes, mas que tenta compreender bem o Islão do modo como Allah o criou: religião, vida terrena, lei e sistema de governo...

- E estas são palavras que se profiram no século XX?

A voz forte retomou:

- Até mesmo no século CXX...

- Oh... andamos às apalpadelas entre democracia, fascismo, comunismo... isto é uma nova contrariedade!

- Mas é uma contrariedade divina! - acrescentou Ahmad a rir.

Levantou-se um coro de gargalhadas enquanto Abdel Munim fitava o irmão com um olhar indignado; mas a expressão parecia ter surpreendido Ridwan Yassin, que disse:

- Contrariedade é uma expressão pouco feliz...

O estudante entretanto perguntou de novo a Abdel Munim:

- E vocês apedrejam as pessoas que se lhes opõem?

- Os jovens estão ameaçados pelo definhamento da fé e pelo abrandamento dos costumes e o apedrejamento não é o pior castigo que merecem; mas não apedrejam, dirigimos e educamos unicamente através de bons conselhos e do bom exemplo. A prova disso é que na minha casa tenho um irmão merecedor de apedrejamento e que se acha aqui a divertir-se diante de vocês e a escarnecer o seu Criador, louvado seja Ele sempre!

Ahmad riu e Hilmi Izzat voltou-se para este dizendo:

- Se te sentes em perigo junto do teu irmão, convido-te a vir mora comigo em ed-Darb el-Ahmar...

- Também tu és como ele?

- Não, mas nós, wafdistas, somos tolerantes; o primeiro conselheiro nosso chefe é copta, nós somos assim...

O primeiro estudante voltou a rir:

- Como podem fazer propaganda a favor de tais disparates e logo ne mês em que foram abolidas as capitulações?

- Então devemos suprimir a nossa religião por respeito pelos estrangeiros? - perguntou Abdel Munim.

Ridwan Yassin, por seu turno, seguindo outra linha de pensamento:

- Foram abolidas as capitulações! Então deixa falar aqueles que criticaram o tratado...

Hilmi acrescentou:

- Aqueles que criticam não são sinceros, trata-se de ódio e inveja... A independência efectiva e integral só se conquista pela guerra, como podem eles pretender obter, com palavras, mais do que se obteve?

Elevou-se uma voz que, num tom enfadado, dizia:

- Deixem-nos o ensejo de discutir um pouco acerca do nosso futuro...

- Não nos interroguemos sobre o futuro no mês de Maio com os exames à porta, deixem-nos em paz... a partir de amanhã, não voltarei mais à faculdade para ter tempo para dedicar ao estudo...

- Calma, as oportunidades de trabalho não correm atrás de nós! Qual é o futuro dos licenciados em Direito e em Letras? A vadiagem ou, no melhor dos casos, um lugar como pequeno funcionário estatal... Informem-se pois sobre o futuro, se assim o quiserem.

- Mas, tendo sido abolidas as capitulações, muitas portas se hão-de abrir!

- Muitas portas? A população é mais numerosa do que as portas!

- Escutem, en-Nahas permitiu que os estudantes entrassem na universidade, cujas portas estavam dantes fechadas a muitos, e deu-lhes a possibilidade de aí ingressar depois de terem estado cerradas devido ao sistema injusto da média das notas dos exames de licenciatura: será ele agora incapaz de nos dar um emprego?

No fundo do jardim, surgiu um pequeno grupo de quatro raparigas que saíam da universidade e se encaminhavam para a sede do governador civil de el-Ghiza: os jovens calaram-se seguindo-as com o olhar. Os olhos destes não conseguiam distingui-las bem mas elas avançavam com calma; o "z" fazia esperar que, em breve, poderiam observá-las de perto visto que rua que elas percorriam dobrava para norte e passava mesmo diante do :al onde os amigos estavam sentados.

Tendo-se aproximado, os seus nomes e o da faculdade a que pertencem foram repetidos pelos rapazes: uma estudava Direito, as outras três.

Então Ahmad, olhando para as raparigas, recordou: "Elwiyyah Sabri..." aquele nome levou-o a pensar. Era uma beldade genuína,

turca e egípcia, de estatura mediana, esguia, pele clara, cabelos negros qual o carvão, dois olhos grandes e sombrios, pálpebras graves encimadas por sobrancelhas unidas; a rapariga, que se distinguia pelo aspecto nobre e pela distinção das maneiras, era sua colega no curso de propedêutica.

Ahmad soubera - e, além do mais, quem quer saber consegue sempre obter informações - que a rapariga estava inscrita, como ele, em Sociologia. Embora nunca lhe houvesse surgido uma ocasião para trocar uma só palavra, desde o primeiro olhar, ela havia chamado a sua atenção.

Quantas vezes havia admirado os traços do semblante de Naima sem, no entanto, ficar alvoroçado no seu íntimo, ao passo que aquela rapariga tinha algo que lhe fazia pressentir uma amizade do pensamento e talvez do... coração!

Mal o pequeno grupo se afastou da vista, Hilmi Izzat exclamou:

- Dentro em breve, a Faculdade de Letras tornar-se-á uma faculdade de raparigas!

Ridwan Yassin, olhando para os estudantes de Letras sentados em semicírculo, disse por seu turno:

- Não dêem demasiada fé na amizade dos estudantes de Direito que vêm com frequência vos visitar na vossa Faculdade nas pausas entre uma lição e outra: o propósito deles é muito menos digno!...

Assim falando, desatou a rir com estrépito, ainda que, naquele instante, não estivesse realmente feliz porque falar de raparigas era uma conversa que fazia assomar na sua alma perturbação e tristeza.

- Por que razão as raparigas vão todas para a Faculdade de Letras?

- Porque o ensino é o género de trabalho mais acessível para elas!

- Isto por um lado, por outro lado, a literatura é um género de estudo que se ajusta às mulheres... tal como o batom, a manicura, o khôl para maquilhar os olhos, assim são a poesia e os romances... tudo coisas que devem ser colocadas no mesmo nível!

Todos se riram, mesmo Ahmad e os outros estudantes de Letras que no entanto, teriam desejado reagir. Depois Ahmad acrescentou:

- Este juízo imerecido tem sobretudo legitimidade para a Medicina porque a assistência aos doentes sempre foi da competência feminina, mas aquilo que vos falta ainda é a consciência da igualdade entre o homem e a mulher.

- Não consigo perceber - disse Abdel Munim a sorrir - se dizer que as mulheres são iguais a nós é para elas um elogio ou uma censura!

- Se a questão estiver ligada aos direitos e aos deveres, então é um elogio, não uma censura...

- O Islão tornou o homem e a mulher iguais, salvo no que toca à herança - respondeu Abdel Munim.

Ahmad interveio zombeteiro:

- Também no que toca à escravidão os considerou iguais!

- Desconhecem a vossa religião, esse é que é o drama! - explodiu Abdel Munim exasperado.

Hilmi Izzat, dirigindo-se a Ridwan, perguntou-lhe a sorrir:

- O que sabes tu do Islão?

O outro, no mesmo tom replicou:

- E tu?...

- E tu, o que sabes do Islão para dele falares assim à toa? - perguntou Abdel Munim ao irmão.

Ahmad, muito calmo, retorquiu:

- Sei que é uma religião, o que me chega, pois não acredito nas religiões!

Abdel Munim, reprovador, perguntou-lhe:

- E tens porventura provas para sustentar a falsidade das religiões?

- E tu, tens alguma para sustentar a sua autenticidade?

Abdel Munim respondeu então, alteando de tal modo a voz que o jovem sentado entre ele e o irmão principiou a virar a cabeça ora para um ora para o outro, com uma expressão apreensiva:

- É claro que tenho, tal como todo o crente; mas deixa-me que antes te pergunte como podes viver assim!

- Vivo com a minha fé muito peculiar: a fé na ciência, na humanidade e no futuro, e com os deveres que me imponho que visam preparar a Terra para uma nova construção.

- Dessa maneira, destróis o fundamento do que torna o homem tal!

- Diz antes que a sobrevivência de uma doutrina durante mais de mil anos não é sinal da sua força mas da vontade terminante de um grupo reduzido de homens. É o contrário de qualquer ideia de renovação! E o que me convinha em criança, devo alterá-lo agora que me tornei num homem.

"Durante muito tempo, o ser humano foi escravo da natureza e dos

seus semelhantes: hoje combate a escravidão que lhe foi imposta pela natureza graças à ciência e às invenções, bem como se opõe à escravidão que lhe foi imposta por outros seres humanos graças às ideias progressistas. Tudo o mais é como que um freio para a roda livre da humanidade!"

Abdel Munim, que, naquele momento, experimentava um profundo sentimento de aversão ao pensar que Ahmad era seu irmão, exclamou:

- O ateísmo é fácil: é a solução de quem todavia se quer subtrair aos deveres que o crente se impõe em relação a Deus, em relação a si mesmo e em relação aos demais; não existe prova alguma a favor do ateísmo que possa ser tida como sendo mais válida do que aquela a favor da fé! O que escolhe um dos dois campos não é a razão mas a disposição natural... Ridwan acudiu dizendo:

- Não cedam à violência da disputa: enquanto irmãos, fariam melhor se estivessem do mesmo lado...

Nisso, Hilmi Izzat, a quem sucedia, por vezes, deixar-se arrebatado por obscuros acessos de revolta, interveio:

- Fé... humanidade... futuro! Palavras ocas! Somente a ciência e as suas leis merecem consideração! Devemos acreditar numa só coisa: na missão de combater até erradicar a debilidade humana sob todas as suas formas, o que por mais inexorável que possa parecer a nossa ciência, servirá para conduzir a humanidade para um modelo mais forte e mais puro!

- Acaso são estes os novos princípios do Wafd após o tratado?

Hilmi Izzat soltou uma gargalhada que o aquietou e Ridwan disse acerca dele:

- É realmente wafdistas, mas, por vezes, atravessam-lhe a mente ideias insólitas, esquisitas, que o impelem a instigar a uma chacina geral... mas talvez isso só mostre que esta noite não dormiu bem!

A impetuosidade da alteração seguiu-se um grande silêncio.

Ridwan ficou contente e deixou o seu olhar errar em redor seguindo ora o voo de alguns milhafres que no céu voavam ora contemplando os grupos de palmeiras.

Cada qual afirmava o seu pensamento indo até atacar o Criador, ao passo que ele podia só ocultar tudo o que lhe ardia no seu íntimo, aquilo que teria de continuar a ser o seu segredo medonho e ameaçador! Seria ele pois qual perseguido e réprobo? Mas quem teria

dividido os seres humanos em normais e anormais? E como seria imaginável ser-se em simultâneo o juiz e a parte contrária? E porque tantas vezes se zomba dos infelizes?

Ridwan, dirigindo-se a Abdel Munim, disse:

- Não te irrites, a religião tem um Deus que a protege; pensa antes em ti próprio, que, daqui a nove meses no máximo, serás pai!

- É verdade!

Ahmad, brincando com o irmão para apagar qualquer resquício de animosidade, disse:

Para mim é mais fácil expor-me à ira de Allah do que à tua! - mas, entretanto de si para si pensava: "Quer ele se irrite quer não encontrará pelo menos, ao voltar a es-Dukkariyya, um lar carinhoso... será alguma vez possível para mim, ao regressar um dia a casa achar Elwiyyah Sabri no primeiro andar de es-Sukkariyya?

Perante tal pensamento, sorriu mas ninguém foi capaz de decifrar o motivo verdadeiro.

CAPÍTULO 21

A casa de Abder Rahim paxá Isa estava entregue a um alvoroço inabitual: estavam ali inúmeras pessoas em pé no jardim, outras ainda, sentadas na varanda, e muitas que entravam e saíam.

Hilmi Izzat tocou no braço de Ridwan enquanto se aproximavam da casa e disse-lhe contente:

- Não estamos desprovidos de apoiantes como asseveram os jornais deles...

Enquanto os dois abriam passagem em direcção ao interior, alguns [jovens bradavam:

- Viva a solidariedade!

Ridwan corou de emoção. Como eles, estava entusiasmado e exaltado, contudo, interrogou-se confrangido: "Quem sabe se algum deles não terá dúvidas sobre o móbil 'não político' das minhas visitas..."

Certa vez, havia confessado a Hilmi Izzat as suas apreensões e o amigo havia-lhe retorquido:

- Só duvidam dos que se mostram receosos! Caminha com a cabeça erguida e o pé firme: aqueles que se preparam para a vida pública não devem inquietar-se com a opinião das pessoas mais do que o indispensável!

A sala de recepção estava apinhada de gente sentada: estudantes, operários e alguns membros da comissão wafdistas. Na primeira fila da sala, encontrava-se Abder Rahim paxá Isa sentado, com um ar severo e grave contrariamente aos seus hábitos, rodeado pelo halo do homem político de relevo.

Os dois homens avançaram para ele, e este levantou-se para os receber, com muita seriedade, apertou-lhes as mãos e convidou-os a sentar.

Um dos presentes, que se havia interrompido com a chegada dos dois jovens, recomeçou a dizer:

- A opinião pública ficou bastante espantada ao saber quais os nomes dos novos ministros e ao não ver entre eles o de en-Noqrashi!

Abder Rahim paxá Isa replicou:

- Na ocasião das demissões, esperávamos algo, sobretudo porque se

{alava dos desentendimentos internos até nos cafés. Mas en-Noqrashi não

é como os restantes membros do Wafd. O Wafd demitiu muitos antes dele, pessoas que nunca mais se refizeram, mas ele tem um prestígio diferente não te esqueças de que falar de en-Noqrashi significa falar igualmente Ahmad Maher: ambos são o Wafd da resistência, o Wafd combatente e guerreiro! Interroguem as forças, as cadeias e as bombas... Desta vez, o desentendimento não afecta apenas a reputação daquele que parte: está em jogo a própria integridade do poder, a questão das bombas. Se acontecer aquilo que receamos e se o Wafd se cindir, será o Wafd a sair de cena e não en-Noqrashi ou Maher!...

- Makram Ebeid^[104] revelou finalmente o seu verdadeiro rosto... Aquelas palavras ecoaram estranhas aos ouvidos de Ridwan: não lhe é fácil crer que se pudesse atacar naqueles termos o chefe supremo do Wafd numa atmosfera realmente wafdistas! Outro dos presentes acrescentou:

- Excelência, Makram Ebeid está na génese de todos estes males... Abder Rahim paxá respondeu:

- Os outros são não menos culpados...
- Mas é ele quem não tolera rivais; quer manobrar sozinho en-Nahas e se se vir livre de Maher e en-Noqrashi, ninguém mais o poderá deter...

- Se pudesse suprimir o próprio en-Nahas, suprimi-lo-ia! Um sheikh que fazia parte da assembleia acudiu:

- Peço-vos, não exagerem quando falam, as águas podem voltar ao seu curso normal...

- Agora que foi formado o Ministério sem en-Noqrashi?

- Tudo é possível...

- Aquilo era possível na época de Saad^[105] Zaghlul, mas en-Nahas é um homem obstinado que quando teima numa coisa...

Naquele momento, entrou na sala de recepção um homem que caminhava apressado: o paxá dirigiu-se para o centro da sala para o acolher. Os dois abraçaram-se efusivamente e o dono da casa perguntou:

- Quando é que voltaste? Como está a situação em Alexandria?

- Muito bem... muito bem... En-Noqrashi, na estação de Sidi Gaber,

recebeu um acolhimento popular sem precedentes! As massas instruídas, que vieram em grande número, acalmaram-no com entusiasmo. Indignados, dispostos a reivindicar a necessidade de um "poder honesto", todos os presentes exultavam: "Viva en-Noqrashi, homem honesto! Viva en-Noqrashi, filho de Saad Zaghlul!" E muitos ainda bradavam: "Viva en-Noqrashi, o líder da Nação..."

O homem falava em voz alta e muitos dos presentes repetiam as suas aclamações de tal forma que o paxá se viu compelido a fazer-lhes sinal para se manterem serenos. O homem então tornou a dizer:

- A opinião pública está indignada com o Ministério! Está enfurecida porque en-Noqrashi foi afastado dele! En-Nahas cometeu um erro irreparável ao aceitar apoiar o Diabo contra o anjo puro!

Nisso, Abder Rahim paxá declarou:

- Estamos agora em Agosto, a universidade reabre em Outubro: que a abertura do ano académico marque o início de uma batalha decisiva! Temos de nos preparar a partir de agora para as manifestações, ou en-Nahas volta à razão ou então que vá para o diabo...

Hilmi Izzat disse:

- Posso afiançar que as manifestações estudantis hão-de afluir à casa de en-Noqrashi.

Abder Rahim paxá acrescentou:

- Tudo precisa de estar organizado. Reúnam-se com os estudantes que nos apoiam e preparem-se; por outro lado, as notícias que possuo corroboram que um número inacreditável de deputados e senadores se há-de juntar a nós...

- En-Noqrashi é o cérebro de todas as comissões do Wafd, não se esqueçam disso; de manhã até à noite, chegam-lhe constantemente ao seu escritório telegramas de apoio...

Ridwan, entretimentos, interrogava-se o que estaria a acontecer no mundo...

O Wafd dividir-se-ia de novo? E Makram Ebeid arcaria, porventura, com todas as responsabilidades? O interesse da nação coincidiria, portanto, com a cisão do partido que durante dezoito anos assumira a sua missão?

A discussão prolongou-se num eu cá tu lá; os participantes puseram-se a ponderar as diferentes propostas, sobretudo as relativas à propaganda e à organização das manifestações, e, a seguir, a pouco e

pouco, começaram a abalar até na sala ficarem só o paxá, Ridwan e Hilmi Izzat. O paxá convidou então os dois jovens a acompanhá-lo até à varanda e sentaram-se com ele à volta de uma mesa na qual foram de imediato colocados copos com limonada.

Pouco depois, apareceu à porta um homem de cerca de quarenta anos que Ridwan conhecera no decorrer de visitas anteriores; o homem chamava-se Ali Mahran e era o secretário particular do paxá. Da sua aparência, transparecia uma propensão natural para os gracejos e a desfaçatez; estava na companhia de um jovem de vinte anos, lindo, que parecia um artista devido ao cabelo ondeado que lhe caía sobre as orelhas e a gravata de nó espesso. Ali Mahran avançou risonho e, após ter beijado a mão do paxá e estreitado a dos seus amigos, apresentou a sua jovem companhia dizendo:

- O senhor Ateyya Gawdat, cantor principiante mas dotado de talento. Já lhe falei dele, Excelência...

O paxá agarrou nos óculos que pousara na mesa e, escarrapachando--os, mirou com grande cautela o jovem; depois disse sorridente:

- Sê bem-vindo, sim Ateyya. Já ouvi falar muito de ti, talvez desta vez possamos escutar-te...

O jovem desejou todo o bem ao paxá e depois sentou-se, ao passo que Ali Mahran se inclinava para o patrão dizendo:

- Como está o meu querido "tio"?

Assim apelidava o paxá quando se libertava das formalidades e o homem respondeu-lhe sorrindo:

- Mil vezes melhor do que tu!

Ali Mahran retomou com uma gravidade que não lhe era usual:

- No bar "O Inglês" murmura-se que, em breve, será formado um governo nacionalista sob a presidência de en-Noqrashi!...

O paxá esboçou um sorriso "político" e gaguejou:

- Não estamos entre os ministráveis!...

Ridwan, com interesse maculado de angústia, perguntou:

- Mas sobre que alicerces? É claro que não posso imaginar que en-Noqrashi faça um golpe de Estado como Muhammad Mahmoud ou Ismael Sidqi...

- Um golpe de Estado! Não... agora trata-se apenas de persuadir a maioria dos senadores e dos deputados a unir-se a nós; e não esqueças

que o rei está connosco e que Ali Maher procede com sensatez e grande paciência...

Ridwan, desanimado, perguntou novamente:

- No final, achar-nos-emos, também nós, entre os "homens do palácio"? Abder Rahim paxá retorquiu:

- É esta a expressão, mas o seu significado alterou-se; Faruq não é Fuad e as circunstâncias já não são as mesmas; o rei é um jovem patriota entusiasta, vítima dos ataques injustos de en-Nahas!

Ali Mahran, esfregando as mãos com júbilo, disse:

- Quem sabe quando felicitaremos o paxá pela sua nomeação como ministro!... Acaso me escolherá para subsecretário de Estado como me escolheu para secretário particular?

- Antes pelo contrário, nomear-te-ei director-geral das prisões, que são o local apropriado para ti!... - replicou o paxá a rir.

- As prisões? Mas dizem que são feitas para os "homens corajosos"!

- Mas também para os outros... fica sossegado! Como que enfadado, o paxá exclamou de repente:

- Chega de política! Mudemos de assunto, por favor! Voltou-se pois para Ateyya e disse:

- O que nos farás ouvir?

Ali Mahran respondeu por ele:

- O paxá gosta muito da música e é amigo da alegria; se conseguires conquistá-lo, abrir-se-ão para ti as portas da rádio...

Ateyya Gawdat replicou com afabilidade:

- Recentemente pus em música os versos do professor Mahran: "Encadearam-me e encadearam-no!"

O paxá fixou o seu secretário dizendo-lhe:

- Desde quando escreves versos?

- Acaso não fui estudante de el-Azhar durante sete anos em que fiquei como que mergulhado no vasto mar da métrica?

- E que ligação pode existir entre el-Azhar e os teus versos depravados? "Encadearam-me e encadearam-no"!... Quem é o "outro" que foi encadeado, senhor estudante?

- A resposta, ó paxá, está na "barba do paxá"[\[106\]](#)!

- Filho da velha!

Ali Mahran chamou o criado e o paxá perguntou-lhe.-

- Porque o estás a chamar?

- Para que arranje um recanto para o recreio musical!
- Espera que tenha terminado a minha oração da noite - replicou o paxá levantando-se.

Então Mahran perguntou-lhe com um sorriso pejado de malícia:

- Ter-te beijado a mão ao cumprimentar-te não invalidou a tua ablução?

[104] Makram Ebeid Pasha (QÍna 1879 - Cairo 1961). Trata-se de um político egípcio copta.; Ocupou o cargo de secretário-geral do partido Wafd entre 1936 e 1942. Foi igualmente ministro das Finanças do Egipto. Abandonou o partido Wafd na sequência de divergências com o seu antigo amigo e primeiro-ministro do Egipto e líder do partido Wafd Mustafa en-Nahas.

[105] O mesmo que sayyed, ou seja, senhor.

[106] A designação "Dhaqn ei-Paxá", ou seja, "a barba do paxá" é usada no Egipto para indicar uma planta da família da acácia que produz fios semelhantes ao algodão cardado, muito fragrantos. O nome desta planta é utilizado em alguns provérbios que aconselham as pessoas a interessarem-se pelos seus assuntos pessoais e não se intrometerem nos dos outros.

CAPÍTULO 22

Ahmad Abdel Gawwad deixou a casa, apoiando-se na bengala, e avançou devagar como se arrastasse os pés. Hoje não era já o que outrora fora! Desde que liquidara a loja, só saía de casa uma vez por dia para se preservar, o mais possível, da fadiga a que estava submetido o seu coração ao', subir as escadas.

Era apenas Setembro e, não obstante isso, ele já pensara vestir-se com lã porque o seu corpo agora magro já não aguentava aquela aragem fresca 1 que todavia antigamente - quando era forte e vigoroso - o havia alegrado. A bengala, que o acompanhava desde jovem qual símbolo de virilidade e de elegância, havia-se tornado agora para ele num amparo de verdade: amparo para o seu caminhar vagaroso que o coração aguentava com grande esforço e dificuldade.

Sobreviviam nele, porém, traços do seu antigo esplendor e da distinção de outrora; continuava a escolher com grande cautela as roupas mais sumptuosas, a perfumar-se com as essências mais aromáticas, desfrutando da dignidade e da beleza inerentes à velhice.

Ao se acercar da loja, os seus olhos volveram-se, maquinalmente, para a examinar. A tabuleta que durante anos e anos tivera o seu nome e o do seu pai havia sido retirada e o aspecto da loja modificara-se bem como a sua actividade. O local destinava-se agora à venda e à engomagem dos fezes e, na parte dianteira, estavam o fogão e as formas de cobre.

Aos olhos do sayyed, apareceu, todavia, uma tabuleta imaginária que a ninguém mais era dado ver e que lhe revelou que o seu tempo era já passado: o tempo dos esforços, da luta e dos prazeres. E eis que hoje lhe cabia ter de se isolar num canto, limitar-se à sua vida de aposentado que virou as costas ao mundo da esperança e aceitou o da velhice, das doenças e tão-só da espera... de um toldar do coração que sempre fora - e continuava a ser - perdidamente apaixonado pela vida mundana e pelos prazeres de tal modo que, do seu ponto de vista, mesmo a fé nada mais era senão uma das alegrias da vida, aquela em que se podia encontrar conforto.

Ele jamais conhecera, até àquele instante, a devoção profunda que leva a desprender o olhar deste mundo e voltá-lo para o outro.

A loja já não era dele, mas como apagar da mente a lembrança daquele que havia sido o local da sua actividade, o centro de todos os olhares, o ponto de encontro dos amigos e das pessoas queridas, a própria fonte de consideração e de prestígio?

"Devo consolar-me e dizer: casei as minhas filhas, eduquei os meus filhos, vi os meus netos: tenho dinheiro quanto baste para me sentir seguro até à morte, saboreei "o doce" da vida durante longos anos - anos deveras extraordinários - e agora chegou para mim o momento de agradecer. Agradecer a Allah sempre, continuamente... é um dever. Mas quão tremenda é a nostalgia! Que Allah perdoe o tempo, o tempo que não se suspende por um segundo sequer e que apenas é engano, e que engano, para o homem! Se as pedras falassem, pediriam a estes lugares que me contassem o passado, que me dissessem se realmente este meu corpo abatia montanhas, se este coração enfermo jamais cessava de pulsar, se jamais estes lábios paravam de rir, se esta alma não conhecia o sofrimento, se a minha imagem enchia deveras os corações! Uma vez mais... que Allah perdoe o tempo!"

Caminhando devagar, chegou à mesquita de el-Hussein, onde se descalçou e entrou recitando a al-Fatiha^[107]. Avançou depois até ao minba^[108], onde encontrou Muhammad Iffat e Ibrahim el-Far que o aguardavam e juntos realizaram a oração do pôr do Sol. Por fim, os três amigos abandonaram a mesquita e encaminharam-se para et-Tombakshiyya para visitar Ali Abder Rahim. Todos eles, com efeito, embora tendo deixado de trabalhar para se dedicarem por completo aos cuidados das suas doenças, estavam, sem dúvida, melhor do que Ali Abder Rahim, que não mais podia deixar a cama.

O sayyed Ahmad, suspirando, disse:

- Sinto que, em breve, não poderei mais ir à mesquita a não ser de caleche.

- Não és o único...

O sayyed retomou com manifesta angústia:

- Temo muito ser obrigado a ficar preso à cama como o sayyed Ali! Imploro a Allah a graça de me fazer expirar antes de ser reduzido à impotência...

- Que Allah te poupe a ti e a todos nós aos males... Depois o sayyed voltou a dizer como que atemorizado:

- Ghoneim Hamidu ficou paralisado na cama durante cerca de um

ano; Sadeq el-Mawardi padecia durante meses... Meu Deus, dai-me a graça de uma morte rápida quando chegar o momento prescrito...

Muhammad Iffat exclamou a rir:

- Se os pensamentos sombrios te subjugaram, quer dizer que te viraste uma mulher... proclama antes a unicidade de Allah, meu querido irmão!

Quando chegaram a casa de Ali Abder Rahim, foram acompanhados até ao seu quarto e o doente apressou-se a dizer-lhes num tom mortificado:

- Estão atrasados, que Allah vos perdoe!

A angústia provocada pela necessidade de ficar na cama transparecia nos seus olhos... já só conseguia sorrir quando estava na companhia deles...

- Não tenho nada mais para fazer, durante todo o dia, senão ouvir rádio - começou a dizer. - O que teria eu feito se o uso da rádio ainda não houvesse sido introduzido no Egipto? Agrada-me ouvir tudo o que é transmitido, mesmo as conferências que, por vezes, não consigo compreender bem! Contudo, será que nos tornamos deveras tão velhos para legitimar tamanho sofrimento? Os nossos antepassados casavam ainda com a nossa idade!

Nisso, o sentido de humor apoderou-se de Ahmad Abdel Gawwad, que disse:

- É uma ideia! O que acham de casarmos de novo? Talvez ajudasse a reavivar a nossa juventude e libertar-nos das doenças!...

Ali Abder Rahim sorriu - evitava rir para não ser tomado por um acesso de tosse que teria sido pernicioso para o seu coração - e acrescentou:

- Concordo com vocês! Escolham-me uma esposa mas digam-lhe abertamente que o esposo não se pode mexer e que terá de fazer tudo sozinho...

El-Far voltou-se para ele como se, de súbito, se houvesse lembrado de algo:

- Ahmad Abdel Gawwad, que Allah lhe dê longa vida, verá antes de ti o filho da neta.

- Parabéns antecipados, ó filho de Abdel Gawwad! Mas o sayyed ficou taciturno ao dizer:

- Naima está grávida, é verdade, mas não estou sossegado! Continuo

a pensar no que disseram sobre o seu coração no dia em que nasceu. Muitas vezes tentei esquecer, mas é inútil!

- Quão ingrato és! Desde quando tens fé nas predições dos médicos?

O sayyed riu ao responder:

- Desde que o bocado de comida que engulo sem ter em consideração os conselhos deles me mantém desperto até ao romper da alvorada...

- E a misericórdia de Deus?! - perguntou Ali Abder Rahim.

- Louvado seja Allah, Deus da Criação! Depois, esclareceu:

- Não ignoro a misericórdia de Allah, mas o temor gera temor e, na verdade, Naima não me inquieta tanto quanto Aisha! Querido Ali, Aisha é o centro da angústia da minha existência, pobre infeliz, se eu me for, deixá-la-ei sozinha neste mundo...

Ibrahim el-Far decretou:

- Deus está presente, Ele é o guarda supremo!

Reinou o silêncio durante alguns minutos, após o que a voz de Ali Abder Rahim o rompeu ao dizer:

- E depois de ti, virá a minha vez também de ver o filho da minha neta... O sayyed Ahmad riu:

- Que Allah perdoe às filhas, fazem envelhecer os seus pais antes do tempo...

- Meu velho! Admite que estás velho e deixa de ser pretensioso!

- Não levantes a voz, receio que o meu coração te possa ouvir e reaja mal: o meu coração tornou-se igual a uma criança mimada!

Ibrahim el-Far, meneando a cabeça, disse muito descontente:

- Que ano foi este que passou! Um ano duro para todos nós, não poupou ninguém... como se tivéssemos um encontro!

- Como diria Abdel Wahhab^[109]: "Vivamos juntos para morrermos juntos!" Todos se riram, depois Ali Abder Rahim, mudando de tom, perguntou grave:

- Será tolerável? Quero dizer, aquilo que fizeram a en-Noqrashi? Ahmad Abdel Gawwad, macambúzio, disse:

- Como tínhamos esperança de que as águas voltassem ao seu leito! Que Allah o Glorioso me perdoe...

- A fraternidade de toda uma vida e os esforços da luta acabaram em pó!

- Nesta época, todas as coisas boas acabam em pó... Ahmad Abdel

Gawwad recomeçou a dizer:

- Nada me desagradou tanto como o afastamento de en-Noqrashi. O desentendimento não deveria tê-lo feito chegar a tal ponto...

- Que fim esperas para ele?

- O fim inevitável! Onde estão el-Basel^[110] e esh-Shamsi^[111]? O combatente foi suprimido e consigo arrastou Ahmad Maher.

Muhammad Iffat disse agitado:

- Deixemos este tema! Estou na iminência de me divorciar da política! Um pensamento atravessou o espírito de el-Far, que perguntou sorrindo:

- Se fôssemos todos obrigados... Allah não queira!... a permanecer presos na cama como o sayyed Ali, como faríamos para nos encontrar e conversar?

- Tudo o que vem de Allah é melhor do que vem de ti! - gaguejou Muhammad Iffat.

Ahmad Abdel Gawwad acrescentou a rir:

- Se devesse sobrevir aquilo que receamos, conversaríamos através da rádio como faz o papá "Sukham" quando se dirige às crianças!

Todos se riram, após o que Muhammad Iffat tirou do bolso o relógio, que olhou de relance, mas Ali Abder Rahim, entristecido, disse:

- Ficarão comigo até que chegue o médico para ouvir o que diz... malditos sejam o seu pai e estes seus dias!

^[107]Nome da primeira surata (capítulo) do Alcorão.

^[108]O púlpito do cimo do qual, durante a oração da sexta-feira ao meio-dia, o imã profere o chamado sermão da sexta-feira.

^[109]Muhammad Abdel Wahhab (1907 - Maio de 1991). Nasceu no Cairo, possuía uma linda voz, era músico de al-oud, compôs cerca de duas mil canções para ele e para outros cantores sobretudo para a cantora Umm Kulthoum. O seu conhecimento tanto da música tradicional árabe como da música ocidental permitiu-lhe introduzir muitos elementos musicais típicos do Ocidente e instrumentos. É considerado um dos quatro grandes da música árabe juntamente com Umm Kulthoum, Abdel Halim Hafez e Farid el-Atrash,

^[110]Muhammad el-Basel, membro do Wafd e deputado ao

Parlamento, figura de destaque da revolução de 1919, foi exilado pelos Ingleses na ilha de Malta juntamente com Saad Zaghlul.

[\[111\]](#) Ali esh-Shamsi, wafdist, membro da Assembleia Legislativa, participou na revolução de 1919.

CAPÍTULO 23

El-Ghuriyya encerrava as suas portas; o frio era intenso e os transeuntes, escassos. Estava-se em meados de Dezembro mas, naquele ano, o rigor invernal começara cedo.

Kamal não achara dificuldade em arrastar para o bairro de el-Hussein o amigo Riyad Quldus, que, conquanto não fosse do bairro, havia mostrado ter um grande desejo de calcorrear por aquelas paragens e se sentar nos cafés. Havia decorrido mais de um ano e meio desde o primeiro encontro deles na sede da revista el-Fikr e, naquele longo período, os dois amigos haviam-se encontrado uma ou duas vezes por semana pelo menos. Além do mais, haviam-se habituado a verem-se todas as noites dos dias feriados, ou na revista el-Fikr ou na casa de Bain el-Qasrain, ou em casa de Riyad em Manshiyyat el-Bakri, ou nos cafés da Rua Imad ed-Din, ou no grande café de el-Hussein, onde Kamal se refugiara desde que as picaretas se haviam derrubado sobre o lendário café Ahmad Abdu, riscando-o para todo o sempre da existência.

Os dois homens estavam muito contentes com aquela amizade e, uma vez, acontecera a Kamal reflectir: "Sofri durante anos a ausência de Hussein Shaddad até Riyad Quldus vir preencher aquele vazio." Na presença do amigo, a alma de Kamal despertava numa espécie de arrebatamento que atingia o seu clímax quando as suas ideias confluíam. E, no entanto, embora completando-se reciprocamente, as suas personalidades permaneciam distintas. O sentimento de amizade que os unia era correspondido de forma tácita de tal modo que já não tinham mais ilusões. Nenhum dos dois dissera alguma vez ao outro: "És para mim um amigo verdadeiro" ou "Não consigo conceber a minha existência sem ti", embora fosse aquela a realidade dos factos. O frio intenso não diminuiu neles o desejo de caminhar e decidiram continuar a pé até ao café de Imad ed-Din.

Naquela noite, Riyad Quldus não estava bem-humorado. - A crise constitucional terminou com a derrota do povo! - disse encolerizado. - A destituição de en-Nahas não é senão a derrota do povo na sua luta histórica contra o Palácio... Kamal exclamou triste.-

- Agora ficou demonstrado que Faruq é igual ao seu pai...

- Faruq não é o único culpado, trata-se de um plano arquitectado pelos inimigos do povo do costume no qual se vê a mão de Ali Maher e Muhammad Mahmoud. Mas é triste que se juntem aos inimigos do povo dois dos seus filhos: Ahmad Maher e en-Noqrashi! Se o país não tivesse traidores, o rei não teria encontrado apoiantes para esmagar os direitos do povo...

Após um breve silêncio, prosseguiu:

- Hoje já não se trata dos Ingleses... é o povo e o rei que se encontram frente a frente! A independência não é tudo, há também o inviolável direito do povo de usufruir inteiramente da sua soberania para poder viver uma vida humana e não uma vida servil!

Kamal não estava mergulhado na política como Riyad. Sim, a "dúvida" não conseguira extinguir nele, como tudo o resto, o interesse pela política, que permanecia vivo nos seus sentimentos. O seu coração acreditava nos direitos do povo mas a sua mente encolhia-se ao defrontar tais propósitos. Por vezes, com efeito, celebrava "os direitos do homem", outras, considerava "que sobrevivia o melhor, as massas não passam do rebanho!", e talvez se interrogasse: "Não será o comunismo uma experiência digna de ser vivida?" Quanto ao seu coração, este não se libertara ainda daqueles afectos populares que o acompanhavam desde a meninice e se misturavam com a memória do irmão Fahmi.

Para Riyad, pelo contrário, a política era um ponto crucial dos seus interesses intelectuais.

- Como podemos esquecer o agravo sofrido por Makram Ebeid na praça Abdin? E esta destituição criminosa de hoje... um ultraje, uma calúnia, uma cuspidela na cara da nação!.. O ódio cego faz com que alguns aplaudam em demasia... - continuou Riyad.

- Ficaste irritado por causa de Makram? - disse chalaceando. Sem a menor vacilação, o outro replicou:

- Todos os Coptas são wafdistas porque o Wafd é o partido do nacionalismo genuíno; não é um partido religioso com base turca como o Partido Nacional, mas o partido do nacionalismo que fará do Egipto uma nação livre para todos os egípcios sem distinção de etnia ou de religião: e os inimigos do povo sabem-no lindamente. Eis porque os Coptas têm sido claramente alvo de perseguições durante todo o período de Sidqi e, a partir de hoje, sofrerão de novo...

Kamal alegrou-se com aquela sinceridade, que confirmava a amizade perfeita que era a deles, mas divertiu-se a perguntar-lhe quase que a brincar:

- Eis que estás a falar dos Coptas, tu que só acreditas na ciência e na arte?... Riyad permaneceu em silêncio quando, com o amigo, alcançava a Rua de el-Azhar, onde o frio parecia mais vivo. Enquanto caminhavam, aconteceu-lhes passar diante de uma loja que vendia basbusa e Kamal convidou o amigo para comer alguns. Tendo entrado na loja, cada um tomou uma dose de doce num pequeno prato e puseram-se a comer num recanto. Só então Riyad tornou a dizer:

- Sou ao mesmo tempo livre e copta, ou melhor, sou agnóstico e copta ao mesmo tempo: por vezes, sinto como se o cristianismo fosse a minha pátria, não a minha religião mas, se examino estes meus sentimentos, sou levado a afirmar para mim, perturbado: "Vai com calma, não será ignóbil esqueceres a tua nação?" Uma só coisa consegue fazer-me vencer este descontentamento: a extinção do meu "eu" no seio do nacionalismo egípcio genuíno, assim como o quis Saad Zaghlul. En-Nahas é muçulmano de religião, mas é também nacionalista na verdadeira acepção da palavra. Diante dele, sentimo-nos tão-só egípcios, não muçulmanos nem coptas. É certo que poderia viver feliz sem abalar a minha tranquilidade com semelhantes pensamentos, mas penso que viver uma existência autêntica significa, em primeiro lugar, ser responsável.

Kamal, provando a basbusa, meditava enquanto o seu coração era alvoroçado por sentimentos vários: Riyad, com aquele seu rosto tipicamente egípcio, lembrava-lhe algumas imagens faraónicas que nele originavam pensamentos vários.

"O ponto de vista de Riyad tem o seu fundamento e é incontestável. Eu próprio - dividido como estou entre razão e coração - sofro de uma cisão de personalidade! Também ele: como pode uma minoria viver no meio de j uma maioria que a oprime? Porém, a legitimidade das revelações celestes deveria medir-se tendo por base a felicidade que conseguem assegurar aos homens: em primeiro lugar, o auxílio dado aos oprimidos." Assim pensava Kamal e depois disse:

- Não me queiras mal, mas vivi até agora sem chocar com as questões raciais. Desde miúdo, a minha mãe ensinou-me a amar todos: depois cresci no clima de uma revolução isenta dos preconceitos

do fanatismo; por conseguinte ignoro esse problema!

Enquanto se punham a caminhar de novo, Riyad respondeu:

- Todavia, isso não deveria ser de todo um problema! Desagrada-me dizer-te abertamente que crescemos em casas não isentas de recordações negras e tristes! Não sou um fanático mas quem negligencia os direitos do homem, não só na sua casa mas também nos lugares mais remotos da Terra, negligencia os direitos de toda a humanidade...

- São belas as tuas palavras! Não é de admirar que as verdadeiras mensagens humanitárias não raro provenham dos ambientes das minorias ou dos homens cujas consciências estão empenhadas em cuidar destas mesmas minorias, mas há sempre fanáticos...

- Sempre e em todos os lugares. O ser humano é jovem; o animal, pelo contrário, é antigo. Os vossos fanáticos consideram-nos nefandos hereges, os nossos vêem em vocês sacrílegos usurpadores e dizem de si mesmos que descendem dos reis do Egipto e que puderam preservar a sua religião pagando a jizyah^[112]...

Kamal disparou numa gargalhada e disse:

- Isto é o que dizemos, nós e vocês... Acreditas que na origem desta polémica esteja a religião ou a natureza humana, que está sempre à procura de discórdia?! Não estão de acordo nem os muçulmanos nem os cristãos. Encontrarás sempre conflitos entre xiitas e sunitas, entre pessoas do Higaz^[113] e do Iraque, entre wafdistas e constitucionalistas, entre estudantes de Letras e de Ciências, entre as equipas de futebol de el-Ahli e et-Tirsana... Contudo, ficamos muito tristes se por acaso sabemos pelos jornais que no Japão se registou um terramoto! Diz-me, porque não abordas estas questões nas tuas novelas?

- A questão dos Coptas e dos Muçulmanos?

Riyad Quldus, depois de um breve silêncio, retomou:

- Recearia ser mal compreendido... Depois, após outra pausa, tornou a dizer:

- Não te esqueças, além do mais, de que estamos no nosso "período áureo", o sheikh Abdel Aziz Gawish aconselhava aos muçulmanos que se servissem da nossa pele para fazer sapatos!

- E como fazer para erradicar definitivamente este problema?

- Por sorte, agora isso dissolveu-se no problema do povo egípcio: hoje, o problema dos Coptas é o de todo o povo; se este é oprimido,

também nós somos oprimidos, se ele se libertar, também nós nos libertaremos!

"A felicidade e a paz!... Sonho tão cobiçado! O teu coração vive só de amor, mas quando encontrará o espírito a sua via? Quando conseguirei dizer, com a mesma firmeza que o meu sobrinho Abdel Munim: 'Sim, sim!'"? A minha amizade por Riyad ensinou-me a ler as suas novelas, mas como acreditar na arte quando me convenci de que até a própria filosofia é como que um conjunto de palácios impróprio a ser habitado?"

Riyad, fitando-o de súbito, disse:

- Em que estás a pensar neste momento? Diz-mo com sinceridade! Compreendendo o implícito daquele pedido, Kamal respondeu francamente:

- Pensava nas tuas novelas!

- Não estás aborrecido por causa da minha franqueza?

- Eu? Que Allah te perdoe...

Ele riu, como que a querer desculpar-se, depois perguntou-lhe:

- Leste a minha recente novela?

- Sim, é agradável, mas parece-me que a arte não é uma actividade deveras séria e, por isso, pergunto que coisa é mais importante para a humanidade: a seriedade ou o divertimento?! A tua cultura científica é elevada, embora não sejas um cientista: no entanto, toda a tua actividade se perde na escrita de novelas, pelo que, por vezes, me pergunto para que te serve a ciência!

Riyad Quldus respondeu animado pelo entusiasmo:

- Tirei da ciência e transferi para a arte o culto da verdade, a devoção aos seus princípios, a coragem de enfrentá-la, por muito acerba que possa ser, a integridade no julgamento, a absoluta tolerância em relação a toda; as criaturas...

"Palavras carregadas de significado, mas que ligação terão com a comédia das novelas?"

Riyad Quldus olhou para ele lendo a dúvida no seu rosto, riu com estrépito e depois disse:

- Tens preconceitos contra a arte mas consolo-me ao pensar que nada na vida escapa à tua dúvida! Vemos com as nossas mentes mas vivemos com os nossos corações! Apesar de toda a tua descrença de raiz, amas vivamente o teu país e participas de uma certa maneira na

sua vida política, postura essa que tem atrás de si um princípio consciente ou inconsciente mas seguramente não menos forte do que a fé. A arte interpreta o universo humano e há escritores que, com a sua arte, têm lutado pela afirmação das ideias universais. Nas suas mãos, a arte transforma-se numa das armas do campo de batalha universal... por isso, não pode ser considerada uma actividade "não séria"...

"Defesa da arte ou do valor do artista? Se o vendedor de pevides tivesse capacidade de participar na discussão, certamente também ele poderia provar que desempenha um papel relevante na vida humana e não é improvável que todas as coisas tenham o seu valor inerente... bem como, de forma similar, é possível que cada coisa não tenha o menor valor.

Quantos milhões de pessoas estão a exalar neste instante o seu derradeiro suspiro? Ao mesmo tempo, uma criança levanta a voz chorando por ter extraviado um brinquedo... ou um apaixonado confessa à noite e ao universo os suplícios do seu coração... e eu... eu devo rir ou chorar?..."

Depois Kamal disse:

- Por falar nisso, o que disseste sobre a batalha das ideias universais, deixa-me que te diga que esta se espelha em miniatura na nossa família... Tenho um sobrinho filiado nos Irmãos Muçulmanos e outro comunista!...

- Tal luta, mais cedo ou mais tarde, deverá estar presente em todas as casas; já não estamos a viver dentro de uma garrafa de gargalo estreito! Mas nunca pensaste nestas coisas?

- Li alguma coisa sobre o comunismo no âmbito dos meus estudos sobre a filosofia materialista, tal como li alguns livros sobre o fascismo e o nazismo...

- Valente, tu que lêes e compreendes... um historiador sem história! Espero que o dia em que saias desta tua postura seja por ti considerado o dia do teu ditoso renascimento!

Kamal experimentou uma sensação incómoda ao ouvir a observação do amigo, que era uma crítica sem nada de acerbo mas, tudo reunido, não estava desprovido de razão. Depois, evitando qualquer comentário, disse:

- Além do mais, nem o comunista nem o filiado nos Irmãos Muçulmanos da minha família aprofundaram o conhecimento daquilo

em que acreditam!

- A fé em algo depende da vontade não do conhecimento... Hoje, o cristão mais modesto sabe muito mais da sua religião do que o saberiam os mártires! O mesmo sucede convosco no Islão...

- E tu acreditas em alguma destas doutrinas?

- Sem dúvida, menosprezo o fascismo, o nazismo e todos os regimes totalitários; o comunismo, pelo contrário, seria adequado para criar um mundo livre das tragédias dos conflitos de raça e de religião, e das lutas de classe. O meu real interesse continua a ser, todavia, a arte...

- Mas o Islão criou há já mais de mil anos aquele mundo de que falas... - retorquiu Kamal não sem uma ponta de troça.

- Contudo, continua a tratar-se de uma religião... o comunismo é ciência enquanto a religião é mito...

Depois, corrigindo, com um sorriso nos lábios:

- E nós lidamos com os Muçulmanos não com o Islão...

Os dois amigos, chegados à rua Fuad, acharam-na atravancada de pessoas, apesar do frio intenso, e Riyad parou para, de súbito, perguntar:

- O que dirias de um jantar à base de macarrão e um bom vinho?

- Não bebo nos locais muito frequentados; vamos antes ao café Okasha, se quiseres...

- Como fazes para aguentar todo este peso? - disse a rir Riyad. - Óculos, bigodes, e tradições... Libertaste a tua mente de todos os grilhões mas o teu corpo está por inteiro preso... foste criado, pelo menos fisicamente, para ser professor...

A alusão de Riyad ao seu corpo evocou a Kamal um episódio penoso. Certa vez, havia participado numa festa de aniversário de um colega; todos haviam bebido até ao ponto da embriaguez; fora então que um dos presentes zombara da sua cabeça e do seu nariz, o que suscitou o riso geral... Sempre que pensava na sua cabeça e no seu nariz, recordava Aida e os dias idos; Aida que havia criado o seu nariz e a sua cabeça... É singular como o amor a pouco e pouco desaparece enquanto subsistem só estes vestígios tristes...

Riyad, naquele momento, puxando pelo seu braço, disse.

- Anda, bebamos vinho, conversemos sobre a arte da novela... e depois iremos a casa de Galila na ruela de el-Gawahri; quero dizer-te que, se a apelidares de "tia paterna", chamar-lhe-ei eu "tia materna"!...

[112] Às Pessoas do Livro (judeus e cristãos) que viviam numa Nação Islâmica e sob a lei e a protecção desta, era dada a designação de dhimmis. Recebiam um certo número de direitos, tais como os direitos de praticar livremente o seu culto, ser plenamente protegidas pelo governo e outros se concordassem em pagar uma taxa especial chamada jizyah.

[113] Região na Arábia Saudita a que os Egípcios fazem alusão quando querem dizer que vão realizar a peregrinação a Meca.

CAPÍTULO 24

Es-Sukkariyya ou, para melhor dizer, o apartamento de Abdel Munira Shawkat estava numa grande agitação; no quarto de dormir, Amina, Khadiga, Aisha, Zannouba e a parteira cercavam a cama de Naima, enquanto na sala estavam sentados Abdel Munim com o pai, Ibrahim, o irmão, Ahmad, Yassin e Kamal.

Yassin gracejava com Abdel Munim e dizia:

- Faz as contas para que o próximo nascimento não se dê num período em que estejas a preparar os teus exames...

Estava-se no final de Abril e Abdel Munim, embora feliz, sentia-se esgotado e aflito.

Os gritos causados pelas dores de parto elevavam-se agudos para além da porta cerrada e atestavam do sofrimento de Naima... Abdel Munim disse:

- É espantoso como a gravidez a cansou e debilitou: o seu rosto está totalmente exangue!

Yassin interveio sem se perturbar:

- São coisas normais: acontecem a todas as mulheres!

- Ainda me lembro do nascimento de Naima - disse sorrindo Kamal.

- Foi um nascimento difícil que muito fez sofrer Aisha... tive muita pena dela enquanto aguardava aqui com o defunto Khalil...

- Destas palavras deverei concluir que o parto difícil é um factor hereditário? - perguntou Abdel Munim.

Yassin, apontando o dedo indicador para cima, acrescentou:

- Tornar as coisas fáceis só a Allah pertence.

- Chamámos uma parteira famosa em todo o bairro... a minha mãe preferia chamar a mulher que a ajudou a dar à luz, mas eu insisti, pelo contrário, na parteira que será, sem dúvida, mais asseada e competente!

- É claro! - exclamou Yassin - embora o parto dependa em tudo e por tudo da vontade de Allah e da sua solicitude!

Ibrahim Shawkat, acendendo um cigarro, disse:

- As dores principiaram de manhã bem cedo, agora são cinco horas da tarde... Coitada, é delicada como uma sombra, que Allah a ajude...

Depois, olhando com os olhos lânguidos para os presentes e, de um

modo especial, para os filhos Abdel Munim e Ahmad, acrescentou:

- Ah! Se sempre nos lembrássemos das dores que padecem as nossas mães!

- Pai, como podes pedir ao feto que se recorde? - interveio Ahmad a rir. O homem respondeu num tom de reprovação:

- Para revelar reconhecimento, não é necessário confiar só na memória... Os gritos interromperam-se e sobre o quarto fechado, para o qual todas as cabeças se voltaram, abateu-se o silêncio.

Volvidos alguns minutos, Abdel Munim, impaciente, levantou-se e aproximou-se da porta.

Bateu e esta abriu-se, deixando entrever a massa roliça de Khadiga.

O jovem olhou para a mãe com uma expressão interrogativa tentando enxergar pelo canto do olho o interior, mas a mulher repeliu-o com as mãos, dizendo:

- Allah ainda não permitiu o parto!

- Já passou muito tempo! Trata-se de falso alarme?

- A parteira sabe mais do que nós... fica sossegado e reza para que o parto corra bem!

Khadiga fechou a porta e o jovem voltou para o seu lugar junto do pai, que explicou a aflição do filho dizendo:

- Desculpem-no, é um principiante nos partos...

Kamal, para se distrair, tirou do bolso onde o tinha dobrado o jornal El-Balagh^[114] e começou a folhá-lo. Nisso Ahmad disse:

- A rádio transmitiu os últimos resultados da campanha eleitoral... - e acrescentou com um sorriso sardónico: - E que resultados hilariantes!...

O pai perguntou distraidamente:

- Quantos wafdistas foram eleitos ao todo?

- Ao que me lembro, treze.

Dirigindo-se depois ao tio Yassin, Ahmad prosseguiu:

- Querido tio, ficarás feliz por participar da alegria de Ridwan...

Encolhendo os ombros com indiferença, Yassin respondeu:

- Não é ministro nem deputado, o que me importa tudo isso?

- Os wafdistas acreditavam que a época das eleições forjadas houvesse terminado, mas Shihab ed-Din é pior que o irmão^[115]! - disse Ibrahim Shawkat.

- O que parece é que no Egipto a excepção é a regra! - disse Ahmad

contrariado.

- Nem sequer en-Nahas e Makram foram eleitos: não é algo de hilariante?

Então, Ibrahim Shawkat interveio com uma certa severidade:

- Contudo, ninguém pode negar que eles faltaram ao respeito ao rei! os reis têm a sua dignidade, não se age deste modo...

- O nosso país precisa de uma boa dose de impertinência para com os reis, para acordar do seu longo desmaio!... - disse Ahmad.

- Sim, mas os cães conduzem de novo o país para o poder absoluto, à sombra de um parlamento fictício! Ao fim da experiência, aperceber-te-ás de que Faruq é forte e tirânico como o pai Fuad, ou muito mais até... E tudo isso se comete com a ajuda de alguns filhos da pátria!... - disse Kamal.

Yassin desatou a rir e disse, quase a querer explicar e comentar:

- Embora Kamal em criança fosse amigo dos Ingleses como Shadhin, Adli, Sarwat e Haidar, a seguir tornou-se wafdistas...

Kamal, olhando principalmente para Ahmad, respondeu com seriedade:

- Eleições forjadas, todos sabem neste país que se trata de eleições forjadas, embora sejam oficialmente reconhecidas e, com base nos seus resultados, governar-se-á o país! O que significa que, na consciência do povo, se arraigará a certeza de que os deputados são todos gatunos que roubaram os seus lugares; que, por conseguinte, os ministros são também eles gatunos que roubaram as suas nomeações e que quer os dirigentes quer os membros do governo são falsos e neles não se pode confiar e que, por fira, o roubo, as falsificações e o engano foram institucionalizados... Então, não se deverá porventura perdoar qualquer homem que não tenha fé nos princípios e na moral e que só acredite na falsidade e no oportunismo?

Ahmad disse com entusiasmo:

- Deixa-os governar, todas as coisas negativas também têm o seu lado bom! É preferível que o nosso povo sofra a humilhação a que seja anestesiado por um governo que ama, no qual tem confiança sem que ele nada faça para realizar as suas aspirações! Pensando em tudo isso, cheguei até a admitir de forma favorável déspotas como Muhammad Mahmoud e Ismael Sidqi...

Kamal notou que Abdel Munim não participava na conversa, como

tinha por hábito fazer, e, para arrastá-lo, provocou-o:

- Porque não nos dizes a tua opinião a este respeito? Abdel Munim sorriu vagamente e respondeu:

- Deixa-me ouvir hoje... E Yassin, rindo:

- Sê alegre para que o recém-nascido não te ache triste e pense em regressar para onde veio...

Falando assim, esboçou um gesto que fez compreender a Kamal que o j irmão se preparava para inventar uma desculpa para partir. Chegara a hora do café e para Yassin a regra de passar o serão fora de casa era algo que nada no mundo podia alterar. Enquanto Kamal o examinava atentamente, reflectindo por seu turno sobre a possibilidade de partir visto que não parecia a sua presença necessária, elevou-se um grito vindo do quarto de Naima, um grito feroz, violento, que parecia o eco da profundidade humana... Os gritos sucederam-se cada vez mais violentos, atraindo os olhares para a porta do quarto e impelindo os presentes a um silêncio penetrante que foi interrompido apenas por um murmúrio de Ibrahim, quase uma súplica:

- Talvez as dores de parto estejam a terminar... se Allah quiser!

- Pode ser...

Porém, os gritos sucediam-se de tal forma que eles emudeceram... Abdel Munim empalideceu... Houve uma breve pausa de silêncio, depois os gritos prosseguiram mas desta vez pesarosos, vindos de uma garganta agora rouca, de um peito despedaçado, quase já gritos de agonia...

O estado de Abdel Munim era tal que deixava ver claramente que precisava de alento, pelo que Yassin disse:

- Tudo o que ouves é normal em caso de um parto difícil...

- Difícil! Difícil! Mas porque tem de ser tão difícil?... - respondeu Abdel Munim com uma voz trémula.

A porta abriu-se e saiu Zannouba, que a voltou a fechar. Todos olharam para ela: aproximou-se do marido, Yassin, parou diante dele e disse:

- Está tudo bem, mas a parteira para maior prudência pede-vos que chamem o doutor Sayyed Muhammad...

Abdel Munim pôs-se em pé:

- Sem dúvida, o seu estado é tal que justifica a presença do médico... mas diz-me o que tem!

Zannouba, com uma voz calma e firme, disse:

- Está tudo bem, mas, se querem ficar mais sossegados, apressem-se a chamar o médico...

Abdel Munim, sem perder um minuto, foi para o seu quarto para acabar de se vestir; Ahmad apressou-se a ir atrás dele e, em seguida, acompanhou-o para ir buscar o médico e, naquele momento, Yassin exclamou:

- Mas o que está a acontecer?

Zannouba, cujo rosto pela primeira vez traía uma certa aflição, disse:

- A coitadinha está a sofrer muito... que Allah a ajude!

- A parteira não disse nada?

- Disse só que quer a presença do médico...

Zannouba voltou para o quarto deixando atrás de si uma profunda sombra de angústia...

- Mas este médico fica longe daqui? - perguntou Yassin. Ibrahim Shawkat respondeu:

- No edifício onde fica o teu café, em el-Ataba.

Elevou-se um forte grito... as línguas emudeceram: teriam as dores de parto retomado? Quando chegaria o médico? Levantou-se outra vez um grito forte, a tensão aumentou e Yassin, horrorizado, gritou:

- É a voz de Aisha!

Apuraram o ouvido e reconheceram a voz de Aisha... Ibrahim levantou-se, dirigiu-se para a porta do quarto e bateu. Zannouba abriu com o rosto muito pálido e ele perguntou com uma grande apreensão:

- O que está a acontecer aqui? O que tem Aisha hanem? Não seria melhor fazê-la sair do quarto?...

- Oh, não... Si Ibrahim, Naima está muito mal... - respondeu Zannouba, engolindo a saliva.

- Mas o que está a acontecer?

- De repente... mas olha...

Num ápice, os três homens precipitaram-se para a porta. Naima jazia coberta até ao peito; a tia, a avó e a parteira envolviam o leito; a mãe estava em pé no meio do quarto, fitando de longe a filha, com os olhos extraviados, como se houvesse perdido a consciência. Naima tinha os olhos fechados, o seu peito erguia-se e baixava com um arquejamento indiferente ao corpo agora imóvel... o semblante

tornara-se branco, lívido como a morte.

A parteira vociferou:

- O médico! Amina exclamou:

- Ó Deus!

Khadiga, por sua vez, com uma voz aterrada dizia:

- Naima, responde-me, responde-me...

Quanto a Aisha, nada dizia como se tudo aquilo que estava a acontecer não lhe dissesse respeito...

Kamal interrogou-se no seu íntimo o que estaria a acontecer e depois, aterrado, dirigiu a mesma pergunta ao irmão, que não lhe respondeu. Que parto difícil!... Voltou o olhar para Aisha, Ibrahim e Yassin e ouviu o seu coração soçobrar. Tudo aquilo tinha um só significado...

Penetraram todos no quarto... que agora já não era o quarto de parto, senão não poderiam ter entrado... Aisha estava num estado extremamente crítico, mas ninguém lhe dirigia a palavra... Naima abriu os olhos, que pareciam sombrios, esboçou um gesto como se quisesse sentar-se... a avó levantou-a e amparou-a entre os seus braços.

A jovem soluçou, emitiu um suspiro fundo, depois gritou de repente, quase que a pedir ajuda:

- Mãe... vou morrer... vou morrer...

Em seguida, a cabeça caiu sobre o peito da avó, o quarto foi invadido por uma algazarra de gritos: Khadiga dava estaladas no seu rosto... ao passo que Amina pronunciava a shabada^[116] diante daquele jovem rosto...

Aisha encostou-se à janela que dava para es-Sukkariyya, olhou para algo de vago, depois a sua voz repetiu como que num eco:

- O que é isto, meu Deus? Porquê? Porquê? Quero perceber...

Ibrahim Shawkat aproximou-se dela, estendendo-lhe uma mão, mas ela afastou-se dele num movimento brusco, dizendo:

- Que ninguém me toque! Deixem-me... deixem-me! Depois, voltando o olhar para os presentes, disse:

- Saiam, por favor, não falem comigo, acaso têm palavras que me possam ser úteis? As palavras já de nada me servem, como vêem, Naima morreu... Era tudo o que me restava e agora já nada possuo no Mundo... Saiam, por favor...

A escuridão era já densa quando Yassin e Kamal se dirigiram para Bain el-Qasrain. Yassin dizia:

- Como é duro ter de comunicar ao teu pai a notícia!
- Sim - respondeu Kamal enxugando os olhos.
- Não chores, estou já no limite da resistência...
- Era-me muito querida! - exclamou Kamal suspirando. - Estou realmente triste, meu irmão! E aquela pobre Aisha...
- Este é que é o drama! Aisha! Todos nós esqueceremos, menos Aisha!...

"Haveremos de esquecer realmente? Não sei o que dizer... O seu rosto não desaparecerá dos meus olhos durante toda a minha vida... ainda que do esquecimento tenha uma experiência singular... é uma grande graça... mas quando dispensará o seu bálsamo?"

Assim reflectia Kamal quando Yassin tornou a dizer:

- Estava pessimista no momento do seu casamento, talvez não o saibas... Quando Naima nasceu, o médico augurou que o seu coração não lhe consentiria viver depois dos vinte anos! O teu pai há-de lembrar-se seguramente!
- Não sabia nada disso, e Aisha estava informada?
- Não, é uma história antiga! E nunca se escapa ao que Allah decretou!...
- Quão desgraçada é Aisha!
- Sim, quão desgraçada é, coitadinha...

[114] Jornal do partido Wafd de Saad Zaghlul.

[115] Literalmente "Shihab ed-Din Adrat min Akhi", ou seja, "Shihab ed-Din dá peidos mais fortes do que o irmão". O nome Shihab ed-Din nesta expressão não se refere a ninguém em particular. Esta frase era repetida de uma forma sarcástica e fazia alusão à vitória nas eleições de 1937 do partido dos liberais constitucionais. Destas eleições fraudulentas resultou que o partido Wafd apenas conseguiu eleger 12 deputados no bairro de er-Rafei e 13 no de es-Sukkariyya.

[116] A shahada é a profissão de fé dos Muçulmanos e o primeiro dos cinco pilares do Islão. É uma declaração que pode ser dividida em duas partes: Não há outra divindade para além de Allah; Muhammad é o seu profeta.

CAPÍTULO 25

Ahmad Ibrahim Shawkat estava sentado na sala de consultas da biblioteca da universidade, afundado na leitura de um livro que tinha entre as mãos. Faltava apenas uma semana para os exames e o jovem estava extremamente esgotado devido ao esforço a que se estava a submeter.

Naquele instante, sentiu que alguém tinha entrado na sala e se sentara atrás de si; voltou-se por curiosidade e viu Elwiyyah Sabri! Sim, era ela mesmo! Sentara-se talvez à espera de um livro que pedira para requisitar. Ahmad, ao voltar-se, cruzou os olhos negros da rapariga. Embora virasse de imediato a cabeça, o seu coração e os seus sentimentos permaneceram extasiados... Sem dúvida alguma, a rapariga já o conhecia de vista e sabia que estava apaixonado por ela: tais coisas não podem manter-se escondidas! Tanto mais que sempre que olhava para um lado ou outro, quer na sala de aulas quer no jardim de el-Orman, surpreendia-o a contemplá-la!

A presença de Elwiyyah arrancava-o à leitura e todavia a sua alegria era superior ao que de superior podia haver!

Desde que Ahmad soubera que a rapariga como ele também se iria especializar em Sociologia, tinha esperado poder aprofundar o seu conhecimento talvez no decorrer do ano lectivo seguinte: com efeito, até então não havia sido possível devido ao grande número de estudantes que se apinhavam nas aulas de propedêutica. Mas jamais lhe havia acontecido achar-se assim tão perto dela, a não ser na presença de muitos outros estudantes.

Ocorreu-lhe então chegar-se das estantes de livros de consulta geral como se fosse buscar um de modo a poder cumprimentá-la ao passar junto dela!

Olhou em seu redor e viu que só havia poucos estudantes dispersos aqui e ali, tão poucos que o seu número não excedia os dedos de uma mão.

Sem mais hesitar, Ahmad levantou-se, avançou por entre as cadeiras e, j passando ao seu lado, quando os seus olhos se cruzaram, inclinou a cabeça com um cortês aceno de saudação. No rosto da jovem pintou-se uma expressão de espanto, mas respondeu com um meneio da cabeça,

antes de se entregar de novo à leitura...

Ahmad perguntou-se então: "Terei errado?"

Não por certo: era sua colega há já um longo ano e era seu dever saudá-la ao encontrá-la assim, cara a cara, num local praticamente vazio.

Prosseguiu o caminho até chegar às estantes das enciclopédias, escolheu um volume e começou a folhear as suas páginas sem ler uma só palavra.

Estava muito satisfeito por a rapariga ter respondido ao seu cumprimento, de tal modo que esqueceu o cansaço e foi dominado por um frêmito de energia.

Quão bela era aquela jovem que lhe havia enchido a alma e que o atraía ao ponto de se haver tornado na sua única obsessão!

Tudo nela indicava que era de "boas famílias", como se costuma dizer vulgarmente. Temia contudo que a perfeita educação desta escondesse na realidade um certo orgulho de classe. Mas Ahmad sentia-se capaz, se necessário, de lhe dizer, com toda a franqueza, que também ele pertencia a "boas famílias", pois não era este o caso da família Shawkat?...

Mas é evidente que sim... também possuía propriedades: um dia ele teria rendimentos para além do salário! Os lábios tomaram o jeito de um sorriso escarninho: rendimentos... salário... família! Mas onde estão todos os seus princípios? Sentiu uma certa vergonha: mas o coração nas suas paixões desconhece princípios!

As pessoas, não raro, amam e casam fora do círculo dos seus princípios, sem que estes sejam tomados em consideração; mas devem construir os seus ideais novamente, como quem entra num país estrangeiro deve falar a língua local para obter aquilo que pretende. Além do mais, o estatuto social e o património são realidades objectivas que não foram criadas por ele nem pelo seu pai nem pelo seu avô... Ahmad não era pois culpado pela sua situação social! Somente a ciência e os esforços são capazes de anular estas futilidades que dividem os seres humanos! Teria sido possível mudar o sistema das classes sociais, mas como mudar o passado que tinha feito com que ele "pertencesse a uma família abastada"? E era de excluir em absoluto que em nome dos ideais populares se devesse renunciar a um amor aristocrático... acaso o próprio Karl Marx não havia desposado

Jenny von Westphalen, neta do duque de Brunswick, alcunhada de "a princesa mágica" e "a rainha das danças"? E assim era também Elwiyyah, outra princesa mágica que, se tivesse dançado, teria sido a "rainha das danças"...

Ahmad voltou a colocar o volume na estante e, ao regressar ao seu lugar, tentou encher os olhos de quanto lhe era possível ver das suas feições: uma parte superior das costas, a pele lisa do seu pescoço gracioso, a nuca adornada de tranças... que linda visão!

Passou perto dela em silêncio ao regressar para o seu lugar e sentou-se. Após alguns minutos, o jovem ouviu os passos leves de Elwiyyah e voltou-se para trás para olhar, desgostoso, pensando que a rapariga se estava a ir embora, mas viu que pelo contrário ela se aproximava... Tendo chegado junto dele, a jovem deteve-se um tanto embaraçada.

Ahmad não acreditava nos seus olhos e ouviu-a dizer:

- Desculpa-me, tens os apontamentos de História?

O jovem pôs-se em pé de um salto como um soldado e apressou-se a responder;

- Mas claro que sim...

- Não consegui seguir, como devia, tudo o que o professor inglês dizia e não consegui tomar muitos apontamentos importantes das aulas; só utilizo os manuais para as matérias nas quais mais tarde me especializarei, não tenho tempo para fazê-lo para todas as disciplinas...

- Compreendo... compreendo...

- Ouvi dizer que os teus apontamentos são exaustivos e que os emprestaste a muitos estudantes para que copiassem aquilo que lhes havia escapado!

- Sim... estarão à tua disposição amanhã...

- Fico-te muito grata - depois sorrindo continuou -, não julgues que sou preguiçosa mas é só o meu inglês que é medíocre!

- Não tem importância, também eu estou abaixo da média em francês, assim teremos ocasião de colaborar... mas, desculpa-me, senta-te, por favor... talvez te interesse ler este livro: Introdução à Sociologia de Hopkins...

- Obrigada, já o consultei várias vezes, mas dizias que estavas abaixo da média em francês: precisas por acaso dos apontamentos de Psicologia?

- Ficar-te-ia muito grato se mos desses - respondeu Ahmad sem

hesitar.

- Então amanhã trocaremos os apontamentos?

- Com muito prazer, mas... diz-me... já te deste conta que a maioria das aulas de Sociologia são em inglês?

- Sabes pois que escolhi Sociologia? - respondeu Elwiyyah tentando conter um sorriso.

O jovem sorriu por sua vez como que para encobrir o seu mal-estar; na realidade não se tratava tanto de mal-estar como de uma sensação de ter "caído"... e respondeu simplesmente:

- Sim!...

- E soubeste-o em que ocasião?

- Perguntei e fiquei a saber... - respondeu afoitamente.

Cerrando os lábios vermelhos, a rapariga continuou como se não tivesse ouvido a sua resposta:

- Então amanhã trocaremos os apontamentos...

- Amanhã de manhã...

- Adeus e obrigada...

- Prazer em ter-te conhecido, adeus... - acrescentou Ahmad de forma concisa.

Permaneceu em pé até que a porta se fechasse nas costas dela e depois sentou-se. Só então se deu conta de que alguns estudantes que estavam na sala o observavam curiosos mas ele estava inebriado de felicidade. A rapariga viera pois falar-lhe porque tinha uma necessidade urgente dos seus apontamentos ou antes porque tinha percebido a admiração que sentia por ela? Antes de então jamais tivera a oportunidade de conhecê-la pessoalmente. Tinha-a sempre visto na companhia de amigas. Aquele encontro fora a primeira oportunidade... e, como por milagre, havia finalmente obtido o que tanto ambicionara!

Uma simples palavra proferida pela pessoa que se ama é capaz de redimensionar todas as coisas...

CAPÍTULO 26

Yassin parecia manifestamente preocupado ainda que o não quisesse demonstrar... há muito que, quer com os colegas quer consigo mesmo, se dera o ar de quem com nada se preocupa: nem com as promoções, nem com o salário, nem com as mudanças de governo.

Ademais, ainda que houvesse chegado ao sexto escalão, o seu salário no máximo seria aumentado em dois guines, e nada mais! Pobre Yassin..., por certo não teria perdido grande coisa!... Aquele sexto escalão - como se dizia - tê-lo-ia sem dúvida transformado de pequeno revisor num chefe de escritório... mas desde quando Yassin se interessava por altos cargos?...

Contudo principiara a preocupar-se a partir do momento em que o director do Departamento, Muhammad Hassan afendi, esposo de Zeinab - a sua primeira esposa e a mãe de Ridwan -, fora convocado para uma reunião com o subsecretário de Estado. Naquela altura, entre os empregados do arquivo, correra o boato de que o subsecretário o convocara para o consultar antes de determinar a lista das novas promoções.

"Muhammad Hassan? O "seu sucessor", o seu férreo inimigo, aquele que ele teria agredido impetuosamente há já muito, não fosse o respeito pelo sayyed Muhammad Iffat... Como poderia aquele homem depor a seu favor?"

Yassin, aproveitando o facto de a sala do director estar vazia, precipitou--se para o telefone e ligou para a Faculdade de Direito. Era já a terceira vez naquele dia que solicitava aquele número à procura de Ridwan.

- Estou... Ridwan?... É o teu pai...

- Oh, bem-vindo, pai, está tudo bem!

A delicada voz do jovem estava imbuída de grande convicção.

- O processo já foi levado a cabo?

- Fica descansado, o ministro em pessoa recomendou-te. Deputados e senadores falaram com ele e este prometeu fazer o seu melhor...

- Não achas que é necessário mais uma recomendação?

- Não, de modo algum! O paxá esta manhã, como já te disse, congratulou-se comigo. Fica sossegado...

- Meu filho, agradeço-te! Que a paz esteja com todos vós!
- Contigo também, pai, e felicitações antecipadas...

Terminada aquela chamada, Yassin, saindo da sala, encontrou Ibrahim afendi Fathallah - o seu colega e rival na corrida para a promoção - que avançava com algumas pastas.

Os dois cumprimentaram-se prudentes e Yassin disse:

- Que o concurso decorra entre nós de forma desportiva, Ibrahim afendi, e que o resultado, seja ele qual for, seja acolhido com magnanimidade...

- Com a condição de que decorra honestamente... - respondeu o homem despeitado.

- O que queres dizer?

- Que a escolha aconteça por amor de Allah e não por cunhas!

- Estranho ponto de vista... E acaso há benefícios sem cunhas neste mundo?... Que te seja concedido procurar os teus apoiantes e a mim os meus e que obtenha aquilo que deseja quem tiver a boa sorte e a ele for destinado!

- Nas nossas funções, sou mais antigo do que tu...

- Somos ambos antigos funcionários, um ano a mais ou a menos não conta muito!...

- Num ano há quem nasça e quem exale o derradeiro suspiro!

- Nasce-se... desaparece-se... a cada qual o seu destino!

- E as qualificações...

- As qualificações?... - respondeu Yassin abespinhado. - Acaso trata-se da edificação de pontes ou da construção de centrais eléctricas? Quais são as qualificações requeridas para o nosso trabalho de escrevão? Temos ambos a escola primária, sem contar que eu sou um homem erudito...

Ibrahim afendi riu sardónico:

- Erudito? Prazer, senhor erudito!... Julgas que és erudito por causa dos versos que sabes de cor ou pelo estilo com que rediges as cartas da Administração como se a cada vez devesse passar de novo os exames da escola primária?... Eu confio inteiramente em Allah...

Os dois homens separaram-se nos piores termos. Yassin voltou para o seu escritório: uma vasta sala em que as secretárias estavam dispostas de dois lados, frente a frente; as paredes estavam cobertas de estantes repletas de pastas.

Alguns dos funcionários presentes trabalhavam, curvados sobre a papelada, outros tagarelavam e fumavam... enquanto vários contínuos iam e vinham carregando pastas.

O funcionário que ocupava o lugar contíguo ao de Yassin disse-lhe:

- A minha filha, este ano, obterá o diploma do baccalauréat e fá-la-ei inscrever-se no Instituto de Pedagogia, assim ficarei tranquilo no que lhe diz respeito: não terei de enfrentar despesas nem me preocupar em procurar para ela um emprego depois do diploma!...

- E a melhor coisa que podes fazer - respondeu Yassin.

- E o que prevês para a tua filha Karima? - perguntou-lhe o homem com um espírito polémico. - Já agora, quantos anos tem ela?

Apesar da exasperação, Yassin conseguiu ainda sorrir dizendo:

- Tem onze anos, no próximo Verão obterá o diploma da escola primária, Inshallah: estamos em Novembro (e ao dizer isto contava com o auxílio dos dedos), faltam exactamente sete meses!

- Se conseguir bons resultados na primária, só poderá confirmá-los na secundária também... Nisto, as raparigas hoje oferecem mais garantias que os rapazes!

A escola secundária?... Era o que Zannouba mais desejava para a filha! Não, de modo algum... Jamais teria suportado ver Karima caminhar nas com os seios a mexerem-se... E além do mais tantas despesas...

Assim pensava Yassin que acabou por responder:

- Nós não mandamos as nossas filhas para a escola secundária... Porque deveríamos?... Karima não precisará de um emprego!

Um terceiro funcionário interveio:

- Pode-se falar assim no ano de 1938?...

- Na nossa família, é assim que se fala e assim se falará mesmo no ano de 2038!...

E um quarto funcionário:

- Diz antes que não podes arcar com as despesas para ela e para ti ao mesmo tempo! O café de el-Ataba... a taberna da rua de Muhammad Ali, a paixão pelas raparigas virgens... e falta-me a capacidade para mencionaras outras... esta é que é a verdade!

Yassin, rindo, respondeu:

- Allah é providente!... Mas, como to disse, as nossas filhas só frequentam a escola primária...

Um acesso de tosse levantou-se num canto, na outra extremidade da sala, junto da porta. Yassin virou-se para aquela parte, depois levantou-se, como se se lembrasse de algo importante, e dirigiu-se para a secretária do homem que havia tossido. Este, notando a sua presença, ergueu a cabeça para olhar para ele ao passo que Yassin, inclinando-se para o colega, exclamava:

- Tinhas-me prometido a receita...

- Sim?... - perguntou o homem apurando o ouvido. Yassin, por mais que a surdez do homem o enervasse, não ousou altear o tom de voz, quando de repente se elevou do centro da sala uma voz:

- Aposto que te está a pedir a receita, aquela tua receita que nos há-de levar a todos ao túmulo!...

Yassin, contrariado, voltou para a sua secretária enquanto o homem, sem se preocupar com o embaraço de Yassin, dizia em voz alta de modo a ser ouvido por toda a sala:

- Pois, dar-te-ei a receita: pega numa casca de uma manga, ferve-a bastante até que se liquefaça e fique viscosa como o mel; depois toma uma colherzinha em jejum...

Todos desataram a rir e Ibrahim Fathallah disse zombeteiro:

- Excelente e contudo... Espera até obteres o sexto escalão que te trará nova energia!

O que tem a ver o escalão com toda esta questão? - perguntou Yassin a rir.

O seu vizinho interveio divertido:

- Se esta teoria é correcta, amm Hassanein, o nosso contínuo, mereceria tornar-se ministro da Instrução Pública!

Ibrahim Fathallah, batendo uma mão na outra, disse a todos os colegas presentes:

- Irmãos! Ele - e apontou para Yassin - é bom, simpático e um cavalheiro, mas, no que toca à produtividade no trabalho, é um zero... tenho fé no vosso julgamento...

- Um minuto do meu trabalho equivale ao teu trabalho de um dia inteiro!... - respondeu Yassin achincalhando-o.

- A verdade é que o director se mostra atencioso contigo porque te amparas no teu filho nesta época infame!

- E em todas as épocas: asseguro-to, jurando pela tua vida! Neste momento, tenho o meu filho, mas, se o Wafd for para o poder, terei o

meu sobrinho e o meu pai! Mas e tu, diz-me, quem é que tens? - redarguiu Yassin insistindo em agastá-lo.

- Tenho Deus! - exclamou o homem erguendo a cabeça para o tecto.

- Também eu, louvado seja Ele! Acaso não é o Deus de todos?

- Mas Ele não está satisfeito com os clientes do café de Muhammad Ali!...

- E porventura está satisfeito com os consumidores de ópio e de manzul^[117]?

- Neste mundo nada há mais asqueroso do que um bêbado!...

- O álcool é a bebida dos ministros e embaixadores: não vês nos jornais as fotografias que os retratam enquanto brindam? Pelo contrário, nunca viste um político que, durante uma recepção, ofereça ópio para celebrar, por exemplo, a ratificação de um tratado?

Junto de Yassin, houve quem, reprimindo uma gargalhada, exclamasse:

- Calem-se, senão hão-de passar os últimos anos de serviço na cadeia! Yassin, indicando o seu adversário, apressou-se a dizer:

- Por caridade, meter-me-ia nojo mesmo na cadeia! Haveria de me dizer que é mais velho do que eu...

Nisso, Muhammad Hassan regressou do encontro com o subsecretário de Estado; na sala abateu-se o silêncio e todas as cabeças se voltaram para ele. O homem encaminhou-se para a sua sala sem reparar em ninguém, ao passo que os presentes trocavam olhares interrogativos. Muito provavelmente um dos dois rivais tornara-se já chefe de escritório... Mas quem seria aquele a quem a sorte havia sorrido?

A porta do director abriu-se e apareceu a sua cabeça calva, enquanto n um tom seco chamava:

- Yassin afendi.

Yassin levantou-se com o seu corpo maciço e dirigiu-se para a sala com o coração a palpitar.

O director observou-o com um olhar insondável, depois disse-lhe:

- Foste promovido ao sexto escalão!

- Obrigado, meu senhor!... - exclamou Yassin finalmente descontraído. Então o homem com gravidade fez o ponto da situação:

- É justo que te diga com toda a clareza que aqui há pessoas que o teriam merecido bem mais do que tu... mas há as cunhas...

Yassin irritado, como muitas vezes lhe sucedia diante daquele homem, retrucou:

- As cunhas, mas o que significa isso? Alguma vez se verificou um movimento grande ou pequeno sem cunhas? Acaso alguém nesta Direcção ou neste Ministério, e refiro-me também a si, foi promovido sem cunhas?

O homem, reprimindo a fúria, redarguiu:

- Da tua parte só retiro aborrecimentos... não só és promovido sem qualquer mérito mas revoltas-te com qualquer reparo, por mais justo que este seja. Mas o que posso fazer? Parabéns... Parabéns, meu senhor! Espero apenas que daqui em diante te aplicarás melhor... agora és chefe de escritório!

Encorajado pelo facto de o director ter abandonado a sua linha dura, Yassin retomou sem atenuar a sua rispidez:

- Sou funcionário há mais de vinte anos e tenho quarenta e dois anos... o sexto escalão será acaso considerado demasiado elevado para mim quando os jovens o conseguem, mal saem da universidade?

- O importante é que te empenhes; espero poder contar contigo como com os teus outros colegas. Quando eras vigilante na escola de en-Nahhasin, eras um funcionário exemplar, exceptuando aquele antigo incidente...

- É uma história antiga que não vale a pena recordar agora... todos cometem os seus erros...

- Agora já és um homem maduro... se não corrigires a tua conduta, não hás-de conseguir enfrentar os teus novos deveres... se velas todas as noites, como podes ter a cabeça fresca para trabalhar de manhã? Quero que dês um impulso ao trabalho desta Administração, é só isso...

Yassin, ressentido pela alusão à sua conduta, respondeu:

- Não permito que ninguém diga uma palavra sequer sobre a minha vida privada! Fora do Ministério sou um homem livre!

- E dentro do Ministério?

- Farei aquilo que fazem os chefes de escritório! No passado, trabalhei o bastante para o resto da minha vida!

Yassin regressou ao seu escritório esforçando-se por sorrir apesar da cólera que lhe fervilhava no peito. A notícia alastrou-se de imediato e começou a receber as felicitações...

Ibrahim Fathalla no entanto, cheio de inveja, debruçou-se para o seu vizinho e sussurrou-lhe ao ouvido:

- O seu filho!... Eis toda a história... Abder Rahim Isa paxá, percebeste?... Desanimador, não é?

[\[117\]](#) Trata-se de uma poderosa droga cujos efeitos são comparáveis aos da cocaína.

CAPÍTULO 27

O sayyed Ahmad Abdel Gawwad, sentado numa poltrona no vão da machrabiyya, olhava ora para a rua ora para o jornal el-Ahra^[118] que segurava aberto no regaço.

Pelos interstícios de madeira, a luz pousava sobre a ampla gallabiyya e sobre o boné branco do sayyed, formando um mosaico.

Deixara a porta do seu quarto aberta para poder ouvir o rádio que se encontrava na sala.

Parecia magro, emaciado e o olhar grave dos seus olhos traía uma triste resignação.

Do seu posto de observação, parecia-lhe ter descoberto aquela rua pela primeira vez na vida: com efeito, no passado não lhe acontecera nunca vê-la sob aquele ângulo, visto que a sua permanência em casa se havia quase unicamente limitado às horas do sono. Agora pelo contrário, tirando a rádio, não tinha outra distracção senão permanecer ali sentado, olhando para o norte e para o sul, pelos interstícios da machrabiyya.

Aquela rua estava pejada de vida, animada, movimentada e, acima de tudo, tinha um cunho característico que a distinguia de en-Nahhasin, a rua para a qual ele olhara durante cinquenta anos a partir da sua loja... Em en-Nahhasin, havia também as lojas de Hassanein, o barbeiro; Darwish, o vendedor defoul; el-Fuli, o leiteiro; Bayyumi, o vendedor de xaropes, e Abu Sari, o grelhador de pevides; aquelas lojas tinham com a rua a mesma relação que as feições têm com um rosto ao ponto de esta ser reconhecida graças a eles, e vice-versa!...

"Pessoas vizinhas e amigas... quem sabe que idade terão agora! Hassanein, o barbeiro, era de constituição vigorosa, um espécime de homem no qual habitualmente o tempo não deixa marcas visíveis: com efeito, com excepção do cabelo, quase não mudara em nada, embora já tivesse por certo ultrapassado os cinquenta anos!

Allah foi bondoso com todas aquelas pessoas conservando-lhes uma boa saúde!

E Darwish!... Calvo como sempre... mas que corpo possante para um homem de sessenta anos!

Ademais também eu era assim aos sessenta anos mas agora tenho

sessenta e sete, o que não é pouco! Fiz estreitar as minhas roupas para que se adequassem àquilo que me sobeja de corpo!... Quando olho para a minha fotografia colocada na parede do quarto, quase não me reconheço...

El-Fuli é mais jovem do que Darwish; aquele pobre infeliz tem a vista tão débil que, se não fosse o seu jovem assistente, não poderia caminhar sozinho na rua! Isso para não falar de Abu sari que está mesmo velho! Velho? Mas ainda trabalha... Nenhum deles deixou definitivamente a sua loja! Ah, como é duro abandonar a loja! Depois resta-te só sentar num lugar como este, preso em casa noite e dia! Se pelo menos pudesse sair uma hora que fosse em cada dia! Mas cabe-me aguardar pela sexta-feira, depender da bengala e de Kamal... Mas louvado seja sempre Allah, Deus da Criação!

Bayyumi era o mais jovem e o mais ditoso de todos! Começava a sua ligação com Umm Mariam quando eu a concluía... Hoje Bayyumi é proprietário do prédio mais moderno do bairro... este foi o destino da casa do sayyed Ridwan! Bayyumi construiu este local para a venda de bebidas, todo iluminado pela electricidade! Um homem que amealhou a fortuna começando por enganar uma mulher! Louvado seja Allah o Benfeitor, cuja Sabedoria é incomensurável! Todas as coisas se renovam; a rua agora está asfaltada e bem iluminada... lembrás-te de quando noite dentro regressavas na densa escuridão? Mas onde estão agora aquelas noites?

Em todas as lojas hoje há electricidade e rádio, todas as coisas são novas exceptuando eu... um velho de sessenta e sete anos que só pode sair de casa um só dia por semana, respirando com dificuldade... O coração! Tudo depende do coração, daquele coração que sempre amou e riu, que tanto gozou e cantou, e que decidiu agora renunciar e nada mais pode fazê-lo voltar atrás na sua decisão!

O médico disse: 'Toma os medicamentos, fica em casa e segue a dieta alimentar que te prescrevi'... Tudo bem, mas acaso poderá tudo isso fazer voltar as minhas forças? Quero dizer pelo menos uma parte das forças de outrora?... O médico continuou: 'Tudo quanto podemos fazer é impedir as complicações, mas qualquer esforço e até um pequeno movimento poderia representar um perigo... - depois rindo acrescentou: - Mas para que quer recuperar as forças de outrora?...'

Para quê? Como tudo isso é triste e grotesco! Contudo confessei-lhe

também: 'Queria ir e vir a meu bel-prazer', ao que o médico respondeu: 'Cada condição tem as suas alegrias: fica sentado tranquilamente, lê o Alcorão, escuta rádio, desfruta da tua família; na sexta-feira, vai à mesquita de el-Hussein de caleche, tudo isso é mais do que suficiente!' Que a vontade de Allah seja sempre cumprida!

Metwalli Abdes Samad galopa ainda pelas ruas... e este diz-me: "Desfruta da tua família..."

Doravante Amina já não está sempre em casa... As tradições mudaram... Eu fico na machrabiyya e Amina anda pelo Cairo de mesquita em mesquita... Kamal faz-me breves visitas de quando em quando qual hóspede... E Aisha? Oh, pobre Aisha! Encontrar-se-á entre os vivos ou entre os mortos? E depois querem que o meu coração se cure e descanse!..."

- Meu senhor!

O sayyed voltou-se para a voz e viu Umm Hanafi com um pequeno tabuleiro no qual estavam pousados o frasco do remédio, uma chávena de café vazia e um copo de água meio cheio.

- O medicamento, meu senhor!

"O seu vestido negro cheira a cozinha... Esta mulher, com o passar do tempo, tornou-se num membro da nossa família...", assim pensava o sayyed e, tendo enchido metade da chávena com a água do copo, ali verteu quatro gotas do remédio depois de ter tirado a tampa do frasco... depois, com um esgar de desgosto, engoliu o remédio antes mesmo de se ter dado conta do seu sabor.

- À sua cura, meu senhor...

- Obrigado... Onde está Aisha?

- No seu quarto, que Allah lhe dê paciência!

- Umm Hanafi, chame-a!

"Sempre no seu quarto ou no terraço, e depois?..."

A rádio continuava a transmitir as canções num estridente contraste com a tristeza daquela casa silenciosa, na qual apenas desde há dois meses estava forçado a ficar recluso...

Havia passado um ano e quatro meses desde a morte de Naima, e o sayyed pedira permissão para ouvir rádio devido à sua premente necessidade de diversão! Aisha havia-lhe respondido:

- Mas claro, pai, que Allah o poupe ao aviltamento de quem está forçado a ficar em casa sem nada ter para fazer!

Ao roçar de um vestido, o sayyed voltou-se e viu Aisha avançar, toda vestida de negro, com a cabeça envolta num véu igualmente negro apesar do intenso calor... até a sua carnação branca parecia se ter alterado para um estranho colorido azulado...

"Sinal de desgraça... minha filha!..."

Voltou-se para ela e disse com brandura:

- Pega numa cadeira e fica um pouco comigo. Mas Aisha não se moveu e respondeu:

- Estou bem assim, pai!

Nos últimos tempos, havia sempre tentado não contrariá-la, pelo que voltou a dizer:

- O que estavas a fazer?

- Nada, pai - respondeu Aisha sem a menor expressão no rosto.

- Porque não vais com a tua mãe às mesquitas visitar os túmulos dos santos? Não seria melhor do que ficar aqui sozinha?

- E porque deveria ir visitar os túmulos?

Espantado pelas suas palavras, o homem contudo respondeu sereno:

- Para implorar a Allah que te dê conforto...

- Allah está aqui connosco nesta casa!

- Claro, mas queria dizer que deverias deixar de ficar nesta solidão... Aisha! Vai visitar a tua irmã, vai ver os vizinhos, descontra-te...

- Não posso mais ver es-Sukkariyya! Não tenho amigos e não suporto visitar ninguém...

- Gostaria que te conformasses... - disse o sayyed desviando o olhar dela - e que cuidasses da tua saúde...

- A minha saúde?

Aisha pronunciou aquelas palavras num tom quase de espanto e o pai insistiu:

- Claro! Para que serve tanta tristeza... Aisha?

- E para que serve a vida, pai? - respondeu ela mantendo a educação que sempre havia observado em relação ao pai.

- Não digas isso! Grande será a recompensa que Allah te há-de reservar. ..

- Quero juntar-me a Ele para receber essa recompensa que certamente aqui não me será dada... - respondeu inclinando a cabeça para esconder os olhos cheios de lágrimas.

Ao se afastar, antes de deixar o aposento, com extrema discrição, parou por um instante, como se lembrasse algo, e perguntou:

- E o pai, como está a sua saúde hoje?

- Louvado seja Allah!... - respondeu o sayyed sorridente. - Mas o importante é a tua saúde, Aisha!

A filha saiu...

O sayyed voltou a olhar para a rua até que o seu olhar se fixou em Amina, que regressava do seu passeio diário.

Envergava um casaco comprido, havia coberto o rosto com um véu e arrastava-se com cansaço, vagarosamente... Como havia envelhecido! Todavia, o sayyed pensava bem da sua saúde, ao considerar a longevidade da sua mãe.

Mas, embora tivesse sessenta e dois anos, aparentava ter pelo menos mais dez!

Decorreu não pouco tempo antes que ela entrasse no quarto do marido e lhe perguntasse:

- Como está, meu senhor?

- E tu, como estás? Seja o que Allah quiser! Mas tu, minha querida, estiveste fora desde o romper do dia!... - disse-lhe o sayyed alteando a voz com uma certa acrimónia.

Sorrindo, Amina respondeu:

- Fui visitar as mesquitas de es-Sayyeda Zeinab e de el-Hussein e rezei por si e por nós todos!

Com o regresso de Amina voltara-lhe também um pouco de segurança e de paz e o homem sentiu que podia agora perguntar-lhe aquilo que queria sem qualquer embaraço:

- Parece-te justo deixares-me sozinho tanto tempo?!

- Mas foi meu senhor quem mo permitiu, porém não estive fora muito tempo... E depois é necessário rezar! Implorei a el-Hussein para que lhe devolva a saúde de outrora, de modo a permitir-lhe ir e vir como deseja... E rezei também por Aisha e por todos os outros...

A mulher trouxe uma cadeira e sentou-se ao lado do marido perguntando-lhe:

- Tomou o remédio, meu senhor? Tinha dito a Umm Hanafi que lho desse.

- Quem dera que lhe tivesses dado uma ordem relativa a alguma coisa melhor!...

- Mas é para o curar, meu senhor... Na mesquita escutei uma bela lição dada pelo sheikh Abder Rahman! Ele deteve-se sobre a expiação dos pecados e sobre o modo como podem ser apagadas as más acções... Palavras belíssimas, meu senhor, quem dera pudesse memorizá-las como no passado!...

- Tens o rosto pálido devido à longa caminhada! Temo que dentro em breve também te tornes cliente do médico!...

- Deus é o Guardião de todas as coisas! Só saio para visitar membros da "família^[119]"... Como pode acontecer-me algo de mal?

Depois retomou como que para se emendar:

- Meu senhor, estava a esquecer de dizer que por toda a parte se ouve falar de guerra, dizem que Hitler atacou...

- Mas tens a certeza?... - perguntou o homem preocupado.

- Não o ouvi apenas uma vez, mas centenas... Hitler atacou... Hitler atacou...

- Esta é uma notícia de que estávamos à espera de um momento para o outro... - disse-lhe o homem para lhe dar a entender que não o havia precedido no conhecimento de uma notícia qualquer.

- Que tudo aquilo esteja longe de nós, meu senhor, se Allah assim o quiser!

- Falaram só de Hitler? E Mussolini?... Não ouviste falar deste nome?...

- Não, apenas de Hitler...

- Meu Deus, sede clemente connosco! Se ouvires anunciar o suplemento extraordinário do jornal el-Balagh ou do el-Muqattam, compra-o!

- Como na época de Guilherme e dos zepelins? Lembra-se, meu senhor? Glória Àquele que é eterno!... - respondeu Amina.

^[118]Literalmente: as pirâmides. Nome de um dos mais antigos e conceituados jornais diários do Egipto.

^[119]Refere-se aos membros da família do profeta Muhammad: neste contexto trata-se de el-I Rissent e es-Sayyeda Zainab, netos do Profeta.

CAPÍTULO 28

Tratara-se de uma visita colectiva e carregada de significado, como a definiria mais tarde Khadiga...

Quando a porta do apartamento se havia aberto, no vão havia aparecido Yassin com um fato de linho branco de el-Mahala^[120], precedido pela rosa vermelha que tinha na sua botoeira e do enxotamoscas de punho de marfim... O ar parecia deslocar-se com o avançar do seu corpo imponente!

Seguia-o o filho Ridwan, que, com o seu fato de seda, era a imagem mesma da elegância e da beleza, e depois Zannouba, num vestido cor de cinza, como que rodeada por aquele nimbo de pudor que se tornara parte integrante da sua personalidade.

Por último, Karima, num admirável vestido azul, com um colarinho que punha em destaque a parte superior do peito e os braços! A feminilidade precoce, esplendorosa da rapariga, que contava apenas treze anos, aparecia em todo o seu fascínio...

Entrementes na sala acharam-se cercados por Khadiga, Ibrahim, Abdel Munim e Ahmad. Yassin disse então sem rodeios:

- Já ouviram alguma coisa do género antes? O meu filho, secretário do ministro do Ministério de que dependo enquanto simples chefe de escritório da Direcção dos Arquivos! Quando passa, todos se levantam, ao passo que ninguém repara em mim!...

As suas palavras de aparente protesto traíam todavia a gabarolice e o orgulho que ele escondia nas profundezas do seu ser em relação ao seu filho... Com efeito, Ridwan obtivera a licenciatura em Maio daquele ano e em Junho fora logo nomeado secretário do ministro, com o sexto escalão, enquanto, em geral, os licenciados começavam as carreiras como simples funcionários do oitavo escalão.

Abdel Munim obtivera a licenciatura na mesma altura mas nada sabia ainda sobre o que faria em seguida.

Khadiga disse sorrindo, não sem uma pontinha de ciúmes:

- Ridwan é amigo dos governantes, mas o olho nunca se sobrepõe à pálpebra...

Yassin, com uma alegria que não conseguia conter, exclamou:

- Não viram no el-Ahram de ontem a sua fotografia junto do

ministro?... Agora já não sabemos como lhe dirigir a palavra!...

Ibrahim Shawkat, indicando os seus filhos Abdel Munim e Ahmad, interveio:

- Estes dois rapazes não conseguem qualquer sucesso... perderam a vida em discussões violentas e escusadas e as personalidades mais importantes que conhecem são o sheikh Ali el-Menufi, director da escola primária de el-Hussein, e aquele indivíduo, Adli Karim, director da revista A Luz ou talvez devesse dizer a fuligem... sabe-se lá!

Ahmad agastava-se embora conservasse o seu aspecto de sempre; a vaidade do tio Yassin e o comentário do pai tinham suscitado toda a sua cólera... Quanto a Abdel Munim, o bem que ele esperava da visita colectiva conseguia fazer com que encobrisse a ira que por certo teria explodido nele em circunstâncias diversas!...

Ele fixava intensamente Ridwan perguntando-se o que este esconderia; porém o coração tirava bons agouros daquela visita que talvez não tivesse sido realizada se não fosse portadora de uma boa notícia!

Yassin, comentando as palavras de Ibrahim, voltou a dizer:

- Se pedisses o meu parecer, dir-te-ia que são dois rapazes extraordinários! Não há por acaso um provérbio que diz que "o sultão é aquele que se mantém distante da porta do sultão"?...

Não, Yassin não conseguia esconder a alegria assim como era incapaz de convencer alguém de que estava convencido do que afirmava... Nisso, Khadiga, indicando Ridwan, exclamou:

- Que Allah o cumule de bens e o preserve dos males... Por fim, Ridwan, dirigindo-se a Abdel Munim, disse-lhe:

- Espero poder em breve felicitar-te...

Abdel Munim, com o rosto afogueado, olhou-o com uma expressão interrogativa enquanto Ridwan concluía:

- O ministro prometeu-me nomear-te para a Secção Instrutória...

A família de Khadiga esperava aquela declaração com um desejo lancinante... todos os olhos fixaram-se sobre Ridwan, quase a pedir-lhe maior confirmação, e o jovem acrescentou:

- No máximo no começo do próximo mês... Yassin, comentando as palavras do filho:

- Trata-se de um emprego ligado à magistratura! Junto de nós, na Direcção dos Arquivos, dois jovens licenciados foram admitidos ao

oitavo escalão e com um salário de apenas oito guines mensais!...

Fora a própria Khadiga a pedir a Yassin que intercedesse junto do filho em favor de Abdel Munim, pelo que disse muito agradecida:

- Graças a Allah e a ti, meu irmão! - depois, voltando-se para Ridwan: - Claro está, também estamos muito gratos a Ridwan pelo favor que nos fez!...

Ibrahim concordou:

- Claro! É como um irmão e que irmão extraordinário! Zannouba, para não se sentir estranha à conversa, interveio sorrindo:

- Ridwan é um irmão para Abdel Munim e Abdel Munim é um irmão para Ridwan; isso é incontestável!

Abdel Munim, que experimentava um insólito sentimento de embaraço em relação a Ridwan, perguntou-lhe:

- Deu-te a sua palavra? Yassin interveio com solicitude:
- Palavra de ministro!... Estou a seguir pessoalmente a questão...
- Quanto a mim, farei de modo a aplanar todas as dificuldades na Direcção do Pessoal; tenho ali muitos amigos embora os funcionários daquela Direcção não tenham por hábito ter amigos... - acrescentou Ridwan.

Ibrahim Shawkat suspirou e disse:

- Graças a Deus que nos poupou quer à procura de um trabalho quer à chatice dos funcionários...

- Oxalá possas viver sempre qual rei... Abu Khalil^[121]!... - volveu-lhe Yassin.

Ao que Khadiga interveio sarcástica:

- Que Deus não condene ninguém a ficar em casa sem nada ter para fazer!

Zannouba imiscuiu-se, como era seu hábito, por delicadeza:

- Ficar em casa sem nada fazer é uma espécie de maldição, no entanto, para quem possui bens, é viver qual sultão!

Ahmad, com os olhos que sorriam matreiros, disse:

- O meu tio Yassin possui propriedades e tem um emprego ao mesmo tempo!

Yassin desatou a rir com fragor:

- Tenho simplesmente um emprego! Quanto às propriedades, já eram! Como pode manter uma propriedade quem tem uma família igual à minha?

- O que queres dizer com a tua família?... - gritou Zannouba sobressaltada.

Ridwan voltou-se para Ahmad para suspender uma conversa que não lhe agradava e disse:

- Se Allah assim o quiser, poderei fazer algo por ti igualmente, no próximo ano, quando te licenciases...

- Fico-te muito grato, mas não pretendo tornar-me num funcionário do Estado!...

- Como?...

- Um emprego estatal pode destruir uma pessoa como eu... o meu futuro está no campo da actividade liberal!...

Khadiga queria protestar, mas optou por adiar a batalha para tempos mais oportunos... e Ridwan, sorrindo, respondeu:

- Se mudares de opinião, achar-me-ás à tua disposição...

Ahmad ergueu a mão até à cabeça em sinal de reconhecimento.

Nisso entrou a criada que trazia copos com limonada gelada.

Enquanto todos tragavam a bebida em silêncio, Khadiga, tendo já superado as inquietações relativas a Abdel Munim, voltou-se para Karima como se pela primeira vez se apercebesse da sua presença.

- Como estás, Karima? - perguntou-lhe amavelmente.

- Bem, obrigada, querida tia! - respondeu a jovem com brandura. Khadiga preparava-se para louvar a sua beleza mas algo, quicá uma certa cautela, a deteve!

Na verdade, não era a primeira vez que Zannouba vinha visitá-la na companhia da filha, pois que, tendo Karima terminado a escola primária, estava constantemente em casa!

Khadiga meditava de si para si que há coisas que se respiram no ar como perfume... na realidade, se Karima era filha de Zannouba era também de Yassin e este era o ponto crítico da questão!.. Abdel Munim não dispensara à rapariga a merecida atenção, inteiramente alheado nos seus pensamentos; por um lado, conhecia-a bem e, por outro, não se refizera de todo ainda da dor que experimentara com a morte da esposa... e, quanto a Ahmad, o seu coração já não estava livre.

- Karima continua descontente por não a termos inscrito na escola secundária! - retomou Yassin.

- Também eu estou muito descontente... - acrescentou Zannouba de

sobrolho franzido.

- Quanto a mim, pelo contrário, fico sempre com pena pelos esforços que as raparigas devem defrontar quando prosseguem os estudos... - interveio Ibrahim Shawkat. - Ao fim e ao cabo, as raparigas foram feitas para permanecer em casa... Dentro de um ano ou dois no máximo, Karima será conduzida à casa do homem que terá a sorte de tomá-la por esposa...

"Quem dera que te cortassem a língua!...", repetia para si Khadiga. "Põe-se a falar de questões delicadas sem avaliar as consequências... Que situação! Karima, filha de Yassin e, ao mesmo tempo, irmã de Ridwan, que merece o nosso reconhecimento!... Mas talvez sejam tão-só conjecturas infundadas!... Nesse caso, porém, por que razão Zannouba teria vindo visitar-nos de forma tão reiterada arrastando sempre atrás de si Karima? Yassin não tem, por certo, tempo para pensar em fazer projectos, mas, no que diz respeito à 'tocadora'..."

- Tais discursos proferiam-se no passado, hoje pelo contrário todas as raparigas vão à escola... - observou Zannouba.

Khadiga retorquiu-lhe:

- Na nossa rua, só há duas raparigas que frequentam a escola superior, mas são horrorosas, que Allah nos proteja!

Yassin, voltando-se para Ahmad, perguntou-lhe:

- Há raparigas bonitas entre as da tua Faculdade?

Ahmad sentiu o seu coração estremecer à medida que a imagem que nele se alojara emergia ante os seus olhos.

- O amor pela ciência - disse - não está circunscrito às feias...

- Tudo depende dos pais... - atalhou Karima, com um sorriso nos lábios, olhando para o pai.

- Muito bem, minha filha! Assim deve falar uma boa filha ao seu pai e era assim que a tua tia falava com o teu avô.

- Efectivamente tudo depende apenas do pai! - acrescentou Khadiga com sarcasmo.

- A rapariga tem desculpa! - apressou-se a dizer Zannouba. - Ah, se ouvisses as conversas que Yassin tem com os filhos!

- Eu sei e compreendo... - replicou Khadiga.

- Sou um homem que tem as suas ideias no tocante à maneira de educar: sou um pai amigo - volveu Yassin. - Não me agrada que os meus filhos tremam de pavor na minha presença... eu que ainda hoje

sou subjugado por uma grande confusão diante do meu pai!...

- Que Allah lhe dê forças e o ajude a aguentar ter de ficar em casa sem nada fazer!... - disse Ibrahim Shawkat. - O sayyed Ahmad é ímpar no seu género, não há nenhum homem como ele no mundo...

- Deverias dizer-lho! - exclamou Khadiga num tom levemente crítico. Yassin, então, como que para se escusar, disse:

- O meu pai é ímpar no seu género... Agora tanto ele como os seus amigos estão por demais reclusos em casa... E pensar que para eles o mundo, por mais espaçoso que fosse, não era suficiente...

Nesse ínterim, Ridwan falava a sós com Ahmad dizendo-lhe:

- Com a entrada da Itália na guerra, a situação tornou-se muito perigosa para o Egipto...

- Talvez os ataques verbais se transformem em ataques efectivos...

- Mas terão os Ingleses força suficiente para travar o provável avanço da Itália? Hitler, sem dúvida alguma, deixará a Mussolini a tarefa de se apossar do canal de Suez...

- E a América ficará a olhar? - perguntou Abdel Munim.

- A verdadeira chave da situação está nas mãos da Rússia!... - disse Ahmad.

- Mas aliou-se a Hitler!

- O comunismo é o inimigo do nazismo... Além do mais, o perigo que ameaçaria o mundo no caso da vitória dos Alemães seria certamente muito maior do que aquele que o ameaçaria no caso do triunfo das democracias...

- Arruinaram a nossa vida... que Allah arruine a deles... E todas aquelas coisas que nunca antes foram vistas? Sirenes... canhões... reflectores... todas elas, calamidades que fazem com que os cabelos embranqueçam antes do tempo... - disse Khadiga.

- Seja como for - interveio Ibrahim num plácido gracejo -, os cabelos brancos não entraram nesta casa antes do tempo...

- Apenas no que te diz respeito!...

Ibrahim tinha sessenta e cinco anos, mas, comparado com o sayyed Ahmad - três anos mais velho do que ele somente - parecia ser mais jovem uns bons dez anos.

No final da visita, Ridwan disse a Abdel Munim:

- Vem ter comigo ao Ministério!

Mal a porta se havia fechado atrás dos visitantes, Ahmad disse ao

irmão:

- Tem cuidado, não entres no seu escritório sem pedir licença: deves aprender como se faz uma visita a um secretário do ministro!

Abdel Munim não lhe respondeu nem lhe dirigiu um olhar sequer...

[\[120\]](#) El-Mahala el-Kubra: cidade situada no Norte do Egipto, conhecida pelas suas numerosas fábricas de têxteis.

[\[121\]](#) A designação Abu Khalil é uma alcunha dada, na linguagem corrente, às pessoas com o nome de Ibrahim.

CAPÍTULO 29

Ahmad não teve nenhuma dificuldade em encontrar em el-Maadi a vivenda de Mr. [\[122\]](#) Forster, professor de sociologia.

Mal entrou nesta, deu-se conta de estar ligeiramente atrasado e de ter sido precedido por numerosos estudantes, como ele convidados para a festa de despedida do professor que regressava à Inglaterra.

O professor recebeu-o e apresentou-o à esposa como um dos melhores estudantes do curso; depois Ahmad juntou-se aos outros que se haviam sentado na varanda.

A reunião destinava-se a todos os estudantes do Departamento de Sociologia, mas Ahmad, um dos raros admitidos ao último ano do curso, partilhava o sentido de distinção e mesmo de superioridade daquela pequena minoria.

Nenhuma estudante tinha ainda chegado mas ele tinha a certeza de que teriam vindo também as raparigas e principalmente que teria vindo "a sua amiga", ela que residia em el-Maadi.

Olhando para o jardim viu, na relva, por entre os salgueiros e as palmeiras, uma mesa comprida sobre a qual estavam alinhados as chaleiras, as leiteiras e os pratos repletos de doces.

Depois ouviu-se um estudante que perguntava:

- Queremos respeitar o modo de proceder dos Ingleses ou mergulhar sobre a mesa como as águias?

Um outro estudante disse, num tom de reprovação:

- Ah, se somente não fosse a lady Forster!

Era já quase noite e a aragem era agradável, apesar do ardor intenso de Junho.

Não passou muito tempo até que o pequeno grupo tão aguardado fizesse a sua aparição à entrada da vivenda.

As raparigas haviam chegado todas juntas como se tivessem marcado encontro. Eram quatro - as únicas estudantes de todo o Departamento - e, entre elas, estava Elwiyyah Sabri.

Pavoneava-se num vestido comprido branco que, em contraste com os seus cabelos negros qual carvão, envolvia a sua pessoa num esplêndido nimbo de candor...

No mesmo momento, Ahmad sentiu alguém que, com um intuito

escarnecedor, lhe tocava no pé como que para adverti-lo como se disso houvesse necessidade. O seu segredo tornara-se, de facto, há já muito, do domínio público.

Acompanhou com o olhar as raparigas até que estas se sentaram no canto da varanda que lhes era reservado.

Naquele instante, Mr. Forster e a esposa aproximaram-se, e a senhora, dirigindo-se aos estudantes, indicou as raparigas, dizendo:

- Devo apresentar-vos?

Levantou-se uma risada e o professor, que, embora roçasse os cinquenta anos, havia preservado uma extraordinária vivacidade, exclamou:

- Farias melhor se me apresentasses...

Riram todos de novo, enquanto o senhor Forster retomava:

- Todos os anos, por esta altura, deixamos o Egipto rumo à Inglaterra para lá passarmos as férias; mas desta vez não sabemos se regressaremos!

- Não sabemos sequer se voltaremos a ver a Inglaterra!... - exclamou a mulher que o interrompeu.

Os presentes compreenderam que a senhora fazia alusão ao perigo dos submarinos... mais do que uma voz se levantou para dizer:

- Boa sorte, senhora! O homem continuou:

- Levarei comigo belas recordações da vida que passámos juntos na Faculdade de Letras, da zona de el-Maadi, linda e tranquila, de todos vós e até das vossas incansáveis tagarelices...

Ahmad exclamou cortesmente:

-A sua recordação ficará sempre connosco, ou antes, crescerá connosco...

- Obrigado... - depois sorrindo ao voltar-se para a mulher: - Ahmad é um jovem universitário como deve ser, embora com ideias que habitualmente geram ao país dificuldades!

- É comunista!... - explicou um colega.

A senhora sorriu, arqueando as sobrancelhas, e Mr. Forster sublinhou num tom expressivo:

- Não fui eu quem o afirmou: foi um seu colega! Nisso o professor levantou-se e disse:

- Chegou a hora do chá... Não desperdicemos o nosso tempo... teremos a seguir muito tempo para falarmos e divertirmo-nos...

Os criados do Groppi^[124] haviam já preparado a mesa e mantinham-se em pé prontos para servir.

Lady Forster sentou-se no meio das raparigas, ao passo que o professor, sentado no centro do outro lado diante dela, disse comentando a disposição dos lugares:

- Teria sido preferível sentarem-se de modo a intercalar rapazes e raparigas mas quisemos respeitar as tradições orientais. Não é assim?

Um estudante respondeu-lhe sem a menor hesitação:

- Infelizmente foi o que constatámos, meu senhor...

Um criado começou a despejar o chá e o leite e o banquete teve início.

Ahmad, olhando para Elwiyyah Sabri furtivamente, notou que ela estava menos embaraçada do que as colegas e que agia com maior desenvoltura que as outras à mesa.

Parecia acostumada à vida social como se se sentisse em casa! O jovem teve a impressão de que olhá-la comer doces era mais deleitoso até do que comê-los! Como lhe era querida aquela rapariga que compartilhava a sua amizade e o seu carinho embora não o encorajasse a ultrapassar os limites!

"Se não aproveito a ocasião que se me oferece hoje, adeus!...", dizia para si Ahmad.

Lady Forster levantou a voz:

- Gostaria que as restrições impostas pela guerra em nada diminuíssem o vosso desejo de comer doces!

- É uma sorte que as restrições não tenham sido aplicadas também ao chá - comentou um estudante.

Mr. Forster, inclinando-se para Ahmad que estava sentado à sua esquerda, perguntou-lhe:

- Como vais passar as férias? Quero dizer: o que vais ler?

- Muita coisa sobre economia e algo sobre política... Mas, hei-de escrever também alguns artigos para publicar nas revistas!

- Aconselho-te a tentar inscrever-te no mestrado depois da licenciatura!

- Provavelmente mais tarde - respondeu o jovem, engolindo o que tinha na boca. - Por ora começarei com o jornalismo: já o projectei há muito tempo.

- Muito bem.

"Elwiyyah fala com lady Forster num inglês corrente... como dominou depressa a língua! As rosas e as flores resplendem numa apoteose matizada como o coração no amor! Só onde a liberdade se aloja pode desabrochar, qual flor, o amor, que, por conseguinte, só pode ser um sentimento verdadeiro e natural num país comunista!"

Mr. Forster disse:

- Desagrada-me não ter podido aprofundar o estudo do árabe; teria tanto desejado ler o romance *Magnun Laila* ^[125] sem a vossa ajuda!

- É sobretudo pena não ter maneira de estudá-lo.

- A não ser que o permitam circunstâncias favoráveis.

"Talvez seja forçado a estudar alemão... Não seria bastante paradoxal se Londres se tornasse no palco de estrepitosas manifestações pedindo a retirada dos Alemães? O temperamento inglês - considerado individualmente - tem um certo fascínio, mas o fascínio da minha querida amiga não tem comparação... Em breve, o Sol pôr-se-á e a noite ver-nos-á juntos pela primeira vez num mesmo local... se não aproveito a ocasião que se me oferece hoje, adeus!...", dizia para si Ahmad. Depois perguntou ao seu professor:

- O que fará assim que chegar a Londres?

- Fui convidado para trabalhar na rádio.

- Então continuaremos a ouvir a sua voz.

"Uma forma de delicadeza perdoável nesta recepção coroada com a presença de Elwiyyah... Aqui só ouvimos a rádio alemã; o nosso povo ama os Alemães, mesmo que só fosse pelo ódio que nutre pelos Ingleses... além do mais, o imperialismo é o grau mais elevado do capitalismo... O encontro desta noite que o professor organizou cria uma situação que merece ser estudada... É claro que tentamos explicar a nossa presença aqui em nome do interesse pela ciência que nos anima mas é incontestável que estamos a viver uma incompatibilidade entre o amor que nutrimos pelo professor e o ódio pelo seu povo... Seria bom que a guerra banisse o nazismo e o imperialismo em simultâneo... assim poderia dedicar-me tão-só ao amor..."

Os presentes voltaram todos para a varanda, cujas lâmpadas eléctricas haviam sido ligadas, e lady Forster disse:

- O piano está à vossa disposição. Ficaríamos muito contentes se alguém quisesse tocar alguma coisa...

Um estudante voltou-se para ela dizendo:

- Não gostaria de fazer-nos ouvir algo?

A senhora levantou-se com a ligeireza inerente à juventude que ela de resto ultrapassara há anos; sentou-se ao piano, abriu-o e começou a tocar.

Os convidados não conheciam bem a música ocidental nem nela estavam interessados, porém escutavam em silêncio, por educação e cortesia...

Ahmad tentou tirar do amor uma força mágica que o ajudasse a penetrar naquela melodia para ele ininteligível; por fim, contudo, renunciou, olhando às ocultas para o rosto da rapariga.

Os olhos dos dois jovens a dado momento cruzaram-se e eles trocaram um sorriso que foi surpreendido por muitos dos presentes.

Inebriado de alegria, Ahmad dizia para si: "Sim, se não aproveitar a ocasião que se me oferece hoje, adeus!..."

Tendo lady Forster concluído, um estudante tocou por sua vez uma melodia oriental, após o que todos conversaram demoradamente até que, por volta das oito da noite, tendo cumprimentado o professor, começaram a partir.

Ahmad, naquela noite tão bela e amena, permaneceu imóvel num ângulo da rua, debaixo das grandes árvores que formavam como que um chapéu-de-sol, à espera da rapariga até a ver avançar sozinha em direcção à casa. Emergiu então do seu recanto, vedando-lhe o caminho.

A rapariga parou atónita e exclamou:

- Não tinhas partido com eles?

Ele suspirou, como que para atenuar a sua viva agitação, e conseguiu dizer num tom plácido:

- Fiquei atrás do grupo para te encontrar!

- Quem sabe o que terão pensado quando fizeste por ficar para trás...

- É com eles... - replicou com indiferença.

Elwiyyah recomeçou a caminhar devagar e ele pôs-se ao seu lado. Depois a paciência, que o havia detido durante aqueles longos dias, diminuiu e ele disse-lhe:

- Antes de me ir embora, desejo perguntar-te se me autorizas a que me apresente à tua família para pedir a tua mão.

A jovem, surpreendida, ergueu a cabeça mas não proferiu uma palavra sequer, como se não soubesse o que responder... A rua estava

vazia, as luzes escurecidas por causa do verniz azul que recobria as lâmpadas, e de novo ele perguntou:

- Autorizas-me?

Ela respondeu então baixinho num tom não isento de reprovação:

- A tua maneira de dizer as coisas é invulgar... Na verdade, surpreendeste-me!

Ahmad, rindo, retomou:

- Peço-te desculpa, embora julgasse, tendo em conta a nossa já longa amizade, que as minhas palavras não te iriam surpreender...

- Queres referir-te à nossa amizade e à nossa colaboração cultural?

Ahmad permaneceu um tanto desconcertado com a resposta da rapariga mas tornou a dizer:

- Refiro-me ao meu sentimento que não consigo ocultar e que até agora se manifestou sob a forma de amizade e de colaboração cultural, para empregar as tuas palavras...

Elwiyyah perguntou-lhe então num tom sorridente não desprovido de confusão:

- O teu sentimento que não consegues ocultar?

- Quero dizer, o meu amor! - replicou com teimosia e devoção. - O amor não se pode ocultar! Habitualmente não se fala tanto para o confessar ao outro quanto para experimentar a alegria de ouvi-lo ser confessado.

Procurando encontrar tempo para recobrar a calma, ela retorquiu:

- Tudo isso é para mim uma surpresa...

- Desagrada-me ouvi-lo...

- Porque te desagrada? Na verdade, não sei o que te hei-de dizer...

- Diz-me: "Autorizo-te" e deixa que eu trate do resto... - continuou Ahmad rindo.

- Mas, mas... não sei de nada! Perdoa-me!... Éramos amigos, é verdade, mas tu nunca me havias falado de... quero dizer que as circunstâncias não te permitiram falar-me de ti...

- Não me conheces, por acaso?

- Claro que te conheço, mas há outras coisas que necessito de saber... "Referes-te às tais 'coisas' tradicionais? Perguntas dignas de um coração que o amor ainda não agrilhoou!...", pensava Ahmad.

Embora sentindo uma certa animosidade, tornou a dizer mais obstinado do que nunca:

- Cada coisa a seu tempo...

- E não é este por acaso o tempo próprio?... - replicou a rapariga que reouvera o domínio de si.

Com um sorriso frouxo, Ahmad condescendeu:

- Tens razão, queres dizer, o futuro!

- Claro!

Esta palavra "claro" exasperou-o. Esperara palavras melodiosas e ao invés cabia-lhe escutar frases convencionais!... Porém, conquanto assim estivessem as coisas, a confiança em si não devia traí-lo...

Aquela rapariga bela mas fria não podia imaginar que alegria haveria sido para ele fazê-la feliz!...

- Logo depois da licenciatura, encontrarei um trabalho... - e após alguns minutos de silêncio, começou a dizer: - Um dia terei um rendimento considerável!

E a rapariga, timidamente:

- São palavras vagas...

- O meu salário será um salário normal, mas terei ainda um rendimento de pelo menos dez guines...

Caiu um grande silêncio... talvez ela pensasse nas palavras de Ahmad e nelas meditasse. Era aquela a interpretação material do amor?... E ele que vivia de sonhos, o que tinha de fazer de tudo aquilo?

"Este país é estranho, lança-se na política seguindo os sentimentos e aplica ao amor as minudências dos contabilistas..."

Por fim, a voz suave disse:

- Não falemos de rendimentos... Não está certo elaborar a vida tendo por base a possibilidade de os nossos entes queridos desaparecerem!...

- Queria fazer-te saber que o meu pai possui bens...

Ela respondeu com dificuldade confirmando a hesitação anterior:

- Sejam realistas...

- Disse que arranjará trabalho... e tu, do teu lado, arranjarás um...

- Não, não trabalharei... não andei na universidade para depois me empregar como todas as minhas colegas... - replicou com um estranho sorriso.

- Trabalhar não é uma vergonha...

- Sim, mas o meu pai... Na verdade, estamos todos de acordo neste ponto: não trabalharei...

Gelado no seu coração e com o espírito absorto nos seus

pensamentos, o jovem exclamou:

- Que assim seja... trabalharei eu...

Com uma voz muito doce, Elwiyyah respondeu:

- Senhor Ahmad, adiemos esta conversa, dê-me algum tempo para pensar...

Ahmad teve um riso débil ao dizer:

- Aprofundámos as questões de todos os ângulos, mas precisas de tempo apenas para recusar!

- É necessário que fale com o meu pai... - respondeu Elwiyyah com uma certa relutância na voz.

- É evidente, mas teria preferido que tomássemos antes uma decisão...

- Peço-te só um adiamento, ainda que breve...

- Estamos em Junho, em breve partirás de férias e não nos encontraremos de novo senão em Outubro na faculdade!

- Preciso mesmo de algum tempo para pensar e pedir conselho! - insistiu a rapariga.

- Não queres falar...

A rapariga parou bruscamente e disse com educação e firmeza ao mesmo tempo:

- Senhor Ahmad, queres levar-me a falar à força... Espero que acolhas as minhas palavras com condescendência... Muitas vezes pensei no casamento antes, não em relação a ti mas em geral e cheguei à conclusão, e o meu pai está inteiramente de acordo comigo, que, para ter a existência que desejo mantendo a minha condição social, teria de dispor de pelo menos cinquenta guínes por mês...

Ele engoliu a decepção mais amarga que jamais poderia supor aguentar e perguntou:

- Achas que um funcionário, em idade de casar, pode dispor já de uma tal soma?

Elwiyyah não proferiu uma só palavra e o jovem continuou:

- Então queres um marido rico?...

- Lamento imenso mas obrigaste-me a expor o meu ponto de vista...

- Seja como for, foi melhor assim... - respondeu com voz rancorosa.

- Lamento... - repetiu ela num murmúrio...

A cólera do jovem aumentou mas este esforçou-se de todas as maneiras por se manter dentro dos limites da cortesia. Depois,

sentindo um irresistível desejo de lhe declarar o seu ponto de vista, perguntou-lhe:

- Permites-me que te diga com toda a sinceridade a minha opinião?

- De modo algum! - interrompeu-o ela. - Conheço bem demais o teu modo de pensar e desejo preservar a nossa amizade!

Apesar da sua fúria, teve pena da rapariga. Aquilo que dizia era uma verdade amarga que só o amor podia atenuar... Não há nada de estranho numa mulher que foge com o seu criado a não ser do ponto de vista das tradições. Numa sociedade corrompida, quem está de boa saúde é considerado doente e vice-versa...

Ahmad estava furioso mas a tristeza nele era superior à ira... Seja como for, ela dera-se conta dos seus sentimentos, o que sempre era uma consolação!

A rapariga estendeu-lhe a mão para cumprimentá-lo e ele manteve-a dentro das suas até achar o ânimo para perguntar:

- Disseste que não te inscreveste na universidade para trabalhar: são belas palavras, mas então para que te terá servido a universidade?

Ela ergueu o queixo como que espantada e o jovem acrescentou num tom não desprovido de menosprezo:

- Perdoa a minha estupidez... o problema talvez seja que tu nunca amaste ainda... Adeus...

Ahmad voltou-se e depressa se afastou.

[122] Mr., ou seja, Mister: em inglês no texto.

[123] Em inglês no texto.

[124] Célebre pastelaria do Cairo com múltiplas sucursais na cidade.

[125] Literalmente, O Louco de Laila. Romance da época omíada no qual se narra como o poeta Qais enlouqueceu depois de a amada, Laila, ter casado com outro homem por vontade do pai.

CAPÍTULO 30

- Talvez tenha errado ao ter trazido aqui para o Cairo a minha mulher para dar à luz; todas as noites, ouvem-se as sirenes de alarme ao passo que em Tanta nada sabíamos dos pavores desta guerra... - disse Ismael Latif.

- São raides simbólicos... se quisessem realmente causar-nos estragos, não haveria força que os impedisse... - interveio Kamal.

Riyad Quldus desatou numa gargalhada e, voltendo-se para Ismael Latif - e aquela era apenas a segunda ocasião que se encontravam desde o ano anterior quando se haviam conhecido -, disse:

- Estás a falar com um homem que não faz ideia das responsabilidades inerentes a um marido!...

Ismael voltou-se então para Riyad com uma certa zombaria:

- E tu fazes alguma ideia?

- É verdade que como ele sou solteiro mas não sou um inimigo do casamento!

Os três amigos caminhavam pela Rua Fuad I, ao cair da noite, na escuridão que as luzes frouxas que atravessavam as portas das lojas não conseguiam reduzir... Todavia a rua estava pejada de mulheres, de homens e de soldados britânicos de todos os contingentes. O Outono tornava a brisa fresca mas quase todos envergavam roupas estivais.

Riyad Quldus, ao observar um grupo de soldados indianos, disse:

- É triste um ser humano afastar-se tanto da sua pátria para ir morrer por causa de outros!...

Ismael Latif perguntou:

- Interrogo-me como fazem estes desgraçados para terem coragem de rir!

- Tal como nós conseguimos rir neste mundo estranho: o álcool, a droga, o desespero... - respondeu Kamal revoltado.

Riyad Quldus volveu a rir:

- Vives uma crise ímpar no seu género, para ti não existe qualquer certeza: futilidades e problemáticas existenciais, luta pungente com os segredos da vida e da alma, tédio e mal-estar... Tenho realmente pena de ti!

Ismael Latif aconselhou muito simplesmente:

- Casa-te, também eu atravesssei um tédio parecido antes de casar...
- Diz-lhe... - acrescentou Riyad Quldus.

Kamal, como se falasse consigo mesmo, respondeu.-

- O casamento representa a capitulação definitiva nesta batalha fracassada!

"Ismael enganou-se na sua comparação... ele não passa de um animal bem amestrado... mas, devagar, Kamal, talvez seja presunção da tua parte... Como fazes para ser tão presunçoso com toda a tua montanha de desenganos e derrotas? Ismael nada sabe do mundo do pensamento... sabe tão-só da felicidade que se atinge com o trabalho, a esposa e os filhos... E acaso uma tal felicidade não pode caçoar do desdém que por esta nutres?..."

Riyad tornou a dizer:

- Se algum dia resolver escrever um romance, hei-de fazer de ti um dos meus heróis!...

Kamal voltou-se para ele com um interesse quase infantil e perguntou:

- E o que farás comigo?

- Ainda não sei, mas é fundamental que desde já te prepares para não ficares contente, porque muitos daqueles que se reconheceram nas minhas novelas ficaram aborrecidos!...

- Porquê?

- Talvez porque todo o ser humano tenha sobre si mesmo uma ideia pessoal muito peculiar, e conteste e fique desgostoso quando ao representá-lo o novelista o defrauda logo daquele aspecto que ele encarava essencial!

Kamal, inquieto, perguntou:

- E tens de mim por acaso uma ideia diversa daquela que exteriorizas? O outro respondeu de imediato serenando-o:

- É claro que não, mas quem escreve pode partir de uma personagem para em seguida dela se esquecer por completo ao longo do processo de composição que leva à criação de um novo espécime de homem que nada mais tem em comum com o original a não ser a inspiração do começo... Tu, por exemplo, lembras-me a personagem de um oriental que vacila entre o Oriente e o Ocidente, que de tanto circular à volta de si próprio acaba por se ver como que num redemoinho!...

"Fala do Oriente e do Ocidente mas não conhece Aida e, aliás, como poderia? O infortúnio, por vezes, tem aspectos distintos..." Ismael Latif disse, uma vez mais, com a sua simplicidade:

- Tens tentado criar problemas no decorrer de toda a tua existência?... Na minha opinião, a fonte de todos os teus sofrimentos está nos livros... Porque não experimentas viver normalmente?

Assim falando, haviam chegado à esquina da Rua de Emad ed-Din, onde se embrenharam... mas, ao se depararem com um grupo enorme de ingleses, arredaram-se, evitando-os, e Ismael Latif disse:

- Que vão para o Inferno! Onde lhes vem toda aquela esperança?... Será que acreditam em si mesmos?

- Tenho a sensação de que o desfecho da guerra já está decidido e que no máximo há-de cessar na próxima Primavera... - respondeu Kamal.

Riyad Quldus declarou despeitado:

- O nazismo é um movimento reaccionário e inumano... o mundo há--de sofrer duplamente sob o seu jugo cruel...

Então Ismael:

-Aconteça o que tem de acontecer... o principal para nós é ver os Ingleses no mesmo estado que desde sempre impuseram às nações mais fracas!...

- Os Alemães não são melhores do que os Ingleses... - disse Kamal. E Riyad Quldus:

- Sim, mas os Ingleses, pelo menos já nós os conhecemos... O colonialismo britânico tem já uma certa idade e isso concede-lhe uma certa moderação fazendo com que consinta admitir alguns princípios humanitários... mas amanhã pelo contrário poderemos depararmo-nos com um colonialismo jovem, insolente, orgulhoso devido ao prestígio de uma guerra vitoriosa... então o que se poderá fazer?

Kamal rebentou numa gargalhada inabitual e propôs:

- Vamos beber um ou dois copos para sonhar com todo um mundo dominado por um governo só e justo!...

- Então com certeza teremos de beber mais do que dois copos...

Os três homens viram-se defronte de uma nova taberna que não haviam notado anteriormente, talvez uma daquelas tabernas "daninhas" que as condições da guerra faziam brotar de um dia para o outro!

Kamal olhou de relance para o interior e enxergou uma mulher de carnação branca mas de traços orientais que dirigia o local. De súbito as suas pernas ficaram empedernidas e imobilizaram-se ou, melhor dizendo, foi incapaz de se mover e os seus amigos foram obrigados a estacar e olhar na mesma direcção... Mariam! Só podia ser Mariam e ninguém mais! Mariam, a segunda esposa de Yassin... Mariam, a vizinha de toda uma vida... naquela taberna após ter estado sumida durante tanto tempo... Mariam, que ele considerava morta, como a sua mãe!...

- Queres que paremos aqui? Vamos, lá dentro só estão quatro soldados... Balançou muito, mas a coragem faltou-lhe e, por fim, antes ainda de recuperar do seu assombro, exclamou:

- Não, não...

Ao olhar para a mulher, Kamal lembrou em pensamento a mãe desta nos derradeiros anos da sua existência...

Os três homens retomaram portanto o caminho e Kamal voltou a pensar na última vez em que vira Mariam.

Haviam transcorrido pelo menos treze ou catorze anos... Ela era um ponto de referência do passado que não podia ser olvidado... do seu passado... da sua história... do seu ser... Tudo aquilo, além do mais, era uma só e única coisa... Recebera-o em Qasr esh-Shawq na vez última em que ele fora àquela casa antes do divórcio de Mariam. Recordava ainda como ela se havia queixado da devassidão de Yassin, que voltara à sua vida tumultuosa e dissoluta, lamentos cujos efeitos lhe haviam então escapado...

- Na verdade, coitados dos habitantes de Londres!

- Mas são eles que estão na origem da nossa desgraça...

O semblante de Riyadh Quldus empalidecia cada vez mais, mas ele disfarçava a sua inquietação falando e, ao se dirigir a Kamal, disse:

- Ouvi-te certa vez perguntar: "Onde está a estação da morte para que eu possa deixar o enfadonho navio da vida?...^[127]". Para ti, portanto, seria irrelevante se agora uma bomba nos estilhaçasse?...

Kamal sorriu conquanto apurasse o ouvido, tomado por uma opressão crescente, e esperasse a todo o momento ouvir as detonações dos canhões... Assim sendo, respondeu:

- Não... - depois, falando consigo mesmo: - Talvez por medo da dor...

- Ou será que há uma confusa esperança na vida que no teu íntimo ainda se agita?...

Porque não se suicidara ainda?... E por que motivo a sua existência, vista de fora, parecia ainda cheia de entusiasmo e de fé? O seu íntimo forçara-o sempre a combater entre dois extremos: a busca dos prazeres e a vida do sufismo! Mas ele não era um homem para levar uma vida toda dedicada aos prazeres; por outro lado, havia algo no fundo de si que o coibia de ter uma postura passiva e o detinha na fuga... talvez fosse o que se interpusera entre ele e o suicídio... Ao mesmo tempo, o facto de se conservar agarrado à corda oscilante da vida estava em contraste com aquela sua dúvida portadora de morte!... Ao fim e ao cabo, a situação podia cingir-se a duas palavras apenas: dúvida e tortura!...

De súbito, ouviram-se os canhões... uma descarga cerrada como a chuva que tornava a respiração difícil, que esgazeava os olhos e escancarava as bocas...

O bombardeamento durou só dois minutos mas as pessoas receavam que aquele fragor medonho se repetisse...

O medo apossou-se das almas num silêncio fundo...

Ismael Latif disse:

- Tento imaginar o estado da minha mulher neste instante... Quem sabe quando acabará este raide...

Riyad Quldus por seu turno disse:

- E quando acabará a guerra?...

Não passou muito tempo até se ouvir a sirene do fim do alarme... do abrigo levantou-se um suspiro imenso...

- Não passa de uma brincadeira dos Italianos... - disse Kamal.

Deixaram o abrigo na escuridão, qual morcegos, enquanto as portas vomitavam seres humanos que se assemelhavam a fantasmas...

Depois, a pouco e pouco, uma ténue luz principiou a atravessar as janelas e uma grande algazarra encheu de novo as ruas.

- Parece que a vida, nestes segundos breves, fugazes, sombrios, quis relembrar a todos que o haviam esquecido o seu valor ímpar!

[127] Só te resta apanhar o navio para Meca: i.e., para ir cumprir o ritual da peregrinação, 5.º pilar do Islão.

CAPÍTULO 31

Com o passar do tempo, a velha casa ganhara uma aparência diversa, portadora de decadência e de deterioração.

A sua ordem e as "sessões familiares" que sempre haviam constituído a sua essência haviam diminuído: a ordem era agora negligenciada e as "sessões" haviam caído em desuso.

Na primeira parte do dia, Kamal encontrava-se na escola; Amina saía para dar as suas voltas espirituais entre as mesquitas de el-Hussein e de es-Sayyeda Zeinab; Umm Hanafi descia à sala do forno; o sayyed esten-dia-se no sofá no seu quarto ou sentava-se numa cadeira na machra-biyya e Aisha errava sem finalidade entre o terraço e o seu quarto, ao passo que na sala a rádio ficava continuamente ligada... E ali mesmo, ao cair da tarde, sentavam-se Amina e Umm Hanafi enquanto Aisha continuava ainda no seu quarto e só se demorava junto delas por um breve instante. O sayyed não abandonava o seu quarto e, quando Kamal voltava cedo, era tão-só para se fechar na sua biblioteca no andar de cima!...

De início, a solidão do sayyed para todos havia sido pungente, mas depois tornara-se natural... bem como a tristeza de Aisha que contudo no começo havia sido quase um drama para a família.

Amina que, como sempre, era a primeira a se levantar, acordava Umm Hanafi; após o ritual da ablução, fazia a oração. Mal se erguia, Umm Hanafi - que em comparação com os demais gozava de uma boa saúde - descia à sala do forno; quanto a Aisha, assim que acordava, apenas conseguia descerrar os olhos depois de ter bebido várias chávenas de café e fumado cigarros atrás de cigarros a tal ponto que, quando a chamavam para o pequeno-almoço, já só podia engolir algumas migalhas!

A mulher declinara de uma forma inacreditável! Não passava de um esqueleto revestido por uma pele translúcida... os cabelos haviam começado a cair tanto que, para não se tornar totalmente careca, fora obrigada a recorrer a um médico; tendo sido acometida por diferentes doenças, o médico aconselhara-a a arrancar os dentes. Da Aisha de antigamente restava hoje tão-só o nome!...

Continuava porém a mirar-se ao espelho, não já para se aformosear

mas em parte por rotina, em parte para exacerbar, naquela contemplação, a sua tristeza!

Por vezes, como se houvesse aceite com resignação o seu destino, Aisha demorava-se sentada mais tempo ao lado da sua mãe, participava na conversa, deixava que os seus lábios murchos se descerrassem num sorriso... outras vezes, juntava-se ao pai para se informar da sua saúde ou vagueava no terraço, lançando grãos de trigo às galinhas!

Então a mãe, cheia de esperança, dizia-lhe:

- Como me fizeste feliz, Aisha! Quem me dera poder ver-te sempre assim! E Umm Hanafi, secando os olhos, acrescentava:

- Vamos para a sala do forno confeccionar algo de saboroso!

Mas certa noite, por volta da meia-noite, Amina foi despertada por um lamento que vinha do quarto da filha... precipitou-se para junto desta, com cautela para não acordar o marido, e achou-a a soluçar, sentada no escuro. Com a chegada da mãe, ela atirou-se para os seus braços, gritando:

- Se pelo menos me tivesse deixado a criatura que trazia no ventre! Era quase uma sombra dela própria! Mas as minhas mãos estão vazias e este mundo nada mais tem para mim!

Amina estreitou-a e disse-lhe:

- Conheço melhor que ninguém a tua tristeza, uma tristeza demasiado grande para encontrar conforto! Quem me dera que pudesse ter oferecido a minha vida em troca das suas... mas a sabedoria de Allah é grande, louvado seja Ele!... E de que te serve ficares triste, minha pobre filha?

- Mal adormeço sonho com eles e com a minha vida de antigamente...

- Reforça a tua convicção de que Allah é Único... Também eu durante muito tempo experimentei o teu sofrimento... Acaso esqueceste Fahmi? Mas o crente, quando é atingido por uma desgraça, deve ter paciência... Onde está a tua fé?...

- A minha fé!... - gritou Aisha magoada.

- Sim, lembra-te da tua fé e dirige as tuas preces ao teu Senhor... a Sua misericórdia descera sobre ti sem que saibas donde vem...

- A misericórdia!... Onde está a misericórdia... onde?

- A sua misericórdia abarca todas as coisas... Obedece-me e vem

comigo à mesquita de el-Hussein, poisa a tua mão no seu túmulo, pronuncia a Al-Fatiha e sentirás que o fogo que em ti arde se há-de transformar em frescura e paz tal como sucedeu com o profeta Abraão [\[128\]](#).

O comportamento de Aisha era inconstante também no tocante à sua saúde. Por vezes, ia com frequência aos médicos com tamanha insistência e regularidade que levava a crer num renovado vínculo com a vida, outras vezes, descurava-se e desdenhava todos os conselhos, quase que num desejo suicidário.

O único costume que ela não descurara vez alguma era a visita ao cemitério: gastava com liberalidade nos túmulos dos seus mortos, dissipando de bom grado o que lhe coubera da herança do marido e da filha a tal ponto que a área que envolvia os túmulos se havia transfigurado num jardim viçoso embelezado com flores e plantas olorosas.

No dia em que Ibrahim Shawkat se lhe dirigira para encerrar o processo da herança, Aisha disparara numa gargalhada delirante, ao dizer à mãe:

- Felicita-me pois herdei de Naima!...

Kamal ia ter com ela tão-só quando vinha a saber que a irmã estava um pouco melhor; em tais ocasiões, permanecia sentado durante muito tempo ao seu lado, tratando-a com brandura e carinho. Observava-a com atenção; em silêncio, evocando com uma tristeza imensa a sua imagem "dourada", obra espantosa de Allah, para depois contemplar o estado a que fora reduzida. Não só era magra e doente, mas a sua aparência deixava transparecer um desespero profundo!

Não escapava a Kamal que os seus destinos tinham muitos pontos em comum: Aisha havia perdido os filhos e ele, as esperanças... ela acabara em nada, aliás, como ele próprio! Mas os filhos dela haviam sido de carne e sangue, enquanto as esperanças dele haviam-se revelado meramente engano e ilusão!...

Certo dia, Kamal dissera à mãe e à irmã:

- Não seria melhor se fossem para o abrigo quando ouvem a sirene?

- Não me hei-de mexer do meu quarto... - respondera Aisha. E

Amina acrescentara:

- Os raides não são perigosos e as balas parecem petardos!... Quanto ao pai, ouvia-se a sua voz que vinha do interior do quarto e que dizia:

- Se tivesse forças para ir até ao abrigo, iria antes à mesquita ou para a casa de Muhammad Iffat...

Um dia, Aisha descera do terraço, a correr e num frenesim e dissera à mãe:

- Aconteceu uma coisa esquisita...

Amina olhara para esta num misto de curiosidade e de esperança ao passo que Aisha prosseguia:

- Estava a contemplar o pôr do Sol e sentia um estado de desespero jamais experimentado quando de súbito se abriu no céu como que uma brecha de luz extraordinária que me levou a exclamar com todas as minhas forças: "Ó Deus!"

Os olhos da mãe haviam-se arregalado como que a querer pedir esclarecimentos: seria acaso a misericórdia tão ansiada ou antes um novo abismo de tristeza? Num sussurro dissera:

- Talvez seja a misericórdia de Allah, minha filha!...

- Sim, tanto mais que quando gritei "Ó Deus" a luz se alastrou por todo o espaço... - respondera Aisha com o rosto fulgurante.

Aquilo que ocorrera fora motivo de meditação para todos e levava-os a seguir com uma angústia extrema o desenvolver dos acontecimentos.

Dali em diante, Aisha acostumara-se a ficar horas a fio no terraço, estática, aguardando aquela luz na expectativa de que refulgisse de novo... e Kamal interrogara-se: "Acaso será este o final em relação ao qual até a morte perde o seu significado?"

Para a felicidade de todos, Aisha, pouco depois, esqueceu aquele episódio ou, pelo menos, não mais voltou a falar dele; continuou no entanto a encerrar-se cada vez mais no seu mundo muito particular, que lhe era reservado em exclusivo, onde vivia na solidão, tanto quando estava no seu quarto como quando estava no meio dos seus familiares... Raramente conseguia "regressar" para junto deles e então parecia sempre que voltava de uma longa viagem que contudo não tardava a reiniciar...

Adquirira um novo hábito também: falar consigo mesma, sobretudo quando se achava sozinha. Destarte, provocava a angústia dos seus entes queridos e todavia, ao falar dos mortos, tinha consciência de que se tratava de mortos, e não de mortos irreais ou de fantasmas... o que sempre se afigurava um consolo para os que a rodeavam.

[\[128\]](#)Referência ao versículo n.º 69 da surata XXI do Alcorão, no qual se pode ler: "Dissemos: Ó fogo! Sê frescor e paz sobre Abraão." Neste versículo, o sujeito do verbo dizer é Deus que impôs ao fogo que não queimasse Abraão.

CAPÍTULO 32

"Quão intenso era o frio naquele Inverno! Fazia pensar num Inverno de há muitos anos que se tornara no ponto de referência para toda uma geração; mas... qual Inverno? Ó meu Deus... onde está a minha memória... onde? Todavia o meu velho coração sente nostalgia daquele tempo que no entanto não consegue estabelecer... é sempre uma parcela do meu passado cuja lembrança desaloja lágrimas ignoradas."

Assim falava o sayyed ao voltar a pensar no tempo em que costumava despertar cedo e, depois do duche frio revigorante, depois de ter comido bem, se apressava a fugir para o mundo das pessoas, o mundo do movimento e da liberdade, mundo do qual hoje nada mais sabia a não ser aquilo que tinham a bondade de lhe relatar os que o cercavam; e era como se falassem de um universo remoto, situado do outro lado da Terra!

O sayyed tinha a capacidade e a força de se sentar no sofá do seu quarto ou na cadeira colocada na machrabiyya e estava portanto desalentado porque se sentia qual recluso na sua própria casa... ia ainda sozinho à casa de banho, quando precisava, e conseguia vestir-se sozinho e contudo maldizia a vida sedentária a que era forçado.

Uma vez só na semana era-lhe consentido sair, apoiado na bengala ou conduzido de caleche, para ir visitar a mesquita de el-Hussein ou ir ter com algum dos seus amigos, e continuava a rezar continuamente a Allah para que o livrasse daquela clausura...

Mas hoje no entanto não mais se conseguia levantar da cama e o seu mundo tinha como limites a orla do colchão... Por fim, já não podia ir à casa de banho, era a casa de banho que ia ter com ele... Jamais poderia ter imaginado um tal estado de imundície! Aos seus lábios assomava um desalento contínuo e a sua boca estava impregnada de um sabor acre... Jazia sobre aquele colchão o dia todo e aí dormia à noite; ali comia e ali fazia as suas necessidades... Logo ele que fora famoso pela sua distinção e pelo seu halo perfumado que sempre o acompanhara! E, naquela casa onde todos estavam subjugados à sua vontade exclusiva, sucedia-lhe agora, ao olhar em seu redor, colher apenas olhares de compaixão e ser admoestado qual criança a cada um

dos seus pedidos.

Os seus amigos queridos haviam desaparecido a breve intervalo uns dos outros como se houvessem marcado encontro... todos haviam partido, deixando-o sozinho...

"Que Allah tenha piedade de ti e te receba na Sua misericórdia, ó Muhammad Iffat!"

O sayyed vira este seu amigo pela última vez durante um serão no mês do Ramadão no salamlik^[129] que dava para o jardim. Ao fim do serão, o sayyed havia-se despedido deste, cuja gargalhada portentosa o acompanhara à porta. Mal se havia retirado no seu quarto, quando ouviu bater à porta... era Ridwan que acorrera para dizer:

- Ó meu avô, o avô Iffat morreu!...

- Louvado seja Allah!... Mas quando... como... Não estava a rir connosco há escassos minutos apenas?

"Mas caíra com a face no chão, enquanto estava a ir para a cama... assim desapareceu o meu amigo querido de toda uma vida!

E Ali Abder Rahim, que agonizara durante três longos dias? Uma tosse de tal modo forte e irritadiça que nos virávamos para Allah implorando-Lhe que lhe acordasse a morte para o poupar a tamanho sofrimento! E assim desapareceu do mundo também aquele amigo íntimo da minha alma, Ali Abder Rahim..."

O sayyed tinha podido dar um último cumprimento a estes dois companheiros, o que não fora possível com Ibrahim el-Far! Preso na cama devido a um exacerbar do seu mal, não pudera visitar o amigo doente e fora o criado de Ibrahim el-Far que lhe comunicara a sua morte... Não pudera sequer acompanhá-lo no seu funeral, no qual, em seu lugar, haviam participado os filhos, Yassin e Kamal.

"Que Allah te acolha na Sua misericórdia, ó melhor de todos os homens!..."

Antes falecera já Hamidu, el-Hamzawi e dezenas de conhecidos e amigos, deixando-o sozinho como se jamais houvesse conhecido alguém... alguém que o pudesse visitar ou ficar à sua cabeceira! No seu funeral não participaria nenhum dos seus amigos... e já nem sequer tinha a faculdade de fazer a oração! Com efeito, não conseguia manter a pureza ritual a não ser por algumas horas após o banho... acontecimento que se verificava tão-só uma vez por mês, graças à amabilidade dos seus familiares... Tornara-se-lhe portanto impossível

rezar no momento em que sentia maior necessidade de se dirigir ao Senhor Todo Clemente naquela sua solidão pavorosa...

E assim passavam os dias: a rádio sempre ligada; ele a escutá-la; Amina que ia e vinha não obstante a grande debilidade que dela se apoderara... mas a mulher jamais se afizera a se queixar de coisa alguma... continuava a servir-lhe de enfermeira e o sayyed receava acima de tudo que esta, algum dia, precisasse de auxílio! Amina era tudo o que lhe restava... Yassin e Kamal, pelo contrário, estavam com ele, quando muito, uma hora e em seguida partiam... Teria desejado que se demorassem mais tempo para lhe fazer companhia mas era um desejo que não podia manifestar e que os filhos não teriam conseguido realizar! Amina era a única que não se enfadava ao seu lado! Se ia visitar el-Hussein era para rezar pelo marido e nada mais existia para ela!

O dia em que Khadiga ia ter com ele era um dia muito aguardado pelo sayyed... A filha chegava, acompanhada por Ibrahim Shawkat, por Abdel Munim e por Ahmad e de imediato o quarto se enchia de pessoas cheias de vida que escorraçavam a sua tristeza... O sayyed dizia tão-só algumas palavras mas as visitas falavam imenso.

Certa vez, Ibrahim dirigira-se aos seus familiares, dizendo:

- Parem de cansar o sayyed com tanta tagarelice... Mas ele respondera, repfeendendo-o:

- Deixa-os falar... quero ouvi-los... - e havia suplicado a Allah para que concedesse saúde e longa vida a Khadiga, ao esposo e aos dois filhos.

Sabia bem que Khadiga teria desejado velar pessoalmente pelo seu repouso e lia nos olhos desta um carinho imenso!...

Um dia, mais tarde, por ocasião de uma visita de Yassin, perguntara-lhe com um desejo ardente e uma curiosidade manifesta:

- Onde passas os teus serões? Yassin respondera muito atrapalhado:

- Hoje os Ingleses encontram-se por toda a parte, como nos dias de antigamente...

"Os dias de antigamente... dias em que era forte e arrojado, dias em que eu ria e fazia estremecer as paredes, em que velava em el-Ghuriyya e em el-Gamaliyya... dias em que existiam pessoas das quais não restam hoje nada mais salvo nomes: Zubaida, Galila, Haniyya... Quem sabe se Yassin se lembra de sua mãe?.. E ali estão Zannouba e Karima

sentadas perto dele... Devo pedir sempre o perdão e a misericórdia de Allah..."

- Diz-me, Yassin, quem subsiste no teu Ministério dos velhos conhecidos de outrora?

- Foram todos para a reforma e já não tenho notícias de nenhum deles... "E também eles já nada sabem de nós... Mas, se os amigos do coração faleceram, de que serve perguntar pelos simples conhecidos?

Mas como Karima é bonita, é ainda mais bonita do que a sua mãe no passado... e tem só catorze anos! Mas acaso não era Naima também um assombro de formosura?"

- Yassin, se puderes convencer Aisha a ir ter contigo, tenta fazê-lo... arranca-a à sua solidão pois receio que lhe seja fatal!...

Zannouba então acudiu:

- Convidei-a muitas vezes a vir a nossa casa em Qasr esh-Shawq mas... que Allah a ajude!...

Uma sombra turvada atravessara os olhos do sayyed, após o que perguntara a Yassin:

- Já não encontras nas ruas o sheikh Metwalli Abdes Samad? E o filho:

- Por vezes... ele agora já quase não reconhece ninguém, contudo continua sempre a caminhar com as suas pernas vigorosas...

"Que homem estranho!...Nunca teve o desejo de vir ter comigo? A não ser que já me tenha esquecido como já esquecera os meus filhos..."

Desde que os seus amigos haviam desaparecido, o sayyed voltara a aproximar-se de Kamal, deixando o filho atónito com aquele novo laço que os unia... Aquele não mais era o pai que conhecera... convertera-se num amigo que não só se lhe confiava mas que desejava que ele fizesse o mesmo. Não raro, descontente, dizia para si:

"Solteiro com trinta e quatro anos e passa a maior parte da sua vida na biblioteca... que Allah o ajude!..."

Contudo o sayyed em nada se considerava responsável pela maneira de viver do filho... com efeito, desde a sua juventude, Kamal quisera formar-se por si só e assim se tornara professor, solteiro, "confinado no seu quarto, de todos apartado"...

O sayyed evitava importunar o filho, falando-lhe de casamento ou de aulas particulares... mas implorava constantemente a Allah por si mesmo, para que os seus bens lhe chegassem, até ao derradeiro

suspiro, para nunca ter de depender do filho. Um dia perguntara-lhe:

- Gostas desta época?

Kamal rira com enleio e vacilara na resposta, pelo que o pai retomara:

- Os dias autênticos eram os nossos! Uma época de bem-estar, de abundância, de saúde e de vitalidade!... Vimos Saad Zaghlul e ouvimos Si Abdu^[130]!... E vocês?

E Kamal, como que por uma associação de ideias:

- Cada época tem as suas qualidades e os seus defeitos...

O homem, meneando a cabeça apoiada no travesseiro dobrado atrás das suas costas, dissera:

- São palavras que se dizem, nada mais...

Depois, após um instante de silêncio e sem qualquer preâmbulo:

- O facto de eu não poder fazer a oração fere o meu coração... a piedade é na realidade um conforto para a solidão! Porém acontece-me viver momentos estranhos durante os quais consigo esquecer as privações que me fazem sofrer: a comida, a bebida, a liberdade para me mover, a saúde... Naqueles momentos, a minha alma está tão calma que quase me parece tocar no céu e então convenço-me de que existe uma felicidade desconhecida que despreza a vida e tudo o que lhe diz respeito.

Kamal gaguejara:

- Que Deus prolongue a sua vida e lhe devolva a saúde...

Depois o sayyed abanara de novo a cabeça com paciência e dissera:

- Este é um momento feliz; não sinto dores no peito nem dificuldade ao respirar... o inchaço na perna diminuiu... daqui a pouco é altura do programa da rádio com os pedidos dos ouvintes...

De súbito, ouviu a voz de Amina:

- O meu senhor está bem?

- Graças a Allah!

- Posso servir o jantar?

- O jantar?!... Continuas a chamar a isso jantar?... Anda lá, dá-me a tigela de leite!...

^[129]Palavra de origem turca que se refere a um local reservado à conversa entre homens.

^[130]Alcunha de Abdu el-Hamouli (1845-1901), célebre cantor e

compositor egípcio.

CAPÍTULO 33

Ao chegar pouco antes do pôr do Sol à casa da sua irmã em es-Sukkariyya, Kamal encontrou a família inteira reunida na sala; deu um aperto de mão aos presentes e, dirigindo-se a Ahmad, disse-lhe:

- Parabéns pela licenciatura!

Khadiga, com uma voz despojada da menor entoação de alegria, disse:

- Obrigada, mas ouve antes a última novidade: o bey [\[131\]](#) não se quer empregar!...

Ibrahim Shawkat interveio:

- O seu primo está disposto, mal Ahmad o queira, a encontrar-lhe um emprego mas este teima em recusar, fala tu com ele, professor Kamal, talvez consigas convencê-lo...

Kamal retirou o fez e depois, devido ao grande calor, livrou-se igualmente do casaco branco, que pousou sobre o espaldar da sua cadeira. A seguir, embora aguardasse uma dura batalha, disse a sorrir:

- Pensava que este seria apenas um dia de alegria mas nesta casa nunca faltam controvérsias!

Khadiga, ansiosa, replicou:

- É o meu destino; a regra de todas as famílias é a normalidade: nós somos a excepção...

Ahmad voltou-se para o tio:

- O caso é simples: actualmente só tenho uma oportunidade de trabalho, a de ser um funcionário público. Com efeito, Ridwan fez-me saber que junto da Direcção dos Arquivos, onde o tio Yassin trabalha, há um lugar vago e que ele poderia fazer com que eu fosse nomeado de imediato. Como alternativa, propôs-me que, se eu esperasse três meses, até ao começo do ano escolar, poderia ser admitido como professor de francês numa escola. Mas não quero ser funcionário público de espécie alguma!...

Khadiga, alteando a voz:

- Diz-lhe o que queres!...

O jovem respondeu simplesmente mas com convicção:

- Quero trabalhar no jornalismo! Ibrahim Shawkat suspirou:

- Jornalista!... Sempre que no passado se saía com esta ideia,

acreditávamos que quisesse brincar enganando-nos... Recusa tornar-se um "professor" como tu e ambiciona pelo contrário ser jornalista!

Kamal, num tom escarninho, disse:

- Que Allah lhe evite a desgraça de se consagrar ao ensino!...

Khadiga então, muito atarantada, acrescentou:

- E agradar-te-ia que ele trabalhasse no jornalismo? Nisso, Abdel Munim, para amenizar o ambiente, interveio:

- A Função Pública já não é um alvo tão apetecível! A mãe então respondeu num tom seco:

- No entanto, és um funcionário, Si Abdel Munim!...

- Sim, mas numa área privilegiada... Não ficaria contente se ele se tornasse um mero funcionário público... eis por exemplo o tio Kamal... ele não está deveras entusiasmado com o seu trabalho!...

- E em que segmento do jornalismo gostarias de trabalhar?

- O professor Adli Karim aceita tomar-me à experiência na sua revista; de início trabalharei como tradutor, mais tarde como redactor...

- Mas O Homem Novo é uma revista cultural que tem poucos recursos e é muito pouco divulgada...

- Seria só um primeiro passo para ganhar prática e para em seguida enfrentar com facilidade um trabalho mais importante! Por outro lado, poderei esperar sem correr o risco de morrer à fome!

Kamal olhou para Khadiga e disse:

- Deixa que as coisas corram tal como ele quer, o rapaz é maior de idade, instruído e sabe perfeitamente o que faz!

Mas Khadiga não admitia com facilidade o seu fracasso e tentou ainda convencer o filho a aceitar o emprego de tal modo que ambos principiaram a levantar a voz e Kamal se imiscuiu para pôr termo à altercação.

Mas o ambiente na sala estava já alterado; abateu-se sobre todos um silêncio penoso até que Kamal, a rir, disse:

- Viera com a esperança de beber os xaropes e coube-me assistir a uma discussão aborrecida!

Entrementes Ahmad vestira-se para sair e Kamal, escusando-se, saiu com ele.

Enquanto passavam pela rua de el-Azhar, Ahmad informou o tio de que ia directamente para a revista O Homem Novo para encetar o seu

trabalho, como prometera ao professor Adli Karim.

- Faz como quiseres - disse-lhe Kamal - mas evita causar desgostos aos teus pais.

- Amo-os e respeito-os... - respondeu Ahmad a rir. - Mas.

- Mas... o quê?

- É um erro o ser humano ter pais...

- E como podes declarar isso com tamanha ligeireza?... - perguntou-lhe Kamal sorrindo.

- Não me refiro em particular aos meus pais... mas a todas aquelas tradições do passado de que são o símbolo... a paternidade, em geral, é sempre um travão e nós no Egipto, na verdade, não necessitamos de um travão, nós que já nos movemos com grilhões nos pés!...

Depois de ter reflectido um pouco, acrescentou:

- Alguém como eu jamais conhecerá a luta pela sobrevivência no sentido mais amargo da palavra visto ter uma família e o meu pai não carecer de rendimentos! É evidente que isso me dá um certo sossego mas, ao mesmo tempo, enche-me de vergonha!

- Quando pensas receber um primeiro salário pelo trabalho?

- O professor não estabeleceu uma data...

Chegados à praça el-Ataba el-Khadra, os dois separaram-se e Ahmad seguiu de imediato para a revista O Homem Novo.

O professor Adli Karim recebeu-o com afabilidade como se quisesse encorajá-lo e acompanhou-o à secretaria onde, dirigindo-se a todos que aí se encontravam, disse:

- Este é o vosso novo colega de trabalho, o senhor Ahmad Ibrahim Shawkat...

Depois, voltando-se para este, retomou:

- A menina Sawsan Hammad, o senhor Ibrahim Rizq, o senhor Yusef el--Gamil...

Apertaram as mãos em sinal de boas-vindas. Ibrahim Rizq, com delicadeza, interveio:

- O seu nome é ilustre na nossa revista! Quanto a Adli Karim, acrescentou:

- A bem dizer, poderia defini-lo como o "primogénito" de O Homem Novo... - depois, apontando para a secretária de Yusef el-Gamil:

- O teu local de trabalho será naquela secretária; quem deveria ocupá-la, na realidade, trabalha mais no exterior...

Depois de Adli Karim ter ido embora, Yusef el-Gamil convidou Ahmad a sentar-se junto da sua secretária, aguardou um instante e disse-lhe:

- A menina Sawsan mostrar-te-á o trabalho que te será entregue mas por ora... tomemos um café!

Ao dizer aquelas palavras, Yusef el-Gamil tocou uma campainha ao passo que Ahmad olhava em seu redor observando o local e os rostos dos presentes.

Ibrahim Rizq era um homem de meia-idade, que aparentava mais dez anos do que a sua idade. Quanto a Yusef el-Gamil, ainda era um homem jovem de aparência distinta e inteligente.

Ahmad olhou para Sawsan Hammad interrogando-se se esta ainda se lembraria dele.

Desde o último encontro em 1936, nunca mais a vira. E assim, no instante mesmo em que os olhos de ambos se cruzaram, ele perguntou com um sorriso, querendo suspender o silêncio:

- Já nos encontrámos aqui, há cinco anos...

Depois, lendo nos olhos luminosos um vislumbre de reminiscência, precisou:

- Vinha informar-me sobre um artigo meu que tardava a ser publicado... A rapariga respondeu:

- Quase te reconheci... mas desde então já publicámos tantos artigos!...

- E que artigos! Artigos que testemunham um espírito progressista positivo! - comentou Yusef el-Gamil.

Mas Ibrahim Rizq interveio:

- A consciência de hoje não é a mesma de ontem! Basta lançar um olhar pelas ruas, para se ler nas paredes: "Pão e liberdade!" Este é hoje o lema do povo.

- É um belo lema - exclamou Sawsan Hammad aquiescendo. - Sobretudo num tempo como o nosso em que as trevas parecem cobrir o mundo!

Ahmad, percebendo o significado das palavras desta e sentindo-se em consonância com toda a sua alma (que de repente reencontrava a alegria e o entusiasmo) com o ambiente que o envolvia, exclamou:

- As trevas envolvem realmente o mundo mas, enquanto Hitler não tiver atacado a Grã-Bretanha, haverá uma esperança de salvação.

- Tenho uma opinião diferente - respondeu Sawsan Hammad. - Não achas que se Hitler atacasse a Grã-Bretanha os dois inimigos teriam boas hipóteses de se destruírem a seu bel-prazer deixando a supremacia para a Rússia?

- E se acontecesse o contrário? Isto é, se, uma vez devastada a ilha, Hitler alcançasse a supremacia?

Mas Yusef el-Gamil interveio:

- Já Napoleão, antes de Hitler, tinha invadido a Europa... mas a Rússia foi o seu túmulo!

Ahmad sentiu que dentro de si crescia um dinamismo e um entusiasmo que jamais antes experimentara...

A pureza da atmosfera, a liberalidade dos colegas e aquela sua admirável colaboradora 'iluminada'!

Por uma razão qualquer, ocorreu-lhe pensar em Elwiyyah Sabri e no ano do sofrimento, um ano ao longo do qual fora forçado a combater para vencer o seu amor frustrado; agora continuava a maldizer de manhã até à noite, com todo o seu coração, o sentimento do amor que - até no desaire - deixara a sua alma estigmatizada de forma irrevogável pela amargura e pela revolta...

Elwiyyah continuava a viver na sua vivenda de el-Maadi, à espera de um marido capaz de lhe garantir pelo menos cinquenta guines mensais! Mas o que esperaria, pelo contrário, Sawsan Hammad ao desejar a vitória da Rússia?...

Naquele momento, Sawsan Hammad passou-lhe alguns documentos e disse-lhe com delicadeza:

- Toma!.

Ahmad levantou-se e, sorrindo, dirigiu-se para a secretária da colega para encetar o seu novo trabalho.

[\[131\]](#) Antigo título turco que na origem designava o chefe do clã e que aqui tem um sentido claramente irónico.

CAPÍTULO 34

Yusef el-Gamil dirigia-se para a sede da revista apenas uma ou duas vezes por semana, já que tratava sobretudo da publicidade e das assinaturas.

Também Ibrahim Rizq não se demorava na secretária mais do que uma hora visto dever deslocar-se a todas as revistas em que laborava.

Por isso, Ahmad e Sawsan ficavam sozinhos a maior parte do tempo.

Certa vez, o chefe da tipografia havia entrado na sala para buscar as provas e Ahmad ficara surpreendido por ouvir a sua colega chamar-lhe "pai"! Mas o facto mais espantoso para ele fora saber que um laço de parentesco unia igualmente o chefe da tipografia ao professor Adli Karim!

Também despertava nele grande estupefacção o zelo com que Sawsan se dedicava ao trabalho.

A jovem era o eixo em torno do qual girava toda a actividade da redacção; nada mais fazia a não ser ler e escrever, trabalhando mais do que a redacção da revista lhe pedia.

Notava-se logo que era uma pessoa cheia de dedicação, dotada de uma inteligência viva e arguta. Desde o primeiro instante, Ahmad reparara na sua personalidade forte a tal ponto que, não obstante os grandes olhos negros e atraentes e o belo corpo muito feminino, lhe parecia estar na presença de um homem determinado e com extraordinárias capacidades de organização!

Influenciado pela energia de Sawsan, o jovem aplicava-se por seu turno no trabalho com um zelo incansável, assumindo a tarefa de traduzir não só excertos das revistas culturais de todo o mundo mas também artigos interessantes.

Um dia dissera a Sawsan:

- A censura mantém-nos constantemente sob controlo... Com uma animosidade desdenhosa, ela respondera:

- Ainda não sabes nada... a nossa revista é tida como "suspeita" nas altas esferas! Mas isso é para ela uma honra!

- Recordas-te por certo dos editoriais que o professor Adli Karim escrevia antes da guerra? - perguntou Ahmad.

- No tempo de Ali Maher, a nossa revista até foi suspensa por causa

de um artigo no qual, ao celebrar a revolta de Urabi^[132], o professor acusara o Quediva Tawfiq de traição!

Noutro dia, no decorrer de uma breve conversa, ela perguntara:

- Porque escolheste o jornalismo?

Ahmad, depois de uma curta reflexão, interrogara-se até que ponto lhe era conveniente revelar tudo sobre si àquela jovem que lhe parecia tão diferente das raparigas que até então conhecera! Após o que respondera:

- Não andei na universidade para me tornar num funcionário público... Tenho ideias que quero expressar e difundir e para tal não há melhor meio que o jornalismo!

Sawsan, com uma gravidade que muito o alegrara, confiara-lhe por seu turno:

- Eu, pelo contrário, não andei na universidade... ou, melhor dizendo, não tive essa oportunidade...

Ele acolhera a sua sinceridade com grande prazer, que corroborava a sua opinião de que ela era uma rapariga muito diferente das outras.

- Formei-me na escola do professor Adli Karim, que sem dúvida não fica aquém da universidade... Estudei sob a sua orientação desde que obtive o diploma da escola secundária. Devo confessar-te que soubeste muito bem definir o jornalismo... pelo menos, aquele para o qual trabalhamos... Contudo, por ora, estás a deixar que as tuas ideias saiam através dos outros... quero dizer, as traduções! Nunca pensaste em dedicar-te a um campo da escrita que melhor se adegue a ti?

Ahmad mantivera-se em silêncio, absorto, como se lhe escapasse o sentido daquela pergunta; depois interrogara-a:

- O que queres dizer?

- Ensaaios, poesia, novela, teatro!...

- Ainda não sei... o primeiro género que me ocorre é a ensaística!...

Ela respondera num tom expressivo:

- Sim mas, tendo em conta as condições políticas do país, não é seguramente fácil... por esta razão, os "escritores livres" são forçados a recorrer aos prospectos secretos para espalhar as suas ideias. A ensaística requer franqueza, é um meio de comunicação explícito e directo, e por isso mesmo é considerada perigosa, também porque todos os olhos estão centrados em nós. A novela, pelo contrário, dedica-se ao subterfúgio... é uma arte insidiosa, um género literário

que a cada dia é mais vulgarizado e que se prepara para conquistar a hegemonia no mundo das letras... Não vês que não há nenhum dos nossos grandes homens da literatura que não se tenha experimentado neste campo pelo menos numa das suas obras?

- Sim, li grande parte destas obras... E tu não leste nada de Riyad Quldus, que colabora na revista el-Fikr?

- É um entre muitos, por certo não o melhor!...

- Talvez... foi o meu tio Kamal Ahmad Abdel Gawwad, que escreve na mesma revista, quem mo indicou!

- O teu tio? - perguntou Sawsan. - Aconteceu-me muitas vezes ler os seus artigos, mas...

- ?...

- Desculpa-me, mas é um daqueles escritores "perdidos" nos meandros da metafísica!...

- Não gostas? - perguntara-lhe Ahmad levemente enervado.

- A admiração é outra coisa... as verdades sobre as quais muitas vezes se detém já estão ultrapassadas: a alma, o absoluto... a teoria do saber... Tudo isso é muito bonito... mas, tirando o prazer intelectual e a deleitação do espírito, não leva a nada... A escrita deve ser um meio com um intuito preciso tendo como fim último assegurar a evolução do mundo e fazer avançar cada vez mais o homem na via do progresso e da emancipação! A humanidade encontra-se numa luta constante e um escritor que seja digno desse nome deve estar à cabeça dos combatentes... Quanto ao salto vital, deixemo-lo para Bergson!...

- Mas o próprio Karl Marx começou como um filósofo perdido nos meandros da metafísica...

- E acabou por se interessar pela sociologia científica... é a partir dali que temos de começar, não a partir do ponto em que ele começou.

Ahmad, descontente por ouvir criticar daquele modo o tio, com o único fito de o defender contestou:

- A verdade, seja ela qual for, merece sempre ser conhecida independentemente da opinião e das suas eventuais consequências!...

Sawsan retomara com veemência:

- Isso está em antítese com o que escreves... aposto que a tua reacção se prende com o teu afecto pelo teu tio... Mas é no entanto verdade que, quando o ser humano sofre, concentra a sua atenção em tentar eliminar as causas do seu sofrimento... a nossa sociedade sofre

muito e por isso temos acima de tudo de eliminar as causas da dor e só posteriormente poderemos pensar em nos recrear e filosofar.

Consegues imaginar um homem com uma chaga sanguinolenta que, sem se tratar, desperdiça o seu tempo com a filosofia?... O que dirias de um tal ser?

Acaso seria assim o seu tio? Devia todavia admitir que as palavras de Sawsan encontravam pleno eco no seu espírito... e que tinha dois belos olhos e era sedutora, muito sedutora, se bem que fosse única no seu género e muito séria...

- Na realidade, o meu tio não parece muito empenhado nesses problemas... já lhe falei por mais de uma ocasião mas dei-me conta de que é um homem que estuda indistintamente o nazismo, a democracia ou o comunismo sem conseguir nunca ficar inteiramente afastado nem se deixar envolver até ao fundo... eu próprio nunca consegui compreender qual a sua posição...

- Não tem qualquer posição pessoal! - retorquira a rapariga sorrindo. - A posição de um escritor não pode ficar ignorada... ele é o género de intelectual burguês que lê, sente prazer em estudar e se questiona! Mas vê-lo-ás sempre perplexo diante do "absoluto", dominado por uma incerteza que roça por vezes a dor... mas tudo isso não lhe impede de avançar na sua via, sem se inquietar com aqueles que encontra e que deveras sofrem...

- Não, o meu tio não é assim! - respondera Ahmad a rir.

- Podes julgá-lo melhor do que eu!... Como aliás as novelas de Riyad Quldus também: não são aquelas de que precisamos!... São novelas descritivas, analíticas, marcadas pelo realismo mas nada mais para além disso... nelas não há qualquer "orientação"... nem mensagem!

Após uma breve consideração, Ahmad prosseguira:

- Todavia muitas vezes detém-se a descrever as condições dos que trabalham arduamente: os operários e os camponeses! O que significa que as suas novelas têm como personagem principal o proletariado.

- Mas limita-se só a descrever e analisar, e esta contribuição, quando tudo somado, é negativa no que toca à luta verdadeira...

"Que rapariga apaixonada pelo combate... parece deveras muito séria... Mas onde será que nela se esconde a mulher?"

- E como gostarias que escrevesse?

- Já leste alguma coisa da recente literatura russa? Leste alguma

obra de Máximo Gorki?

Ahmad sorria em silêncio sem sentir vergonha; era um estudante de Sociologia, não de Letras... por outro lado, Sawsan era mais velha do que ele, quem sabe quantos anos teria! Talvez vinte e quatro ou mais ainda...

- Esse é que é o tipo de literatura que deverias ler... se quiseses, empresto-te algum livro - retomara a rapariga.

- Com todo o prazer... E ela sorrindo:

- Mas um ser "livre" não se pode confinar tão-só às funções da leitura e da escrita! Os princípios estão antes de mais ligados à vontade... a vontade sempre e acima de todas as coisas!...

Apesar de tudo, Ahmad achava-a elegante. Era certo que a rapariga não se maquilhava porém não cuidava menos da sua aparência do que as demais raparigas. Aquele seu seio palpitante de vida não causava menos efeito do que os outros seios ainda que muito sedutores! Mas, devagar, tornavam-no acaso os seus princípios diverso dos outros homens?... Que estranha condição a de não conseguir considerar uma mulher a não ser sob um ângulo muito peculiar!...

- Fico feliz por te ter conhecido... Penso que temos diante de nós mais do que uma oportunidade para trabalharmos juntos, plenamente em uníssono...

- Isso é que é um elogio! - respondera Sawsan a sorrir e quando sorria toda a sua feminilidade se tornava manifesta.

- Mas estou deveras muito feliz por te ter conhecido...

Sim, estava-o de verdade mas não devia avaliar erradamente a emoção que o agitava. Talvez fosse, num jovem como ele, uma simples reacção natural e assim mostrava-se prudente, apreendendo achar-se em situação idêntica à que vivera em el-Maadi... com efeito, a dor ainda não desaparecera do seu coração...

[\[132\]](#) Trata-se de Urabí paxá, oficial egípcio que em 1881 organizou o primeiro movimento de insurreição nacional contra os Ingleses.

CAPÍTULO 35

- Boa noite, querida "tia"!

Tendo cumprimentado Galila, Kamal entrou e seguiu-a até à sala, o seu local predilecto.

Mal os dois se sentaram no sofá, a mulher pediu à criada as bebidas e ficou a observá-la até a rapariga, tendo aprontado a mesa e feito o que lhe fora solicitado, se retirar. Apenas naquele momento Galila se voltou para Kamal apelidando-o de "querido sobrinho" e lhe disse:

- Asseguro-te de que já não bebo excepto na tua companhia, todas as sextas-feiras... tal como no passado costumava fazer com o teu pai! Mas, naquela época, também bebia na companhia de muitos outros...

Kamal disse para si então:

"A minha necessidade de beber é premente... o que seria da vida sem o álcool!"

Depois, dirigindo-se a Galila:

- Infelizmente o whisky desapareceu do mercado, querida tia, como todas as outras bebidas não contrafeitas. Até se conta que, durante o último ataque dos Alemães à Escócia, foi atingido um entreposto internacional de bebidas alcoólicas a tal ponto que corria nos rios whisky de marca...

- Quem me dera que fosse possível fazer um raide aéreo do género!... Mas, antes de te embriagares, diz-me: como está o sayyed Ahmad?

- A sua saúde está estacionária... mas, sit^[133] Galila, não gosto de vê-lo preso numa cama... que Allah seja clemente com ele!

- Como gostaria de lhe fazer uma visita... terias coragem de lhe levar pelo menos os meus cumprimentos?

- Que pedido invulgar!... Só nos faltava isso para lhe desferir o golpe fatal...

A velha mulher, rindo, respondeu-lhe:

- Pensas deveras que um homem como o sayyed Ahmad pode acreditar na pureza de uma pessoa principalmente quando é do seu sangue?

- E mesmo que assim fosse... À tua saúde, ó adorno de todas as mulheres!...

- À tua!... Talvez Ateyya se atrase a chegar porque o seu filho está doente...

- Da última vez, não tinha qualquer problema... - disse Kamal com uma certa interesse.

- Sim, mas o filho só adoeceu no sábado passado. Pobrezinha, o filho é tudo para ela e quando lhe acontece algo parece que perde a razão...

- Que boa mulher... mas quão infeliz! Conheço a sua história e estou convencido de que exerce esta profissão só porque a isso é obrigada!...

Galila, com um sorriso, ou melhor, com um trejeito sarcástico:

- Se alguém como tu não consegue fazer o seu trabalho com prazer quando este é respeitável, como poderia Ateyya estar contente com a sua profissão?...

A criada passou diante deles transportando um incensório do qual emanava um delicioso perfume! Da janela do fundo da sala vinha a brisa fresca do Outono... o álcool tinha um estranho sabor amargo e era muito forte!...

Kamal, reflectindo sobre tudo o que lhe dissera Galila a respeito do trabalho, voltou a pensar num episódio que quase olvidara:

- Querida tia, estive à beira de ser transferido do Cairo... se isso infelizmente tivesse acontecido, estaria agora a fazer as malas para partir para Assiut!...

- Assiut, ó tâmaras deliciosas!... - disse Galila, batendo com a mão no peito. - Que os teus inimigos vão para Assiut... mas como terminou o caso?

- Bem... graças a Allah!

- São tantas as pessoas que o teu pai conhece que se adensam nas repartições públicas quais formigas!... - Kamal meneou a cabeça, como se aquiescesse, mas sem comentar.

A mulher continuava a ver o sayeá como estando envolto pela mesma auréola de glória de outrora... e não sabia que, pelo contrário, quando havia informado o pai de que fora transferido, este lhe havia respondido muito triste e atormentado:

- Ninguém nos conhece agora... onde estão hoje os nossos amigos... onde?

Antes de falar com o pai, Kamal fora ter com o seu velho amigo Fuad Gamil el-Harnzawi, esperando que este conhecesse algum alto funcionário no Ministério da Instrução Pública, mas o juiz, não

obstante o seu cargo importante, dissera-lhe:

- Lamento imenso, Kamal, mas na minha qualidade de juiz não posso recomendar ninguém!

Só no último instante Kamal, gaguejando de vergonha, virara-se para o sobrinho Ridwan e naquele mesmo dia a sua transferência fora revogada!...

Que jovem influente! Tio e sobrinho trabalhavam ambos no mesmo Ministério, com o mesmo escalão, embora o tio contasse já trinta e cinco anos e o sobrinho não excedesse os vinte e dois... mas o que se poderia esperar de melhor vindo de um professor de escola primária?... Hoje já não conseguia encontrar conforto ou motivo de orgulho nem na filosofia sequer... com efeito, não pode ser encarado como filósofo quem se limita a repetir, qual papagaio, as palavras dos filósofos... e ademais chegara-se ao ponto em que qualquer jovem licenciado em Letras podia escrever como ele ou melhor ainda! Uma única esperança resistia nele; a hipótese de algum editor reunir todos os seus artigos num livro... Era certo porém que os artigos de carácter didáctico como os seus haviam, com o tempo, perdido o seu valor... E quantos livros eram publicados... e "naquele oceano" ele não representava absolutamente nada...

Extremamente cansado e oprimido por um profundo sentimento de enfado, Kamal interrogava-se quando chegaria o seu eléctrico à estação da morte..."

Olhando para o copo na mão da "tia" Galila e observando o seu rosto manifestamente envelhecido... Kamal não podia deixar de se surpreender e perguntou-lhe:

- "Tia", o que andas a beber?

A mulher respondeu, deixando vislumbrar os dentes de ouro:

- Julgas que eu bebo? Acabou-se aquele tempo! Já não gosto de beber, nem sequer tem já o menor efeito sobre mim... como o café... nem mais nem menos! Uma vez, enquanto se celebrava um casamento em Bir Guwan, embebedei-me ao ponto de obrigar os músicos da orquestra a transporta-rem-me, de manhãzinha, na minha caleche... Que Allah te poupe a uma tal maçada!

"Contudo a bebida é o único recurso de quem nada mais possui!..."

- Mas a "tia" nunca atingiu o ponto máximo da bebedeira? Quanto a mim, houve um tempo em que o atingia com dois copos apenas, agora

pelo contrário são necessários oito e não sei quantos amanhã serão...
todavia é algo indispensável, "querida tia", algo que arrasta os
corações atormentados para uma dança de alegria...

- Meu sobrinho, o teu coração está repleto de alegria... não precisas
do álcool!...

O seu coração estava repleto de alegria? E o que dizer da tristeza que
jamais o desamparava? E das cinzas, último resquício das suas
esperanças consumidas?

Subjugado pela fadiga e pelo tédio só lhe restava encher-se de álcool
naquela sala ou no quarto de Ateyya se a mulher - que estava a cuidar
do filho - por fim chegasse. Quer ele quer Ateyya achavam-se na
mesma circunstância na vida... a vida dos que já não têm vida!...

- Receio que Ateyya não venha!...

-Virá forçosamente... acaso um doente não tem necessidade de
dinheiro?

"Que resposta!..."

Mas Galila não lhe deu tempo para meditar e debruçou-se sobre ele,
com uma expressão inquieta, olhando-o demoradamente, após o que
disse baixinho:

- Faltam poucos dias!...

Sem ter compreendido ao que fazia alusão a mulher, Kamal
exclamou:

- Que Allah te dê longa vida e não me prive de ti! Galila respondeu
sorrindo:

- Vou abandonar esta casa!

Endireitando o seu busto, Kamal exclamou atónito:

- O que disseste?...

- Não tenhas medo, Ateyya há-de fazer-te conhecer outra "casa" não
menos segura do que esta... - respondeu Galila com um sorriso não
desprovido de zombaria.

- Mas o que aconteceu?

- Meu sobrinho, estou velha..., Allah tornou-me rica muito além das
minhas necessidades... Ontem encerraram uma "casa" não distante da
minha e a patroa acabou na esquadra! Já chega! É tempo de me
dedicar à penitência... tenho de encontrar o meu Deus e gostaria de me
tornar diferente daquilo que agora sou...

Kamal esvaziou o seu copo e encheu-o de novo sem acreditar no que

ouvia:

- Só te resta apanhar o barco para Meca!

- Queira Allah destinar-me a fazer o bem!...

- Mas tudo isso aconteceu de repente? - perguntou Kamal não conseguindo refazer-se da surpresa.

- Não, só desvendo um segredo quando está em fase de realização... há muito tempo que não penso outra coisa!...

- A sério?

- Claro, que Allah nos ajude!

- Não sei o que dizer... mas que Allah queira te destinar a fazer o bem!...

- Ámen!

- Mas fica descansado - acrescentou Galila a rir -, não fecharei esta "casa" antes de estar segura quanto ao teu futuro!

Ele desatou a rir numa gargalhada estrepitosa e retorquiu:

- É de excluir que eu me possa achar noutra "casa" tão à-vontade como nesta!

- Prometo recomendar-te à nova patroa... fá-lo-ia mesmo se me achasse em Meca!

"Tudo isso parece cómico... mas o álcool continua todavia sempre o ponto de referência dos aflitos! As situações modificam-se: Fuad Gamil el-Hamzawi tenta a sua escalada social; Kamal Abdel Gawwad despenha-se... mas o álcool conserva sempre o sorriso de quem vive na angústia! Um dia, Kamal carrega nos seus ombros Ridwan para diverti-lo, e depois chega o dia em que Ridwan deve ajudar Kamal a se reerguer... mas o álcool é contudo sempre a salvação de quem está triste! Até sitt Galila pensa em se arrepender ao passo que Kamal anda em busca de um novo bordel... mas o álcool sempre é o último refúgio!

Um doente está cansado de tudo, mesmo do seu cansaço... mas o álcool sempre será a chave da tranquilidade!"

- Será sempre um prazer ter boas notícias tuas - disse Kamal.

- Que Allah te guie e te faça feliz!

- Se a minha presença te aborrece...

Ao tapar-lhe a boca com o indicador, Galila respondeu:

- Que Allah te perdoe! Esta será a "tua" casa enquanto for minha casa e onde eu estiver será sempre tua casa, querido sobrinho!

Haveria talvez uma antiga, oculta maldição que ele devia expiar?

Como sair daquela incerteza que tornava a sua vida sombria? Até Galila pensava muito seriamente mudar de vida: porque não seguia ele o seu exemplo? Quem está na iminência de se afogar precisa de uma rocha à qual se agarre para não se afundar... Se a vida já não tem significado, porque não tentar criar-lhe um?...

- Talvez tenha sido um erro procurar entender o significado do mundo quando a nossa primeira tarefa deveria ter sido a de lhe criar um.

Galila observou-o com um olhar esquisito e ele, embora tarde demais já, compreendeu o que deixara escapar da sua boca sem disso se dar conta.

- Embebedaste-te tão depressa assim? - perguntou-lhe Galila a rir. Ele tentou disfarçar a sua confusão com uma risada e replicou:

- O álcool em tempo de guerra é realmente um veneno, desculpa-me... Mas sabes-me dizer quando chega Ateyya?...

[\[133\]](#) Literalmente: senhora.

CAPÍTULO 36

Kamal abandonou a casa de Galila por volta das duas e meia da manhã... Tudo estava submerso na escuridão e a própria escuridão estava circundada pelo silêncio.

Ele encaminhou-se vagarosamente para a rua do Caminho Novo, após o que virou rumo a el-Hussein.

Até quando deveria continuar a viver naquele bairro "sagrado" com o qual já nada tinha em comum?

Um sorriso ténue assomou aos seus lábios; do álcool só remanesceu o efeito da embriaguez... quanto ao seu corpo, extintas as suas paixões ardentes, arrastava os pés com exaustão e preguiça.

Ordinariamente, quando se achava a viver semelhantes momentos de indiferença, sentia no seu íntimo algo (que não era arrependimento ou desgosto), algo como um grito que implorava pela purificação, uma exigência de ser para sempre liberto da tirania dos desejos... como se as vagas dos seus desejos se quebrassem contra os rochedos da austeridade absoluta... Ergueu a cabeça para o céu em jeito de amizade para com as estrelas, quando no silêncio trovejou uma sirene de alarme... O seu coração pulsou com violência, arregalou os olhos carregados de sono e, num salto instintivo, baixou-se junto do muro mais próximo; prosseguiu depois o seu caminho rasando-o. Voltou a olhar de novo para o céu e viu-o percorrido pelos feixes de luzes dos reflectores que ora se cruzavam insinuantes ora divergiam num movimento desvairado.

Estugou o passo, sem se arredar do muro, sentindo um sentimento de solidão agudo como se sobre a terra ninguém mais existisse para além dele!

De súbito ouviu, vindo de cima, um silvo rouco, inaudito, ao qual se seguiu uma forte explosão que fez estremecer o chão debaixo dos seus pés. Seria aquela explosão distante ou próxima? Não teve tempo para voltar a pensar naquilo que sabia acerca dos raides aéreos porque as explosões haviam adoptado agora uma cadência tal que era de cortar a respiração.

Depois, grupo por grupo, os canhões abriram fogo e no céu relampejaram luzes que se assemelhavam a trovões, cujas origem e

natureza Kamal desconhecia, embora tivesse a sensação de que a terra estava na iminência de se pulverizar...

Precipitou-se então a toda a pressa e sem se preocupar com nada em direcção à ruela de Qirmiz, procurando refúgio sob a histórica cobertura abobadada... Entretanto os canhões disparavam com uma fúria desvairada, as balas acertavam nos alvos num estrondo e a terra sobressaltava...

Kamal, em escassos minutos carregados de pavor, atingiu a ruela e conseguiu abrigar-se debaixo da abóbada; no local muitos eram os que se condensavam, o que parecia fazer aumentar a escuridão. Infiltrou-se por entre as pessoas respirando com dificuldade! Sob a abóbada reinava o terror e até o ar parecia saturado das vozes de pavor que se escapavam das trevas espessas... A entrada e a saída da abóbada eram de quando em quando iluminadas pela reverberação das centelhas que atravessavam o céu.

O bombardeamento acabara ou, pelo menos, assim parecia às pessoas... mas o furor dos canhões não abrandara e o fragor destes não tinha menos efeito sobre as almas do que aquele provocado pelas bombas! Tudo era uma sucessão de vozes, gritos, choros, críticas que emanava das mulheres, das crianças, dos homens.

- Este é um raide aéreo diferente dos anteriores!...
- O velho bairro será capaz de aguentar outros?...
- Poupem-nos a estas tagarelices e invoquem Deus!...
- Mas todos nós invocamos Deus!
- Calem-se, calem-se... que Allah tenha misericórdia de vocês...

Kamal, atraído pela claridade que alumia a extremidade da abóbada, viu chegar um novo grupo de pessoas entre as quais lhe pareceu distinguir o vulto do pai... o seu coração pôs-se a palpitar...

"Seria realmente o pai? E como poderia ter percorrido a distância para chegar até ali? Como teria achado as forças para abandonar o leito?..."

Abriu uma passagem até à ponta da abóbada e, à claridade da luz, pôde avistar toda a sua família: o pai, a mãe, Aisha e Umm Hanafi! Encaminhou--se pois para eles e, tendo-os alcançado, gaguejou:

- Sou eu Kamal!... Estão todos bem?

O pai, exausto, com as costas apoiadas no muro da abóbada, no meio de Aisha e da mãe, não respondeu... Foi Amina quem disse:

- Kamal? Louvado seja Allah! Que coisa horrenda, meu filho... Não foi igual às outras vezes, tivemos a sensação de que a casa se iria desmoronar em cima de nós... Deus concedeu ao teu pai a força de se levantar e de vir connosco, mas não sei como fez para até aqui chegar nem como também nós chegámos!...

Umm Hanafi balbuciou:

- Allah tem misericórdia... Mas que terror é este?... Que Allah seja clemente connosco!

De súbito Aisha exclamou:

- Será que estes canhões nunca se hão-de calar?

Kamal teve a impressão de que a voz de Aisha revelava indícios de esgotamento nervoso... aproximou-se dela e segurou numa das suas mãos entre as dele como se recuperasse parte da sua energia perdida na presença de uma pessoa que precisava dele...

Os canhões continuavam a disparar toda a sua fúria desvairada se bem que a violência dos disparos a pouco e pouco diminuísse.

Kamal, inclinando-se para o pai, perguntou-lhe:

- Como está, pai?

Depois ouviu a voz deste que fraca murmurava:

- Onde estavas, Kamal? Onde estavas na altura do raide?...

- Estava aqui perto... - respondeu para acalmá-lo. - Como está? E o sayyed, com uma voz ofegante:

- Só Allah sabe!... Como pude deixar a cama e correr pela rua?... Só Allah sabe! Não me dei conta de nada... Mas quando voltará a situação à normalidade?...

- Quer que dispa o meu casaco para se sentar em cima?...

- Não... posso ficar em pé... Mas quando voltará a situação à normalidade?

- Parece que o raide cessou! Mas não receie as consequências deste seu repentino levantar... Os abalos muitas vezes têm consequências milagrosas nas doenças!...

Mal acabara de falar quando a terra se pôs a vibrar devido a três explosões muito próximas... Desencadeou-se então outra vez o desvario dos canhões e a abóbada da viela ecoou com os gritos:

- Estão mesmo por cima das nossas cabeças...

- Rezem a Allah, o Único!

- Façam calar esta desgraça!

Kamal largou a mão de Aisha para segurar na do pai entre as suas; era a primeira vez que tal fazia em toda a sua vida... As mãos do pai tremiam como as do filho... Umm Hanafi estendera-se no chão lamentando-se...

Uma voz exaltada levantou-se outra vez num tom de grande revolta:

- Parem de gritar, mato o primeiro que gritar!...

Mas os gritos ergueram-se mais fortes do que antes... Os disparos dos canhões sucediam-se a breves espaços e, à espera que a terra tremesse de novo, a tensão nervosa aumentava... Embora agora apenas os canhões continuassem a atirar, o temor de mais explosões como que sufocava as almas...

- O bombardeamento acabou.

- Não, parou só um pouco... depois há-de recomeçar...

- Mas as bombas caíram distantes, se tivessem caído perto, as casas aqui à volta não teriam escapado!...

- Caíram em en-Nahhasin...

- Parece-te a ti... mas podem também ter caído sobre os ornisa^[134]...

- Mas cala-te um pouco... Não parece que os canhões também abrandaram?

Com efeito, diminuía a intensidade dos disparos, e pouco depois estes não se ouviram mais excepto longínquos e apenas de forma intermitente, mais e mais afastados uns dos outros com intervalos de um minuto.

A seguir, abateu-se um silêncio que se alastrou e se prolongou cada vez mais profundo... As línguas ficaram como que empedernidas... Depois principiaram a erguer-se sussurros de comovida esperança! Muitos voltaram a falar, evocando diferentes episódios... voltaram a viver de novo, suspirando como que alegres embora ainda dominados por alguma apreensão.

Debalde Kamal tentou distinguir o rosto do pai, os últimos raios de luz haviam já desaparecido e as trevas haviam mais uma vez cercado a abóbada...

- Pai, tudo voltará à normalidade!...

O homem não respondeu mas moveu as mãos entre as do filho como que a querer provar-lhe que ainda estava vivo...

- Está bem?

De novo o sayyed moveu as mãos... Kamal sentiu uma tristeza tal

que as lágrimas brotaram dos seus olhos!... Foi naquele instante que ressoou a sirene do cessar-fogo! Gritos de alegria levantaram-se de súbito de todos os lados, parecidos aos das crianças quando ouvem os tiros dos canhões em dias de festa! Toda a viela e as zonas confinantes se encheram de um movimento anômalo: as portas e as janelas batiam, uma enxurrada de palavras proferidas nervosamente... Depois as pessoas aglomeradas sob a abóbada coberta principiaram a dispersar...

Kamal respirou por fim e disse:

- Voltemos para casa!

O sayyed apoiou uma mão no ombro do filho e a outra no da mulher e começou a avançar com pequenas passadas... Os seus familiares entrementes interrogavam-se sobre o seu estado... Como estaria ele realmente? O que poderia advir após aquela- aventura perigosa?

A dado momento, o sayyed parou e disse com uma voz débil:

- Acho que tenho de me sentar... Kamal disse-lhe:

- Deixe-me carregá-lo nos meus braços!... O pai respondeu esgotado:

- Não conseguirás!...

Mas Kamal passou-lhe um braço por trás das costas, o outro por baixo das pernas e levantou-o do chão. Não era um peso ligeiro mas o que sobe-[Java do pai era pouca coisa hoje.

Kamal avançava muito devagar e os outros seguiam-no com viva preocupação. De repente, Aisha pôs-se a soluçar e o pai, com uma voz extenuada:

- Não é preciso fazer disso uma tragédia!

Aisha tapou a boca com a mão e, assim que chegaram perto de casa, ajudou Umm Hanafi a transportar o sayyed pelas escadas acima.

Muito devagar e com imensas precauções. Se bem que o sayyed houvesse renunciado por completo, continuava a rezar continuamente como que num murmúrio, nisso deixando transparecer o seu estado de grande depressão.

As duas mulheres estenderam-no com cautela sobre a cama e, à claridade da luz acesa no quarto, surgiu o rosto do homem muito descorado, quase completamente exaurido devido ao esforço levado a cabo! O seu peito erguia-se e baixava com veemência... Cansado, fechou os olhos... Depois começou a gemer, e todavia ainda conseguiu

vencer a dor, fechando-se no silêncio...

Os familiares mantinham-se todos em pé, frente à cama, e observavam--no inquietos e angustiados.

Amina, a dado momento, perguntou com uma voz trémula:

- O meu senhor está bem?

Ele abriu os olhos, fixou demoradamente os semblantes dos presentes e pareceu não reconhecer nenhum; depois suspirou e disse numa voz apenas perceptível:

- Louvado seja Allah!

- Durma, meu senhor... durma, assim ficaremos descansados!

Naquele momento, ouviu-se tocar a campainha... Umm Hanafi foi abrir enquanto os outros trocavam olhares interrogativos. Kamal disse:

- Talvez seja alguém de es-Sukkariyya ou de Qasr esh-Shawq que veio se certificar de que estamos bem.

As suas palavras acharam imediata confirmação: com efeito, pouco depois, entravam no quarto Abdel Munim e Ahmad seguidos de Yassin e de Ridwan. Aproximaram-se da cama, cumprimentando todos os presentes, e o sayyed dirigiu-lhes um olhar esgotado. Depois, como não fosse capaz de falar, limitou-se a erguer uma mão descarnada em jeito de cumprimento.

Kamal contou-lhes de forma concisa tudo o que o pai padecera no decorrer daquela noite sobressaltada; a seguir, Amina acrescentou num murmúrio:

- Foi uma noite medonha, que Allah não permita que se repita!... Umm Hanafi exclamou:

- A caminhada cansou-o um pouco, mas se descansar haverá de recuperar as suas forças.

Yassin, inclinando-se para o pai, disse:

- Tem de dormir... Como se sente agora? Com um olhar já quase extinto este balbuciou:

- Louvado seja Allah!... Sinto um mal-estar do lado esquerdo!...

Yassin então perguntou:

- Quer que faça vir o médico?

O pai, perturbado, fez um gesto com a mão e sussurrou:

- Não, é melhor que eu durma...

Yassin, fazendo gesto aos presentes para que saíssem, recuou um

pouco e o pai ergueu de novo a mão.

Depois, um atrás do outro, todos deixaram o quarto e Amina ali permaneceu a sós com o esposo.

Quando os familiares se juntaram todos na sala, Abdel Munim perguntou ao tio Kamal:

- Para onde foram? Nós precipitámo-nos para a sala de estar do pátio.

- Nós, ao invés, descemos até ao apartamento dos vizinhos do rés-do-chão. - disse Yassin.

Kamal, desassossegado, retomou:

- O grande cansaço aniquilou todas as forças que restavam ao pai...

- Talvez ao dormir possa recuperá-las... - acrescentou Yassin.

- O que podemos fazer se se der outro raide aéreo?

Ninguém respondeu, caiu um grande silêncio que Ahmad interrompeu dizendo:

- As nossas casas são antigas, não hão-de resistir a todos estes raidés!... Ao ouvir aquelas palavras, Kamal, para dissipar a nuvem de tristeza que cercava o aposento e o mantinha tenso, redarguiu com um sorriso forçado nos lábios:

- Se as nossas casas forem destruídas, será, para elas, uma honra serem destruídas pela tecnologia mais avançada da ciência moderna!...

[\[134\]](#) Termo britânico derivado do inglês ordnance e que se referia ao arsenal de artilharia do exército.

CAPÍTULO 37

Kamal acompanhou até ao portão da entrada os familiares que haviam vindo fazer a sua visita ao fim da noite. Ao voltar para a porta de casa, ouviu uma vozearia suspeita que vinha de cima... com os nervos ainda tensos, foi atravessado por um sentimento de angústia e arremessou-se para as escadas...

A sala estava vazia, o quarto do pai fechado e de trás da porta provinham várias vozes... Apressou-se a abrir a porta e a entrar já dominado por um pressentimento de desgraça embora recusasse pensar...

- Meu senhor - gritava Amina com voz fraca...

- Pai... - dizia Aisha, rouca...

Umm Hanafi, por seu lado, mantinha-se ali, pregada à cabeceira do leito... Kamal foi tomado por um misto de pavor, de desespero e de triste impotência. Viu o pai semiestendido sobre a cama, o tronco apoiado contra o peito da mãe, que estava sentada de pernas cruzadas atrás dele. Do peito do homem, que se erguia e baixava num movimento já tão-só mecânico, saía um estranho estertor que nada mais tinha em comum com a voz de uma pessoa viva... nos seus olhos errava um olhar extinto, como que cego, inconsciente, incapaz de exprimir a agitação interior...

Kamal permaneceu agarrado ao espaldar da cama, mudo, com os olhos inexpressivos sem saber o que dizer ou o que fazer... dominado por um enorme sentimento de absoluta impotência, de completo desespero, de extrema inanidade, como se restasse apenas a consciência de que o seu pai estava prestes a dizer o seu adeus definitivo à vida...

Aisha, olhando em primeiro para o pai e em seguida para o irmão, disse de novo em voz alta:

- Pai, está aqui Kamal, que quer falar consigo...

Mas Umm Hanafi, cessando de sussurrar, com uma voz pesarosa exclamou:

- Chamem o médico!

- Que médico, ó tonta!... - gemeu Amina entre a tristeza e a cólera.

Como tentasse sentar-se, o homem esboçou um gesto, o que aumentou

os espasmos do seu peito; então estendeu o dedo indicador da mão direita e depois o da mão esquerda... ante uma tal visão, o rosto de Amina teve uma crisão pungente e inclinou-se para o esposo recitando-lhe em voz alta a shahada, que repetiu diversas vezes... até as mãos do homem recaírem, imóveis.

Kamal deu-se conta de que o pai, que já não conseguia falar, pedira à mulher que recitasse por ele o testemunho de fé... pressentiu também que a essência daquela derradeira hora teria agora sido para sempre um mistério e que querer exprimi-lo em termos de dor, medo ou perda da consciência seria mera suposição. Seja como for, o acontecimento era extraordinário e não devia de modo algum prolongar-se; demasiado elevado, demasiado sério para deixar que o tempo o depreciasse! Na presença daquele instante final, Kamal não suportara... ele experimentou um sentimento de vergonha pela sua tentativa durante alguns minutos de analisar e estudar o fenómeno: como se a agonia do seu pai nele pudesse alimentar a meditação e ampliar os seus conhecimentos...

Tudo aquilo só acresceu à tristeza mais tristeza, à dor mais dor...

Aumentavam o movimento do peito e o estertor... mas agora o que estava a acontecer? O pai queria levantar-se ou tentava falar? Dirigia-se a algo ignoto? Sofria... ou sentia medo?!... Oh!...

O homem, após um último e profundo suspiro, deixou cair a cabeça sobre o peito!

Aisha soltou um grito que brotava dos recessos da sua alma:

- Pai... Naíma... Otman... Muhammad!...

Umm Hanafi precipitou-se para ela e arrastou-a docemente para fora do quarto,...

Amina levantou o seu rosto exangue para Kamal, fez-lhe sinal para que saísse e, como o filho não se movesse, murmurou desesperada:

- Deixa-me realizar o meu último dever para com o teu pai!...

Só então ele se afastou. Encontrou Aisha estendida no sofá a chorar e sentou-se na sua frente. Quanto a Umm Hanafi, encaminhou-se para o quarto para assistir a sua senhora, fechando atrás de si a porta.

O choro de Aisha tornara-se insuportável... Kamal levantou-se e principiou a andar de cá para lá no aposento sem lhe dirigir a palavra. De quando em vez, olhava de relance para a porta do quarto cerrada e depois mordida os lábios com força.

"Porque será que a morte nos parece tão estranha?"

Mas mal conseguia reunir as ideias para meditar, estas disseminavam-se e a emoção derrotava-o...

O pai, mesmo após ter desaparecido, continuava a encher esta vida... Não teria sido de facto estranho se logo um dia depois a casa lhe parecesse diversa daquela que conhecia... a vida diversa daquela a que se habituara...

A partir daquele momento devia preparar-se para desempenhar um novo papel,...

Entrementes aumentava nele a impaciência em relação às queixas de Aisha, o que o levou a se acercar para calá-la mas renunciou logo em seguida.

Perguntou-se surpreendido como podia nutrir um sentimento tão forte por aquela sua irmã que sempre parecera insensível, indiferente a tudo.

Tornou a pensar no desaparecimento do pai desta vida e teve dificuldade em conceber tal coisa!

Depois, evocando mentalmente aqueles derradeiros instantes, sentiu uma tristeza que lhe rasgava o coração...

Relembrava o pai na sua figura de antigamente - a única destinada a permanecer no seu espírito - e a época em que o sayyed estava na plenitude da magnificência e da pujança. Kamal sentiu-se dominado por um sentimento de enorme compaixão por todas as criaturas...

Mas quando cessariam os gemidos de Aisha? Acaso não poderia, como ele, chorar sem lágrimas?...

A porta do quarto abriu-se e dele saiu Umm Hanafi; mas, antes que mulher fechasse de novo a porta, ouviram os soluços de Amina. Kamal compreendeu então que a mãe terminara a sua tarefa e que agora se podia livremente entregar ao pranto...

Umm Hanafi, acercou-se de Aisha e disse-lhe com uma voz autoritária:

- Pare de chorar, minha senhora!

Depois a mulher dirigiu-se para ele:

- Rompeu já a alvorada, vá dormir ainda que seja por pouco, senhor: tem na sua frente um dia muito duro...

Ao pronunciar aquelas palavras, ela própria desatou a chorar, seguida afastou-se murmurando numa voz débil:

- Vou até es-Sukkariyya e Qasr esh-Shawq levar a triste nova!

* * *

Irrompeu Yassin que caminhava com muita pressa, seguido de Zannouba e de Ridwan... enquanto da rua silenciosa escapavam os gritos de Khadiga.

Com a chegada de Khadiga reacendera-se o desespero em toda a casa: aos lamentos mesclaram-se gritos e prantos.

Não podendo continuar no primeiro andar, os homens subiram ao andar de cima e sentaram-se na biblioteca, mudos, atormentados...

Ali estavam, silenciosos, subjugados por um pungente acabrunhamento... quando, a dado momento, Ibrahim Shawkat disse:

- Não há poder nem força senão em Allah! Foi o raide aéreo que o matou!... Que Allah o receba na Sua infinita misericórdia... Era um homem diferente de todos os demais...

Yassin já não se conseguia dominar pelo que desatou a chorar contagiando igualmente Kamal. Então Ibrahim Shawkat prosseguiu:

- Rezem a Allah, o Único! O vosso pai deixou-vos homens fortes!... Ridwan, Abdel Munim e Ahmad, com profunda tristeza e desolação e um certo assombro, observavam os dois homens que choravam... mas Yassin e Kamal apressaram-se a secar as lágrimas e encerraram-se num silêncio profundo.

Ibrahim Shawkat declarou então:

- Dentro em breve será de manhã... Pensemos no que temos de fazer... Yassin interveio lacónico num tom triste:

- Nada há de novo para nós nisso!... Já temos uma longa experiência!...

- O funeral deve ser digno da condição social - disse Ibrahim Shawkat.

- É o mínimo que se pode fazer! - acrescentou Yassin. Nisso acudiu Ridwan:

- A rua diante de casa é demasiado estreita, aí não se podem instalar tendas^[135] suficientes... para receber toda a gente que virá expressar os seus pêsames... coloquemo-las na praça Bait el-Qadi...

- Mas, segundo as tradições, as tendas devem ser instaladas na frente da casa do falecido!... - retomou Ibrahim Shawkat.

- Isso não é o principal: temos de levar em consideração que hão-de vir ministros, senadores e deputados!... - disse Ridwan. Todos compreenderam que o jovem fazia referência aos seus conhecidos e Yassin então acrescentou com indiferença:

- Instalemo-las lá!

Ahmad, ao pensar na parte de dever que lhe incumbia no tocante às exéquias, disse:

- A notícia já não poderá figurar na necrologia dos jornais matutinos...

- Os jornais vespertinos são distribuídos pelas três da tarde, fixemos então o funeral para as cinco... - alvitrou Kamal.

- Tudo bem! Seja como for, o cemitério está perto... Kamal seguia o rumo da conversa com um certo assombro... O pai, que na tarde passada, às cinco, estava a ouvir a rádio, à mesma -a do dia de amanhã... iria juntar-se a Fahmi e aos dois filhos pequenos Yassin. O que restaria actualmente de Fahmi?... O avançar dos anos não diminuía nele o seu antigo desejo: espreitar para dentro do seu túmulo!...

Quem sabe se o pai teria desejado realmente dizer algo como lhe parecera? E, neste caso, o que poderia ter desejado dizer?...

Yassin voltou-se para ele e perguntou:

- Assististe à sua agonia?

- Sim, mal te foste embora...

- Sofreu?

- Não sei, mas quem pode saber, meu irmão? Seja como for, não se prolongou mais do que cinco minutos...

Yassin suspirou e perguntou: -Não disse nada?..

- Não... É muito provável que já não conseguisse falar... -Não recitou sequer o testemunho de fé?...

Kamal baixou os olhos para esconder a emoção e respondeu:

- A mãe fê-lo por ele...

- Que Allah o receba na Sua misericórdia!

- Ámen...

Seguiu-se outro silêncio breve e profundo que foi depois quebrado por Ridwan:

- É indispensável que as tendas sejam bastante grandes para acolher todos aqueles que virão expressar os seus pêsames...

E Yassin acrescentou:

- É claro, temos muitos amigos - depois olhando para Abdel Munira -e lá se achará um grupo em representação dos Irmãos Muçulmanos!...

E, suspirando:

- Se os seus amigos ainda fossem vivos, teriam carregado o caixão sobre os ombros!

* * *

O funeral desenrolou-se como previsto. Os amigos de Abdel Munim foram mais numerosos ao passo que os de Ridwan se distinguiram pelo seu eminente estatuto social.

Alguns dos presentes, personalidades conhecidas por todos que liam os jornais ou as revistas, tinham provocado a curiosidade geral. Ridwan ficara tão orgulhoso com aquelas presenças que no seu íntimo o orgulho quase superara a tristeza.

As pessoas do bairro haviam seguido o féretro do "vizinho de toda uma vida"; entre a multidão também estavam alguns que nunca haviam conhecido o sayyed em pessoa! Os únicos grandes ausentes eram os amigos do defunto porque se lhe haviam adiantado a caminho da "última morada"!...

Chegados a Bab en-Nasr, surgira o sheikh Metwalli Abdes Samad, cambaleante dada a idade avançada... Levantara a cabeça para o féretro e, franzindo os olhos, perguntara:

- Quem é?...

Um dos habitantes do bairro respondera:

- O sayyed Ahmad Abdel Gawwad, que Allah o receba na Sua misericórdia!

O rosto do homem tivera um tremor, voltara-se para a direita e para a esquerda, e as suas feições alteradas haviam manifestado o terror que subentendia uma certa pergunta. Depois, de repente, indagara:

- Onde era?

E o homem, meneando tristemente a cabeça:

- Era deste bairro, como não o conhecias? Não te lembras do sayyed Ahmad Abdel Gawwad?

Mas o sheikh, que parecia nada lembrar, após ter olhado de relance uma última vez para o féretro, seguira o seu caminho...

[\[135\]](#)No Egito é comum, nos funerais, as famílias mandarem montar grandes tendas que constituem autênticos pavilhões cuja finalidade é a de acolher todos aqueles que tomam parte nas exéquias.

CAPÍTULO 38

"A casa ficou sem o meu senhor e já não é aquela em que vivi durante mais de cinquenta anos... Em meu redor todos choram... Khadiga já não me larga, ela que representa o meu próprio coração, carregado de tristeza e de recordações... ela é qual o coração de cada um de nós mas para mim é igualmente a filha, a irmã, e por vezes até a mãe... Choro sobretudo às escondidas, quando me detenho a sós comigo mesma, porque é meu dever animar os outros e levá-los a esquecer!

Entristece-me vê-los a todos tão derrubados ou, Allah não queira, consumidos pela dor... mas, quando estou sozinha, apenas acho consolo no pranto e choro todas as minhas lágrimas até à exaustão...

Quando Umm Hanafi tenta introduzir-se às ocultas na minha dolorosa solidão, digo-lhe:

- Deixa-me sozinha, que Allah tenha misericórdia de ti! Umm Hanafi responde-me:

- Como posso deixá-la neste estado? Sei perfeitamente em que situação se encontra... mas também sei que é uma mulher de fé, a primeira entre os que têm fé, aquela com quem todos devemos aprender como agir para nos consolarmos e submetermos aos decretos de Allah!

Belas palavras, Umm Hanafi, mas como pode entendê-las um coração cheio de tristeza?...

Hoje não tenho já qualquer interesse neste mundo, nada para fazer... e cada hora do meu dia está ligada a uma das muitas recordações do meu senhor... Não conheci outra existência para além daquela em que ele era o eixo e tudo girava em seu redor... como posso agora suportar a vida se de meu marido nem a sombra sobrou sequer?

Todavia fui eu quem propôs uma arrumação diferente para o meu querido quarto... O que mais poderia ter feito se todos, mal ali entravam, fixavam com os olhos o lugar vazio e desatavam a chorar?...

O meu sayyed merecia por certo todas estas lágrimas por ele vertidas... mas não suporto mais o choro deles... receio pelos seus corações ternos! Tento consolá-los com as mesmas palavras que usa comigo Umm Hanafi, pedindo-lhes que se submetam ao que Allah

dispôs! Por este motivo, fiz retirar as mobílias velhas do quarto e passei para o de Aisha. Porém, para não deixá-lo num total abandono e desolação, para aí fiz transportar os móveis da sala e agora é ali que realizamos as "sessões do café", sentando-nos todos à volta do forninho, falando longamente e espaçando as conversas com copiosas lágrimas... Os preparativos para irmos ao cemitério ocupam-nos mais do que outra coisa qualquer... Supervisiono pessoalmente a rahma06, que é talvez a única tarefa que não entreguei a Umm Hanafi como sucedeu com o resto!

Aquela mulher querida e leal bem mereceu fazer parte da nossa família!... Com ela preparo a rahma^[136], com ela choro e evoco os belos dias... Umm Hanafi está sempre ao meu lado com a alma e a memória!...

Ontem, enquanto falávamos, recordámos as noites do Ramadão e Umm Hanafi falou de tudo o que o meu sayyed fazia em tais alturas, desde que acordava de manhã até quando regressava à noite à casa para o sahu^[137]. Também eu relembrei como me apressava para a machrabiyya para espreitar a chegada da caleche que o trazia a casa e para ouvir as risadas dos que o acompanhavam... todos eles amigos que, uns atrás dos outros, partiram para serem acolhidos na misericórdia de Allah, tal como partiram os belos dias da juventude, a saúde e o vigor. Ó Deus, dai longa vida aos meus filhos e fazei com que se regozijem com as alegrias da vida...

Esta manhã, vi a nossa gata que farejava o chão debaixo da cama onde costumava amamentar as crias, fruto das suas entranhas, que nós oferecemos aos vizinhos... Vê-la assim perdida e triste despedaçou o meu coração e de repente gritei do fundo do meu ser: "Que Allah te dê conforto, Aisha!..." Aquela pobre Aisha, que, com a morte do pai, se afundou de novo no desespero e agora chora por ele, pela filha, pelos dois filhos e pelo esposo.

Como queimam as lágrimas!... E eu que sorvi durante algum tempo a amargura da morte de um filho cuja perda fez sangrar o meu coração, hoje acho-me a sofrer pelo desaparecimento do meu senhor, que era toda a minha vida e a preenchia inteiramente e que, ao morrer, me deixou um vazio que não pode ser colmatado: não me resta agora outro dever senão o de preparar a rahma ou recebê-la de es-Sukkariyya ou Qasr esh--Shawq...

... Não, meu filho, nestes dias escolhe uma companhia diferente da nossa que é tão triste... não te deixes contagiar pela dor! Porque estás tão triste e calado? A tristeza não convém aos homens. Um homem não pode assumir ao mesmo tempo as dores e os fardos da existência! Retira-te no teu quarto e delicia-te a ler e a escrever como sempre te acostumaste a fazer ou vai à procura dos teus amigos para os vossos serões nocturnos! Desde que o mundo é mundo, as pessoas que nos são caras abandonam os seus familiares e, se por uso nos devêssemos entregar à tristeza, sobre a terra já não restaria uma alma viva!

Não estou tão triste como podes supor: um crente jamais deve sucumbir à dor. Continuaremos a viver se Allah assim o quiser... Conseguiremos até a esquecer e reunir-nos-emos ao nosso querido defunto só quando Ele o quiser!

É assim que falo sempre com Kamal, tentando de todas as maneiras evidenciar uma constância e uma força que me faltam em absoluto, excepto quando vem Khadiga, o coração vivo da nossa casa, Khadiga que chora toda a sua torrente de lágrimas.

Então também não consigo embargar os meus soluços.

Quanto a Aisha, contou-me ter visto em sonho o pai que segurava com uma mão o braço de Naima e com a outra o de Muhammad e que, carregando Otman sobre os ombros, lhe afiançava que estava bem, que todos estavam bem... À sua pergunta acerca do enigma do rasgão de luz no céu que depois desaparecera para sempre, o pai tivera como que uma centelha de reprovação no olhar e não dissera uma só palavra... Este é o sonho do qual ela me pediu o significado...

Oh, Aisha, quão grande foi a confusão da tua mãe!... E todavia disse-lhe que o querido pai morrera preocupado com ela no seu íntimo e era por isso que lhe surgira em sonho, trazendo do paraíso os seus filhos para que ela se alegrasse ao vê-los e não perturbasse a sua quietude mos-trando-se aferrada à dor... Nem que seja por um instante, que volte a viver a Aisha de antigamente! Que todos os que me cercam possam sarar as suas feridas de modo a que me possa dedicar plenamente ao meu luto sem que nada exista a distrair-me! Assim sendo, reuni Yassin e Kamal e disse-lhes:

- O que faremos com as coisas que ele deixou? Yassin respondeu:
- Eu fico com o anel, serve-me lindamente. Tu, Kamal, conserva o relógio. E tu, mãe, fica com o rosário!

- E as gubbas e os quftans?

Veio-me de repente à mente o sheikh Metwalli Abdes Samad, o único sobrevivente dos anos do querido falecido... Yassin respondeu-me:

- Mas o velhote está no limite das forças e não tem residência fixa... Kamal, por seu lado, acrescentou, franzindo o sobrolho:

- Não reconheceu o pai. Esqueceu-se até do nome e afastou-se do funeral sem o menor interesse...

Eu fiquei perturbada e exclamei:

- Como tudo isso é estranho: quando é que aconteceu?

O meu sayyed até aos seus últimos dias pedira notícias dele. Continuava a amá-lo mas não mais o vira a não ser em uma ou duas ocasiões depois da sua visita a nossa casa, na noite da boda de Naima. Ó meu Deus, mas onde está Naima, onde estão aqueles tempos?

Depois Yassin propôs dar as roupas ao porteiro do seu escritório e aos contínuos da escola de Kamal.

Com efeito, ninguém merece mais que gente pobre como eles ore para que lhe seja concedida a clemência de Allah na sua última morada...

Quanto ao querido rosário, ele não mais deixará a minha mão enquanto a minha vida durar!

E o túmulo... quão doce é para mim ir visitá-lo não obstante a minha dor que se reacende... Dele não me desprendi mais desde que para ali foi transportado o querido mártir^[138]! Desde então considero-o um aposento da minha casa, ainda que situado na periferia do nosso bairro. E hoje é o túmulo que reúne a família inteira como dantes costumava suceder com a "sessão do café"! Khadiga desfaz-se em gemidos e depois impõe-nos o silêncio e convida-nos a ouvir os versículos do Alcorão.

Depois todos se deixam agarrar por um segundo pela conversa... tudo o que consegue afastar da tristeza os meus queridos alegra-me... Ridwan, Abdel Munim e Ahmad entretêm-se em longos debates. Por vezes, neles participa igualmente Karima e aquilo empolga até o próprio Kamal e a tristeza do local afrouxa...

Abdel Munim pede informações sobre o tio que morreu como mártir, Yassin narra e a vida prossegue com o evocar dos dias para todo o sempre passados, as recordações soterradas revivem, o meu

coração agita-se e não consigo ocultar as lágrimas.

Não raro, vejo Kamal fechado sobre si mesmo. Pergunto-lhe o que tem e ele responde-me:

- A sua figura nunca me abandona, sobretudo tal como era no momento da agonia! O seu fim deveria ter sido bem mais suave!"

Então digo-lhe com ternura:

- Tens de esquecer!... E ele pergunta:

- Como esquecer? E eu:

- Com a fé.

Ele, melancólico, sorri e diz-me:

- Que medo tinha eu dele quando criança! Mas, nos últimos tempos, apareceu-me sob o aspecto de um outro homem... de um amigo muito querido. Quão simpático era, amável e terno! Não tinha igual!

Yassin chora sempre que lhe ocorre a sua lembrança... Kamal vive a sua tristeza num silêncio torturado ao passo que o vigoroso Yassin chora qual criança dizendo-me:

- Foi o homem que mais amei em toda a minha vida.

Sem dúvida, foi para ele um pai e uma mãe e Yassin só encontrou carinho, desvelo e ternura sob a sua protecção! Até a sua intransigência foi sempre misericordiosa!...

Não esquecerei jamais o dia em que me desculpou permitindo-me regressar a casa, dando assim razão à sensatez da minha mãe, que Allah tenha misericórdia dela, que não deixara nunca de me asseverar que o say-yed não era homem para romper com a mãe dos filhos... Reunia-nos no seu amor como hoje nos reúne na sua recordação!

Quanto à nossa casa, as visitas não faltam por certo! Mas só estou tranquila quando ouço Khadiga, Yassin e os seus familiares em meu redor... Até Zannouba... a sua tristeza é realmente sincera! Karima, aquela menina bonita, disse-me:

- Avozinha, vem visitar-nos, dentro de dias é a festa do nascimento de el-Hussein, fazem o dhikr por baixo da nossa casa e sei que gostas tanto disso!

Beijei-a e agradei dizendo:

- Minha menina, a tua avó não está habituada a dormir fora de casa!

A garota nada sabia das regras inflexíveis que governavam a casa do avô no passado. Quanta doçura existe em tal recordação! A machrabiyya era o limite do meu universo... ali esperava, ao cabo da

noite, o regresso do meu senhor, naquele tempo tão vigoroso que quase fendia o chão ao pular da caleche, depois enchia o quarto com toda a sua pujança e era o modelo mesmo da saúde... Mas agora já não volta e não mais voltará. Começou a estiolar, depois retirou-se, em seguida ficou de cama ao passo que o seu corpo se exauria perdendo tanto peso que alguém teria sido capaz de o carregar com uma mão só! Oh, esta dor que jamais me desampará...

Aisha disse irritada:

- Estes netos não choraram a morte do avô, não sentiram o menor desgosto!

E eu respondi:

- Claro que sim, sentiram! Mas são jovens, e isso é tudo! E é um sinal da misericórdia de Allah que eles não se entristeçam na dor por causa da morte do avô...

Mas ela acrescentou:

- Repara em Abdel Munim! Não pára de conversar! Não sentiu o menor desgosto pela minha filha e esqueceu-a muito depressa, como se Naima nunca tivesse existido!

- Pelo contrário - respondi eu. - Sofreu muito durante bastante tempo e chorou imenso! Mas a tristeza dos homens é diferente da das mulheres e não há nada no mundo que se compare ao coração de uma mãe. E, além do mais, Aisha, não sucede a todos esquecer? Também nós, não nos acontece por vezes alegrarmo-nos numa conversa, e por vezes também nós descerrarmos um sorriso? E virá o dia em que também renunciaremos às lágrimas. Onde está Fahmi, onde?

Umm Hanafi disse-me: m Comemoração através da invocação do nome de Allah. Trata-se duma prática mística que consiste na repetição de determinadas palavras ou fórmulas de louvor a Allah, acompanhadas por vezes de música e dança.

- Porque deixou de visitar a mesquita de el-Hussein? E eu respondi:

- Estou já muito cansada de tudo o que amei! Irei visitar el-Hussein quando a minha ferida tiver sarado...

- E de que outro modo poderá sarar a não ser visitando el-Hussein?

É assim que Umm Hanafi trata de mim, ela, a verdadeira senhora da casa, sem a qual nem mesmo a casa existiria! Ó meu Deus, mas és o Deus de todos. És o Juiz e a ninguém é dado revocar a Tua decisão. É para Ti que a minha prece se eleva. Teria simplesmente desejado que

poupasses as forças do meu sayyed até ao fim. Nada me doeu tanto como vê-lo na cama, ele para quem o mundo inteiro era por demais diminuto! E não mais podia sequer rezar! Como sofreu o seu frágil coração! E aquela noite em que o trouxemos de regresso, ao colo, qual criança! É por isso que as minhas lágrimas jorram e a minha dor se exacerba..."

[136] Literalmente, "clemência". Trata-se aqui de alimentos confeccionados ou de dinheiro destinados a serem repartidos pela gente pobre aquando das visitas que os familiares do defunto realizam ao cemitério. Este é um gesto simbólico por meio do qual a família implora clemência a Allah pela alma do defunto.

[137] Trata-se de uma refeição leve servida antes do romper da alvorada durante o mês do jejum dos Muçulmanos (Ramadão).

[138] Amina refere-se aqui ao seu filho Fahmi, que morreu em mártir (veja-se o final do primeiro volume da Trilogia).

CAPÍTULO 39

- Com a ajuda de Allah, decidi tomar como noiva a minha prima Karima... - disse Abdel Munim.

Ibrahim Shawkat, estarrecido, levantou os olhos para o filho, ao passo que Ahmad baixava a cabeça sorrindo, pelo que se percebeu que a notícia não o apanhara de improviso!

Khadiga, pelo contrário, largando o xaile que estava a bordar, lançou um estranho olhar de incredulidade ao filho e voltou-se para o marido para indagar:

- O que disse ele? Abdel Munim repetiu:

- Com a ajuda de Allah, decidi tomar como noiva Karima, a tua sobrinha...

Khadiga estendeu as mãos num gesto de desilusão:

- Perdeste mesmo o juízo?... Parece-te que este é o momento para falar de noivado, seja lá quem for a noiva?

- Todos os momentos são adequados para pedir a mão de uma rapariga!... - respondeu Abdel Munim a sorrir.

Meneando a cabeça descontente, Khadiga exclamou:

- E o teu avô?!... - depois, voltando o seu olhar quer para Ahmad quer para Ibrahim:

- Será que já se ouviu semelhante coisa antes?...

Abdel Munim, com uma certa rispidez na voz, replicou:

- Falei em noivado, não em casamento e muito menos em festa de núpcias! Para além disso, passaram já quatro meses desde a morte do avô...

Acendendo um cigarro, Ibrahim Shawkat interveio:

- Karima é ainda jovem, mesmo se, ao vê-la, pareça mais velha... E Abdel Munim acrescentou:

- Tem quinze anos e o contrato de casamento não seria firmado antes de um ano...

E Khadiga, com acerbo menosprezo:

- Zannouba banem fez-te ler a certidão de nascimento da filha?!...

Ibrahim Shawkat e Ahmad desataram a rir, ao passo que Abdel Munim prosseguia com muita gravidade:

- Nada se fará antes que haja passado um ano e, dentro de um ano,

terão transcorrido perto de dezoito meses desde a morte do avô e Karima terá idade para casar!...

- Então porque nos móis a cabeça já agora?

- Porque não haveria mal algum em anunciar o noivado nesta altura...

- Temes que o noivado azede se adiares um ano?.. - perguntou Khadiga persistindo no sarcasmo.

- Peço-te... peço-te, deixa de brincar comigo!...

- Se fizessemos isso, seria um escândalo... - vociferou Khadiga. Abdel Munim, tentando manter o mais possível a serenidade:

- Deixa-me falar com a avó, ela há-de me compreender melhor do que tu... é minha avó mas também é avó de Karima!

- Não é avó de Karima - exclamou Khadiga áspera.

Abdel Munim, muito agastado, calou-se e o pai apressou-se a dizer-lhe:

- Trata-se de um problema de sensibilidade... Seria melhor aguardar um pouco...

Khadiga, exasperada, replicou:

- Isso significa que não tens outra objecção para além daquela que se prende com o tempo...

Abdel Munim perguntou:

- Existem porventura outras objecções?...

Khadiga voltou a bordar o xaile, sem sequer responder, e Abdel Munim acrescentou:

- Karima é filha do teu irmão Yassin, não é? Sim, claro, é filha do meu irmão... mas não precisas de esquecer quem é a mãe.

Os presentes trocaram olhares carregados de preocupação, após o que Abdel Munim replicou com severidade:

- A mãe não deixa todavia de ser a mulher do teu irmão!...

- Sei isso e essa é uma realidade bastante desagradável!... - respondeu Khadiga alteando de novo a voz.

- Aquele passado foi esquecido por todos! Quem haverá ainda que se recorde? Zannouba é hoje uma senhora respeitável, como tu!...

- Não é como eu... e nunca o será!... - replicou a mulher num tom ainda mais áspero.

- O que se lhe pode reprovar? Conhecemo-la desde miúdos, como uma senhora respeitável, na verdadeira acepção da palavra. Quando se

arrependeu e decidiu seguir o caminho da integridade, a vida anterior foi apagada de tal forma que ninguém mais se lembra excepto alguém...

O jovem interrompeu-se deliberadamente, mas Khadiga meneando a cabeça:

- Sim... podes dizer como a tua mãe!... Enxovalha-me e elogia, pelo contrário, aquela mulher que conseguiu fazer com que perdesse o juízo,.. Sempre me perguntei o que haveria por trás daqueles incessantes convites para jantar em Qasr esh-Shawq... e aqui estás tu apanhado sem te dares conta!

Abdel Munim, danado, olhou com insistência para o pai e depois para o irmão, após o que exclamou:

- Mas parece-lhes um modo de falar digno de nós? Digam-me o que pensam...

Ibrahim Shawkat, bocejando, respondeu:

- É escusado alongarmo-nos em conversas... Abdel Munim hoje ou amanhã há-de casar, e tu, Khadiga desejas que ele se case... Karima é nossa filha, é uma jovem bonita e afável... é escusado fazer este teatro todo...

- E és tu, mãe, que, no entanto, és sempre a primeira a querer satisfazer o tio Yassin!... - interveio Ahmad.

- Estão todos contra mim, como de costume, e a vossa única desculpa é o "tio Yassin"! Yassin é meu irmão, é verdade, mas o seu primeiro erro foi nunca ter feito um bom casamento... e foi dele que o sobrinho herdou a sua natureza estranha!...

- Mas a mulher do meu tio não é por acaso tua amiga?... - perguntou Abdel Munim atónito. - Quem vos vê juntas enquanto falam e trocam confidências juraria que sois irmãs!...

- A que expediente deveria eu recorrer com uma mulher ardilosa e quase tão hábil politicamente como Allenby?! Mas, se dependesse de mim e não fosse por respeito por Yassin, jamais lhe haveria autorizado entrar em minha casa! E qual foi o resultado? Fez-te perder o juízo com os seus convites para jantar interesseiros, que Allah nos recompense!...

Nisso, Ahmad, dirigindo-se ao irmão, disse:

- Fica noivo quando bem entenderes... a mãe tem a língua comprida mas o coração bom!...

Khadiga desatou a rir nervosa e exclamou:

- Muito bem, meu rapaz! Têm opiniões divergentes em tudo... na fé, na religião, na política... mas estão todos unidos contra mim!...

- O tio Yassin é a pessoa que mais querida te é... e hás-de receber Karima com o maior dos afectos... - interveio Ahmad alegre. - O problema é que terias desejado uma esposa que não fizesse parte da família para poder, na tua qualidade de sogra, oprimi-la... Pois bem... caberá a mim concretizar essa tua esperança... conduzirei para junto de mim, para minha esposa, uma "estranha" sobre a qual poderás aplacar o teu desejo ardente...

- Não me espantaria de facto se amanhã te apresentasses na companhia de uma bailarina... Porque ris? Se este sheikh el-Islatn^[140] se tornar genro de uma antiga tocadora, o que mais posso esperar de ti, Allah me proteja, ó crente de morna fé?

- Na verdade, bem que precisaríamos de uma bailarina!...

Nisso, Khadiga, como se recordasse de súbito algo importante, disse:

- E Aisha, meu Deus!... O que dirá de nós? Abdel Munim insurgiu-se:

- O que haveria de dizer?... A minha mulher faleceu há quatro anos, não há-de querer por certo que eu continue viúvo a minha vida toda!...

Ibrahim Shawkat, irritado, replicou:

- Não façam de uma bagatela uma montanha... A questão é muito mais simples... Karima é filha de Yassin, o qual é irmão tanto de Khadiga como de Aisha... Basta-nos isso... Ufa! Para vocês todas as coisas se transformam em controvérsia... até o casamento!...

Sorrindo, Ahmad olhou às ocultas para a mãe e começou a observá-la até ela se levantar agastada e se retirar da sala.

"Esta classe burguesa está pejada de complexos", dizia Ahmad, de si para si. "Seria mesmo necessário um bom psicanalista capaz de curar todos os seus males... um psicanalista que tenha a força da própria história!... Se tivesse tido sorte, ter-me-ia casado antes do meu irmão mas aquela outra burguesa pôs como condição um salário não inferior a cinquenta guines por mês! Os corações são sempre atormentados por coisas que nada têm a ver com eles... O que pensaria Sawsan Hammad se viesse a saber da minha desdita sentimental?"

[\[140\]](#) Título honorífico conferido, antes do período otomano, a qualquer especialista em jurisprudência islâmica ifaqtí) cujas decisões legais (fatwas) gozavam de uma grande autoridade junto dos colegas. Posteriormente, foi o título atribuído ao Grande Mufti de Istambul, cujas funções alcançaram uma importância religiosa e política que outros países islâmicos não conheceram.

CAPÍTULO 40

Fazia muito frio e o húmido bairro de Khan el-Khalili não era por certo um local agradável durante o Inverno.

Contudo fora o próprio Riyadh Quldus que, naquela noite, havia sugerido ir ao café Khan el-Khalili, edificado onde dantes fora o café Ahmad Abdu, dizendo:

- Kamai acabou por me comunicar o gosto pelas esquisitices!...

O local era exíguo e a porta, que se abria para o bairro de el-Hussein, pro-longava-se como que num corredor com mesas em fila de ambos os lados, até chegar a uma varanda de madeira que dava para a parte nova do bairro.

Aqui os três amigos sentaram-se no lado direito para beber chá e fumar, por turnos, o narguilé.

Ismael Latif disse:

- Estou de férias para me preparar para a viagem, depois partirei...

Kamal, desconsolado, perguntou:

- Ficarás fora três anos?

- É fundamental experimentar viver aventuras! Para além disso, receberei um bom ordenado com o qual jamais poderia sonhar aqui... Além do mais, o Iraque é um país árabe, não muito diferente do Egipto...

"Deixará um vazio... nunca foi para mim um amigo íntimo... embora fosse um amigo de toda uma vida!..." Riyadh Quldus disse a rir:

- No Iraque não precisam de tradutores?

- Partirias se tivesses uma oportunidade como a de Ismael? - indagou Kamal.

- Se me tivesse acontecido no passado, não teria tido a menor dúvida, mas agora...

- E que diferença há entre o passado e o presente? Riyadh Quldus, a rir, retomou:

- No que te toca, não há nenhuma, mas, para mim, há uma diferença enorme... Dentro em breve, hei-de pertencer às fileiras das pessoas casadas...

Kamal ficou muito surpreendido com a notícia que lhe caíra em cima sem aviso... acometido por uma vaga angústia, perguntou:

- A sério? Nunca me disseste nada!...

- Tens razão... mas aconteceu de repente! Quando nos encontrámos da última vez, não havia ainda tomado uma decisão!

Ismael Latif soltou uma gargalhada triunfante enquanto Kamal perguntava, tentando sorrir:

- Como?

- Como?! Como sucede todos os dias!... Ao Departamento das traduções do Ministério, chegou uma professora para visitar o irmão... gostei dela de imediato... tentei uma primeira aproximação e ela logo respondeu de forma afirmativa.

Ismael riu e, tirando o tubo do narguilé das mãos de Kamal, perguntou:

- Quem sabe quando também este - e indicou Kamal - tentará alguma aproximação...

"Ismael é assim, não desperdiça uma ocasião para levantar esta eterna questão... mas há algo de muito mais grave! Todos os meus amigos casados dizem que o casamento é uma prisão, pelo que é muito verosímil que, se Riyad se casar, só muito raramente o vejamos. Talvez se altere totalmente e se transforme num amigo por correspondência. Ele é tão afectuoso e afável, deixar-se-á facilmente devorar!... Mas como será a vida sem ele? E, além do mais, se o casamento o transformar num ser diferente, como aconteceu com Ismael, então adeus a todas as alegrias da existência!..."

Em tudo isso meditava Kamal, após o que perguntou ao amigo.-

- E quando casarás?

- No próximo Inverno o mais tardar.

Era como uma condenação: ter de perder sempre o amigo da sua alma torturada!

- A partir daquele momento, tornar-te-ás noutro Riyad Quldus!

- Porquê? Devaneias em demasia...

Escondendo a sua angústia num sorriso, Kamal retomou:

- Devaneio em demasia?... Riyad hoje é uma pessoa cujo espírito está incessantemente sequioso de conhecimento: o que lhe permite estar sereno embora nada tenha nos bolsos... mas, quando for casado, os seus bolsos hão-de ser insaciáveis... e não mais achará qualquer ocasião para cultivar o seu espírito!...

- Que definição injuriosa para um marido! Com efeito, não a

partilho.

- Como Ismael, que se vê obrigado a emigrar para o Iraque! Não quero no entanto escarnecer dele... é algo natural para além de heróico, mas ao mesmo tempo horrível... Imagina estar mergulhado até ao pescoço nas preocupações da vida quotidiana... de não ter de pensar em nada mais excepto nas dificuldades de subsistência... as tuas horas contadas em piastras e milésimas, e a poesia da vida transformada em inútil perda de tempo!...

- São fantasias tuas ditadas pelo temor!...- respondeu Riyad com aparente indiferença.

- Ah, se pudesses pelo menos conhecer o que o casamento e a paternidade são!... - acrescentou Ismael Latif. - Até hoje, escapou-te o conhecimento do verdadeiro sentido da existência!...

Talvez o seu amigo tivesse razão... Assim sendo, a sua vida nada mais era do que um melodrama de mau gosto... Mas então o que era a felicidade e o que desejava ele efectivamente? Mas aquilo que agora o entristecia era a solidão aterradora que de novo o ameaçava... como quando Hussein Shaddad desaparecera da sua vida! Se pelo menos lhe fosse possível encontrar uma mulher que tivesse o corpo de Ateyya e a alma de Riyad!... Aquilo era tudo o que ambicionava: o corpo de Ateyya e a alma de Riyad, reunidos numa só pessoa que ele teria desposado sem mais ser ameaçado pelo receio da solidão até à morte... Era esse todo o problema...

Nisso, Riyad, irritado, exclamou:

- Deixemos de falar de casamento... Para mim, o problema está resolvido... Agora cabe-te a ti, Kamal!... Existem importantes acontecimentos políticos dignos hoje de toda a nossa atenção.

Kamal, que em geral partilhava os sentimentos e os interesses do amigo, não tendo conseguido recompor-se da surpresa, acolheu com aparente indiferença o convite e manteve-se em silêncio.

Ismael Latif pelo contrário disse a rir:

- En-Nahas soube vingar-se da sua destituição de Dezembro de 1937... entrou no Palácio Real de Abdin à cabeça dos tanques dos Britânicos![\[141\]](#)

Riyad aguardou um pouco para dar oportunidade a Kamal de responder mas, tendo-se dado conta de que este não tinha vontade de falar, disse num tom grave:

- Vingar-se?!... A tua imaginação faz-te ver a questão sob um ângulo muito afastado da realidade...

- E qual seria pois a realidade?...

Uma vez mais, Riyad lançou um olhar a Kamal, como que para instigá-lo a falar, mas, como o outro não reagisse, retomou:

- En-Nahas não é por certo um homem para se mancomunar com os Ingleses com o desígnio de regressar ao governo! Ahmad Maher é doido! Foi ele quem traiu o povo e se aliou ao rei... e, mais tarde, querendo encobrir a sua posição agora indefensável, fez aquela estúpida declaração à imprensa!...

Voltou-se depois para Kamal, como que a solicitar-lhe uma opinião.

O tema relativo à política acabara por atirar a atenção deste último, que, assaltado pelo desejo de contraditar Riyad em parte pelo menos, respondeu:

- Sem dúvida en-Nahas salvou a situação! Não tenho a menor dúvida sobre o seu patriotismo... aliás, na sua idade, não se transforma num traidor para alcançar uma função que já desempenhou cinco ou seis vezes... mas terá sido aquela conduta ideal?...

- És desconfiado e as tuas dúvidas não têm fim. Qual teria sido pois a conduta ideal?

- Recusar categoricamente o governo para não se submeter ao ultimato inglês aconteça o que acontecer.

- E se os Ingleses tivessem mesmo deposto o rei e um dos seus governadores se tivesse apossado do país?

E ainda que isso tivesse acontecido!.. Riyád, irritado, suspirou dizendo:

XTX- C_1-

- Nós falamos descansadamente diante do narguilé, mas o político tem de enfrentar enormes responsabilidades. Nesta delicada conjuntura de guerra, como poderia en-Nahas aceitar a possibilidade de o rei ser deposto e de um governador militar inglês dirigir o país? E, se depois por uma casualidade amanhã os Aliados vencessem a guerra... porque devemos também conjecturar essa eventualidade... achar-nos-íamos do lado dos inimigos derrotados... A política não é uma utopia poética mas é prudência e realismo!...

- Continuo a ter confiança em en-Nahas, mas talvez desta vez tenha cometido um erro. Não digo que tenha conspirado ou traído...

- A responsabilidade recai toda sobre os insensatos que apoiaram os fascistas pelas costas dos Ingleses, considerando os fascistas capazes de respeitar a nossa independência!... Não temos porventura um tratado com os Ingleses? Não nos obriga a honra a respeitar a palavra dada? Acaso não somos democráticos, empenhados na vitória da democracia sobre o nazismo, regime este que nos colocaria no lugar mais baixo da hierarquia das nações e dos povos, incitando-nos ao ódio racial, étnico e religioso?!...

- Estou de acordo contigo nisso tudo, mas o ter aceite o ultimato britânico tornou ilusória a nossa independência!...

- Na tua opinião, se en-Nahas tivesse protestado contra o ultimato, os Ingleses ter-se-iam acomodado ao seu parecer?...

- Que magnífico protesto anglo-egyptian!^[142]... - exclamou Ismael soltando uma gargalhada estrondosa, mas depois continuou a falar gravemente: - Aprovo aquilo que fez; se estivesse no seu lugar, teria agido como ele! Um homem que foi destituído e humilhado apesar da sua grande reputação e que, contudo, soube vingar-se. Na realidade, não se trata de independência, nem de palavras desprovidas de significado! Por qualquer coisa, o rei poderia ser destituído e um governador inglês dirigir-nos em seu lugar?!

O semblante de Riyad tornava-se cada vez mais sombrio, ao passo que Kamal sorria ao dizer num tom estranhamente calmo:

- Foram os outros que erraram e en-Nahas teve de arcar com as consequências... Salvou sem dúvida a situação... Salvou o trono e o país! E é sempre o resultado que conta! Se os Ingleses lhe ficarem agradecidos após a guerra, ninguém mais lembrará o 4 de Fevereiro!...

Ismael, batendo as mãos para pedir que lhe trouxessem mais brasas para o narguilé, disse irónico:

- "Se os Ingleses lhe ficarem agradecidos após a guerra"?... Posso afiançar-te desde já que o hão-de destituir muito antes.

Riyad insistiu com ardor:

- En-Nahas enfrentou uma responsabilidade enorme nas circunstâncias mais críticas...

- Bem como te preparas para enfrentar a maior responsabilidade da tua vida... - disse Kamal a sorrir.

Riyad riu e depois, levantando-se, disse:

- Queiram desculpar-me! - e dirigiu-se para a casa de banho. Então

Ismael inclinou-se para Kamal e, rindo, por seu turno disse:

- Na semana passada, uma pessoa que sem dúvida ainda recordas veio visitar a minha mãe!

Kamal olhou para ele com uma expressão interrogativa e perguntou:

- Quem era?

O outro respondeu com um sorriso significativo:

- Aida...

O nome ecoou estranho aos seus ouvidos, e isso num primeiro instante dominou todas as possíveis emoções. Depois teve a sensação de que aquele emergira dos recessos do seu ser e não da boca do amigo... Teria esperado tudo menos isso. Por alguns momentos, só teve a noção de um som falho de significado...

Quem era Aida? Qual Aida? Que história antiga! Desde 1926 ou 1927, quantos anos teriam passado sem que aquele nome chegasse aos seus ouvidos? Dezasseis anos... a idade de um adolescente na flor da juventude que talvez amasse mas sem sucesso! Realmente ele envelhecera... Aida? Que sensação havia suscitado nele aquela recordação? Nenhuma! Um simples "teresse sentimental matizado de um pouco de emoção, como, quando se assa a mão sobre uma ferida há muito cicatrizada resultante de uma intervenção cirúrgica, se relembra os momentos a ela relativos. Balbuciante, Kamal repetiu:

- Aida?!

- Sim, Aida Shaddad, não te lembras dela? A irmã de Hussein Shaddad!... Embaraçado devido à presença de Ismael, Kamal tentou fingir outras perguntas do amigo, pelo que indagou por seu turno:

- Hussein! Que notícias tens de Hussein?...

- Não tenho...

Apercebeu-se então de como fora pateta ao tentar fugir à curiosidade do amigo; mas o que mais poderia ter feito quando, não obstante o frio cortante do mês de Fevereiro, sentia o rosto em chamas? O amor parecia-lhe então estranhamente parecido à... comida! Sente-se de forma intensa quando está em cima da mesa, depois sente-se de forma diferente quando desce para o estômago e para os intestinos... e de uma maneira diversa ainda quando entra no sangue para se transformar em células; estas renovam-se com o passar do tempo e da comida não subsiste vestígio algum... mas talvez dela permaneça como que o eco nos recessos de todos os seres e seja aquilo

que designamos "esquecimento"! E por vezes ergue-se no homem uma "voz" antiga que repele o eco deste esquecimento para a consciência. Senão que significado teria esta perturbação?

Ou talvez se tratasse de uma nostalgia por Aida, não tanto na sua condição de mulher outrora amada, tendo o amor irreversivelmente desaparecido, mas na sua condição de símbolo daquele mesmo amor cuja longa e intolerável ausência lastimava. Um mero símbolo comparável a ruínas abandonadas que suscitam grandes reminiscências históricas!...

- Temos falado muito, eu, Aida, a minha mãe e a minha esposa - retomou Ismael. - Aida contou-nos como fugiu com o marido ao exército alemão, como aliás sucedeu com o corpo diplomático dos diferentes países, e como conseguiram mais tarde refugiarem-se na Espanha à espera de partirem para o Irão. Recordámos juntos os dias de antigamente e rimos imenso...

Por mais que o seu amor estivesse morto, Kamal não podia deixar de sentir no seu coração uma suave nostalgia. E o seu ser mais profundo ressoava com todas as cordas de uma canção de uma doçura tão lancinante quanto infinita... assim sendo, perguntou:

- Como está agora Aida?

- Talvez esteja perto dos quarenta anos. Não, estou enganado, tenho mais dois anos do que ela e por isso deve ter trinta e sete anos. Engordou um pouco, mas não perdeu a elegância de outrora. O rosto continua o mesmo, só os olhos ganharam uma expressão séria e grave. Disse-me que tem dois filhos, um rapaz de catorze anos e uma menina de dez anos.

"Trata-se então de Aida! Não era um sonho e toda aquela história uma ilusão? Talvez dentro de alguns segundos me convença de que o passado jamais existiu... Assim hoje ela tornou-se numa mulher e numa mãe, recorda o passado e dele se ri muito... Mas qual será a verdadeira Aida? E que parte da sua realidade permanece na minha memória? Que mudança absurda sofrem as imagens na memória..."

Teria desejado poder sondar a fundo com o olhar aquela criatura para tentar abarcar o segredo que outrora havia para ele representado a maior das seduções.

Após o regresso de Riyad, Kamal temeu que Ismael abandonasse o seu relato, porém este prosseguiu:

- Perguntou-me por ti...

Riyad dirigiu-lhes um olhar mas, dando-se conta de que os dois falavam de assuntos pessoais, deixou-os entregues à sua conversa e dedicou-se ao narguilé.

Quanto a Kamal, diante daquela frase "Perguntou-me por ti", percebeu estar na iminência de perder qualquer capacidade da sua imunidade como se fosse afligido por uma infecção virulenta. E, fazendo todos os esforços possíveis para parecer espontâneo, indagou:

- Porquê?

- Perguntou-me por todos os amigos do passado e, ao falar de ti, eu disse: "Dá aulas na escola de Silihdar mas trata-se também de um grande filósofo que publica artigos para mim ininteligíveis na revista el-Fikr, que eu nem abro sequer..." E, rindo, perguntou-me se te havias casado, ao que respondi que não".

E Kamal, sem se dar conta:

- E o que mais disse?

- Não me recordo, mas algo nos fez mudar de assunto.

O mal latente ameaçava vir à luz!... Aquele que no passado teve tuberculose deveria proteger-se do frio... Quanto à frase "Perguntou-me por ti", é, pela singeleza da evocação e pela força de penetração, bastante análoga às notas do SibaUi^[143].

De quando em vez, em circunstâncias inesperadas, costuma acontecer que um sentimento deliberadamente apagado pode voltar a atravessar a alma com o mesmo furor de antigamente para depois se dissolver... qual chuva fora de estação. Naquele instante fugaz, sentia que voltara a ser o amante de outrora, avassalado pela paixão, uma paixão bem viva, com todo o corolário de alegrias e mágoas. Mas não corria qualquer perigo sério. Era qual sonhador inquieto, confortado todavia pela consciência de que tudo o que via era um sonho e não realidade. E, no entanto, naquele momento, teria desejado que um milagre do céu ainda pudesse acontecer como encontrá-la de novo por um breve instante em que ela pudesse confessar--lhe que no passado havia correspondido por alguns dias, mesmo que um só, aos seus sentimentos e que o que os apartara fora a diferença de idade ou outras razões... Se aquele milagre houvesse acontecido, teria sido compensado por todas as dores passadas e presentes e ter-se-ia considerado feliz entre os homens de tal modo que poderia declarar

não ter vivido em vão. Mas tratava-se de uma ilusão de luz, como aquela que antecede a morte, e devia contentar-se com o esquecimento, que sempre é vitorioso mesmo quando esconde o desaire, e consolar-se com o pensamento de que não era por certo o único homem na vida traído. Perguntou pois:

- Quando partem para o Irão?

- Deviam partir ontem ou, melhor dizendo, foi o que me disse Aida quando veio ter connosco...

- E como reagiu perante a catástrofe que sobreveio à sua família?

- Evitei naturalmente falar nisso e ela também não fez a menor alusão.

- Olhem! - gritou de repente Riyad Quldus indicando um ponto diante de si.

Eles voltaram-se para o lado esquerdo da varanda e viram uma mulher de aparência esquisita, com cerca de sessenta anos, mirrada, descalça, com uma gallabiyya de homem. Trazia na cabeça um chapéu do qual não escapava um único cabelo; o que levava a pensar que fosse careca ou afectada pela tinha. O rosto parecia murcho, estranhamente cómico, debaixo da densa camada de maquilhagem; faltavam-lhe além disso todos os dentes, ao passo que os olhos miravam em seu torno com uma expressão afável de muda e benigna súplica.

- Uma pedinte? - perguntou Riyad, com interesse.

- Uma louca, talvez - replicou Ismael.

A mulher ficou em pé olhando para as cadeiras vazias à esquerda e depois, escolhendo uma, acomodou-se. Em simultâneo, reparando em todos aqueles olhos pousados nela, escancarou a boca num largo sorriso e disse:

- Boa noite, meus senhores.

Riyad acolheu com prazer o seu cumprimento e respondeu entusiasta:

- Boa noite, hagga^[144].

Ao ouvir estas palavras, ela desatou numa tamanha gargalhada que levou Ismael a recordar a "antiga Azbakiyya" em toda a sua magnificência. Ela então repetiu:

- Hagga, sou assim mesma, se te estás a referir à mesquita "Al-Haram^[145]". Os três homens desataram a rir.

Ela então, estimulada, pediu:

- Ofereçam-me chá e narguilé e AUah vos há-de recompensar.

Riyad bateu as mãos para chamar o empregado, pedindo-lhe o que a mulher solicitara, e depois, inclinando-se para Kamal, sussurrou:

- Algumas novelas começam assim! Entrementes, a velha, rindo satisfeita, disse:

- Esta é a generosidade de outrora... Sois novos-ricos da guerra, meus filhos?

- Não, somos aqueles que a guerra empobreceu, isto é, funcionários públicos, ó haggá - exclamou Kamal a rir.

- Como te chamas? - perguntou-lhe Riyad.

Erguendo a cabeça com um vaidade quase cómica, respondeu:

- Sou Zubaida, a "Sultana", em toda a sua magnificência. -A "Sultana"?!...

- Precisamente... - depois rindo: - ... mas os meus vassalos morreram.

- Que Allah os receba na Sua misericórdia!

- Que Allah conceda a Sua misericórdia aos vivos! Para os mortos, basta acharem-se na Sua presença! Mas vocês... quem são vocês?

O empregado trouxe o chá e o narguilé e depois, aproximando-se da mesa dos três amigos, perguntou-lhes com um sorriso:

- Mas, conhecem-na?

- Não, quem é?

- Zubaida, a mais célebre cantora da sua época, reduzida ao que vêem pelos anos e pela cocaína.

O nome dela reacendeu em Kamal uma lembrança entorpecida.

Riyad, cuja curiosidade atingira o seu acme, propôs aos amigos que se apresentassem à mulher, como ela solicitara, para levá-la a falar. Foi Ismael Latif quem primeiro se apresentou:

- Ismael Latif...

- Um nome bem-vindo! Ainda que se trate de um nome sem sentido! - disse ela torcendo-se de riso enquanto sorvia o seu chá antes que esfriasse.

Os homens riram em uníssono, enquanto Ismael caçoava da mulher baixinho.

Riyad apresentou-se por seu turno dizendo:

- Riyad Quldus.

- Um herege? Também tive um amante copta. Era comerciante de

el--Muski, chamado Yusef Ghattas. Era uma pipa! Mantinha-o preso na cama até ao romper da alvorada!

Ela riu juntamente com eles com o rosto alumiado pela alegria. Depois virou-se para Kamal, que se apresentou:

- Kamal Ahmad Abdel Gawwad.

A mão que estava a aproximar o copo dos lábios deteve-se abruptamente num sobressalto e a mulher, esbugalhando os olhos para Kamal, perguntou-lhe:

- O que disseste?

Riyad Quldus respondeu por ele:

- Kamal Ahmad Abdel Gawwad.

Ela aspirou o fumo do narguilé, depois disse, como se para si mesma falasse:

- Ahmad Abdel Gawwad! Mas são tantos os nomes... como as piastras nos dias de outrora!

Depois, voltando-se para Kamal:

- O teu pai era comerciante em en-Nahhasin?

- Sim... - respondeu Kamal estarrecido.

Ela levantou-se da sua cadeira, aproximou-se dos homens e, detendo-se na frente de Kamal, desatou num riso desmedido em relação às suas forças e gritou:

- És filho de Abdel Gawwad? Filho do meu querido amigo! Mas na verdade não te pareces com ele! É certo que o nariz é idêntico, mas ele era lindo como uma lua cheia durante a noite. Fala-lhe de Zubaida, a "Sultana", e ele contar-te-á tudo o que quiseses saber acerca de mim.

Riyad e Ismael entregaram-se a uma grande gargalhada ao passo que Kamal, sorrindo, se esforçava por superar o embaraço que dele se apoderara. Só então lhe voltaram as palavras que certa vez lhe dissera Yassin acerca das relações entre o seu pai e a cantora Zubaida.

- Como está o sayyed? - perguntou a velha. - Há muito tempo que já não tenho ligação com o teu bairro, que me enjeitou. Moro agora no bairro do Imam esh-Shafei mas sinto uma grande nostalgia de el-Hussein e de tempos a tempos vou visitá-lo. Estive doente durante tanto tempo que até

os vizinhos se fartaram e, se não fosse para evitar as repreensões, ter-me-iam atirado ainda viva para o túmulo!... Como está o sayyedt Kamal, acabrunhado, respondeu:

- Morreu há quatro meses!
Franzindo levemente o sobrolho, ela exclamou:
- Que Allah o receba na Sua misericórdia! Que perda! Era um homem fora do vulgar!
Voltou depois para o seu lugar e de súbito desatou de novo a rir.
O dono do café apareceu à entrada da varanda e disse-lhe ameaçador:
- Chega de risada! Porque nos calámos, eis que ele entra com o seu burro!^[146] ... Agradece a generosidade dos senhores. Mas, se te apanho outra vez a fazer alarido, é a porta que te espera...
A mulher manteve-se calada até o homem desaparecer. Depois olhou para eles sorridente e perguntou a Kamal:
- E és como o teu pai ou não és?
E, assim falando, fez com a mão um gesto tão obsceno que os amigos romperam numa gargalhada. Ismael respondeu:
- Ele ainda não casou.
- Parece que és filho de um gabarola - exclamou ela com uma certa desconfiança. Eles riram novamente. Riyad levantou-se e foi-se sentar perto dela dizendo-lhe:
- Foi, para nós, uma honra conhecer-te, ó "Sultana"! Mas gostaria de te ouvir relatar a época do teu "sultanato".

^[141] Em Setembro de 1939, após a Grã-Bretanha ter declarado guerra à Alemanha, houve por parte dos Ingleses uma imperiosa necessidade de consolidar as suas posições no Egipto, sobretudo quando na vizinha Líbia estacionava o exército italiano. Todavia o rei Farouk e a população egípcia, que não simpatizavam com os Ingleses, decidiram não subscrever a declaração de guerra ao Eixo Roma-Berlim. Portanto face a esta situação, o Wafd, o único partido manifestamente contra o nazismo, surgiu aos olhos da Grã-Bretanha como um hipotético aliado. Destarte, a 4 de Fevereiro de 1942, tendo sitiado o Palácio de Abdin com os tanques britânicos e, após terem feito um primeiro pedido ao rei, que permaneceu sem resposta, os Ingleses impuseram um ultimato, no qual se exigia a demissão do governo e a sua substituição por outro governo presidido por en-Nahas paxá. Sem alternativa, o rei viu-se coagido a aceitar.

^[142] Em inglês no texto.

[143] Conhecido leitmotiv da música árabe que desperta melancolia.

[144] Título que se atribui a uma senhora que efectuou a peregrinação a Meca.

[145] Jogo de palavras a volta do termo Al-Haram que se refere à Grande Mesquita de Meca e que neste contexto quer significar algo ilícito do ponto de vista religioso.

[146] Expressão idiomática da linguagem corrente no Egipto que se refere a uma situação s que a boa educação em demasia faz com que certas pessoas abusem de forma impudente.

CAPÍTULO 41

Faltavam uns vinte minutos para o começo da conferência. A sala de Ewart estava praticamente cheia. O professor Rogers, como dissera Riyadh Quldus, era um professor famoso e a sua preparação evidenciava-se sobretudo quando falava de Shakespeare!

Dissera também que a conferência não seria de todo desprovida de aspectos políticos, mas que importância podia isso ter quando o conferencista era Mr. Rogers e que se falava de William Shakespeare?

Contudo Riyadh estava bastante tenso. Se não tivesse sido ele a convidar Kamal, provavelmente o amigo não teria vindo! A tristeza de Riyadh era aliás natural naquele momento num homem tão cativado pela política.

A dado momento, segredou ao ouvido de Kamal com visível emoção:

- Makram foi afastado do Wafd. Como podem ocorrer coisas do género?!...

Kamal, que não conseguia refazer-se da notícia que acabara de receber, meneou a cabeça, confinado a um triste mutismo.

- É uma catástrofe nacional, Kamal! As coisas não deveriam afundar-se num tal grau de baixeza!...

- Sim, mas quem é o culpado?

- En-Nahas!... Pode ser que Makram seja arrebatado mas a corrupção que se entranhou no governo é uma realidade que não pode continuar abafada.

Kamal, com um sorriso, respondeu:

- Deixa estar a corrupção do Governo!... Makram não se insurgiu tanto devido à corrupção quanto devido à perda da sua influência!...

Riyad então, com aparente condescendência:

- Ter-se-ia Makram, o grande combatente, vendido por um motivo tão insignificante?

- Bem que te vendeste por um motivo igualmente insignificante!... - acrescentou Kamal sem conseguir reprimir um sorriso.

Mas Riyadh, grave, acrescentou:

- Responde-me!

- Makram é arrebatado! Poeta... cantor! Para ele, ou é tudo ou é absolutamente nada... Percebeu que a sua lendária influência estava

em decadência e revoltou-se... depois tomou posição contra os outros membros do Conselho, criticando abertamente as leis extraordinárias! Toda a forma de entendimento ou colaboração é agora impossível! É deveras um acontecimento desagradável!

- E qual será o resultado?

- Sem dúvida, o Palácio abençoa esta nova cissão do Wafd... e o rei, a seu tempo, fará com que Makram também seja resgatado, como fez com outros antes dele... Doravante, veremos Makram no seu novo papel ao lado das minorias políticas e dos homens do Palácio... por outro lado, cabe-lhe fazer isso ou retirar-se para a vida privada! Talvez seja execrado como en-Nahas ou mais ainda... há ali alguns que sempre odiaram o Wafd devido à presença de Makram embora agora se alinham ao seu lado com o desígnio de destruir o partido. Não é possível predizer o que a seguir acontecerá!...

E Riyad, abespinhado:

- Uma situação horrível! Ambos estão errados, quer en-Nahas quer Makram! Estou muito pessimista a esse respeito! - depois retomou baixinho: - Os Coptas não terão mais nenhum refúgio a não ser que se amparem na fortaleza do inimigo declarado: o rei! Um refúgio que no entanto não lhes será oferecido por muito tempo... E, se o Wafd começar a perseguir-nos como já os outros partidos fizeram, o que será de nós?...

Kamal, com aparente simplicidade:

- Porque levas as coisas a um tal extremo? Falar de Makram não significa falar dos Coptas e os Coptas não são Makram... Trata-se de um homem já acabado, ao passo que os princípios nacionalistas do Wafd se hão-de manter sempre...

Riyad, meneando a cabeça com triste ironia, respondeu:

- Isso é o que escrevem nos jornais mas a verdade é aquela que eu digo... Os Coptas têm tido a impressão de serem afastados do Wafd, por isso procuram a segurança e receio que não a achem nunca... A política criou--me um novo problema análogo àquele religioso... e, assim como repelia a religião com a mente e a perseguia com o coração, considerando-a um vínculo nacional, agora, da mesma forma, repelo o Wafd com o coração e per-sigo-o com a mente... Se digo que sou wafdist, engano o meu coração e, se digo que sou um inimigo do Wafd, atraíço a minha razão... É uma tragédia na qual nunca havia

pensado... É claro que nós, Coptas, estamos condenados a viver numa eterna cissão, mas, ainda que a nossa comunidade se reduzisse a uma só alma... esta ficaria louca!...

Kamal sentiu revolta e dor; naquele instante, as várias comunidades humanas apareciam-lhe todas como actrizes de uma farsa com um desenlace trágico!... Com uma voz desprovida de qualquer convicção, disse:

- Talvez seja só um falso problema se se considerar Makram principalmente como um homem político e não como um representante de todos os coptas!

- E, quanto aos Muçulmanos, consideram-no também assim?

- É assim que eu o considero!...

Apesar da tristeza, Riyad sorriu e acrescentou:

- Falo dos Muçulmanos, onde é que entras aí?

- Acaso não temos a mesma opinião, quero dizer, tu e eu?

- Sim, mas com uma pequena diferença, que é o facto de tu não pertenceres à minoria! - depois sorrindo outra vez: - Se tivesse vivido na época das conquistas muçulmanas e se pudesse enxergar o futuro, teria aconselhado todos os coptas a abraçarem a religião de Allah!... - prosseguiu descontente: - Mas tu nem me ouves!

Era verdade... os olhos de Kamal estavam apontados para a entrada da sala...

Riyad olhou para aquela direcção e viu uma rapariga na flor da juventude que envergava um simples fato cinzento de estudante; estava sentada num dos lugares reservados às mulheres.

- Conhecê-la?...

- Não sei...

Não houve maneira de continuar a falar porque o conferencista entrou e na sala elevaram-se os aplausos. A seguir, fez-se um silêncio total: naquela situação, até mesmo um acesso de tosse seria considerado uma falta grave!

O director da Universidade americana apresentou o conferencista com um discurso preparado e o homem começou a falar.

Durante a maior parte do tempo, Kamal não conseguiu desprender os olhos da cabeça da jovem, intrigado e como que a sonhar...

Vira-a já acidentalmente quando entrara e a aparência da rapariga surpreendera-o. Arrancara-o à corrente dos seus pensamentos

fazendo-o recuar no passado, cerca de vinte anos, para depois restituí-lo ao presente anelante. Parecera-lhe, num primeiro instante, avistar Aida... mas aquela jovem, que não teria mais de vinte anos, não podia ser ela. Não tivera tempo de contemplar os seus traços, mas todo o conjunto era mais do que suficiente: o formato do rosto, a estatura, a silhueta, o resplendor dos olhos... por certo, nunca vira olhos idênticos salvo no rosto de Aida... talvez fosse a sua irmã? Foi aquele o primeiro pensamento que atravessara a sua mente: Budur! Desta vez, o nome não lhe escapara... e, de súbito, recordara-se do carinho que ela sempre nutrira por ele num passado remoto. Mas era absolutamente de excluir que ela se lembrasse dele, se devesse se tratar de Budur... O certo é que a sua imagem havia como que despertado o seu coração, transportando-o, mesmo que por um instante só, para a intensa vida sentimental de que gozara outrora.

Dominado pela emoção, Kamal não conseguia ouvir o conferencista a não ser por curtos instantes e toda a sua atenção permanecia concentrada na cabeça da rapariga... enquanto ele se afogava num mar de recordações, saboreando pacientemente todos os sentimentos que manavam do seu ser.

"Tenho de segui-la para saber quem é! Não tenho qualquer finalidade mas quem está aborrecido deleita-se a caminhar! Só desejo ardentemente qualquer coisa capaz de eliminar da minha alma a densa camada de ferrugem que a recobre!"

Permaneceu por isso vigilante, meditando no seu projecto.

Teria a conferência sido comprida ou breve?... Não era capaz de o dizer... Mas, assim que terminou, Kamal confessou a Riyad a sua intenção e, após ter-se despedido dele, começou a seguir a rapariga que avançava graciosa com a sua silhueta esguia... Impossível comparar o encantamento da jovem com o de Aida, do qual já não tinha certezas; pelo contrário, os dois vultos eram praticamente idênticos.

Recordava os cabelos de Aida cortados "à la garçonne"^[147] ao passo que a rapariga os tinha bastos e entrançados... só a cor negra se lhes assemelhava, sem dúvida alguma.

Nem quando chegaram à paragem do eléctrico Kamal conseguiu olhar cuidadosamente o seu rosto, tão numerosas eram as pessoas que se amontoavam, pessoas que na sua maioria haviam assistido à

conferência.

A rapariga apanhou o eléctrico número 15 que ia para el-Ataba e enfiou-se na carruagem reservada às mulheres. Kamal subiu para o mesmo eléctrico interrogando-se se a jovem iria directamente para el-Abbasiyya ou se as suas conjecturas eram meras fantasias...

Aida jamais apanhara o eléctrico na sua vida... tinha dois automóveis à sua disposição! Esta infeliz pelo contrário... Foi então invadido por uma tristeza profunda semelhante à que experimentara no dia em que lhe haviam relatado a falência e o subsequente suicídio de Shaddad bey!

Os passageiros do eléctrico desceram em grande parte em el-Ataba e ele próprio parou no passeio não longe da rapariga. Esta olhava para a banda onde era aguardada a chegada do eléctrico e ele pôde assim contemplar o pescoço comprido e delicado. Oh, aquele tempo passado! Notou depois que ela tinha a carnação da cor de trigo e muito luminosa; não era de facto morena como a outra imagem que para sempre se delira! E sentiu a primeira pontada de desgosto desde que iniciara a perseguição. Até então era como se a houvesse seguido para voltar a ver a outra...

Quando chegou o eléctrico que levava a el-Abbasiyya, a rapariga preparou-se para subir mas, tendo visto que a carruagem reservada às mulheres estava por demais cheia, escolheu uma de segunda classe, o que permitiu a Kamal segui-la, sem vacilar, e sentar-se ao seu lado.

Pouco a pouco, o eléctrico encheu-se, as pessoas ocuparam todos os lugares e muitos permaneceram em pé, de tal modo que Kamal sentiu um enorme contentamento por ter conseguido sentar-se ao seu lado. Mas o facto de ela se sentar entre os passageiros da segunda classe fez com que de novo ele se entristecesse; aquilo era incontestavelmente devido ao contraste que derivava da comparação entre duas imagens: a antiga e eterna e a outra ali, perto dele.

Sempre que o eléctrico sobressaltava por um movimento fortuito, que correspondia sobretudo às partidas ou às paragens, o ombro de Kamal roçava levemente no da sua vizinha.

Ele não perdia uma ocasião para observá-la com cuidado, sondando o rosto o mais tempo possível.

Aqueles olhos negros e plácidos de sobrancelhas próximas, aquele nariz direito e grácil, aquele rosto de lua cheia... Era como se tivesse

diante de si Aida! De verdade? Oh, não. Havia, claro está, o contraste entre a cor da carnação e aqui e ali algumas diferenças cuja natureza teria sido incapaz de precisar. E, conquanto entre as duas a diferença fosse deveras mínima, ele apercebia-se desta como uma alteração, leve, da temperatura corporal que permitia recolher a diferença entre a saúde e a doença. Porém, naquele momento, achava-se em absoluto diante da fisionomia mais semelhante à de Aida, pelo menos no que lhe era dado relembrar, e, graças àquele pequeno rosto, voltava-lhe ao pensamento a memória de Aida mais clara do que alguma vez lhe acontecera. E o corpo... seria também ele parecido? Quantas perguntas se colocara ele a esse respeito... aquele corpo achava-se talvez agora diante dos seus olhos... delicado e grácil como o peito... o todo era modesto e discreto.

Nada em comum com o corpo roliço de Ateyya, que ele adorava. Será que, com o passar dos dias, o seu bom-gosto se degradara? Ou antes o seu amor passado estaria em oposição com os seus instintos mais profundos? Seja como for, o seu amor fora feliz visto que no seu coração ainda se iluminava pela recordação.

O contacto fortuito dos ombros favorecia o seu êxtase e a sua meditação cada vez mais profunda. Jamais tocara em Aida e via-a como inatingível. Mas aquela jovem frequentava os mercados e sentava-se nas carruagens de segunda classe, modesta no meio da multidão.

Como estava triste! E aquela pequena diferença entre ambas as mulheres defraudava as suas esperanças e condenava o seu velho amor a permanecer um enigma para sempre.

O revisor apareceu pedindo:

- Bilhetes e passes...

A jovem abriu a mala, pegou no passe e aguardou que o homem chegasse ao seu lado. Aproveitando a circunstância, ele lançou um olhar ao passe e conseguiu discernir o nome: "Budur Abdel Hamid Shaddad... estudante da Faculdade de Letras..."

Já não restavam dúvidas de espécie alguma.

"O meu coração bate forte demais! Se somente pudesse roubar o passe, estaria na posse do rosto mais parecido com o de Aida! Oh, se fosse possível! 'Um professor de trinta e seis anos rouba uma estudante de Letras.' Que título estupendo para os jornais. Um filósofo

frustrado perto dos quarenta anos!... Que idade terá Budur? Em 1926, tinha precisamente cinco anos. Deve pois em breve celebrar os seus vinte e um anos de uma vida feliz? Feliz? Sem palácio? Sem automóvel? Sem criados?... Contava já catorze anos quando a desgraça se abateu sobre a sua família. Uma idade capaz de compreender o significado de tudo e conhecer a dor! A pobre pequena deve ter sofrido, ficado aterrada e sofrido este sentimento cruel que, para mim, é por demais familiar! Em momentos distintos, o sofrimento ter-nos-á reunido como a amizade esquecida."

Quando o revisor chegou defronte da rapariga, Kamal ouviu-a dizer ao estender o passe:

- Aqui está.

A voz chegou aos seus ouvidos qual melodia antiga de um tempo olvidado e que inopinadamente reemergira com toda a suavidade da recordação; o que o levou a reviver momentos "celestiais" consentindo-lhe libertar-se no reino do êxtase e de novo sentir actuais os sonhos do passado! Uma ária quente, melodiosa, cheia de alegre magia!... "Faz-me ouvir a tua voz, porque ela não é só tua... oh, minha amiga infeliz! Por sorte, aquela a quem deveras pertence esta voz continua a desfrutar do bem-estar da sua vida pretérita... Não foi de facto em nada atingida pelas tristezas que submergiram a sua família!

Tu, pelo contrário, desceste até nós, pobre gente de segunda classe... mas já não te lembras do amigo desse tempo, ao pescoço de quem te agarravas numa troca de beijos? Como vives agora, minha pequena?... Acabarás talvez um dia por te tornares professora numa escola primária, como eu?" O eléctrico passou diante do antigo palácio dos Shaddad, no lugar do qual surgia agora um grande prédio moderno. Já havia reparado nele numa das suas visitas a el-Abbasiyya, tornadas raras desde que rompera as relações com aquele bairro, retomadas só nos últimos tempos, quando recomeçara a lá ir para visitar Fuad Gamil el-Hamzawi.

"A própria el-Abbasiyya mudou, como aliás a tua casa, minha pequena... Desapareceram os palácios e os jardins que testemunharam o meu amor e a minha tristeza! No lugar destes, há grandes edifícios pejados de gente, lojas, cafés, cinemas...

Que Ahmad se alegre, ele que segue entusiasticamente as lutas de classes!... Mas como poderei eu alegrar-me pelo infortúnio daquele

palácio e de quem nele residia quando o meu coração está precisamente soterrado sob os seus escombros? Como poderei hoje menosprezar aquela criatura admirável que jamais conheceu o trabalho na vida e a multidão do povo quando, no próprio acto de trespassar a minha alma qual bela ideia, ela sempre encontrou o meu coração prosternado aos seus pés?"

Quando o eléctrico chegou à paragem seguinte à de el-Waili, a jovem desceu.

Kamal seguiu-a e, detendo-se no passeio, observou-a enquanto atravessava em direcção à rua Ibn Zaidun, que se localizava imediatamente à frente da estação. Uma rua estreita, marginada por velhos edifícios habitados pela classe média, e cuja superfície asfaltada estava recoberta de terra e de calhaus e papéis dispersos. A jovem entrou na terceira casa à esquerda por uma porta estreita ao lado de uma engomadaria.

Kamal ali permaneceu, triste e atormentado, contemplando a rua e a casa.

Era pois aquele o sítio onde morava a Saneyya hanem, a mulher de Shaddad bey!

Um apartamento cuja renda não excedia os três guines por mês!

Se somente ela saísse à varanda para que ele pudesse contemplá-la e avaliar a intensidade da mudança (sem dúvida assinalável) que nela se operara! Talvez conservasse a recordação da graça cheia de classe com que se habituara a abandonar o salamlik para ir ter, de braço dado com o esposo, ao sítio onde a aguardava o automóvel, ondeando altiva no seu casaco macio e olhando em seu redor com um olhar majestoso e igualmente cheio de firmeza e de bondade.

Jamais o homem conhecerá um inimigo mais devastador do que o tempo.

Aquele era o apartamento em que Aida morara durante a sua estada no Cairo. Talvez se sentara naquela velha varanda à noite e partilhara com a mãe e a irmã a única cama. Sobre isso não restavam dúvidas...

"Se pelo menos tivesse sabido atempadamente da sua presença! Se pudesse tê-la encontrado após tantos anos! Teria sido para mim importante vê-la já liberta da sua tirania para conhecê-la na sua realidade mais profunda e, por conseguinte, para me conhecer a mim mesmo também. Mas infelizmente não me surgiu essa oportunidade

rara..."

[\[147\]](#) Em francês no texto.

CAPÍTULO 42

Kamal estava sentado no meio dos alunos e das alunas do Departamento de Língua Inglesa da Faculdade de Letras, aplicado a ouvir a aula do professor inglês.

Não era aquela a primeira ocasião em que assistia à aula e, ao que lhe pareceu, nem a derradeira sequer.

Não tivera a menor dificuldade em ser admitido, na qualidade de ouvinte, para fazer o curso vespertino que se realizava três vezes por semana; ademais o professor acolhera-o entusiasticamente ao saber que era professor de inglês. É evidente que era um tanto esquisito ele frequentar aquelas aulas nos finais do ano lectivo, mas Kamal justificara-se ao professor afirmando que estava a desenvolver uma investigação para a qual necessitava de seguir aquelas aulas ainda que tendo perdido já muitas delas.

Através de Riyad Quldus, que, por seu lado, se informara junto do secretário da Faculdade, um amigo seu, Kamal ficara a saber que Budur estudava naquele Departamento...

O seu fato distinto, os óculos de armação dourada, a sua estatura elevada, a sua silhueta esguia, os grandes bigodes, os escassos cabelos brancos que se notavam nas têmporas, a cabeça e o nariz grandes, tudo isso parecia chamar os olhares, especialmente porque ele se sentava no meio de um reduzido grupo de jovens.

Pareciam muito curiosos e observavam-no com atenção, deitavam-lhe olhares que o atarantavam; parecia quase ouvir as observações e os comentários que dentro deles se agitavam e cujo teor conhecia melhor que ninguém!...

Ele próprio se admirava por se ter atrevido a dar aquele passo extraordinário e se ter arremessado para aquela aventura sem se inquietar nem com a cansaça nem com a situação crítica que teria de encarar.

Mas quais eram, na realidade, os reais motivos que o haviam impellido e qual o seu intuito? Teria sido incapaz de dizer algo de concreto a tal respeito; no entanto, mal havia avistado um raio de luz alumiar a cerrada escuridão da sua existência, lançara-se de imediato arrastado pelas medonhas forças do desespero, do desejo e da

esperança, sem em nada ponderar: nem sequer nas dificuldades com que se depararia ao avançar no seu caminho, por um lado rodeado pela austeridade das tradições e por outro, pelos jovens prontos a zombarem dele.

Afundado até ao pescoço no desespero e no tédio, Kamal principiara a seguir a única coisa na qual estava certo de topar alguma diversão, e que diversão! Uma lufada de vida, e que vida!

Ademais, era para ele bastante ter reencontrado o interesse pelo tempo, o anseio pela esperança, a espera da alegria! Mesmo o seu coração, antes praticamente morto, voltara agora a pulsar!

Compreendia que era pouco o tempo de que dispunha... pois, o ano lectivo chegava inexorável ao seu fim mas a sua tentativa não fora inútil!

De facto, Budur, como todos os demais estudantes, reparara nele e talvez, à semelhança das outras, também ela murmurasse a seu respeito.

Em mais de uma ocasião, os olhos de ambos se haviam cruzado e talvez ela tivesse entendido o interesse e a admiração que nele ardiam... Quem mais poderia sabê-lo?

Além do mais, no final das aulas, apanhavam o mesmo eléctrico para el-Ghiza e depois aquele para el-Abbasiyya, sentando-se não raro lado a lado. A rapariga já o conhecia bem e este era um admirável êxito para quem, como ele, estava totalmente afastado daquele bairro, sobretudo quando ele era um professor muito atento à dignidade, à rectidão e ao comportamento exigido pela profissão.

Mas qual seria a finalidade de tudo aquilo?...

Ele não tinha pressa de realizá-lo. Após um período em que ela quase lhe faltara, a vida retomava pujança nele e almejava, com todas as forças da sua alma atormentada, voltar ao homem de antigamente, capaz de emoções e de sentimentos, com o espírito ocupado por pensamentos grandiosos, com os sentidos iluminados pelas imagens. Tentava, para além disso, graças àquela magia, olvidar o seu desassossego, o seu mal-estar, a irresolução diante de tantos enigmas irresolúveis... como que embriagado com um néctar mais delicioso e menos nocivo do que o vinho.

Na semana precedente, ocorrera algo que nele causara uma emoção extraordinária. Estando encarregue de vigiar os alunos durante a hora

da actividade desportiva na escola de Silihdar, não conseguira chegar atempadamente à Faculdade e logo entrara atrasado na sala de aula. Ao avançar em bicos dos pés para evitar fazer ruído, Kamal cruzara os olhos da jovem por um instante fugaz e mágico.

A seguir, ela baixara timidamente as pálpebras. Não fora por certo um simples olhar casual de olhos indiferentes, pois parecera-lhe que Budur experimentara um sentimento de timidez. Tal coisa teria acontecido caso a paixão que transparecia não houvesse tido o menor efeito?!

A pequena começava a ruborizar ante os seus olhares, talvez houvesse já compreendido que não se tratava de olhares inocentes, lançados por puro acaso...

Aquilo trouxera-lhe à mente uma multidão de lembranças, um rio de imagens, que de novo o haviam levado a sonhar com Aida! Contudo, não sabia explicar a razão! Na verdade, Aida jamais baixara os olhos com pudor na presença dele! Talvez fosse algo distinto que o instigara a pensar nela... um gesto, um olhar ou aquele enigma mágico que denominamos alma!

No dia anterior, sucedera um facto igualmente relevante. "Vê como a vida volta para ti! Antes, nada mais para ti tinha importância, ou melhor, só davas importância a vãs enigmas como a vontade de Schopenhauer, o absoluto de Hegel, o salto vital de Bergson. A vida inteira era surda, insignificante. Repara hoje como um simples gesto, um olhar, um sorriso são capazes de fazer com que a terra estremeça!"

O facto ocorrera indo ele a caminho da Faculdade, pouco antes das cinco da tarde, ao passar pelo jardim de el-Orman.

De súbito, enxergara, surpreso, Budur e mais três raparigas, que, num banco, aguardavam pela hora da aula. À sua chegada, as estudantes haviam principiado a olhar para ele e, como já sucedera na sala de aula, os seus olhos e os de Budur haviam-se cruzado num olhar intenso. Teria desejado cumprimentá-las, uma vez chegado junto das moças, mas o caminho forcara-o a virar, desviando-se das jovens, como se aquele caminho houvesse recusado participar naquela aventura sentimental inesperada!...

Após ter ultrapassado um pouco o sítio onde estavam sentadas, Kamal, voltando-se, notara que as amigas sussurravam a rir algo ao ouvido de Budur e esta mantinha o rosto apoiado na mão como se

pretendesse escondê-lo! Que significado teria aquela cena encantadora?!

Tivesse Riyad estado ali ao seu lado, ter-lhe-ia dado uma explicação acertada... mas não era necessária a finura de Riyad... não restavam dúvidas de que estavam a falar dele em modos tais que a haviam levado a encobrir o rosto por pudor! Como explicar de modo diverso tal coisa? Talvez "os seus olhos houvessem traído o seu amor?"^[148]. Talvez houvesse excedido todos os limites e, sem disso se dar conta, se tornara no objecto das tagarelices delas? Mas o que teria acontecido se as palavras murmuradas se houvessem transformado em indirectas malévolas de que se serviriam aquelas estudantes endiabradas para se divertirem nas suas costas?!

Começara deveras a considerar não mais ir à Faculdade quando, naquela mesma noite, se achara ao lado dela no eléctrico com destino a el-Abassiyya, tal como havia acontecido da primeira vez que a seguira. Havia-a contemplado às ocultas, à espera de que a rapariga se virasse para ele, com o intuito de cumprimentá-la... e adviesse depois o que teria de advir!

Após ter aguardado um pouco, virara outra vez a cabeça para ela e, aparentando estupefacção por vê-la assim tão próxima, havia murmurado amavelmente:

- Boa noite!

Budur olhara para ele, como que admirada... Não estava ligada a Aida a menor lembrança de astúcia feminina... em seguida, murmurara-lhe por seu turno:

- Boa noite!

Dois colegas de turma que se cumprimentavam; não havia mal algum nisso!

Com Aida, jamais tivera semelhante audácia mas era igualmente verdade que em relação a ele sempre fora "a mais velha" e ele "o pequeno ingénuo"!

- Ao que julgo você é de el-Abassiyya!

- Sim...

"Ela não deseja mesmo decidir-se a tomar a iniciativa da conversa!..."

- Tenho pena de só ter podido assistir às aulas nos últimos tempos...

- Sim...

- Espero poder remediar mais tarde as lacunas das aulas que perdi...
A rapariga sorria sem nada dizer.

"Faz-me ouvir uma vez mais a tua voz, é a única nota do passado que o tempo não conseguiu alterar!"

- O que pretende fazer após a licenciatura? Inscrever-te no Instituto de Pedagogia?

Revelando pela primeira vez um certo interesse, Budur respondera:

- Não terei sequer necessidade de me inscrever porque o Ministério precisa de professoras e de professores por causa da guerra e também do novo plano de alargamento do ensino a todos os níveis!

Kamal esperara escutar uma nota apenas e, pelo contrário, fora-lhe oferecida uma melodia completa.

- Então quer tornar-se professora?

- Sim, porque não?...

- É uma profissão árdua... sei alguma coisa sobre isso!...

- É professor, ouvi dizer...

- Sim, mas oh! Esqueci-me de me apresentar: Kamal Ahmad Abdel Gawwad.

- Prazer...

- Mas ainda não me deu a honra de se apresentar...

- Budur Abdel Hamid Shaddad.

- Prazer, menina!

Depois, voltando a falar como que estupefacto por uma circunstância invulgar:

- Abdel Hamid Shaddad! De el-Abbasiyya? Nesse caso, é irmã de Hussein Shaddad?

Os olhos da rapariga haviam fulgurado, cheios de curiosidade:

- Sim...

Kamal rira como que surpreendido com a estranha coincidência e dissera:

- Yaa Salaam^[149]! Era o meu amigo mais querido, juntos vivemos dias lindíssimos. Meu Deus! Assim é a sua irmã mais nova, aquela que brincava no jardim!

A rapariga olhara para ele muito interessada... era impossível que se lembrasse dele!

"Naquele tempo, estavas apaixonada por mim tal como eu pela tua irmã!"

- Não me lembro de nada.
- É evidente, tudo aquilo remonta à época entre 1923 e 1926, ano em que Hussein partiu para a Europa. E o que faz ele actualmente?
- Encontra-se no Sul da França, na zona onde se estabeleceu o Governo após a ocupação alemã.
- E como está? Há muito que não recebo notícias dele, nem uma carta sequer.
- Está bem!

Exprimira-se com o tom de quem quer continuar a falar do assunto, porém, à medida que o eléctrico ladeava o antigo palácio, Kamal interrogava-se se haveria errado ao referir a sua velha amizade pelo irmão. Acaso não significaria circunscrever o campo da sua liberdade de operar para alcançar o objectivo que se propusera?

Tendo o eléctrico chegado à paragem que se seguia à de el-Waili, Budur cumprimentara-o e saíra e ele permanecera no seu lugar como que olvidado de si mesmo.

Ao longo de todo o trajecto, não cessara de observá-la, a cada instante oportuno, na esperança de desvendar o mistério que no passado o enfeitçara. Mas não conseguira descobri-lo embora, muitas vezes, se afigurara estar muito perto... A rapariga parecera-lhe amável, simples, fácil de conquistar, se bem que ele houvesse sentido uma estranha decepção, uma anómala tristeza... e, tivesse ele desejado desposar aquela moça, nenhum obstáculo sério teria encontrado.

Apesar daquela sensível diferença de idade, ou talvez por causa desta, dera-lhe a impressão de ser bem-disposta ou até mesmo estar de acordo. E ademais uma vasta experiência havia-lhe ensinado a não encarar a sua aparência como um obstáculo para o casamento se houvesse deveras pretendido casar. E, se tal fizesse, ver-se-ia a fazer parte, por milagre, da família de Aida!

Mas donde lhe surgira aquele devaneio de mau gosto? Que representava ainda Aida para ele? Na verdade, não era Aida já o que ele queria, mas o segredo que esta escondia e que ele insistia em querer entender. Talvez com o único fito de se convencer de que o melhor tempo da sua existência não fora inteiramente perdido!

E sentira então uma vez mais o desejo, aquele desejo, que o subjugara em tantos períodos da sua vida, de folhear o diário das recordações e de contemplar a caixa de doces que Aida lhe oferecera

na noite do seu casamento. O seu coração enchera-se de uma nostalgia tal que ele se interrogara se ainda seria possível apaixonar-se após ter deslindado o significado do amor e ter analisado os elementos biológicos, sociais e psicológicos. Desde quando, porém, o conhecimento dos venenos impedira o químico que o possui de ser sua vítima como os demais?

Se assim não fosse, porque se teria de tal modo agitado o seu coração?

Experimentara uma manifesta decepção, se bem que entre o passado e o presente existisse um intervalo impossível de preencher, e ele não mais sabia onde se situar: pertencesse ao passado ou ao presente, o seu coração voltara contudo a viver, pelo que o sentia latejar como outrora!

[\[148\]](#) Famosa canção da cantora egípcia Umm Kulthoum.

[\[149\]](#) Literalmente, "ó paz": exclamação largamente utilizada no Egito e que indica espanto, admiração e também ironia.

CAPÍTULO 43

No jardim do chá, jardim cujo céu era dominado por verdes ramos que se entrelaçavam, os patos que atravessavam o lago esverdeado atraíam os olhares e, ao fundo, havia a pequena colina com a gruta!...

Era um dia feriado para a revista O Homem Novo e Sawsan Hammad parecia adorável no seu vestido azul-claro que deixava a descoberto os braços trigueiros. Notava-se o cuidado com que se arranjava para a circunstância: mas com delicadeza e prudência!

Um ano já havia transcorrido desde que ela e Ahmad se haviam conhecido, tornando-se colegas, e hoje estavam sentados a uma mesa, frente a frente, com os semblantes alumiados por um sorriso que brotava da afinidade espiritual deles.

Em cima da mesa, uma garrafa de água e dois copos de dondormam no fundo dos quais sobejava apenas um resto de leite que os morangos haviam tingido de cor-de-rosa...

"Ela é para mim o que de mais precioso existe no mundo! Devo-lhe todas as minhas alegrias e a ela se prendem todas as minhas esperanças! Existe já entre nós uma grande cooperação e somos bons colegas; portanto, embora não tenhamos ainda falado de amor, estou convencido de que este é o sentimento que nos liga.

Começámos juntos na arena da liberdade, trabalhando em uníssono de tal modo que hoje ambos somos candidatos à prisão... Sempre que celebrei a sua beleza, ela fitou-me, esgazeando os olhos como que para se insurgir e franzindo o sobrolho numa muda repreensão, como se o amor se não adequasse a pessoas como nós!

Naquelas ocasiões, sorriu e voltou ao trabalho.

Certo dia, disse-lhe:

- Amo-te... amo-te... julga-o como bem o entenderes!

Ela retorquiou:

- Esta nossa vida é o que de mais sério existe e tu só pensas em ninharias!

- Tal como tu, sou da opinião de que o capitalismo está a agonizar por falta de novos objectivos e que cabe à classe operária "libertar" a sua vontade para pôr em movimento a máquina do progresso, porque os frutos sem dúvida não hão-de cair de per si... Cabe-nos criar a

percepção de dasse... no entanto, acima de todas as coisas, sabes que te amo...

Sawsan, franzindo deliberadamente o sobrolho, acrescentou:

- Insistes em fazer com que ouça coisas que me desagradam...

O facto de estarmos sozinhos na secretaria estimulou-me a acercar-me dela de chofre e, após ter-me debruçado sobre o seu rosto, a dar-lhe um beijo na face.

Ela lançou-me um olhar severo e inclinou-se outra vez para a tradução, do último trecho do oitavo capítulo do volume relativo ao sistema das famílias na União Soviética, obra na qual ambos colaborávamos..."

- Faz tanto calor e estamos em Junho, como será então quando chegar Julho ou Agosto, minha querida Sawsan! - dissera Ahmad.

- Parece que Alexandria não foi feita para nós - retorquira a moça. E o jovem, com um sorriso:

- Alexandria já não pode ser encarada como um local de férias; era-o antes da guerra mas hoje os rumores fazem com que seja um campo de ruínas!

- O professor Adli Karim diz que a maioria dos habitantes fugiu e que as ruas estão pejadas de gatos vadios!..

-É assim mesmo... Rommel e as suas tropas em breve hão-de entrar lá... Após um curto silêncio, Ahmad acrescentara:

- Mais tarde rumará para Suez onde se encontrará com as tropas nipónicas que avançam pela Ásia... e assim sendo consolidar-se-á a época do fascismo análoga à Idade da Pedra!

Sawsan então replicara um tanto abespinhada:

- A Rússia jamais será vencida; as esperanças da humanidade estão a salvo atrás dos Urales! - Sim, mas os Alemães estão às portas de Alexandria!

- Porque é que os Egípcios gostam dos Alemães? - perguntara num suspiro a jovem.

- Porque odeiam os Ingleses... mas não há-de passar muito tempo até que também os detestem. O rei hoje é como se fosse um recluso mas há--de se libertar para receber Rommel e para fazer com ele um brinde à morte da nossa democracia emergente... O caricato é que os camponeses estão persuadidos de que Rommel lhes há-de distribuir as terras...

- Temos muitos inimigos... lá fora os Alemães, cá dentro os Irmãos Muçulmanos e os reaccionários... é tudo a mesma coisa!...

- Se o meu irmão te ouvisse, revoltar-se-ia... porque julga os Irmãos Muçulmanos como os defensores de uma ideologia progressista que critica o socialismo materialista e o há-de humilhar...

- Talvez também no Islão haja uma forma de socialismo, mas trata-se de um socialismo utópico como aquele pregado por Thomas More, Louis Blanc e Saint-Simon! Procura a resposta para o problema das injustiças sociais na consciência individual, ao passo que a solução se acha tão-só no desenvolvimento da própria sociedade... não se interessa pelas classes sociais mas unicamente pelos indivíduos e por conseguinte nada tem a ver com o socialismo científico! Ademais os ensinamentos do Islão estão assentes numa metafísica mítica na qual os anjos desempenham um papel importantíssimo, e não devemos procurar no passado distante a solução para os nossos problemas actuais. Responde deste modo ao teu irmão! Ahmad sorri ao dizer:

- O meu irmão é um jovem instruído, um jurista inteligente. Admira-me que alguém como ele se possa deixar arrebatado pelos Irmãos Muçulmanos.

- Os Irmãos Muçulmanos elaboraram uma extraordinária falsificação: aos intelectuais apresentam o Islão sob um ângulo moderno, às pessoas simples falam do Paraíso e do Inferno e entretanto continuam a espalhar--se em nome do socialismo, do nacionalismo e da democracia!

"A minha querida jamais se cansa de falar dos seus princípios... mas eu disse "a minha querida"? Sim, porque, desde que lhe roubei um beijo, insisto em chamá-la assim. No início, ela insurgia-se, ora com uma palavra ora com um gesto, depois começou a fingir que me não ouvia, como se tivesse perdido qualquer esperança de me conduzir ao arrependimento. E, quando lhe disse que estava impaciente por ouvir palavras de amor vindas dos seus lábios, sempre tão empenhados no socialismo, gritou com menosprezo:

- Aqui está o antigo olhar burguês sobre as mulheres... não é? Então respondi-lhe com uma certa agitação:

- O respeito que tenho por ti é indescritível... Admito que sou o teu aprendiz em tudo o que de mais nobre fiz na minha vida mas sei igualmente que te amo e nisso não há mal algum!

Ao me aperceber que Sawsan já não estava agastada, embora insistisse em parecê-lo, acerquei-me dela com o intuito de a beijar mas, tendo pressentido, não sei muito bem como, as minhas intenções, afastou-me batendo-me no peito. Contudo, consegui beijá-la na bochecha e, ao suceder tal - visto que, se ela o desejasse, facilmente poderia ter-me impedido -, concluí que, bem vistas as coisas, não lhe devia ter desagradado.

Sawsan é uma pessoa admirável, formosa de corpo e de espírito, se bem que esteja mergulhada na política até ao pescoço...

Quando a convidei a dar um passeio no jardim, respondeu-me:

- Com a condição de levarmos o livro para avançar na tradução!

E eu:

- De modo algum, façamos um passeio só para nos distrairmos e trocarmos confidências... senão renego por completo o socialismo!

Talvez o que mais me aborreça em mim, incrustado como estou com os costumes de es-Sukkariyya, é que insista por vezes em encarar as mulheres segundo a visão tradicional burguesa! Em alguns momentos de retrocesso psicológico e de fadiga, parece-me que o socialismo, para a mulher progressista, não passa de uma espécie de presunção, como tocar piano ou embelezar-se! Porém, devo conceder que este ano de convívio com Sawsan produziu em mim uma transformação enorme e depurou-me, de um modo louvável, do espírito burguês enraizado nos recessos de mim mesmo..."

- É de deplorar que tantos dos nossos companheiros tenham de acabar na prisão!

- Sim, minha querida, as detenções são uma "moda" muito disseminada tanto nos dias de guerra como nos de terrorismo: no entanto, a própria Lei não vê mal algum no facto de um cidadão aderir a uma ideologia desde que tal adesão não encerre uma instigação à violência...

E, sorrindo, Ahmad prosseguira:

- Mais cedo ou mais tarde, seremos detidos, a não ser que...

Sawsan olhara para ele, como que para o sondar, pelo que acrescentara:

- A não ser que o casamento nos faça ganhar juízo! Encolhendo os ombros e num tom sardónico a rapariga retorquira:

- Quem sabe se aceitarei desposar um homem falso como tu!

- Falso?!

Após ter reflectido um pouco, ela dissera muito circunspecta e penalizada:

- Não és como eu de origem operária! Lutamos ambos contra o mesmo inimigo mas não o conheces como o conheço... Sofri durante muito tempo devido à miséria. Toquei com as minhas mãos nos frutos abomináveis desta sobre a minha família! Uma das minhas irmãs teve de se debater contra a miséria até morrer... tu, pelo contrário, não pertences à classe operária!

Ahmad respondera com serenidade:

- Nem tão-pouco Engels pertencia...

Sawsan rira abruptamente, pondo em realce a sua feminilidade:

- Como te hei-de chamar? Príncipe Ahmadov?! Não posso negar sem dúvida que tens algo dos príncipes, pois em ti persistem pertinazes resquícios da mentalidade burguesa! Tenho a sensação de que por vezes te sentes vaidoso por pertencer à família Shawkat!

- Enganas-te, estás a ser injusta!... - replicara Ahmad com alguma acerbidade na voz. - Não posso ser atacado por algo que herdei! Tal como não podes ser incriminada pela miséria que sofreste, também eu não o posso ser pela abundância de que sempre beneficiei... quero referir-me àqueles modestos rendimentos que nos permitiram viver sem nada fazer! Não se pode culpar ninguém por ter nascido numa família burguesa! Ao passo que é necessário criticar o imobilismo e o espírito fechado da época!...

A rir, Sawsan respondera:

- Não te zangues! Somos ambos fenómenos naturais analisáveis pela Ciência, não nos devemos questionar sobre as nossas origens... somos responsáveis por aquilo em que acreditamos e aquilo que fazemos. Perdoa-me, Engels! Diz-me antes: estás determinado a continuar a dar aulas aos operários sem olhar às consequências?

- Até ontem dei cinco, além do mais, escrevi dois prospectos importantes e distribuí outras tantas dezenas. Devo ao Governo dois anos de cadeia!... - retorquira Ahmad com orgulho.

- E eu duas vezes mais!...

Nisso, Ahmad pousara a mão com carinho e respeito sobre a dela, delicada e morena.

Sim, amava-a mas não era o amor que o incitava à luta. Mas porque

pareceria Sawsan por vezes desconfiar dele? Fá-lo-ia por faceirice ou estaria preocupada com receio do espírito burguês que supunha escondido nele? Este acreditava nos seus princípios tal como estava apaixonado por ela e não podia abdicar nem de uma coisa nem da outra...

"Acaso não é a verdadeira felicidade encontrar uma pessoa que te compreenda inteiramente e que também consigas compreender sem que entre ti e ela se intrometa qualquer tipo de engano? Adoro-a quando diz: 'Sofri durante muito tempo devido à miséria!'"

Aquelas palavras francas colocam-na acima de todas as raparigas do seu género e ligam-na a mim... mas somos só apaixonados inconscientes que as prisões aguardam no caminho... E certo, poderemos casar e assim evitar as dificuldades, desfrutar de uma vida abastada, no entanto seria uma existência desprovida de alma!... Não raro, os princípios afiguram-se-me como uma maldição que sobre nós se abateu por decreto e sentença do destino!... E contudo são para mim indispensáveis como o sangue e a alma... como se me sentisse o único responsável por toda a humanidade..."

- Amo-te.

- Com que intuito dizes isso?

- Com qualquer intuito e também sem o menor intuito!

- Falas de luta mas, para mim, no teu coração existe apenas a busca da cidade!

- Dividir as duas coisas seria tão absurdo como nos dividirmos!

- Acaso o amor não significa acima de tudo felicidade, segurança, aversão às prisões?

- Nunca ouviste falar do Profeta que noite e dia lutava e, não obstante isso, teve nove mulheres?!

Sawsan estalara os dedos e exclamara:

- Dir-se-ia que o teu irmão te emprestou a sua boca... Que profeta é este?

- O profeta dos Muçulmanos!

- Deixa antes que te fale de Karl Marx que de alma e corpo se dedicava à composição de O Capital, deixando que a mulher e os filhos padecessem de fome e enfrentassem sérias dificuldades!

- Seja como for, era casado!

A água do pequeno lago parecia essência de esmeraldas, soprava

uma suave aragem apesar do mês de Junho... os patos percorriam o pequeno lago alongando o bico para as migalhas de pão...

"Estás muito alegre, a tua amiga 'cansativa' é incansável... ainda mais do que a natureza! Parece-me que corou... talvez haja esquecido um pouco a política e começado a pensar em..."

- Tinha esperança, minha cara colega, de poder ter contigo neste jardim uma amena conversa...

- Mais amena do que aquela que se desenvolve entre nós?

- Quero falar do nosso amor!

- Do nosso amor?

- Sim, bem o sabes!

Seguira-se um longo silêncio após o que Sawsan, baixando os olhos indagara:

- Mas o que queres de verdade?

- Diz antes que queremos a mesma coisa!

- Sim... - respondera ela como que simplesmente para o não contrariar

- Mas que coisa?

- Deixemos de andar às voltas em redor da questão!

"Dir-se-ia que medita... mas quão amarga é a espera por mais curta que seja..."

- Se tudo é já evidente, porque insistes em me atormentar? - respondera.

- Feliz amor o meu! - exclamara Ahmad com um profundo suspiro de contentamento.

Abatera-se de novo o silêncio, uma interrupção entre duas árias musicais. Depois a rapariga prosseguira:

- Só uma coisa me interessa!

- Sim...

- A minha honra.

- A tua e a minha são a mesma coisa - ripostara Ahmad atarantado.

- Conheces bem as tradições da tua gente!... Ouvirás muitas coisas acerca do "nascimento"... da "genealogia"... - acrescentara ela com mágoa.

- Palavras desnecessárias! Julgas-me uma criança?

- Só há uma coisa que nos ameaça: "A mentalidade burguesa"! - rematara Sawsan após uma breve hesitação.

- Não pertenço a ela de modo algum! - replicara Ahmad num tom que o tornara por um segundo muito semelhante ao irmão Abdel Munim.

- Dás-te conta do peso das tuas palavras? Estou a falar de coisas que dizem respeito às relações entre homem e mulher na sua essência individual e social!

- Sei-o perfeitamente!

- Então precisas de um novo dicionário que te explique o significado de palavras triviais como: amor, casamento, ciúme, fidelidade, passado...

- Sim...

"Talvez aquelas palavras nada quisessem dizer tal como poderiam querer dizer tudo. Quantas vezes fora ele investido por idênticos pensamentos! Porém a situação exigia uma coragem enorme... tratava-se nem mais nem menos de examinar tanto o pensamento herdado como o adquirido!... Um exame de tal modo delicado que inspirava pavor... Parecia-lhe ter compreendido o que ela pretendia dizer e talvez Sawsan nada mais estivesse a fazer do que a examiná-lo! Mas também, caso se tratasse disso, não teria recuado... A dor havia-o já ferido, o ciúme aninhara-se já no seu íntimo... mas não teria recuado..."

- Identifico-me com as tuas palavras, mas deixa-me que te diga francamente que aguardara poder encontrar uma rapariga sensível, que não tivesse a mente escrupulosa de um contabilista!

- Alguém que te dissesse: "Amo-te e aceito casar contigo"? - perguntara ela, seguindo com os olhos os movimentos dos patos que nadavam.

- Sim...

- E pensas que teria descido aos detalhes caso não estivesse previamente de acordo com o princípio? - acrescentara a rir.

Ahmad havia então tenuemente estreitado a sua mão ao passo que a rapariga dizia:

- Já sabes tudo, mas gostas de ouvi-lo repetir! - Sim e nunca me canso!

[150] Gelado típico de origem turca.

CAPÍTULO 44

- Trata-se da reputação de toda a nossa família! Seja como for, Ahmad é também um "filho" vosso: referido isso, são livres de julgar como bem vos parecer!...

Khadiga "pregava" movendo os olhos, num movimento lesto e apreensivo, de um rosto para outro dos presentes: do marido Ibrahim, sentado à sua direita, até ao filho Ahmad, na outra extremidade da sala, passando por Yassin, Kamal e Abdel Munim. Ahmad imitou as inflexões da voz da mãe e disse sarcástico:

- Tenham todos muito atenção! Trata-se da reputação de uma família e, seja como for, sou vosso filho!

Com uma voz magoada e carregada de amargura, a mãe respondera:

- Que calamidade é esta, meu filho! Não admities que ninguém, nem tão-pouco o teu pai, te julgue e rejeitas os conselhos ainda que te sejam dados para o teu bem! Tens sempre razão e os outros todos estão sempre equivocados! Deixaste de orar e dissemos "que Allah o guie"; recusaste inscrever-te na Faculdade de Direito como o teu irmão e dissemos "o futuro está nas mãos de Allah!"; anunciaste que trabalharias como jornalista e respondemos-te "podes até tornar-te cocheiro"!...

- E agora desejo casar!... - acrescentou Ahmad num sorriso.

- Casa-te, pois, alegrar-nos-emos todos! Contudo o matrimónio tem as suas condições específicas!

- E quem coloca estas condições?

- A sensatez.

- A minha fez a sua escolha...

- Acaso os dias não te provaram ainda que se não deve confiar simplesmente na sua sensatez?

- Não! E é possível dar conselhos para todas as coisas salvo no que toca ao casamento! É precisamente como a comida!

- A comida! Não hás-de casar apenas com uma rapariga mas com toda a família e nós todos de igual modo, na qualidade de teus parentes, teremos de partilhar o mesmo vínculo.

Ahmad soltou uma gargalhada portentosa:

- Todos? É mais do que se poderia imaginar! Meu tio Kamal não

quer casar... Quanto ao tio Yassin, desejaria ser o único a casar com ela! Riram todos excepto Khadiga e depois Yassin, ainda antes de o seu rosto voltar a uma expressão grave, disse:

- Caso tal servisse para resolver a questão, estaria inteiramente disposto a sacrificar-me!

- Riam, riam, pois! - vociferou Khadiga. - Não percebem que ao rirem é como se estivessem a estimulá-lo, fariam melhor se lhe dissessem abertamente qual a vossa opinião. O que pensam de alguém que deseja desposar "a filha" de um operário de tipografia que imprime a revista para a qual ele trabalha?... Se já é difícil para nós saber que trabalhas como "jornalista" numa revista... pensa no que será contigo agora a queres ligar-te pelo laço do casamento aos seus operários! Qual é a sua opinião, Si Ibrahim?!

Ibrahim Shawkat arqueou as sobrancelhas como se tivesse desejado falar algo, todavia calou-se e a mulher continuou:

- Se esta calamidade acontecer, a tua casa na noite do casamento há-de abarrotar com tipógrafos, contínuos, cocheiros e sabe Allah o que mais!...

Ahmad insurgiu-se, exclamando:

- Não fales assim da minha futura família!...

- Ó Deus dos céus! Acaso podes contestar que este seja o seu meio?

- Casarei com ela somente... não farei um casamento colectivo!

Nisso, Ibrahim Shawkat disse, exasperado:

- Não, não casarás somente com ela! Que Allah te dê tantas inquietações como as que nos dá!

Khadiga, estimulada pela contestação do marido, disse:

- Fui visitá-la à sua casa, como é hábito, dizendo para mim mesma que ia conhecer a esposa do meu filho. E descobri que vivem numa cave, numa rua habitada em ambos os lados sobretudo por famílias judias. A mãe tem toda a aparência de uma empregada profissional; quanto à esposa, não conta menos de trinta anos. É tal como lhes digo, por Allah! Se pelo menos tivesse uma migalha de beleza, desculpá-lo-ia! Por que razão quer desposada? Foi embruxado! Embruxou-o com a sua esperteza! Trabalha com ele naquela maldita revista... Deve tê-lo distraído para pôr alguma coisa no café ou na água! Vão lá, vejam e julguem! Fiquei embasbacada... Ao regressara a casa, após a visita, quase não conseguia enxergar o caminho dada a tristeza enorme e a

mágoa...

- Estás a irritar-me!... Não te desculparei estas palavras.

- Desculpa-me! Desculpa-me! "yaa sayyed el-milaahl"^[151]. A culpa é minha. Durante toda a vida, fui sempre excessivamente crítica e Allah deu-me dois filhos cheios de defeitos! Peço perdão a Allah o Altíssimo!

- Apesar de todas as falsidades que acerca deles inventas, nenhum deles acusa as pessoas de forma iníqua como tu!

- Quem sabe o que amanhã te será dado ouvir, o que virás a saber... Que Allah te perdoe por me teres injuriado!

- Foste tu quem já me injuriou por demais!

- Ela está a pensar no teu dinheiro... e, se não fosses um tonto, ela não teria aspirado a nada melhor que um ardina!

- É redactora da revista e ganha o dobro do meu salário!

- Também ela é "jornalista"! que bonito! E acaso não são as raparigas que não conseguem arrumar marido, porque feias e pouco femininas, as únicas que trabalham?

- Que Allah te perdoe!

- Que sobretudo te perdoe a ti por tudo aquilo de que nos fazes padecer! Yassin, que seguia a conversa, frisando a ponta dos bigodes com a mão, acudiu:

- Minha irmã, ouve-me, é escusado brigar, diremos abertamente a Ahmad tudo o que foi mencionado mas não vale a pena desencadear uma briga!...

Ahmad levantou-se, alterado, e disse:

- Queiram desculpar-me, tenho de me vestir para ir trabalhar!

Assim que saiu, Yassin aproximou-se da irmã e, inclinando-se para esta, exclamou:

- De nada te serve brigar com ele! Não mandamos nos nossos filhos... acham-se melhores e mais inteligentes do que nós. Se quer absolutamente casar, que se case... se for feliz, melhor, caso contrário, será o único responsável pelo que lhe poderá suceder! Quanto a mim, como bem sabes, só tive um casamento sossegado com Zannouba! Pode ser que haja algo de bom na sua escolha! E, além do mais, não são os discursos que fazem com que compreendamos as coisas, mas só a experiência! - Depois acrescentou a rir: - Aliás nem os discursos nem a experiência tiveram o menor resultado sobre mim!...

Kamal comentou aquelas palavras declarando:

- Yassin diz a verdade...

Khadiga lançou-lhe um olhar de repreensão:

- É tudo o que tens a dizer, Kamal? Ahmad gosta de ti, tenta falar a sós com ele...

- Sairei com ele e falar-lhe-ei, mas deixa de brigar... Ahmad é um homem livre e tem o direito de casar com quem bem entender! Acaso podes impedi-lo? Ou tens a intenção de romper definitivamente com ele? - respondeu Kamal.

- A questão é de fácil solução, minha irmã! - acrescentou Yassin. - Casa hoje e divorcia-se amanhã... somos muçulmanos, não católicos.

Khadiga franziu os seus pequenos olhos e, com a boca semicerrada respondeu:

- Pois! Como encontrar melhor advogado para o defender! Tem razão quem afirma que entre um homem e o tio materno existe um laço peculiar!

Yassin riu com estrondo, como era seu hábito, e acrescentou:

- Que Allah te perdoe! Se as mulheres devessem ser julgadas pelas suas I semelhantes, nem uma tão-pouco se casaria!

Apontando para o marido, Khadiga exclamou:

- Foi a sua mãe, que Allah tenha misericórdia dela, quem me escolheu!

- E fui eu quem sofreu as consequências... que Allah tenha misericórdia dela e lhe perdoe! - acrescentou Ibrahim num suspiro.

Sem considerar o comentário deste, Khadiga, angustiada, voltou a dizer:

- Se pelo menos fosse bonita!... Mas ele é deveras cego!... E Ibrahim a rir:

- Tal como o seu pai!

- És um mal-agradecido, como todos os homens!... - respondeu Khadiga virando-se para ele furiosa.

- Pelo contrário, somos pacientes e o Paraíso espera por nós! - acrescentou Ibrahim com toda a quietude.

- Se nele penetrares, será por mérito meu! - vociferou Khadiga. - Fui eu quem te ensinou a tua religião...

* * *

Kamal abandonou es-Sukkariyya com Ahmad.

Nutria por aquele projecto de casamento dúvidas e incertezas... É claro que não se considerava um conservador preso a tradições absurdas, nem pensava ser de todo indiferente aos princípios básicos da igualdade e da humanidade; e contudo a realidade social, com todos os lados negativos que ele não podia suprimir, era, sem dúvida, um dado que de facto ninguém podia fingir desconhecer.

Ele próprio, durante um tempo, apaixonara-se por Qamar, a filha de Abu Sari, o grelhador de pevides. Porém, a rapariga, embora encantadora, quase criara nele um complexo devido ao seu repugnante odor corporal!

Mas Kamal admirava Ahmad, invejava-lhe a coragem, a força de vontade e outros méritos que ele sabia não possuir, em especial a crença em ideais, o fervor no trabalho e a postura no casamento. Era como se o jovem houvesse sido enviado para a família deles para compensar o seu imobilismo e a sua inércia. Todavia, porque persistia ele em atribuir tanta importância ao matrimónio quando para todos os outros era uma questão tão natural como dizer: As-salaamu alaikum...Wa alaikum as-salaamin?

- Aonde vais, meu jovem?!

- Vou para a revista e o tio?

- Vou para a revista el-Fikr para me encontrar com Riyad Quldus!

Mas diz-me, não queres ponderar um pouco antes de dar este passo?...

- Qual passo, tio? Já me casei!...

- A sério?!...

- Sim e vou viver no primeiro andar da nossa casa por causa da crise na habitação...

- Mas é uma autêntica provocação!...

- Sim, mas a minha mulher apenas permanecerá em casa nas horas em que a minha mãe está a dormir!

Após ter recuperado da notícia que acabara de receber, Kamal pergun-tou-lhe, sorrindo:

- E casaste segundo as tradições de Allah e do Seu profeta?

Ahmad, a rir:

- É claro... no matrimónio e no túmulo devem-se sempre seguir os rituais da nossa religião mas para viver devemos apoiarmo-nos na religião de Marx! - depois, ao despedir-se dele, acrescentou:

- Ela há-de te agradar muito, tio, quando a vires poderás avaliar... É uma pessoa admirável na verdadeira acepção da palavra!...

[151] Literalmente "ó rei da beleza": excerto de uma canção que se costuma entoar no cortejo nupcial. Esta expressão é utilizada de forma corriqueira no dia-a-dia. Neste contexto, tem uma conotação claramente irónica.

[152] Literalmente: "Que a paz esteja convosco! E convosco também!". Trata-se da fórmula de cumprimento mais utilizada no mundo árabe e islâmico.

CAPÍTULO 45

Aquela impossibilidade de ter certezas! Assemelhava-se a uma doença crónica. Para Kamal todas as coisas surgiam sob aspectos variados, ainda que não por demais diversos, e a escolha era sempre delicada! O que era verdade tanto para as questões metafísicas como para uma experiência banal da existência diária! Ante cada coisa irrompiam a dúvida e a hesitação... Deveria casar ou não?!... Quando, por um lado, era da opinião de terminar, por outro, continuava a atarraxar-se sobre si mesmo e a ser vencido pela vertigem, a ter o espírito, a mente e os sentimentos em alvoroço... em seguida, aquela voragem desfazia-se e ele engolfava-se no estado de sempre e para si redizia ao infinito aquela pergunta destinada a não achar resposta: "Casar ou não?"

Veze havia em que não podia tolerar a sua liberdade e sentia todo o peso da solidão, farto de viver ao lado de fantasmas, de ideias ocas, suspirando por uma companheira.

A aspiração natural ao amor e à família, que no seu íntimo gemia, reclamava os seus direitos. Em alguns momentos, imaginava-se casado, via-se curado do vício da introspecção, liberto das fantasias obsidiantes, mas, em simultâneo, era como se já se sentisse aniquilado pelas responsabilidades com os filhos, escravo do imperativo de procurar os meios de sustento, prostrado sob o fardo das canseiras ligadas às necessidades básicas! Era então acometido por um desassossego tal que o levava a decidir continuar livre, aceitando toda a espécie de sofrimento, mesmo a solidão mais absoluta!

Mas não gozava por muito tempo da serenidade conseguida, pois de súbito recomaçava a interrogar-se... e assim continuava eternamente!... Como escapar a tudo isso?...

Budur era realmente uma excelente rapariga; agora Kamal cessara de criticá-la pelo facto de ser forçada a apanhar o eléctrico: não havia porventura nascido naquele jardim dos anjos que outrora cativara o seu coração? Era qual meteoro, uma rapariga deveras admirável pela beleza, pelo carácter e pela cultura! E não era inatingível! Parecia portanto a esposa ideal, caso ele se resolvesse a avançar! O que só dele dependia!

E, aliás, tinha plena consciência de que ela ocupava agora o centro da sua atenção: não só era a derradeira imagem da vida que cumprimentava ao adormecer e a primeira que lhe surgia quando despertava mas também jamais desamparava o seu pensamento no decorrer do dia! Logo que tinha o prazer de a avistar, o seu coração principiava a acelerar os seus batimentos reencontrando a melopeia antiga que manava de cordas cobertas de ferrugem...

Ademais, o seu universo não era já o de outrora, um mundo de incerteza, sofrimento e solidão... nele se havia insinuado uma aragem e a água da vida voltara a correr! Se não se tratava de amor, o que mais poderia ser?!

Nos últimos dois meses, havia eleito a rua Ibn Zaidun como a sua meta do final da tarde. Percorria-a vagaroso, com os olhos fixos nas varandas até topar a dela: então trocavam um sorriso de velhos amigos.

No início, o facto parecera casual mas repetira-se como se fosse deliberado. Mal chegava, Kamal encontrava-a lá, sentada na varanda, a ler um livro ou a olhar em seu redor, e ele persuadia-se de que a moça esperava por ele porque, se assim não fosse e se ela não tivesse desejado dar-lhe aquela sensação, não lhe teria sido difícil evitar a sua breve pausa da tarde na varanda.

Porém o que pensaria Budur da sua passagem diária, do facto de ele lhe sorrir e a cumprimentar? Mas devagar... jamais o instinto induz em erro! Ambos desejavam ver o outro e aquilo era bastante para produzir em Kamal uma espécie de arrebatamento, um inebriamento de alegria, de felicidade. Sentia-se totalmente dominado por uma emoção nova nunca sentida antes, que lhe devolia o sentimento de utilidade da vida! Mas toda aquela felicidade não estava livre de angústia. E como poderia ser de outro modo quando ele ainda não tomara a menor decisão e nenhum caminho lhe parecia seguro? No entanto, era como que arrastado por uma enxurrada à qual se abandonara sem saber o seu curso nem o porto de chegada.

Se lhe houvesse subsistido um pouco de racionalidade, deveria ter adoptado, por sua iniciativa, um plano de acção, porém a alegria da vida e o receio de que tudo se pudesse esvaecer, demoviam-no de semelhante coisa fazer. Assim, vivia feliz, sem contudo conseguir arrancar-se à angústia! Riyad havia-lhe aconselhado:

- Avança, esta é a tua oportunidade!

Riyad que, desde que trazia o anel de noivado, falava do casamento como sendo o primeiro e o derradeiro fim do ser humano nesta vida, certa vez dissera-lhe com alguma afectação:

- Atiro-me arrojadamente a esta experiência única que me permitirá alcançar uma visão da vida, nova e mais autêntica, e por conseguinte estender o campo dos meus escritos à vida conjugal e aos filhos... Não será esta a verdadeira vida, ó filósofo que nada à tona da vida?

Mas ele respondera com uma evasiva:

- Hoje és parte interessada, por isso és a pessoa menos adequada para avaliar; e contigo hei-de perder o meu leal conselheiro!

Para Kamal o amor continuava a parecer uma forma de "ditadura" e a vida política egípcia ensinara-lhe a execrar, do fundo do coração, qualquer ditadura!

Na casa da "tia" Galila, Kamal ofertava o seu corpo a Ateyya para logo depois voltar a reavê-lo, como se nada houvesse sucedido! Quanto a Budur, com todo o seu pudor, não ficaria satisfeita se não se assenhoreasse para todo o sempre não só do seu corpo mas igualmente da sua alma! A partir daquele momento, não teria tido outra palavra de ordem que não fosse a da luta árdua para garantir os meios de subsistência para a família e os filhos!

Estranho destino em que a vida, profusa em coisas maravilhosas, se transformaria tão-só num meio para conseguir viver!

Portanto, o faquir indiano pode ser tonto ou demente mas é sem dúvida mil vezes mais avisado que o homem afundado até ao pescoço na difícil busca dos bens de subsistência!

"Desfruta deste amor que tanto te faltava e te fazia sofrer! Estás a revive--lo em teu coração com a sua esteira de suplícios!".

Um dia, Riyad dissera:

- Será, pois, possível que a ames, que poderias casar com ela... e evitas fazê-lo?...

E ele respondera que a amava mas que não lhe agradava a ideia de casar! E Riyad atalhara:

- É o amor que faz com que capitulemos diante do casamento e visto que, tal como afirmas, não te agrada casar, isso significa que não amas realmente aquela moça!

Ao que Kamal acrescentara:

- Amo-a de verdade, mas continuo a detestar o casamento!
- Então talvez receies as responsabilidades?
- Não tens sequer a ínfima parte das responsabilidades que pesam sobre os meus ombros tanto em casa como na escola...
- Então é possível que sejas mais egoísta do que eu podia imaginar!
- Mas acaso não nos casamos apenas porque somos movidos por um egoísmo patente ou encoberto? - contestara Kamal com escárnio.
- Deves estar doente! Vai a um psiquiatra, talvez ele seja capaz de te analisar! - retorquira Riyad.
- Já que falas disso, é engraçado porque o meu próximo artigo, na revista el-Fikr, intitula-se "Como analisar-se a si mesmo"!
- Garanto-te que já não sei o que fazer contigo - exclamara Riyad.
- O que direi eu então constantemente sem saber o que fazer?!

Um dia em que, como era seu hábito, andava a calcorrear a rua Ibn Zaidun, encontrara a mãe de Budur que regressava a casa. Embora não a houvesse mais visto há dezassete anos pelo menos, reconhecera-a de imediato; ela todavia já não era a "senhora" de antigamente. A sua aparência emaciada provocava tristeza; a dor consumira-a antes da idade. Ninguém poderia ter imaginado que aquela mulher destroçada, que ia quase a correr, era a mesma "senhora" que costumava atravessar o jardim do palácio envolta numa auréola de extrema beleza e perfeição... Porém, no seu jeito de mover a cabeça, havia algo que relembrava bastante Aida; pelo que Kamal, ao olhar para ela, sentira o seu coração estilhaçar-se.

Era uma felicidade, ele e Budur terem já trocado um sorriso antes de ter avistado a mãe; após ter visto a mãe da rapariga, ele já não teria sido capaz. De repente, vira-se a pensar outra vez em Aisha e no alvoroço que naquela manhã ela suscitara por causa do extravio da dentadura; esquecera onde a havia colocado antes de adormecer.

No dia anterior, vislumbrara Budur na varanda, em pé ao contrário do usual, e depreendera que se preparava para sair. Kamal interrogara-se se ela desceria só. Pouco depois, a jovem abandonara a varanda e ele voltara a caminhar devagar, absorto nos seus pensamentos. Se houvesse saído sozinha, tê-lo-ia feito, sem dúvida, para se encontrar com ele. Aquele suave triunfo talvez apagasse o agravo por ele sofrido muitos anos antes! Mas teria Aida feito semelhante coisa? Nem tão-pouco se a Lua se houvesse fendido em

dois ante seus olhos?!...

Chegado a meio do caminho, virando-se para trás, Kamal vira Budur avançar na sua direcção... sozinha! Naquele instante, rezeira que até os vizinhos notassem o latejar do seu coração!

Percebera que, em breve, estaria numa situação grave, por isso algo no seu íntimo continuava a instigá-lo à fuga! Uma simples troca de sorrisos poderia ainda ser considerado uma distracção inofensiva e ingénua, mas o facto de se encontrarem teria uma importância bem diferente! Um encontro implicaria assumir graves responsabilidades e tornaria inevitável uma escolha definitiva! Se, pelo contrário, fugisse, ofereceria a si mesmo mais tempo para ponderar... mas não se mexera e continuara a caminhar calmamente, como que drogado, até a rapariga o alcançar no cruzamento do caminho com a rua el-Galal. Ao voltar-se, os olhos de ambos haviam-se encontrado num sorriso e ele cumprimentara-a:

- Boa noite...

- Boa noite...

- Aonde vai? - perguntara-lhe cada vez mais consciente da gravidade do momento.

- Vou à casa de uma amiga minha... para aquelas bandas - respondera a jovem, apontando para a rua el-Malika Nazli.

E ele, com uma certa irreflexão, respondera-lhe:

- Também eu vou para aquelas bandas, permite-me que a acompanhe?

E Budur, disfarçando um sorriso:

- Com prazer!...

Assim haviam prosseguido o caminho, lado a lado... Budur não vestira por certo aquele lindo vestido para ir ter com uma amiga, mas para se encontrar com ele! Eis que o coração de Kamal estava cheio de emoção e de carinho, mas qual deveria ser a atitude a adoptar? Talvez, farta da apatia dele, ela entendesse oferecer-lhe em pessoa uma ocasião propícia... restava-lhe apenas aproveitá-la em sinal de respeito por ela, ou fingir que nada havia, e, nesse caso, perdê-la para sempre!... Uma única palavra tê-lo-ia ligado para a vida toda... mas renunciar a dizê-la tê-lo-ia condenado a uma nostalgia perpétua. Assim viera a achar-se num beco sem saída sem sequer disso se dar conta.

Haviam quase chegado ao fim da rua e a rapariga sem dúvida esperava algo... parecia favoravelmente disposta, quase de acordo como se não pertencesse à família Shaddad! Mas os Shaddad já não existiam! A sua época terminara. Aquela que ali caminhava próxima era apenas uma pobre rapariga que, ao virar-se para ele, achara coragem para lhe dizer com um sorriso meigo:

- Foi um feliz acaso termo-nos encontrado!

- Obrigado...

E depois? Ela parecia aguardar por um novo passo da sua parte... mas o fim da rua aproximava-se... tinha de decidir: ou ficar ligado ou dizer-lhe adeus para sempre. Budur talvez não pudesse conceber que, chegados àquele ponto, lhes fosse possível simplesmente se apartar. Bastaria uma palavra... uma palavra que pudesse ecoar qual promessa... mas já o cruzamento estava a escassos passos e ele, embora consciente da enorme decepção que a rapariga iria sofrer, não conseguia falar. A não ser que se resolvesse no derradeiro instante e a seguir adviesse o que devia advir!

Budur estacara, sorria de um jeito enleado, como que a dizer "chegou a altura de nos separarmos"... e ele sentira um grande mal-estar! Ela estendera-lhe a mão e Kamal estreitara-a entre as suas... depois, após um horrível momento de silêncio, gaguejara:

- Adeus!

A rapariga retirara a mão e continuara por uma viela transversal. Ele estivera prestes a chamá-la de novo; vê-la afastar-se assim, humilhada, após ter sofrido uma rejeição, era para ele um pesadelo intolerável! Se bem que repetisse para si "melhor do que ninguém conheces estas situações infelizes", a sua língua ficara como que embargada. Mas o que o levava então a segui-la ao longo de dois meses?

"Acaso foi amável tê-la recusado, quando foi ela quem veio até junto de ti de forma voluntária? Acaso foi um sinal de grandeza de alma tê-la tratado como fez no passado a sua irmã contigo? E dizes tu que a amas! Talvez sofra tal como numa noite sofreste, aquela noite que permaneceu atrás de ti, mas que, qual brasas incandescentes, porfia em alumiar as trevas do passado com os lampejos de uma dor hoje diluída!"

Kamal voltara a caminhar perguntando-se se a sua verdadeira

intenção seria mesmo não casar para se tornar um filósofo ou antes se a filosofia não era um mero pretexto para continuar solteiro.

Riyad dissera:

- É uma coisa inconcebível! Hás-de te arrepender sem dúvida alguma... Era de facto uma coisa inconcebível mas arrepender-se-ia ele deveras mais tarde?

- Como pudeste romper definitivamente quando falavas dela como se fosse a rapariga dos teus sonhos! - dissera ainda Riyad.

Mas não era a rapariga dos seus sonhos... esta não teria ido de livre vontade ter com ele!

- Já tens trinte e seis anos, em breve já não terás idade para casar... - concluía o amigo.

- E as palavras de Riyad haviam-no abalado e profundamente desanimado!

CAPÍTULO 46

Karima chegou a es-Sukkariyya de caleche, de vestido de noiva, acompanhada pelos pais e pelo irmão. Para recebê-los estavam Ibrahim Shawkat, Khadiga, Ahmad com a esposa, Sawsan Hammad, e Kamal.

Exceptuando as flores que adornavam a sala, nada havia ali que fizesse pensar numa festa de casamento. O pavilhão destinado à recepção estava repleto de jovens barbudos, que cercavam o sheikh Ali el-Menufi. Embora um ano e meio houvesse transcorrido desde a morte do sayyed, Amina não estava presente na boda, mas prometera ir mais tarde para felicitar os noivos. Aisha, pelo contrário, quando Khadiga a convidara para participar no casamento que se realizaria de forma muito silenciosa, abanara a cabeça, como que surpreendida, respondendo com uma voz alterada:

- Só assisto aos funerais!

Khadiga ficara descontente porém já se havia acostumado a tratar a irmã com uma especial benevolência!

O segundo andar de es-Sukkariyya fora redecorado para a ocasião com novas mobílias. Yassin, por seu lado, para arranjar um enxoval apropriado para a filha, vendera até à sua última propriedade e agora nada lhe restava para além da casa de Qasr esh-Shawq.

Karima era de uma formosura extraordinária; assemelhava-se à mãe no tempo do seu sumo esplendor, mormente nos olhos ardentes.

Só na última semana de Outubro atingira a idade para se poder casar!

Khadiga parecia feliz como o deve estar a mãe do noivo. Aproveitando um momento em que ficara sozinha com Kamal, sussurrou-lhe ao ouvido:

- Seja como for, Karima é filha de Yassin e é mil vezes melhor do que a outra esposa, com presença habitual nas prisões!

Na sala de jantar fora preparado um pequeno bufete para a família; aquele reservado aos convidados barbudos de Abdel Munim situava-se pelo contrário no pátio... O jovem esposo não se diferenciava dos amigos porque também ele deixara crescer a barba de tal modo que Khadiga, certo dia, lhe dissera:

- A religião é uma bela coisa mas qual a necessidade desta barba com a qual te assemelhas a Muhammad el-Agami, o vendedor de sêmola?

Os membros da família estavam todos na sala salvo Abdel Munim, que fazia companhia aos amigos, e Ahmad, que, após ter conversado brevemente com o irmão ao acolher os convidados, se juntara aos familiares na sala, e a rir exclamara:

- É como se o pavilhão de recepção tivesse recuado mil anos!

- Mas do que estão eles a falar? - perguntou Kamal.

- Da batalha de el-Alamein... As suas vozes ressoam tão fortes que fazem as paredes estremecerem!

- E o que pensam da vitória dos Ingleses?

- Estão furiosos, é claro... são indistintamente inimigos dos Ingleses, dos Alemães e ainda dos Russos... e como podem ver não têm compaixão do esposo nem tão-pouco na noite de núpcias...

Yassin, muito aprimorado, sentado ao lado de Zannouba, parecia mais jovem do que ela uns dez anos pelo menos.

- Que se dilacerem uns aos outros longe de nós... - disse. - Allah nos deu a graça de não transformar o Egipto num campo de batalha!...

Khadiga, sorrindo, respondeu-lhe:

- Talvez prefiras a paz para te dedicares àquilo que mais te empolga!... - e lançou a Zannouba um olhar carregado de subentendidos, fazendo com que todos se rissem.

Nos últimos dias, com efeito, circulara rumores que Yassin andara a cortejar uma recente inquilina da casa e que Zannouba, tendo-o apanhado em flagrante, exigira que a inquilina se fosse embora.

Yassin, escondendo a sua confusão, respondeu:

- Como posso dedicar-me àquilo que mais me empolga quando em casa vigora a lei marcial?!...

Nisso, Zannouba, despeitada, retrucou:

- Não tens vergonha na frente da tua filha?...

- Mas estou inocente e a pobre inquilina foi vítima de uma injustiça! - disse Yassin quase a suplicar por compreensão!

- E seria eu quem teria cometido uma injustiça!!... Seria eu pois por surgir de súbito enquanto batias à porta da inquilina de noite com o pretexto de te teres perdido na escuridão... oh! Depois de teres vivido durante quarenta anos naquela casa, não sabes ainda onde se encontra

o teu apartamento?!...

Riram-se todos com grande ruído e Khadiga acrescentou com evidente sarcasmo:

- Ele engana-se muitas vezes quando se acha na escuridão!
- Mas também em plena luz...

Nisso, Ibrahim Shawkat, voltando-se para Ridwan, disse:

- E tu, Ridwan, como estás com Muhammad ofendi Hassan? E Yassin, como que a querer emendá-lo:

- Diz antes Muhammad ofendi "zift"[\[153\]](#)

Ridwan então insurgiu-se com uma voz estrangulada:

- Está a desfrutar da riqueza do meu avô que a minha mãe herdou!
- Herança não descurável - sublinhou Yassin. - E, com isso tudo, sempre que Ridwan vai ter com a sua mãe para lhe pedir algum dinheiro para se divertir ou por outra razão qualquer, vê-se diante daquele insolente que começa a fazer contas com ele!

- Todavia és o seu único filho! - disse Khadiga a Ridwan. - Faria melhor em te deixar gozar do seu dinheiro enquanto ainda está viva.

Depois, para mudar de assunto:

- Não seria tempo de também tu casares? Ridwan esboçou um sorriso misterioso e respondeu:

- Quando casar o meu tio Kamal!
- Já não tenho esperanças em relação ao teu tio Kamal; contudo não o imites!

Kamal acompanhava a conversa com um crescente ressentimento que se esforçava por disfarçar. Khadiga perdera todas as esperanças a seu respeito, mas bem mais grave era o facto de ele próprio já não conseguir ter esperanças em si mesmo. Deixara de passar pela rua de Ibn Zaidun, testemunhando com isso ter plena consciência da sua falta!

Porém, continuou a ir até à paragem do eléctrico, donde lhe era possível observar Budur na varanda sem que esta se apercebesse. O desejo de vê-la e o amor que ainda por ela sentia eram incontestáveis tal como a sua desconfiança e a sua quase repugnância pela ideia do matrimónio. O próprio Riyad dissera-lhe a este propósito:

- Estás doente e recusas tratar-te!

Ahmad Shawkat perguntara a Ridwan num tom recheado de subentendidos:

- Achas que Muhammad Hassan continuaria a fazer contas contigo se os Saadistas^[154] estivessem no governo?

Furioso, Ridwan replicara:

- Actualmente, não é o único a querer fazer contas comigo! Mas, paciência, é apenas uma questão de dias ou, no máximo, de algumas semanas!

- Mas achas que os dias do Wafd estão verdadeiramente contados tal como os seus adversários declaram? - perguntou-lhe Sawsan Hammad.

- Os dias do Wafd dependem da vontade dos Ingleses... Seja como for, a guerra não durará para sempre e virá o momento de acertar contas!...

- Os principais culpados por esta tragédia são aqueles que apoiaram os fascistas para apunhalar os Ingleses pelas costas... - acrescentou Sawsan séria.

Khadiga, que observava Sawsan com um olhar crítico não desprovido de uma certa ironia, estarecida por ouvi-la falar "como os homens", não se pôde conter sem que exclamasse:

- Julgava que estávamos numa festa de casamento, porque não falam de assuntos mais apropriados...

Sawsan calou-se, sem objectar; Ahmad e Kamal trocaram um sorriso e Ibrahim Shawkat disse:

- Estes jovens têm desculpa porque em nossa casa as cerimónias nupciais já não merecem tal nome! Que Allah tenha misericórdia do sayyed Ahmad e o receba nos Seus vastos paraísos!

Yassin, com uma expressão triste, fez-lhe eco:

- Quanto a mim, casei três vezes mas nunca tive direito a um cortejo nupcial!

- Pensas em ti e esqueces-te da tua filha!... - insurgiu-se Zannouba ofendida.

- Fá-lo-ei talvez no quarto casamento se Allah assim o quiser... - respondeu o marido a rir.

- Adia este teu projecto até às núpcias de Ridwan! - ironizou Zannouba. Ridwan enfureceu-se mas não proferiu uma palavra.

"Que a maldição de Allah se abata sobre todos vós e também sobre o casamento; será que não entendem que jamais me casarei? E que desejaria matar quem me envolve neste género de conversas?"

Após um breve silêncio, Yassin prosseguiu:

- Quem me dera ficar no cocktail das senhoras e não descer para o meio dos barbudos que me assustam!

- Se soubessem a maneira como te comportas, lapidar-te-iam!... - disse pertinentemente Zannouba.

- As suas barbas mergulham nos pratos e quem sabe onde irão acabar!... E o meu tio Kamal, o que pensa dos Irmãos Muçulmanos, agradam-lhe? -perguntou Ahmad escarninho.

- Só há um deles que me agrada!... - respondeu Kamal a sorrir. Sawsan voltou-se para a esposa e perguntou-lhe carinhosa:

- E o que pensa Karima acerca da barba do seu marido?

Karima escondeu um ténue sorriso, baixando a cabeça sobre a qual trazia uma pequena coroa e manteve-se silenciosa; então Zannouba respondeu por ela:

- São raros os jovens que têm igual fervor religioso ao de Abdel Munim!

- Gosto do seu fervor, que se alimenta do sangue da nossa família, mas não gosto da sua barba! - interveio Khadiga.

Ibrahim Shawkat disse então a rir:

- Devo admitir que os meus filhos, o crente e o renegado, são ambos doidos!

Yassin rebentou numa gargalhada estrondosa e disse:

- Também a loucura se alimenta do sangue da nossa família!

Face ao olhar indignado de Khadiga, e antes ainda que esta abrisse a boca, Yassin disse em jeito conciliador:

- Quero dizer que o doido sou "eu"... mas penso que também Kamal é! No entanto, se isso te agrada, serei o único doido!

- É a pura verdade!

- Achas que é uma coisa sensata para um homem impor-se a si mesmo o celibato para se dedicar à leitura e à escrita?

- Mais tarde ou mais cedo, há-de casar e será o mais atilado dos homens.

Nisso, Ridwan perguntou ao tio Kamal:

- Porque não casas, tio? Gostaria de pelo menos conhecer a razão da tua renitência para me poder defender caso necessite!

- Acaso tens intenção de renunciar ao casamento? - interveio Yassin.

- Nunca tal permitiria! Mas aguarda antes pelo vosso regresso ao

poder e prepara-te para um brilhante casamento político!

Kamal, pelo contrário, disse ao sobrinho:

- Se nada te impedir, aconselho-te a casar brevemente...

"Que belo jovem! Talvez esteja destinado a um futuro glorioso e afortunado! Se na sua época Aida o tivesse visto, ter-se-ia apaixonado por ele. E, se este lançasse um olhar a Budur, esta teria enlouquecido de amor por ele!"

E, enquanto todos pensavam em confessar o amor que sentiam, ele apenas se limitava a vaguear e a interrogar-se se devia ou não casar!... Toda a vida afigurava-se-lhe como uma obscura incerteza... e não era nem uma oportunidade a aproveitar nem uma oportunidade desperdiçada! A natureza do amor era simplesmente luta e sofrimento. Se "ela" pelo menos tivesse casado para o libertar da sua incerteza e da sua dor!...

Na sala apareceu então Abdel Munim, precedido pela sua barba... e disse:

- Façam o favor de se dirigirem para o bufete! A festa de hoje está limitada ao estômago...

[153] A palavra zift quer dizer "alcatrão" ou "lama". Neste contexto, tem uma forte carga pejorativa porque brinca com o significado do apelido Hassan ("bom").

[154] Termo que deriva do nome de Saad Zaghlul e se refere aos membros do partido saadista criado, após a segunda cisão do Wafd, em 1938.

CAPÍTULO 47

Kamal caminhava sem objectivo pela Rua Fuad I... Eram cerca de dez horas da manhã de sexta-feira: a via estava portanto atravancada de transeuntes e de pessoas, homens e mulheres, imóveis à espera. O ar, como muitas vezes sucede em Novembro, era ameno e exacerbava o desejo de andar. Ele ganhara o costume de aliviar, no seu dia feriado, o fardo da sua solidão amalgamando-se à turba, numa errância sem fim, divertindo-se a observar as pessoas e as coisas. Ao longo do caminho acontecia-lhe por vezes deparar-se com alguns dos seus jovens alunos que o cumprimentavam levando a mão à cabeça e ele com um sorriso retribuía-lhes a saudação de forma igualmente entusiasta. Quão numerosos eram os seus alunos! Alguns já haviam arranjado emprego, outros estavam inscritos na universidade mas a maioria frequentava ainda a escola primária ou a secundária. Catorze anos consagrados à ciência e ao ensino não era coisa pouca!...

A sua maneira habitual de se apresentar não se alterara quase nada: o terno elegante, os sapatos brilhantes, o fez muito hirto sobre a cabeça, os óculos de armação dourada e os fartos bigodes. Até o seu sexto escalão não se alterara desde há catorze anos, se bem que corressem rumores de que o Wafd tinha intenção de fazer justiça à classe de trabalhadores lesados nos seus direitos!

A única coisa que nele se alterara era a cabeça pois que os cabelos brancos haviam chegado já às têmporas!

Kamal parecia receber com benevolência os cumprimentos afectuosos dos alunos; de facto estimavam-no e respeitavam-no, privilégio este de que mais nenhum outro professor gozava e que ele conquistara apesar da cabeça e do nariz grandes, da indisciplina e da insubordinação de que estavam animados os estudantes daquele tempo.

Quando naquele seu vaguear sem escopo Kamal chegou ao cruzamento da Rua Emad ed-Din com a Rua Fuad, viu-se de súbito cara à cara com Budur. O seu coração pôs-se a palpitar como se a presença da rapariga nele houvesse feito ressoar uma sirene de alarme! O seu olhar ficou preso por um instante... preparou-se para sorrir como que para fugir à situação embaraçante, mas Budur desviou

o olhar fingindo não o ter visto e passou perto com uma expressão de fria indiferença! Só então Kamal se deu conta de que estava acompanhada por um jovem que segurava o seu braço.

Parou de chofre e seguiu-a depois com o olhar. Sim, era realmente Budur, com um bonito casaco preto, e o seu amigo, não menos elegante do que ela, não devia ter nem trinta anos!

Kamal fez um enorme esforço para se conter, o encontro surpreendera-a e, profundamente abalado, só conseguia interrogar-se com muita curiosidade quem seria aquele jovem. Por certo não era o seu irmão, nem um namorado, já que os namorados não costumam alardear a sua paixão na Rua Fuad I, especialmente numa sexta-feira de manhã!... Será mesmo?!... O seu coração palpitava subjugado pela angústia... Pôs-se a seguir o casal sem vacilar; não conseguia despregar os olhos dos dois jovens, neles concentrando de tal modo toda a sua atenção que se sentia acometido pela febre, com a tensão a aumentar e o seu coração que pulsava, num quase prenúncio de morte...

Viu-os estacar defronte de uma loja de malas... acercou-se com passos lentos, com o olhar fixo na mão direita da rapariga até que os seus olhos pousaram no anel de ouro!...

Sentiu então como que uma borrasca de dor penetrante.

Haviam transcorrido quatro meses apenas desde os acontecimentos da Rua Ibn Zaidun... Quem sabe se aquele jovem o observara a partir da esquina da rua para tomar o seu lugar!... Não devia todavia estranhar pois quatro meses é muito tempo e por vezes bastam para transformar o mundo!

Kamal deteve-se diante da loja de brinquedos a pouca distância dos dois jovens e continuou a observá-los fingindo contemplar a montra.

Naquela circunstância, Budur parecia-lhe mais bonita do que nunca, realmente uma noiva na verdadeira acepção da palavra! Mas porque vestia toda ela de preto? Um casaco preto era algo natural para além de distinto, mas porquê um vestido da mesma cor? Seria para seguir a moda ou um indício de luto? Acaso a mãe morrera?

Não tinha por hábito ler a necrologia nos jornais... mas, no fundo, que interesse podia ter para ele aquela notícia? Aquilo que realmente contava era o facto de Budur ser uma página virada no livro da sua vida! Com Budur tudo estava acabado!

O intrincado conflito "casar ou não casar" tinha afinal obtido a

resposta fatal. Podia agora alegrar-se com o sossego reencontrado após tanta incerteza e sofrimento! Muitas vezes desejara que Budur casasse libertando-o do seu suplício, e eis que ela casara, o que quase lhe permitia se regozijar pelos sofrimentos que evitaria!...

Ocorreu-lhe então pensar que o estado de alma de um homem à espera de ser decapitado não devia ser muito distinto do seu naquele instante!

Na sua frente, fechavam-se-lhe as portas da vida e desta ele estava excluído!

Viu-os depois continuar outra vez a andar e ir na sua direcção para passar calmamente ao seu lado. Kamal, a olhar para eles, teria desejado seguir os seus passos mas renunciou a tal com um sentimento de mágoa e permaneceu defronte da montra dos brinquedos, contemplando-a sem nada ver!

Virou-se uma vez mais para eles como que para lançar a Budur um derradeiro olhar. E, ao passo que esta se afastava sem mais se deter, ora eclipsando-se no meio da multidão ora despontando de novo de modo a oferecer à sua vista quer uma parte quer outra do seu corpo, cada corda do coração de Kamal murmurava: "Adeus!"

Uma impressão de profunda dor abalou-o no seu íntimo, qual melodia feita de notas magoadas que para ele não eram novas e que lhe trouxeram à mente circunstâncias idênticas do passado. Aquelas notas, que nele se infiltravam, arrastavam atrás de si um coágulo de memórias, aquela melodia ambígua era capaz de provocar o mais vivo dos sofrimentos e, ao mesmo tempo, um prazer subtil e misterioso! Um sentimento único, no qual dor e prazer se encontravam, tal como na alvorada se encontram a escuridão da noite e a claridade do dia nascente.

Depois Budur desaparecera, quem sabe se para sempre... assim como desaparecera no passado a sua irmã! Kamal voltou a interrogar-se sobre quem poderia ser o homem. Não conseguira observá-lo bem como teria desejado. Esperava, caso o jovem tivesse já um emprego, que o seu escalão fosse todavia inferior ao dos professores! Mas que sentido teriam tais ideias infantis? Devia ter vergonha!...

Face à dor, alguém como ele que sabia bem o que isso era só se podia resignar, sabendo lindamente por experiência que também esta, à semelhança de todas as coisas, estava condenada a acabar!

Só naquele momento e pela primeira vez reparou a que ponto os brinquedos, expostos diante dos seus olhos, eram bonitos e estavam bem arrumados! Havia ali brinquedos de todos os tipos, dos que enlouquecem as crianças: comboios, carros, baloiços, instrumentos musicais, casinhas, jardins... Sentia-se preso por aquela visão como que por uma estranha força, que de tal forma subjugava a sua alma torturada que era incapaz de despregar os olhos da montra. Em criança nunca lhe fora possível fruir de um tal paraíso e por isso crescera escondendo no seu íntimo um instinto que se não apagara e estava agora destinado a assim permanecer.

Há também quem fale da felicidade da infância, mas quem pode saber? E quem poderia afirmar que ele fora uma criança feliz? O que haveria de mais pateta que o desejo efêmero e nostálgico de voltar a ser uma criança como aquela de madeira que brincava naquele belo jardim imaginário? Era um desejo vão e triste ao mesmo tempo! Talvez as crianças fossem apenas seres insuportáveis que a sua profissão lhe ensinara a compreender e corrigir.

Para além disso, interrogava-se como teria sido a vida se houvesse voltado a ser criança preservando a memória e o desenvolvimento mental de um adulto. Acaso poderia ter voltado a brincar no jardim do terraço se o seu coração estivesse repleto das recordações de Aida? Ter-se-ia alguma vez dirigido a el-Abbasiyya, num certo dia de 1914; teria alguma vez visto Aida criança brincar no jardim caso soubesse o que esta lhe teria feito em 1924 e ainda mais tarde? Por fim, teria alguma vez conseguido dizer ao pai num balbúcio que em 1939 se haveria de desencadear a guerra e que ele haveria de sucumbir na sequência de um raide aéreo? Que estranhos pensamentos mas, fosse como fosse, era melhor ter na sua mente aqueles do que se abismar na sua recente decepção sofrida ainda há pouco na Rua Fuad I... melhor do que pensar em Budur, no homem que estava ao seu lado e na sua postura em relação a estes. Talvez lhe coubesse agora remir-se, sem que se dessem conta, dum pecado remoto; mas como e quando tê-lo-ia cometido? Talvez se tratasse de uma falta fortuita, de uma simples palavra ou de uma atitude errada?... O seu sofrimento fora no entanto causado por alguma destas eventualidades! Devia conseguir conhecer-se a si mesmo para se livrar da dor! A luta não cessara, não chegara ainda o momento da capitulação e não devia chegar... E talvez fosse

esse o motivo autêntico para a maldita indecisão que o reduzira a roer as unhas enquanto Budur passava ao seu lado de braço dado com o jovem! Intensificara-se agora aquele seu suplício de sempre rodeado por um sombrio prazer! Acaso não seria aquele mesmo sentimento que ele já experimentara outrora no deserto de el-Abbassiyya enquanto observava a luz que provinha do quarto dos recém-casados?

E talvez a sua irresolução em relação a Budur não houvesse sido nada mais que um expediente para se atirar a si mesmo para uma situação já vivida, como para poder voltar a sentir os sentimentos do passado e embevecer-se com os seus prazeres e os seus flagelos? Antes de escrever acerca de Allah, da alma e da matéria, melhor teria sido para ele aprender a se conhecer a si mesmo, na sua personalidade peculiar: Kamal afendi Ahmad, ou Kamal Ahmad ou ainda simplesmente Kamal, e aquilo para ter a possibilidade de se transformar numa pessoa nova. Cabia-lhe voltar a pegar, naquela noite, no livro das memórias para de novo examinar o passado. Teria sido por certo uma noite em branco, mas não a única do género... As recordações daquelas noites eram para ele um tesouro que teria merecido desaguar num só volume intitulado: Noites de Insónia...

Ainda que não pudesse afirmar que vivera em vão... sempre teria deixado atrás de si as suas ossadas de que se serviriam as gerações vindouras para os seus folguedos e regozijos...

Quanto a Budur, desaparecera para sempre da sua vida... que verdade cheia de tristeza semelhante a uma melodia fúnebre... Não lhe deixava sequer uma recordação de um instante de ternura: nem um abraço nem um beijo, e nem mesmo um toque subtil nem uma palavra generosa. Mas agora ele já não receava a insónia; durante um tempo sofrera-a com apatia, agora porém conhecia diferentes remédios para entreter o espírito e o coração!

Sempre teria sido possível ir ter com Ateyya na nova casa na Rua Muhammad Ali e teriam prosseguido as suas intermináveis conversas. Da última vez, dissera-lhe dominado pelo álcool:

- Fomos mesmo feitos um para o outro! E ela retorquira com uma ironia conformada:

- Como és amável quando estás bêbado!

- Que casal feliz formaríamos se casássemos! - acrescentara Kamal.

- Não brinques comigo! Houve um tempo em que era uma senhora

na verdadeira acepção da palavra... - objectara Ateyya de sobrolho carregado.

- Sim, sim... és mais doce do que um fruto maduro!...

- Falas assim mas se te peço um rial^[155] a mais desapareces!... - retorquira ela num tom ríspido e cáustico.

- Aquilo que entre nós existe vai para além do dinheiro!

- Mas tenho dois filhos que preferem o dinheiro ao que existe entre nós... - replicara Ateyya lançando-lhe um olhar de censura.

No auge da embriaguez e da angústia, Kamal dissera escarninho:

- Talvez um dia possa pensar no arrependimento como fez Galila; no dia em que o arrependimento me tiver escolhido, deixar-te-ei todos os meus bens!

- Se o arrependimento chegar a ti, então será caso para dizeres adeus a mulheres como eu!... - dissera Ateyya a rir.

- Se o arrependimento se revelar um prejuízo para ti e para as outras iguais a ti, então não quero saber dele! - rematara Kamal com um riso sonoro.

O facto era que ele temia a insónia.

Ao perceber que estava há muito estacado defronte da montra de brinquedos, arrancou-se a esta e afastou-se.

^[155]O equivalente a vinte piastras.

CAPÍTULO 48

Khalu, o dono da taberna "A Estrela", perguntou:

- Será verdade, meu amigo, que vão fechar os locais onde se vendem bebidas alcoólicas?

Yassin com muita certeza respondeu:

- Que Allah não o queira, Khalu! Os deputados têm o hábito de balbuciar ao acaso por altura do balanço; o governo, por seu lado, promete sempre realizar os desejos dos deputados no mais curto prazo possível, mas este limite normalmente não chega nunca!...

O grupo de amigos de Yassin da taberna de Muhammad Ali imiscuiu-se na conversa e o chefe de pessoal do Ministério a um dado momento voltou:

- Prometem sempre mandar os Ingleses embora, abrir uma nova universidade, alargar a Rua de el-Khalig... mas será que realizaram um só projecto destes, Khalu?...

O mais idoso dos aposentados interveio:

- Talvez o deputado que apresentou a interpelação tenha bebido este funesto álcool de guerra e tenha portanto querido vingar-se ao apresentar uma tal moção!...

O advogado acrescentou:

- Seja como for, as tabernas que se situam nas ruas frequentadas por europeus não serão atingidas por estas medidas; por isso, Khalu, se o inevitável devesse acontecer, tentarias tornar-te sócio de uma qualquer destas tabernas; sabe-se que os vendedores de bebidas alcoólicas se apoiam reciprocamente como os muros de uma casa, um apoia o outro!^[156]...

O primeiro secretário do Ministério dos Waqf disse:

- Se os Ingleses entraram no palácio real de Abdin por um motivo tão insignificante como o de trazer de novo en-Nahas para o governo, podem por acaso pensar que não hão-de se insurgir caso as tabernas fechem?

Na sala, além dos amigos de Yassin, achavam-se alguns comerciantes, não obstante isso o primeiro secretário sugeriu que animasse o ambiente com alguma canção:

- Vamos lá! Cantemos "o prisioneiro do amor"!

Khalu apressou-se a regressar para o seu lugar atrás do balcão ao passo que os amigos desatavam a entoar: "Como se sente humilhado o prisioneiro do amor!"

Cantavam e pelas vozes percebia-se que estavam bêbedos pelo que um sorriso de mofa assomava ao rosto dos restantes clientes.

Contudo não cantaram por muito tempo... Yassin foi o primeiro a parar, imitado pelos outros enquanto o primeiro secretário concluía sozinho o dawr^[157].

Seguiu-se um silêncio como que cadenciado pelo estalido das línguas que degustavam as comidas e as bebidas e pelo bater das mãos dos que desejavam pedir outro copo ou uma mezza. Num determinado momento, Yassin indagou:

- Não conhecem nenhum meio para fazer com que uma mulher fique grávida?

O velho funcionário respondeu, a reclamar:

- Continuas a repetir a mesma pergunta!... Tem fé em Allah, meu irmão! O primeiro secretário do Ministério dos Waqf disse:

- Não deves deixar que a ansiedade te vença, Yassin ofendi, tenho a certeza de que a tua filha está destinada a engravidar!...

Yassin, com um sorriso indiferente:

- Karima é uma esposa que parece uma flor, um enfeite para o bairro de es-Sukkariyya, mas é a primeira moça da nossa família que após um ano de casamento ainda não engravidou! Por isso a mãe está inquieta!

- E o pai também, ao que parece...

E Yassin, com um sorriso:

- Quando a mulher está aflita, também o marido está!

- Se as pessoas pensassem nas sérias dificuldades que os filhos acarretam, odiariam a gravidez!

- Mas, se nos casamos, em geral, é para termos filhos!...

- É verdade, se não fosse pelos filhos, quem poderia aguentar a vida marital?

Esvaziando mais um copo, Yassin exclamou:

- Tenho medo de que também o meu sobrinho partilhe esta ideia!

- Alguns homens vêm na descendência uma tarefa para as mulheres e uma hipótese de reencontrar parcialmente a liberdade perdida...

E Yassin:

- Nem em sonhos! Uma mulher pode amamentar uma criança, embalar outra e, ao mesmo tempo, manter os olhos bem abertos sobre o marido e dizer-lhe: "Onde estavas? Porque demoraste tanto?" E, além do mais, nem os sábios sequer conseguiram alguma vez alterar esta lei universal!

- E o que impediu os sábios de o fazerem?

- As suas mulheres!... Nunca lhes deram tempo para meditar nisso!...

- Descansa, Yassin afendi, é impossível que o teu genro possa esquecer o favor que lhe prestou o teu filho Ridwan ao arranjar-lhe emprego!...

- Tudo se esquece... - disse Yassin e agora já dominado pelo álcool acrescentou a rir:

- Aliás, "o protegido em si" está fora do poder!

- Ah! Pois é, parece que o Wafd desta vez está destinado a demorar-se no governo...

E o advogado, num tom enfático:

- Se as coisas aqui no Egipto seguissem um caminho normal, o Wafd deveria ficar no governo para sempre!

- Essas palavras têm um fundo de verdade - acudiu Yassin a rir - mas infelizmente o meu filho está entre os que saíram do Wafd!

- Não se esqueçam do episódio de el-Qassassin^[158]! Se o rei tivesse sucumbido, teríamos já dito adeus aos inimigos do Wafd!

- Mas o rei está bem.

- O príncipe Muhammad Ali^[159] está a preparar as vestes de cerimónia e ele esteve sempre em boa harmonia com o Wafd!...

- Quem se senta no trono, seja ele quem for, é um inimigo do Wafd pelo cargo que desempenha, bem como o whisky e os doces não combinam!

- Talvez tenham razão - disse Yassin a rir, vergado pela embriaguez álcool. - Aliás, como diz o provérbio "Quem é mais velho do que tu n que seja por um dia só tem a mais do que tu um ano no saber". E ent vocês há já quem tenha atingido há um pedaço uma idade respeitável quem dela não esteja longe!

- Que Allah te proteja, ó filho dos quarenta e sete anos!

- Seja como for, sou o mais jovem de todos! Depois, Yassin estalou

os dedos e, cambaleando devido à bebedeira e inchado com toda a sua afectação, continuou:

- A verdadeira idade não se calcula pelos anos mas pela bebedeira... o álcool, neste tempo de guerra, decaiu muito no que toca ao sabor e à qualidade mas manteve o mesmo poder... e, quando despertamos de manhã, a dor de cabeça ali está pronta... para descerrar os olhos são necessárias tenazes e tresandamos a álcool... Contudo afirmo-lhes que para ficar bêbedo vale a pena aguentar tudo! Talvez haja quem pergunte: "E a saúde?" É evidente que esta já não é o que antigamente era! Aos quarenta e sete anos, um homem já não é o que era quando moço e, além do mais, se é verdade que em tempo de guerra todos os preços aumentam, é no entanto verdade também que a idade não tem preço! Dantes, o homem casava mesmo com sessenta anos, ao passo que, nesta era traiçoeira, um homem de quarenta anos se vira para os cientistas para lhes pedir tonificantes e um marido, durante a lua-de-mel, seria capaz de se afogar numa poça de água!...

- Ah, os dias idos! Todos nós os lamentamos! Yassin, com a voz cada vez mais empastada pelo álcool, voltou a dizer:

- Os dias idos! Que Allah tenha misericórdia do meu pai! Desancou-me tantas vezes para me proibir de derramar o meu sangue pela revolução! Mas quem não receia as balas dos Ingleses não pode por certo recear as repreensões! E assim reuníamo-nos no café Ahmad Abdu para preparar as manifestações e lançar bombas!

- Sempre o mesmo disco... Diz-me antes, Yassin afendi, se o teu peso na época da luta era igual ao de hoje...

- Era mais pesado! Mas, no momento da acção, tornava-me ligeiro como uma abelha! No dia da grande batalha, avançava ao lado do meu irmão Fahmi, o primeiro mártir do movimento nacional, à cabeça da manifestação; de repente, ouvi um sibilo de balas... roçaram a minha orelha e o meu irmão foi morto. Que lembrança! Tivesse ele vivido e teria entrado logo para a categoria dos ministros combatentes!

- E, pelo contrário, foste tu quem escapou!

- Sim, mas não podia tornar-me ministro apenas com o diploma da escola primária! E, além do mais, quando lutávamos, só contávamos com a morte, não altos cargos... mas é forçoso que alguns morram e outros ocupem os cargos. No funeral do meu irmão, Saad Zaghlul seguia o caixão e o líder dos estudantes apresentou-mo! Eis outra

lembrança extraordinária!...

- Mas como conseguiste ter tempo, apesar da luta em que estavas envolvido, para abraçar as tuas paixões ardentes?

- Ouçam, ó minha gente!... Os soldados que copulam com as mulheres pelas ruas não são por acaso os mesmos que rechaçaram Rommel? A luta não é inimiga da alegria nem do álcool que aliás é a alma da cavalaria! Ficai a saber que o guerreiro e o bêbedo são irmãos, ó vós que sois dotados de razão!

- E Saad Zaghlul não te disse nada no funeral do teu irmão? O advogado respondeu:

- Deve ter dito: "Quem dera que fosses tu o mártir"!

Todos os presentes riram; na condição em que se achavam, riam primeiro e depois interrogavam-se sobre o motivo... Yassin disparou também uma gargalhada pródiga e sincera e replicou:

- Não disse tal coisa! Era um homem bem-educado, que Allah tenha misericórdia dele, e não como vocês... e era também muito inteligente e de horizontes largos. Era ao mesmo tempo político, guerreiro, escritor, filósofo e jurista... uma palavra sua podia fazer morrer ou voltar a viver!...

- Que Allah tenha misericórdia dele!

- Que Allah tenha misericórdia de todos, pois cada morto, pelo simples facto de ter perdido a vida, merece a misericórdia, até as rameiras e os chulos, até a mãe que mandava o filho ir ter com o amante para trazê-lo para casa...

- Será possível que haja tal mãe?! - Na vida existe tanto o que se pode conceber como o que não se pode conceber!

- E não tinha mais ninguém a quem confiar esta tarefa para além do filho?...

- E quem melhor que o filho pode acudir à mãe? Aliás todos nasceram de uma copulação...

- Sim, mas legítima!...

- Isso é mera formalidade, a verdade é uma só! Conheci prostitutas infelizes que não tinham nem um cliente na sua cama ao longo de toda a semana ou mais ainda; agora indiquem-me uma das vossas mães que tenha passado idêntico lapso de tempo afastada do seu marido!...

- Não conheço nenhum povo que esteja sempre pronto a rebaixar as mães como o povo egípcio!

- É porque somos um povo grosseiro!

Nisso, Yassin a rir:

- Talvez os anos nos tenham educado mais até do que seria necessário... e, quando se ultrapassa a justa medida, arriscamo-nos a alcançar um resultado oposto e assim hoje já não nos podemos considerar educados... Não obstante isso, a generosidade continua a ser a nossa característica dominante, pelo que em geral acabamos por nos arrepender...

- No entanto, estou já aposentado e ainda não me arrependi...

- O arrependimento não se pode submeter ao estatuto dos trabalhadores e, todavia, não há mal algum se, todas as noites, te embebedares por algumas horas, nada há de abjecto nisso; mas virá um dia em que a doença ou o médico, que aliás são uma e a mesma coisa, te hão-de impedir de beber. Nós, os homens, somos por natureza fracos pois, se assim não fosse, não nos entregaríamos ao álcool nem suportaríamos resignadamente a vida marital. Com o passar do tempo, tornamo-nos cada vez mais fracos mas os nossos desejos aumentam sem que tenham limite! É impossível que parem. Então sofremos e embriagamo-nos uma vez mais! Os nossos cabelos tornam-se brancos, os nossos vícios secretos vêm à tona e eis que um insolente nos barra o caminho dizendo: "É uma vergonha correr atrás das mulheres quando se têm cabelos brancos!"

Louvado seja Allah! Mas o que te importa a ti se sou jovem ou velho, se corro atrás de uma mulher ou persigo uma mula? Por vezes, parece que as pessoas conspiram com a tua mulher contra ti... e, para além disso, temos de suportar a resistência das mulheres e ainda o bastão do polícia... e até as criadas ficam vaidosas no mercado das hortaliças!... E assim vês-te num mundo adverso sem outra companhia que não seja um copo... Depois chega a vez daqueles mercenários, os médicos, que te ordenam como se tal fosse simples: "Não bebas!"

- Apesar de tudo, poderias negar que amamos a vida com todo o nosso coração?

- Sim, com todo o coração... também o mal tem o seu lado bom... mesmo os Ingleses não podem apenas ser considerados maus... No passado, pude conhecê-los de perto, tornar-me amigo de alguns durante a revolução!

O advogado vociferou:

- Mas lutavas contra eles, esqueceste?

- Sim, sim... É fundamental adequarmo-nos a todas as circunstâncias! Certa vez julgaram que eu era um espião, mas o representante dos estudantes, correndo para mim no momento oportuno, revelou a todos a minha identidade... então aclamaram-me... e isso aconteceu na mesquita de el-Hussein!

- Viva Yassin... Viva Yassin... mas o que fazias na mesquita de el-Hussein?...

- Responde... este é um detalhe muito importante! Yassin respondeu a rir:

- Era sexta-feira, dia em que o meu pai tinha por costume levar-nos para fazermos a oração com ele... não acreditas em mim? Pergunta aos habitantes do bairro de el-Hussein!

- Rezavas para conquistar as boas graças do teu pai?

- E por Allah! Não penses mal de nós, somos uma família de pessoas que acreditam na religião. É certo que somos todos bêbados e devassos, mas no final aguarda-nos o arrependimento!

Nisso, o advogado disse quase a gemer:

- Vamos cantar mais um pouco? Yassin apressou-se a responder:

- Quando ontem abandonei a taberna a cantar, um polícia chocou contra mim na rua e disse-me num tom intimidador: "Afendil" E eu perguntei: "Não terei direito de cantar?" "É proibido fazer barulho depois da meia--noite!", disse ele. "Mas limito-me a cantar", respondi num tom de protesto. "Por lei continua a ser barulho!" "E as bombas que estoiram depois da meia-noite não são a mesma coisa?" "É evidente que tencionas passar a noite na esquadra!", acrescentou ameaçador o polícia. Nisso afastei-me murmurando: "É melhor passar a noite em casa." Mas como poderemos julgarmo-nos uma nação civilizada quando estamos entregues aos militares? Em casa deparaste com a tua mulher como que de emboscada, no Ministério é o teu chefe, e mesmo na sepultura estão os dois anjos^[160] à nossa espera com bordões...

O advogado prosseguiu a rir:

- Cantemos um pouco para enxugarmos a boca...

O mais idoso dos aposentados, após ter aclarado a voz, começou a entoar:

"O meu marido casou pela segunda vez quando sobre os meus dedos

ainda havia hena^[161], no dia em que veio para a minha casa, trazendo-a consigo, foi como se um fogo me incendiasse."

Os presentes repetiram o refrão com um fervor imenso e Yassin tanto se ria que tinha lágrimas nos olhos...

^[156]Na base desta expressão está o hadíth do Profeta no qual se diz que: "cada muçulmano é para outro muçulmano como as estruturas de uma construção, em que cada uma apoia a outra".

^[157]Poemas de estrofes pequenas que eram cantados em árabe dialectal.

^[158]Bairro do Cairo onde o carro do rei Faruq embatera violentamente num camião inglês. O rei ficara gravemente ferido neste acidente.

^[159]Primo do rei Faruk e irmão mais novo do Quediva Abbas Helmi II, Muhammad Ali fora nomeado presidente do Conselho da Regência, aquando da subida ao trono do jovem rei, ainda menor de idade, de dezasseis anos apenas.

^[160]Refere-se aqui aos dois anjos, Munkar e Nakir, que, segundo a tradição muçulmana, ladeiam o morto, mal este seja sepultado, para interrogá-lo sobre os seus actos na vida.

^[161]É hábito, hoje sobretudo nas aldeias, as raparigas egípcias tingirem as mãos com hena na noite que antecede o casamento.

CAPÍTULO 49

Muitas vezes Khadiga sentia-se sozinha... de facto, Ibrahim Shawkat, especialmente desde que atingira os setenta anos, embora continuasse fechado em casa durante todo o Inverno, não conseguia preencher a solidão da mulher. Esta não descurava os seus afazeres domésticos ainda que estes, circunscritos agora ao indispensável, não conseguissem mais absorver toda a sua energia e o dinamismo que lhe eram habituais.

Conquanto houvesse superado os quarenta e seis anos, na verdade, Khadiga ainda era forte, diligente e muito vigorosa.

O pior era que o seu papel de mãe acabara e o de sogra não se iniciara nunca e parecia não dever nunca se iniciar! Uma das noras era a filha do irmão, a outra uma simples empregada com a qual só se encontrava excepcionalmente e só em circunstâncias especiais. Portanto não achava nada de melhor em que descarregar o seu ressentimento reprimido a não ser conversar com o marido embrulhado na sua aba'a^[162].

- Passou mais de um ano desde o casamento dos nossos filhos e não tivemos ocasião de acender as velas para celebrar um único nascimento!

O homem encolheu os ombros com indiferença sem fazer observações e Khadiga prosseguiu:

- Talvez Abdel Munim e Ahmad considerem o facto de terem filhos uma moda antiquada, como a de obedecer aos pais!

O homem, entediado, replicou:

- Fica descansada, estão ambos felizes e isso deve chegar-nos!

- Mas a esposa que não engravida e não tem filhos de que serve?... - perguntou ela com rispidez.

- Talvez os teus filhos não partilhem da tua opinião!

- Discordaram sempre comigo, até que ponto o meu esforço e a minha esperança foram desperdiçados!...

- Desagrada-te não seres avó?

- Estou triste por eles, não por mim... - disse num tom ainda mais rude.

- Abdel Munim levou a esposa a um médico que lhe deu boas

esperanças...

- Coitado, teve de fazer muitos gastos e ainda terá de fazer mais... As esposas de hoje são caras como a carne e o tomate!

Ibrahim riu sem fazer comentários e a mulher retomou:

- Para a outra, hei-de recorrer a Sidi el-Metwalli^[163].

- Mas deves admitir que as suas palavras são como o mel!

- Toda ela é esperteza e manha, o que podes esperar da filha das prisões?

- Teme Allah, minha velha!

- E quando pensas que o "professor" a levará ao médico?

- Eles têm horror a isso...

- É claro, é uma empregada, como poderia encontrar tempo para a gravidez e o parto?

- Estão felizes e disso não restam dúvidas.

- Uma mulher empregada não pode ser boa esposa, ele há-de se dar conta disso quando for tarde demais...

- É um homem e poderá sempre encontrar um remédio...

- Em todo o bairro não há dois jovens como os meus filhos... que tristeza!

O temperamento e as convicções de Abdel Munim haviam-se como que imobilizado.

Revelara-se um funcionário competente e um "Irmão" diligente pelo que lhe fora entregue a direcção da secção de el-Gammaliyya, e fora também nomeado conselheiro jurídico. O jovem cooperava igualmente na redacção, da revista dos Irmãos Muçulmanos, fazia por vezes sermões nas mesquitas do bairro e transformara o seu apartamento num local de encontro para as reuniões dos Irmãos que todas as noites faziam serão na sua casa sob a direcção do sheikh Ali el-Menufi.

Abdel Munim estava animado por um imenso entusiasmo e determinado a colocar tudo o que possuía, esforços pessoais, dinheiro e inteligência, ao serviço da mensagem em que acreditava de todo o seu coração. Tratava-se de uma mensagem, segundo a definição do guia supremo do movimento, E ao mesmo tempo salafita^[164] e de doutrina sunita^[165]; era uma verdade mística, uma organização política, uma comunidade desportiva, uma aliança científica e cultural, uma sociedade económica e uma ideologia social. O sheikh Ali el-Menufi tinha por hábito dizer:

- Os ensinamentos e as regras do Islão abraçam a organização de toda a vida das pessoas tanto neste mundo como no outro; os que pensam que tais ensinamentos dizem simplesmente respeito à vida espiritual ou à fé enganam-se. O Islão é dogma e adoração, pátria e nação, religião e estado, espiritualidade, Alcorão e espada!

Certa vez, um dos jovens presentes nas reuniões dissera:

- Esta é a nossa religião! Mas ficamos imóveis, não fazemos nada enquanto a impiedade nos governa com as suas leis, as suas tradições e os seus homens.

O sheikh Ali respondera-lhe:

- É essencial divulgar e pregar, fundar grupos de guerreiros e só depois virá a fase da acção...

- E até quando deveremos aguardar?

- Até ao final da guerra. O campo está preparado para propagar a nossa mensagem. As pessoas já não confiam nos partidos... e, quando se elevava voz do Guia, em seu tempo devido, os Irmãos acorrerão protegidos pelo escudo do Alcorão e suas armas!

Nisso, ouvira-se a voz forte e penetrante de Abdel Munim:

- Preparemo-nos para uma longa batalha, a nossa mensagem não se dirige só ao Egipto mas a todos os muçulmanos do mundo e não poderá se consolidar a não ser quando o Egipto e todas as nações islâmicas se tiverem unido em torno dos princípios do Alcorão. Não voltaremos a embainhar as nossas armas enquanto não tivermos visto o Alcorão se tornar na constituição de todos os muçulmanos!

E o sheikh Ali el-Menufi:

- Tenho o prazer de vos dar uma boa notícia: a nossa mensagem já tem raízes em toda a parte pela graça de Allah. Está hoje já consideravelmente difundida até nas mais pequenas aldeias, é a mensagem de Allah que jamais abandona aqueles que se batem por Ele!...

Naquele mesmo período, outra actividade decorria no andar situado por baixo, embora com uma finalidade muito diferente e um número de participantes menor.

Ahmad e Sawsan, com efeito, reuniam-se muitas vezes à noite com um pequeno número de amigos de diversas confissões religiosas, que pertenciam na sua maioria ao mundo dos jornalistas.

Uma noite, o professor Adli Karim fizera-lhes uma visita, sabendo

lindamente quais os debates teóricos que se desenvolviam naquela casa.

- Fazem bem em estudar o marxismo mas lembrem-se de que, embora se trate de uma necessidade histórica, não está dependente das leis do determinismo como os fenómenos astronómicos. Pois, só se há-de realizar mediante a vontade e a luta das pessoas. Por isso o nosso primeiro dever não é o de filosofar muito mas de educar a consciência do proletariado para o papel histórico que ele deverá ter para se salvar e salvar destarte o mundo...

E Ahmad:

- Traduzimos livros que abordam esta questão para os intelectuais e realizamos ao mesmo tempo conferências apaixonantes para os operários que lutam; estas duas missões são um dever ao qual não nos podemos subtrair.

O professor continuara:

- Mas a sociedade corrompida não se há-de transformar senão pela acção do proletariado; quando a consciência do povo estiver cheia de uma nova fé e este se tiver tornado um bloco de cimento com uma única vontade, só então nem as leis perversas nem os canhões poderão nos deter.

- Todos estamos convencidos disso mas conquistar as mentes das pessoas cultas significa obter o ascendente sobre aquela parte do povo designada a mandar e a governar...

E Ahmad então contrapusera:

- Senhor professor, permita-me uma observação. Sei por experiência que já não é difícil convencer os intelectuais de que a religião é um mito e que tudo o que diz respeito à realidade transcendental é ópio e engano; mas sei muito bem quão arriscado é falar disso ao povo; a principal acusação que nos dirigem os nossos inimigos é a de ateísmo e de impiedade.

A nossa primeira missão é a de combater a submissão, a letargia e a resignação; no que toca à religião, só nos libertaremos desta sob um governo livre, o que não acontecerá a não ser com um golpe de Estado. Seja como for, a pobreza é mais forte do que a fé e é sensato falar às pessoas segundo a inteligência destas.

O professor, olhando para Sawsan, respondera com um sorriso:

- Tu, que antes acreditavas na acção, acaso te convenceste de que

basta teorizar e permanecer ao abrigo no casamento? Esta que, contudo, sabia bem que o professor queria brincar e não acreditava realmente nas palavras que pronunciara, respondera séria:

- O meu marido faz conferências para os operários nos casebres mais distantes e sinistros que há e, quanto a mim, continuo a distribuir prospectos sem descanso!

Ahmad dissera com enfado:

- O defeito do nosso movimento é o de angariar muitos oportunistas que não são leais; alguns trabalham só pelo salário, outros por interesses partidários.

- Sei disso muito bem! - dissera o professor Adli Karím, meneando a grande cabeça com visível indiferença. - Mas também sei que os Omíadas^[166] herdaram o Islão sem acreditar neste e, contudo, foram eles quem o difundiu por todo o mundo antigo até à Espanha! Podemos, pois, utilizar tais indivíduos mas mantermo-nos de sobreaviso... e não se esqueçam de que o tempo está do nosso lado com a condição de fazermos todos os esforços e os sacrifícios possíveis...

- E os Irmãos Muçulmanos, professor? Começamos a dar-mos conta de que são um sério empecilho no nosso caminho...

- Não o nego, mas não representam o grave perigo que imaginam. Não vêem que, ao falarem às pessoas, empregam as nossas frases e falam de 'socialismo' do Islão? Por outro lado, mesmo os reaccionários têm de tomar  de empréstimo as nossas palavras... E quer uns quer outros, caso se adiantem a nós no golpe de Estado, ainda que de forma parcial hão-de realizar alguns dos nossos princípios. Mas nenhum conseguirá deter a marcha do tempo rumo ao termo fatal... além do mais, a propagação do conhecimento será suficiente para expulsá-los tal como a luz afasta os morcegos!...

Khadiga vigiava as actividades que se desenrolavam naquela casa com um pasmo a que se mesclava a irritação e o ressentimento, de tal forma que um dia disse ao marido:

- Nunca vi casas como as de Abdel Munim e de Ahmad; são como dois cafés, não consigo compreender! Mal a noite cai, a rua enche-se de barbudos e de kbawagat^[167]... Nunca ouvi tais coisas antes!...

O homem abanou a cabeça dizendo:

- Pois, chegou o momento de ouvir tais coisas...

- Os dois ordenados não podem chegar sequer para pagar o café que oferecem aos convidados... - disse Khadiga com aspereza.
- Alguma vez se queixaram a ti da miséria?
- E as outras pessoas?... O que dirão ao ver tanta gente entrar e sair?
- Cada qual é livre na sua casa!
- O tom das suas conversas intermináveis é tão alto que, por vezes, até da rua se ouve - rebentou Khadiga.
- Que se ouça também da rua ou que se eleve então até ao céu!
Khadiga soltou um suspiro fundo e bateu uma mão na outra...

[162]Casaco de beduíno de lã grossa, de uma só cor ou listrado, sem gola e com mangas largas.

[163]Nome de um santo ou célebre wali cujo túmulo se encontra nas imediações de Bab (porta) Zuwela, pelo que esta porta também ficou conhecida por Bab el-Metwalli.

[164]Relacionado com a Salafiyya, o movimento reformista de cariz religioso que foi fundado no Egipto por Muhammad Abduh (1849-1905) nos finais do século XIX.

[165]Do termo Sunnah, isto é, o conjunto das acções e das palavras do profeta Muhammad tomadas como norma de conduta pelos Muçulmanos.

[166]Trata-se da primeira dinastia de califas que reinaram em todo o território islâmico de 661 a 750, tendo Damasco por capital.

[167]O termo é usado no Egipto para indicar os estrangeiros e os egípcios não muçulmanos. Aqui se refere aos amigos coptas de Ahmad e Sawsan.

CAPÍTULO 50

A vivenda de Abder Rahim paxá Isa em Helwan parecia despedir-se do derradeiro grupo de visitantes que ali haviam ido ver o paxá antes da sua partida para o Higaz^[168] para realizar a peregrinação a Meca.

- A peregrinação foi desde sempre o meu sonho, que Allah amaldiçoe a política por me ter impedido, ano após ano, de realizá-lo, mas, na minha idade, às vésperas do encontro com Allah, o homem deve pensar emendar-se.

O secretário do paxá, Ali Mahran, repetiu qual eco:

- Que Allah amaldiçoe a política!

O paxá, com ar absorto, volveu os olhos apagados para Ridwan e Hilmi e acrescentou:

- Pode-se dizer tudo,, mas por certo a política fez-me um favor que não esquecerei, o de me distrair da minha solidão. Um velho solteirão como eu andaria em busca de companhia até no Inferno!...

Ali Mahran, arqueando as sobrancelhas, interveio:

- E nós, também não fizemos a nossa parte para o distrair?

- Sem dúvida, mas o dia de um solteirão é comprido como uma noite de Inverno e o homem precisa de uma companhia... Admito que a mulher é indispensável... e quantas vezes penso hoje na minha mãe! A mulher é indispensável mesmo para quem não é capaz de amá-la!

O pensamento de Ridwan estava noutro lado, pelo que, a dado momento, perguntou ao paxá:

- Se en-Nahas paxá perdesse o poder, renunciaria à viagem?!

O paxá, esboçando um gesto de alguma agitação, respondeu:

- Que en-Nahas dure com o seu nahs^[169] pelo menos até ao meu regresso da peregrinação!... - depois meneando a cabeça acrescentou: - Somos todos pecadores e a peregrinação limpa-nos dos nossos pecados!

Hilmi Izzat riu-se e disse:

- O paxá é, sem dúvida alguma, um crente ainda que a sua fé possa provocar em muitos uma certa confusão!

- Porquê? A fé é complacência. Só um hipócrita pode ter a presunção de ser inteiramente inocente. Só os tolos acreditam que o pecado seja praticado sobre as cinzas da fé... no fundo, pecados como os nossos

são semelhantes a brincadeiras inocentes de crianças!...

Ali Mahran, com um suspiro de assentimento, exclamou:

- Que bonitas palavras! E agora deixem-me que lhes confesse que, quando me falou da sua decisão de efectuar a peregrinação, me interroguei inquieto: "Tratar-se-á de uma tentativa de arrependimento? Nesse caso, acabaram as alegrias da vida para todos nós?"

O paxá riu com tamanha veemência que todo o seu corpo estremeceu:

- És um demónio, filho do demónio! Desagradar-lhes-ia realmente saber que me arrependi?

Hilmi respondeu numa espécie de lamento:

- Como a uma mulher a quem matassem o filho que segura no colo! Abder Rahim paxá riu de novo e disse:

- Ah, velhacos! Então, se alguém como eu quisesse deveras arrepender-se, deveria renunciar aos "olhos grandes" e às "faces rosadas" para ficar continuamente imóvel junto do túmulo do Profeta... que a paz e a bênção de Allah estejam sempre com ele!

Mahran exclamou com uma certa malícia:

- O Higaz e aquilo que se pode saber do Higaz? Os que sabem falaram-me dele. Verá que se há-de achar na mesma situação de quem, vindo de uma terra incendiada pelos raios do sol, se lança de imediato no fogo!...

Hilmi Izzat num tom de discordância.-

- É decerto falsa a propaganda como a que os Ingleses se habituaram a fazer! Talvez que em todo o Higaz não se encontre um rosto que valha o de Ridwan?!

- Mas nem no Paraíso sequer! - exclamou Abder Rahim Isa que acrescentou em voz alta:

- Mas, meus rapazes, estávamos a falar de arrependimento! Ali Mahran prosseguiu:

- Lembro-me, paxá, do místico do qual certa vez me falou que se arrependera setenta vezes. Mas acaso isso não significava que pecara setenta vezes?...

E Ridwan:

- Quem dera cem vezes! Ali Mahran replicou:

- Para mim bastam setenta!

- E será que me resta ainda tanto tempo para viver? - perguntou o paxá com o rosto alumiado pela alegria.

- Que Allah lhe dê longa vida! Sossegue-nos e diga que se trata do seu primeiro arrependimento!

- Será também o último...

- Exagero... Se continua com esse tom, de regresso da peregrinação recebê-lo-ei com uma criatura formosa qual a Lua como nunca a viu... e depois logo veremos a cara que há-de fazer...

E o paxá, sorrindo:

- Há-de parecer-se com o teu focinho feio... Mahran, és um demónio... mas um demónio que não pode ser dispensado.

- Estou grato a Allah por isso!

- Também nós Lhe estamos gratos! - disseram quase em concomitância Ridwan e Hilmi.

Divertido e orgulhoso, o paxá acrescentou:

- São meus amigos íntimos... O que seria da vida sem o amor e a amizade?... A vida é maravilhosa tal como o são a beleza, o prazer, o perdão... Como são jovens olham para o mundo segundo uma óptica muito própria mas os anos hão-de lhes ensinar muitas coisas. Gosto de vocês e adoro este mundo, e a minha peregrinação à Casa de Allah é apenas para Lhe agradecer, para pedir desculpa pelas minhas faltas e Lhe implorar que me guie...

Ridwan, sorrindo, exclamou:

- Que belo aspecto é o seu... desperta a serenidade...

Ali Mahran acrescentou num tom matreiro:

- Mas basta um pequeno gesto para despertar outras coisas! É realmente o "mestre" desta nossa geração, ó paxá!

- E tu és o demónio em pessoa... Ó filha da velha, se um dia for chamado a prestar contas pelas minhas acções, limitar-me-ei a apontar para ti com o dedo!

- Eu?... Mas é uma injustiça, juro por Allah! Sou um mero escravo a quem são dadas ordens!

- Diz antes que és o demónio!

- Sim, mas tal que não pode ser dispensado.

- Sim, patife! - exclamou o paxá.

- Na sua vida ímpar fui sempre aquele que soube trazer uma nota harmoniosa, um rosto bonito, um prazer outro!... E, além do mais, não

esqueça os dias da minha juventude... "Senhor traidor"!

O paxá, suspirando:

- Os dias do passado!... Ah, o tempo! Meus rapazes, porque será que envelhecemos? Mas, meu Deus, grande é a Tua sabedoria!... e, como diz o poeta: "A minha lança não poupava quem me fazia olhinhos... só o suceder dos dias e das noites a enfraqueceu".

De sobrolho carregado, Mahran disse:

- Quem lhe fazia olhinhos?... Seria melhor se dissesse "nunca poupava Mahran"!...

- Filho de um cão, não conspurques o ar com os teus discursos insípidos. Não devemos brincar quando evocamos os dias felizes! Por vezes, as lágrimas são mais belas do que um sorriso, têm mais humanidade e exprimem melhor o reconhecimento. Ouve estes versos.- "Ela rejeitou-me e os incidentes que ela rejeitou não eram senão os cabelos brancos e a minha cabeça calva"! - Como interpretar o termo "incidentes"^[170] de que falava o poeta?

Então, Mahran, imitando a voz dos que vendem jornais nas mas, disse:

- El-Hawadis, el-Ahram e el-Misrim...^[171] E o paxá, nervoso:

- A culpa não é tua, mas é...

- A culpa é sobretudo sua.

- Minha... Não cometi nenhuma falta para contigo! Quando te conheci, já estavas num estado de meter inveja ao diabo! Mas não te permito que me distraias quando estou perdido nas minhas recordações!... Ouçam estes versos também: "Despi as roupagens da fresca juventude tal como o ramo^[172] se despe das suas folhas".

- O ramo? Oh, paxá!... - perguntou Mahran como que atarantado.

E o paxá, volvendo o olhar para Ridwan e Hilmi, que haviam rebentado numa gargalhada:

- O vosso amigo é tal qual um morto, insensível à poesia! Em breve, contudo, também ele há-de chegar ao tempo do gemido quando todas as coisas belas se conjugarem no passado próximo ou mesmo no passado longínquo...

Depois, virou-se para Mahran:

- E acaso esqueceste os amigos do passado, ó filho da velha?

- Ah! Que Allah os proteja! Eram a beleza e a graça personificadas!...

- Que notícias tens tu de Shaker Soliman?

- Foi por algum tempo subsecretário de Estado no Ministério do Interior, depois começou a dar-se com os Ingleses, acompanhando-os até aos seus quartéis e, por fim, foi reformado antes do tempo, não recordo se durante o segundo ou o terceiro Ministério de en-Nahas... Acho que hoje se retirou para ir viver na sua quinta em Kom Hamada!...

- Belos dias aqueles! E tens notícias de Hamed en-Nagdi?

- Foi o mais desgraçado dos nossos amigos! Perdeu tudo e agora à noite vagueia pelas casas de banho públicas...

- Era simpático e amável mas também jogador e mandrião! E Ali Rafat?

- Graças ao seu zelo e ao seu grande empenhamento tornou-se membro dos conselhos de administração de inúmeras sociedades. Mas diz-se que devido à sua má fama perdeu qualquer hipótese de integrar o governo!

- Não acreditem no que se diz! Foram eleitos ministros cuja conduta vergonhosa era conhecida até para lá das nossas fronteiras... E tenham presente aquele conselho que lhes disse por mais de uma ocasião, isto é, adornarmo-nos com as virtudes prosaicas é um dever que nos compete mais do que os outros! Se algum de vocês conseguir fazer isso, nunca poderá ser criticado. Os Mamelucos^[173] governaram o Egipto ao longo de gerações e gerações e os seus descendentes gozam ainda de prestígio e riqueza. E o que é um mameluco? É a mesma coisa! Vou-lhes contar agora uma história cheia de significado.

Nisso, o paxá calou-se por um curto instante como que para reunir as ideias e depois disse:

- Naquele tempo, era presidente do Tribunal. Fora-me confiado um processo civil para uma herança problemática. Antes de o examinar, foi-me apresentado um jovem formoso que no rosto se parecia com Ridwan, no corpo, com Hilmi... e que, no tocante à elegância, nada tinha a invejar a este "cão" (e apontou para Mahran) na sua fase de maior esplendor. Ficámos amigos porém desconhecia ainda quais eram as suas verdadeiras intenções. No dia do processo, não me recordo bem como, achei-o na minha frente, na sua qualidade de representante de uma das partes. Conseguem adivinhar como me comportei? E Ridwan gaguejou:

- Que situação!...

- Sem a menor hesitação, recusei julgar aquele processo.

Ridwan e Hilmi mostraram-se muito satisfeitos ao passo que Mahran, num tom de discórdia:

- E fizeste com que perdesse o processo?

O paxá, sem prestar atenção à matiz escarninha das palavras de Mahran, replicou:

- E não só, rompi também relações com ele porque o achei desprezível pela sua postura mal-intencionada; sim, o homem que não tem escrúpulos não tem qualquer valor. Os Ingleses não são, com certeza, o povo mais inteligente; os Franceses e os Italianos são-no muito mais do que eles. O que não impediu que os Ingleses, por serem exímios na moral e na conduta, se tenham tornado nos donos do mundo! Eis porque sempre desdenhei a beleza quando desprovida de conteúdo e reduzida a si mesma apenas...

Ali Mahran perguntou a rir:

- Pelo simples facto de ter permanecido ligado a mim, deveria pois concluir que sou uma pessoa dotada de "moral"?

O paxá apontou o dedo para ele com gravidade e disse:

- A moralidade apresenta-se sob aspectos diversos: o juiz deve ser íntegro e justo; o ministro deve ter o sentido do dever e da responsabilidade comum; o amigo deve ser sincero e leal... sem dúvida és malicioso e muitas vezes canalha, mas também és honesto e fiel...

- Espero já ter corado!

- "Allah não impõe a alma alguma o que não é da sua capacidade^[174]". Quanto a mim, contento-me com o bem que há em ti... isso para além do facto de seres um marido e um pai, o que é uma outra virtude, uma felicidade que só pode estimar quem sofreu o silêncio das casas vazias, porém a solidão do isolamento é o sofrimento da velhice!...

E Ridwan, em resposta:

- Pensava que as pessoas idosas apreciavam o sossego.

- As ideias dos jovens acerca da velhice são sempre erradas e ademais os velhos não conseguem olhar para os jovens sem que gemam e se aflijam. Mas tu, Ridwan, diz-me o que pensas sobre o casamento!

As feições de Ridwan endureceram ao responder:

- A minha opinião é sempre a mesma... já falámos disso no passado,

ó paxá.

- Não será possível modificá-la?

- Não creio...

- Porquê?

Após ter balançado um pouco, Ridwan respondeu.-

- É algo estranho que não consigo explicar... mas a mulher parece-me um ser asqueroso!...

Uma expressão triste aflorou aos olhos apagados do paxá, que disse:

- Que pena! Não vês Ali Mahran, que está casado e é pai; e o teu amigo Hilmi, que é um defensor do casamento? Lamento ainda mais porque me encontro na tua posição. Sempre que li ou ouvi falar de beleza feminina, fiquei perplexo; mas preferi voltar-me para dentro de mim, escondendo o meu ponto de vista por consideração pela minha mãe. Amava-a muito... Ela exalou o seu derradeiro suspiro entre os meus braços enquanto as minhas lágrimas caíam sobre a sua testa e as suas faces... Como gostaria de que conseguisses vencer as tuas penas, ó Ridwan...

Alheio e pensativo, Ridwan respondeu:

- O homem pode viver sem uma mulher... não é um problema!...

- O homem pode viver sem uma mulher... mas este é que é o problema. Ainda que não te importes com o que as pessoas pensem... mas como farás para vencer o que pensas de ti? Podes afirmar que uma mulher suscita em ti repugnância, mas porque será que não suscita nos outros? Eis, pois, que te acomete um estranho sentimento, quase uma doença para a qual não há remédio adequado e que te leva a apartar-te do mundo com aquele mesmo sentimento que é uma cruel companheira para a solidão! E, talvez, não obstante isso, te envergonhes por desprezar a mulher mesmo quando és forçado a continuar a fazer tal coisa.

Nisso, Ali Mahran suspirou, desanimado:

- Tinha esperanças de passar uma noite animada, digna de um adeus!...

Abder Rahim paxá, a rir, disse:

- Mas será este o adeus mais apropriado a um peregrino! Que sabes da maneira como se despedem os que partem para a peregrinação?...

- Hei-de me despedir de si com preces e invocações e depois recebê-lo-ei com rosas e jovens de faces rosadas... e então logo veremos o que

há-de fazer...

O paxá, batendo uma mão na outra, disse com um sorriso:

- Confio-me a Allah, Senhor de Majestade!...

[168] Região na Arábia Saudita que alberga os locais sagrados do Islão e que tem Meca por apital.

[169] Nahs significa "má sorte".

[170] Em árabe, el-Hawadis. Termo que de facto significa, entre outras acepções, acontecimentos", "ocorrências", "incidentes".

[171] Nomes de jornais egípcios.

[172] Ramo neste contexto pode querer significar "pénis".

[173] Da palavra árabe mamluk, particípio passado do verbo malaka, "possuir, ter algo em propriedade". Eram escravos provenientes de várias regiões orientais, nomeadamente da Turquia e da Mongólia, que, em 1250, constituíram um sultanato no Médio Oriente. No momento em que foi conquistado pelos Otomanos (1517), este sultanato abrangia o Egipto, a Palestina, a Síria e as costas do mar Vermelho.

[174] Alusão ao versículo 286, da surata II do Alcorão.

CAPÍTULO 51

Chegado diante do café Ritz, no cruzamento entre a Rua Sherif e a Rua Qasr en-Nil, Kamal viu-se bruscamente na frente de Hussein Shaddad! Pararam ambos, de olhos esgazeados pelo espanto, e Kamal exclamou em voz alta:

- Hussein!

- Kamal! - disse por seu turno o amigo.

Depois, os dois homens estreitaram as mãos com entusiasmo rindo com alegria.

- Que feliz surpresa, depois de tanto tempo!

- É realmente uma feliz surpresa! Mudaste muito, Kamal! Mas calma, talvez eu esteja a exagerar! O teu aspecto está igual mas o que querem dizer estes bigodes merecedores de todo o respeito, estes óculos já clássicos e esta bengala? E o fez que ninguém mais usa além de ti?

- Mas tu também mudaste muito... Engordaste mais do que eu poderia supor. E isso está em consonância com os usos parisienses?... Onde está o Hussein de outrora?...

- onde está a Paris de outrora? Onde estão Hitler e Mussolini?... E agora o que fazemos? Ia beber um chá ao Ritz, não vês nenhum incómodo em ficares um pouco comigo?

- Não! Com muito prazer!

Os dois amigos entraram no café e sentaram-se numa mesa à direita da janela de vidro que dava para a rua. Hussein Shaddad pediu chá e Kamal, um café, depois continuaram a observar-se sorrindo. Hussein engordara e até parecia mais alto. Mas o que teria feito da sua vida durante todo aquele tempo?... Terá viajado pela terra e pelo céu como sempre desejara? Mas os seus olhos, embora sempre risonhos, deixavam transluzir um fundo de dureza como se toda a alegria da infância se houvesse transformado em gravidade.

Havia decorrido um ano desde o dia em que Kamal encontrara Budur na Rua Fuad I e durante aqueles meses curara-se da sua "catástrofe" sentimental e toda a família Shaddad acabara no recanto das coisas já esquecidas! O encontro com Hussein despertava outra vez a sua alma entorpecida e o passado surgia mais uma vez à sua

frente, ostentando as suas alegrias e as suas mágoas.

- Quando é que voltaste do estrangeiro?

- Há cerca de um ano...

"E não tentara sequer encontrar-se com ele!... Mas porquê condená-lo quando pessoalmente e há já algum tempo deixara de o considerar um amigo?"

- Se soubesse que tinhas voltado para o Egipto, teria tentado ver-te!

Hussein não pareceu emocionado e respondeu com toda a naturalidade:

- Ao voltar encontrei à minha espera tantas preocupações... não soubeste nada?

Franzindo o sobrolho, Kamal volveu lacónico e num tom magoado:

- Sim, soube certos factos pelo nosso amigo, Ismael Latif.

- Partiu para o Iraque há dois anos, segundo aquilo que me contou a minha mãe. E, quanto a mim, como já to disse, ao aqui chegar, encontrei à minha espera as preocupações!... Por isso tive muito que fazer dia e noite!

Aquele era o Hussein Shaddad "versão" 1944! O mesmo homem que outrora encarava o trabalho como um crime contra a humanidade... Mas teria realmente existido aquele passado? Dele permanecia apenas vestígios que se agitavam no seu coração...

- Lembras-te da última vez em que nos encontramos?

- Ah!...

Antes que Hussein acabasse a sua frase, chegou o criado com o chá e o café; na verdade, não parecia que o entusiasmasse muito ter de falar de recordações!...

- Deixa-me lembrar-te, foi em 1926 - disse Kamal.

- Muito bem! Parabéns pela tua memória! - depois com um ar ausente.- Dezassete anos na Europa!...

- Fala-me da tua vida lá!

Hussein meneou a cabeça, onde só nas ténporas havia alguns cabelos brancos, e disse:

- Hei-de falar disso em seu devido tempo, por ora acomoda-te com estes títulos: anos de viagens e de felicidade; tal qual um sonho! Amor e casamento com uma parisiense de boas famílias! A guerra e o êxodo para o Sul... a falência do meu pai, um período de trabalho na empresa dos meus sogros, o regresso para o Egipto sem a minha esposa para

lhe preparar uma vida sossegada... Que mais queres que te diga para além disso?

- Tiveste filhos?

- Não...

Era como se Hussein não quisesse falar... mas o que restara então da velha amizade para que ele pudesse lastimá-la? Apesar de tudo, sentia um grande desejo de bater às portas do passado, pelo que perguntou:

- E o que foi feita da filosofia de antigamente?

Depois de ter pensado um pouco, Hussein respondeu com uma gargalhada mordaz:

- Estou afundado no trabalho há anos, hoje não passo de um homem que trabalha.

Onde estava aquele espírito de Hussein Shaddad em que ele sempre achara um asilo de alegria espiritual? Naquele homem anafado o espírito não existia mais, talvez houvesse transitado para Riyad Quldus. Kamal já não conhecia o homem que estava na sua frente e ao qual estava ligado por um passado que já não lhe pertencia... um passado de que teria desejado, naquele instante, recuperar uma imagem autêntica e não apenas uma fria lembrança quase fotográfica.

- E o que fazes agora?

- Um amigo do meu pai arranjou-me um trabalho como segurança e estou ocupado da meia-noite até de madrugada; além disso trabalho como tradutor para alguns jornais franceses.

- E quando é que tens folgas?

- Raramente, mas consolo-me ao pensar que só hei-de fazer vir a minha mulher para o Egipto quando lhe puder oferecer uma vida condigna. A minha esposa pertence a boas famílias e, quando casei com ela, eu era considerado rico...

Hussein pronunciou aquelas palavras a rir como que para zombar de si mesmo e Kamal sorriu para o animar enquanto de si para si dizia: "Felizmente esqueci-te há muito, senão teria chorado por ti com toda a minha alma!"

- E tu, Kamal, o que fazes? - depois, retomou:

- Lembro-me de que tinhas a paixão da cultura!

"Quão digno de gratidão era por aquela recordação... era como se estivesse morto para ele tal como estava Hussein em relação a si. Morremos e voltamos a viver todos os dias diversas vezes!..."

- Sou professor de inglês - respondeu-lhe.
- Professor! Sim, sim... agora começo a lembrar-me... querias tornar-te escritor!

"Quantos desejos frustrados!"

- Publico os meus artigos na revista el-Fikr e, em breve, hei-de reuni-los num único volume.

Triste, Hussein sorriu e disse: Tens sorte pois realizaste os sonhos da tua juventude, ao contrário de mim!

Depois riu de novo, enquanto ecoava nos ouvidos de Kamal de um modo estranho a frase "Tens sorte". O mais estranho era que o amigo a proferira num tom de inveja... e ele via-se inesperadamente feliz e invejado! E por quem? Pelo decano da família Shaddad... Todavia, para louvar Hussein, Kamal exclamou:

- A tua vida de trabalhador é bem mais digna!

O outro, sorrindo, acrescentou:

- Não tenho outra escolha e a minha única esperança é readquirir pelo menos em parte o nível de vida de outrora...

Seguiu-se um momento de silêncio durante o qual Kamal observou com atenção o amigo... e eis que de novo sobrenadavam muitas imagens do passado pelo que teve de perguntar a Hussein:

- Como estão os teus familiares?

- Bem... - respondeu Hussein indiferente.

Kamal, após uma breve hesitação, perguntou:

- Tinhas uma irmã mais nova cujo nome não me recordo, o que lhe aconteceu?

- Budur! Casou no ano passado...

- O que Allah quer realiza-se! As nossas crianças casaram já!

- E tu, não casaste? "Acaso não se lembraria?"

- Não...

- Apressa-te senão ainda perdes o comboio...

- Há muito que já o perdi... - respondeu Kamal a rir.

- Talvez cases sem saber como... Acredita em mim, o casamento não entrava nos meus planos, contudo, estou casado há mais de dez anos...

Kamal encolheu os ombros e perguntou:

- Diz-me lá, como achas a vida aqui depois da tua longa estada na França?

- A vida na França após a invasão não era seguramente agradável;

aqui a vida é fácil quando comparada com a França! - depois, com uma certa nostalgia:

- Mas Paris, onde está Paris?!... Onde?

- Porque não ficaste na França?

- Para viver às custas dos meus sogros?! - disse Hussein com desagrado. - Não... Durante a guerra, tinha uma justificação para não partir mas depois tive de partir!...

Assim sendo, sobrevivia nele parte do antigo orgulho? A seguir, Kamal sentiu-se arrastado para uma tentativa arriscada e doce em simultâneo pelo que perguntou com uma certa astúcia:

- Que notícias tens do nosso amigo Hassan Salim?

Hussein olhou para ele por um instante com uma expressão de espanto e depois respondeu-lhe secamente:

- Não sei de nada.

- Como?!

Contemplando a rua, Hussein respondeu:

- Está tudo acabado entre nós, há já dois anos.

- O que queres dizer?... - perguntou Kamal não conseguindo esconder o seu estupor. Mas não podia rematar a frase subjugado por aquela notícia inesperada. Interrogava-se se Aida teria regressado para el-Abbasiyya... Acaso ter-se-ia divorciado? Resolveu porém só pensar em tudo isso mais tarde e perguntou com serenidade:

- A última notícia que Ismael Latif me deu acerca dele dizia respeito à sua viagem para o Irão.

Triste, Hussein respondeu:

- A minha irmã permaneceu com ele no Irão um mês apenas, depois regressou sozinha... - e baixinho: - Que Allah tenha misericórdia dela...

- O quê?!... - exclamou Kamal num tom de voz que foi ouvido por todos os que ocupavam as mesas vizinhas.

Então Hussein, surpreendido, perguntou:

- Não sabias? Morreu há um ano!

- Aida?!

O outro meneou a cabeça afirmativamente; Kamal teve vergonha por ter proferido o seu nome em voz alta e ficou abismado por um instante, depois todas as palavras irromperam nele como que despidas de significado e sentiu que a sua cabeça andava à roda. Estava estupefacto e aterrado...nem triste nem magoado... Por fim, disse:

- Que notícia triste! Os meus pêsames!

Hussein retomou:

- Voltou sozinha do Irão, permaneceu um mês junto da minha mãe, depois casou com Anwar bey Zaki, inspector-chefe de língua inglesa; viveu com ele somente dois meses, depois adoeceu e morreu no hospital copta.

Como podia a sua mente acompanhar o encadear daquela multidão de acontecimentos contados de forma tão fugaz?... Mas Hussein referira o nome de Anwar bey Zaki, inspector-chefe da sua área... tivera a honra de o encontrar algumas vezes... e pensar que fora marido de Aida! Meu Deus! Lembrou-se então de ter participado um ano antes no funeral da mulher do inspector... e a defunta seria Aida?!... Mas como pudera não ter visto Hussein no funeral?...

- Estavas aqui quando morreu?

- Não, Aida morreu antes do meu regresso ao Egipto...

Meneando a cabeça surpreendido, Kamal disse:

- Acompanhei o funeral sem saber que era o da tua irmã!

- Como foi isso?

- Soubera na escola que a mulher do inspector-chefe morreria e que o funeral passaria pela praça de el-Ismailliyya. Fui até lá com os meus colegas, sem antes ter lido o obituário no jornal, e segui o cortejo até à mesquita de Jarkas... faz precisamente um ano...

Hussein sorriu tristemente e disse:

- Agradeço-te!

Caso Aida houvesse morrido em 1926, ele teria enlouquecido ou ter-se-ia suicidado, agora, pelo contrário, a notícia não tinha para ele a menor importância. É verdade que era esquisito ter no ano anterior assistido ao funeral de Aida sem saber tratar-se do de Aida quando ainda estava totalmente dominado pela triste experiência vivida por altura do casamento de Budur!

Talvez, estando ele a acompanhar o cortejo fúnebre, tivesse evocado o nome de Aida em simultâneo com todos os outros pensamentos ligados; Budur e sua família. Recordava que, naquele dia, depois de se ter apressado a Anwar bey Zaki para lhe exprimir os seus pêsames, se sentara no meio dos presentes. Depois, fora pedido a todos que se levantassem porque chegara o caixão. Ao voltar-se, vira um caixão envolto em seda branca e ouvira alguns colegas que diziam tratar-se de

uma esposa recente... a segunda esposa do inspector-chefe... que morrera de pneumonia. E ele despedira-se do caixão sem saber que se despedia do seu passado... E quem era o marido de Aida? Um homem com mais de cinquenta anos com mulher e filhos... Como pudera desposá-lo ela que outrora fora o seu anjo?

"Pensavas que era superior à própria instituição do matrimónio todavia divorciara-se e a seguir aceitara ainda ser a segunda esposa! Muito tempo há-de passar antes que se aquiete o latejar do teu coração, latejar esse não devido à tristeza e à dor mas ao espanto e à surpresa e ao facto de hoje o mundo estar como que esvaziado das alegrias dos sonhos e de perder para todo o sempre o segredo mágico do passado maravilhoso. E, se porventura sentes um pouco de tristeza, é precisamente porque não estás tão triste como poderias estar!..."

- Mas o que fez com que Hassan Salim mudasse? Hussein abanou a cabeça com desdém:

- O covarde apaixonou-se por uma funcionária da delegação belga no Irão; Aida sofreu muito e, para defender a sua honra, pediu a separação...

"Em situações semelhantes, é um alívio para o homem o facto de os teoremas de Euclides não terem um valor absoluto."

- E os filhos?

- Estão com a avó paterna.

"Mas e ela, onde está ela agora, o que lhe acontecera ao longo daquele ano? Acaso a teriam conhecido Fahmi ou o sayyed Ahmad Abdel Gawwad ou Naima?"

Nisso, Hussein Shaddad levantou-se dizendo:

- Chegou para mim o momento de ir embora. Faz com que te volte a ver. Costumo jantar aqui no Ritz.

Kamal levantou-se também e, enquanto apertava a mão do amigo, murmurou:

- Se Allah assim o quiser!

Depois separaram-se e Kamal sabia que jamais se voltariam a ver, que ambos não sentiam qualquer necessidade de se reverem. Destarte, deixou o café dizendo de si para si: "Estou triste, Aida, porque não consegui ficar triste por ti como deveria!..."

CAPÍTULO 52

Na quietude da noite profunda, bateram à porta dos Shawkat em es-Sukkariyya.

As pancadas sucederam-se até acordarem todos os membros da família. A criada abriu a porta e, de imediato, ouviram-se no interior do pátio passadas pesadas cujo eco anormal alcançou as escadas e por fim os três apartamentos.

Ibrahim Shawkat encaminhou-se para a sala ainda a cambalear de sono mas cansado também pela idade avançada; aí descobriu um alto oficial cercado por um grupo de soldados e polícias. Ficou surpreendido e perguntou sobressaltado:

- O que está a acontecer?... Que Allah nos defenda dos males! O alto oficial perguntou-lhe com uma certa aspereza na voz:

- Não és por acaso o pai de Ahmad Ibrahim Shawkat e de Abdel Munim Ibrahim, que aqui moram?

O homem, com uma expressão de mal-estar, respondeu:

- Sim...

- Temos ordens para revistar a casa toda.

- Porquê, senhor comissário?

Sem lhe responder, o oficial virou-se para os seus ajudantes ordenando-lhes:

- Revistem tudo.

Obedecendo, os homens lançaram-se para os aposentos enquanto Ibrahim Shawkat perguntava:

- Porque revistam o meu apartamento?

O comissário ignorou-o por completo. Entrementes Khadiga, forçada a abandonar o quarto de dormir invadido por polícias, toda embrulhada num xaile preto, avançou vociferando furiosa:

- Já não há consideração pelas mulheres? Acaso somos gatunos, senhor comissário?

Falando assim, continuava a fitá-lo irritada e de súbito teve a sensação de já ter visto aquele rosto ou, melhor dizendo, de tê-lo visto numa época diferente, antes que os anos o marcassem... mas quando, mas onde? Meu Deus, era ele mesmo, não restava dúvida alguma, mas modificara-se muito. Mas como se chamava? Sem mais vacilar,

perguntou-lhe:

- Era oficial na esquadra de el-Gammaliyya há cerca de vinte anos, ou mesmo trinta; não me lembro exactamente quando...

O oficial ergueu os olhos para ela com uma expressão interrogativa, enquanto Ibrahim Shawkat observava ambos, perguntando-se também o que estaria a acontecer. Num rompante, Khadiga disse:

- Chama-se Hassan Ibrahim, não é?

- Conhece-me?

- Sou filha do sayyed Ahmad Abdel Gawwad e irmã de Fahmi Ahmad, que os Ingleses mataram nos dias da revolução, não se lembra? - perguntou num tom em que transluzia alguma esperança.

Os olhos do oficial brilharam de estupefacção e pela primeira vez murmurou cortesmente:

- Que Allah lhe conceda a Sua misericórdia...

- Sou irmã dele, como pode autorizar que se faça toda esta balbúrdia em minha casa?

- Senhora, cumprimos ordens - disse o comissário como que a querer justificar-se.

- Mas para quê tudo isso, senhor oficial, somos pessoas honestas!

O oficial respondeu com delicadeza:

- Sim, mas não os vossos dois filhos...

Enervada, Khadiga gritou:

- São ambos filhos da irmã do seu amigo de outrora!

O oficial, sem olhar para Khadiga nem para o marido, acrescentou:

- Cumprimos ordens do Ministério do Interior.

- Não fizeram nada de mal, são dois bons rapazes, posso jurá-lo!

Os soldados e os polícias regressaram à sala sem nada terem descoberto e o oficial, após ter ordenado que deixassem o apartamento, voltou-se para o casal e disse:

- Fomos avisados que se realizavam reuniões perigosas no apartamento dos vossos filhos...

- É uma mentira, senhor oficial.

- Realmente espero que assim seja, mas por ora sou obrigado a detê-los e hão-de permanecer na prisão até ao final da instrução; espero que o desfecho seja feliz.

Khadiga gritou com uma voz trémula e chorando:

- Quer mesmo levá-los para a prisão? É mesmo?... Não posso

acreditar... seja clemente... peço-lhe pela vida dos seus filhos!

- Não posso fazer isso, tenho ordens categóricas para detê-los! Boa noite!

O homem deixou o apartamento, e outro tanto fizeram Khadiga e o velho marido, que desceram as escadas sem demora.

Karima, imóvel diante de casa, subjugada por um grande terror, viu-os e gritou:

- Tia, prenderam-no, levaram-no para a prisão...

Khadiga volveu um olhar empedernido e desceu de imediato para o primeiro andar, onde encontrou Sawsan parada à porta e que, sombria, olhava para o pátio. Khadiga virou-se também para aquela direcção e viu os polícias cercarem Abdel Munim e Ahmad e conduzi-los para a saída. Não conseguindo dominar-se, lançou um grito do fundo do seu coração e tê-los-ia seguido caso Sawsan a não houvesse impedido.

Então, furiosa, Khadiga voltou-se para a nora, todavia Sawsan disse-lhe com uma voz triste e serena:

- Tenha calma, não descobriram nada de suspeito e por isso não poderão provar nada contra eles, mas não corra atrás dos seus filhos, tem de salvaguardar a dignidade de Abdel Munim e de Ahmad.

Então, a mulher vociferou:

- Essa tua calma é de invejar!

Sawsan respondeu com uma amabilidade resignada:

- Hão-de voltar bem para casa, fique sossegada!

- E como podes saber? - perguntou num tom rude.

- Tenho a certeza do que digo...

Sem prestar atenção às suas palavras, Khadiga voltou-se para o marido e, batendo uma mão na outra, disse:

- Perdeu-se toda a lealdade! Quando disse que são filhos da irmã de Fahmi, o oficial disse-me que cumpria ordens. Por que razão Deus prende as pessoas boas e deixa as desprezíveis?

Sawsan, dirigindo-se a Ibrahim, disse:

- Hão-de revistar também a casa de Bain el-Qasrain! Ouvi um polícia dizer ao oficial que conhecia a casa do avô deles em Bain el-Qasrain e o oficial adjunto sugeriu que se revistasse igualmente aquela para cumprir as ordens e para maior precaução no caso de terem lá escondido manifestos!

Khadiga gritou então:

- Vou ter com a minha mãe, talvez Kamal possa fazer alguma coisa...

Ó meu Deus! Sinto que estou a arder!

Vestiu o casaco e deixou es-Sukkariyya com pequenos passos cambaleantes...

Fazia frio e a escuridão era ainda espessa... os galos cantavam como se se respondessem uns aos outros...

Khadiga dirigiu-se apressada para el-Guriyya atravessando a es-Sagha e seguindo para en-Nahhasin.

Ao lado da porta de casa encontrou um polícia e avistou outro no pátio... ofegante, subiu as escadas. Todos os familiares haviam acordado com o toque da campainha, quando Umm Hanafi, trémula, lhes dissera "Polícia". Kamal avançara para o pátio, onde achara o oficial, e dirigira-se-lhe, atarantado:

- Senhor?...

- Conhece Abdel Munim Ibrahim e Ahmad Ibrahim? - perguntara-lhe o comissário.

- Sou tio deles!

- Qual é a sua profissão?

- Sou professor na escola de Silihdar.

- Temos ordens para revistar a casa!

- Porquê? De que me acusam?

- Procuramos manifestos que dizem respeito aos dois jovens, talvez os tenham escondido aqui.

- Asseguro-lhe de que em nossa casa não há manifestos. Entrem, no entanto, e revistem à vontade...

Kamal observara o oficial, que, ficando a sós com ele, ordenava aos polícias que se encaminhassem para as escadas e para o terraço. Não se tratava de uma revista que tivesse de transtornar a casa... o oficial ordenara apenas, com efeito, que entrassem nos quartos e lançassem um olhar superficial à sala de estudo e às estantes dos livros.

Kamal retomara o fôlego e conseguira mesmo perguntar:

- Já revistaram a casa deles?

- É evidente... - e, após um segundo, acrescentara: - Estão agora na prisão da esquadra.

- Encontraram alguma coisa contra eles? - perguntara Kamal.

O homem, com uma delicadeza anómala para indivíduos da sua

profissão, respondera:

- Espero que não se chegue a tal ponto, mas o interrogatório é da competência da Procuradoria-Geral!

- Obrigado pela sua amabilidade.

- E não se esqueça de que não pus a casa às avessas - respondera calmo e risonho o oficial.

- Sim, senhor, não sei como agradecer-lhe. Então o oficial perguntara:

- É irmão do defunto Fahmi?

E Kamal, de olhos esgazeados pelo espanto:

- Sim, conhecia-o?

- Éramos amigos, que Allah tenha misericórdia dele...

- Uma coincidência feliz... - e, estendendo-lhe a mão: - Kamal Ahmad Abdel Gawwad...

O homem apertara-lhe a mão dizendo:

- Hassan Ibrahim, oficial da secção de el-Gammaliyya. Comecei a minha carreira aqui como subtenente e, após várias transferências, aqui regressei na qualidade de oficial - depois, meneando a cabeça:

- As ordens eram categóricas, espero que não haja provas daquilo de que os seus sobrinhos estão acusados...

Foi então que se ouviu a voz de Khadiga que, a chorar, contava à mãe e a Aisha tudo o que sucedera.

O oficial disse:

- É a mãe dos dois jovens... reconheceu-me graças à sua memória excepcional e fez-me lembrar o defunto Fahmi, mas tudo isso após a revista se ter já iniciado... todavia tranquilize-a.

A seguir, ambos subiram e, quando chegaram ao segundo andar, encontraram Aisha, que os observou da porta com manifesta severidade e lançou ao oficial um olhar feroz gritando:

- Porque detêm os filhos das famílias quando não há qualquer razão?... Não ouve como chora a mãe?

O oficial, surpreendido, voltou-se e depois, baixando o olhar, disse amavelmente:

- Serão libertos em breve se Allah assim o quiser...

Depois, tendo-se distanciado da entrada do apartamento do segundo andar, perguntou a Kamal:

- É a tua mãe?

- Não, minha irmã. Tem quarenta e quatro anos apenas mas tanto sofreu que foi consumida pela sua má sorte...

O oficial virou-se para ele estarrecido e Kamal teve a sensação de que lhe queria perguntar algo, mas, depois de ter balançado um segundo, o homem renunciou ao que se preparava para dizer. Chegados ao pátio, os dois estreitaram a mão e, antes de o oficial abalar, Kamal perguntou:

- Posso ir vê-los à prisão?

- Sim...

- Obrigado...

Tendo voltado para a sala onde se encontravam a mãe e as irmãs, Kamal disse:

- Amanhã irei ter com eles. Não tenham medo; serão postos em liberdade mal o interrogatório tenha terminado.

Khadiga não parava de chorar e Aísha, exasperada, gritou:

- Não chores, chega, em breve hão-de voltar para ti, não ouviste?

- Não consigo acreditar... não consigo... os meus dois filhos na prisão!... Amina mantinha-se silenciosa, a dor emudecera-a.

Kamal, num tom consolador, disse:

- O oficial conhece-nos, era amigo do defunto Fahmi. Foi de uma amabilidade incrível para connosco durante a revista! Sem dúvida alguma, há-de ajudá-los.

A mãe ergueu a cabeça como que numa interrogação silenciosa e Khadiga, irada, disse:

- Hassan Ibrahim, mãe, não se lembra dele? Lembrei-lhe que Fahmi era meu irmão e só soube dizer: "Senhora, cumprimos ordens!" Ordens! Que vá para o inferno!...

Amina volveu os olhos para Aisha, que parecia alheada... depois acercou--se de Kamal e começou a dizer-lhe, dominada por uma angústia extrema:

- Meu filho, não percebi nada, por que razão é que os detiveram? Kamal, após ter reflectido no que seria conveniente contar-lhe, disse:

- O governo pensa, erradamente, que são seus opositores! Amina meneou a cabeça com visível perplexidade e replicou:

- A tua irmã diz que detiveram Abdel Munim por fazer parte dos Irmãos Muçulmanos... mas porque prendem os muçulmanos?...

- Repito-te que o governo julga que agem contra ele!

- E Ahmad?! A tua irmã disse que é... esqueci a palavra, meu filho!...

- Comunista? Os comunistas são considerados semelhantes aos Irmãos Muçulmanos na perspectiva do governo!...

- Os comunistas?!... os seguidores de sayyedna Ali^[175]?... Kamal, disfarçando um sorriso, respondeu:

- Os comunistas não são xiitas^[176]... O partido deles opõe-se ao governo e aos Ingleses!...

Amina suspirou desnorteada e perguntou:

- Quando é que os libertarão? Olha para a tua irmã, coitada! O governo... os Ingleses!... Não encontraram senão a nossa casa que já foi tão castigada pela infelicidade!...

^[175]Literalmente "o nosso senhor Ali". Trata-se de Ali Ibn Abi Talib, o quarto califa, primo e genro do profeta Muhammad.

^[176]Em árabe os termos shií (xiita), i.e., seguidor do partido de Ali, o quarto califa, primo e genro do profeta Muhammad, e shiui derivam de raízes muito parecidas, o que explica a confusão de Amina.

CAPÍTULO 53

O chamamento à oração da madrugada espalhava-se no silêncio ainda profundo quando o oficial de el-Gammaliyya mandou chamar Abdel Munim e Ahmad ao seu gabinete.

Os dois jovens apresentaram-se diante da sua secretária conduzidos por um polícia armado que o oficial ordenou que se retirasse. Depois, começou a observá-los com atenção e, por fim, dirigindo-se a Abdel Munim, perguntou-lhe:

- Nome, idade e profissão.

Abdel Munim, calmo e seguro de si, respondeu:

- Abdel Munim Ibrahim Shawkat, vinte e cinco anos, funcionário na secção de Inquéritos junto do Ministério da Instrução Pública.

- Como podes violar as leis do Estado logo tu que és um homem de leis?

- Não violo nenhuma lei: trabalhamos de forma clara escrevendo nos jornais e rezando nas mesquitas. Os que conduzem as pessoas para o caminho de Allah nada têm a esconder...

- Acaso não se realizaram na tua casa reuniões suspeitas?

- Não: tratava-se de vulgares reuniões entre amigos para uma troca de ideias e de conselhos e para aprofundar os conhecimentos religiosos.

- Acaso não era um dos objectivos dessas reuniões instigar as pessoas contra os Estados aliados?

- Quer dizer a Grã-Bretanha, senhor? É o nosso pérfido inimigo... Um Estado que calca a nossa dignidade com tanques não pode por certo ser considerado um aliado!...

- És um homem instruído, deverias perceber que em tempo de guerra há circunstâncias que exigem leis especiais!

- Percebo só que a Grã-Bretanha é o nosso principal inimigo! O oficial voltou-se então para Ahmad perguntando-lhe:

- E tu?

Ahmad respondeu com um sorriso vago nos lábios:

- Ahmad Ibrahim Shawkat, vinte e quatro anos, redactor na revista O Homem Novo...

- Temos relatórios muito sérios acerca dos teus artigos extremistas

mas, acima de tudo, é indiscutível que a tua revista goza de má fama...

- Os meus artigos limitam-se a defender os princípios da justiça social...

- És comunista?

- Sou socialista! Muitos deputados defendem o socialismo, além do mais, a lei não pune os comunistas pelas suas ideias a não ser que recorram à violência...

- Deveríamos aguardar até as reuniões que todas as noites se realizam no teu apartamento desencadearem actos violentos?

Então, Ahmad interrogou-se no seu íntimo:

"Será que sabe dos manifestos secretos e das conferências nocturnas?"

Depois, respondeu:

- Só reúno na minha casa os meus amigos mais próximos. Todas as noites vêm apenas ter comigo não mais do que quatro ou cinco pessoas e a violência é totalmente estranha à nossa maneira de pensar...

O oficial, após ter observado um e outro, teve um segundo de indecisão e disse:

- São instruídos, bem-educados e casados... não é? Pois, não seria melhor se se preocupassem com as vossas questões pessoais sem se exporem ao perigo?...

Abdel Munim, com a sua voz forte, respondeu:

- Fico-lhe muito grato pelos seus conselhos mas não os acatarei... Escapou ao oficial, contra a sua vontade, uma gargalhada:

- Durante a revista - disse ele -, fiquei a saber que são netos do defunto Ahmad Abdel Gawwad; o vosso tio, o defunto Fahmi, era um grande amigo meu. Julgo que devem saber que morreu na primavera da vida ao passo que todos os seus colegas estão ainda vivos e ocupam cargos de relevo...

Ahmad, compreendendo por fim a misteriosa causa da afabilidade do oficial que tanto o espantara, disse:

- Permita-me que lhe pergunte, senhor, como seria hoje o Egipto sem o sacrifício do meu tio e de outros tantos iguais a ele?...

O homem respondeu, meneando a cabeça:

- Pensem no conselho que lhes dei com sensatez e prudência e não se entreguem a esta filosofia destrutiva... - depois, prosseguiu:

- Hão-de continuar nossos hóspedes nesta prisão até serem convocados para interrogatório. Desejo-lhes boa sorte...

Os dois jovens abandonaram a sala e, ao saírem, foram entregues a um cabo e a dois polícias armados. A seguir, desceram todos para o rés-do-chão e dirigiram-se para um pátio sombrio e muito húmido. Depois de terem dado poucos passos, foram escoltados pelo carcereiro, que, com a sua lâmpada eléctrica, lhes mostrou a porta da cela. O homem abriu-a e fez entrar nesta os dois jovens, apontando o feixe de luz para o seu interior para lhes indicar as respectivas esteiras.

Na penumbra da luz, divisava-se um lugar de tamanho médio com um tecto bastante alto e uma pequena janela, atravancada por grades de ferro e que se abria na parte superior do muro.

A cela estava cheia de "hóspedes", entre os quais dois jovens que pareciam estudantes e três homens descalços de aspecto rude e disforme.

Depressa a porta foi fechada e a cela ficou às escuras. Todavia, a luz e o movimento produzido pela entrada dos novos ocupantes despertara os presos.

Ahmad murmurou ao irmão:

- Não me vou sentar porque a humidade me mataria! Aguardemos pela madrugada em pé!

- Mais cedo ou mais tarde, seremos forçados a sentarmo-nos. Sabes lá quando deixaremos esta prisão?

Nisso, ouviu-se uma voz e Ahmad e o irmão deduziram logo que vinha de um dos dois jovens:

- Não podem fazer outra coisa senão sentarem-se... não é agradável mas sempre é menos doloroso do que ficar em pé durante vários dias!...

- Estão aqui há muito tempo?

- Há três dias!

Fez-se um silêncio e depois a mesma voz continuou:

- Por que razão vos prenderam? Abdel Munim respondeu lacónico:

- Parece que se trata de razões políticas!... A voz, com uma gargalhada, acrescentou:

- Neste instante, os políticos estão em maioria nesta prisão!... Estávamos em minoria antes de nos darem a honra de vir para aqui!...

Ahmad perguntou-lhe:

- De que vos acusam?
- Falem primeiro, foram os últimos a chegar! Também é escusado fazer perguntas, tendo em conta a barba do Irmão Muçulmano de um de vocês...

Ahmad sorriu na escuridão e perguntou:

- E vocês dois?
- Ambos somos estudantes da Faculdade de Direito acusados de terem distribuídos manifestos "destrutivos", como costumam dizer...

Ansioso, Ahmad perguntou:

- Foram apanhados em flagrante?
- Sim...
- O que estava escrito nos manifestos?
- Um comunicado para a distribuição da riqueza agrícola no Egipto...

- Mas isto também é o que publicam os jornais mesmo com a lei marcial em vigor.

- Mas temos de acrescentar que os manifestos compreendiam ainda instruções para instigar à acção!

Ahmad sorriu de novo e, pela primeira vez, sentiu-se menos desolado. A voz retomou:

- Não é tanto a lei que receamos mas a prisão!
- Os acontecimentos fazem prenunciar uma mudança completa!
- Sim, mas isso não impede que estaremos sempre debaixo de mira... Elevou-se uma voz áspera:

- Parem de falar e deixem-nos dormir!

Mas aquela voz acordara um dos prisioneiros que, a bocejar, perguntou:

- É de manhã?
- Oh não! Mas aqui os nossos amigos - respondeu o outro sarcástico - julgam que estão num bordel!

Abdel Munim suspirou e sussurrou de modo a só se fazer ouvir por Ahmad:

- Atiraram-me para um sítio destes por uma única razão: porque adoro Allah!...

E Ahmad, sorrindo, murmurou ao seu ouvido:

- E que culpa tenho eu então que não O adoro?

A seguir ninguém mais falou. Ahmad começou a interrogar-se por

que motivo teriam os outros sido detidos: roubo, brigas, bebedeira, desordem?

Escrevera tanto acerca do povo, muito enroscado no seu sobretudo na bela sala do seu escritório!

E ali estava o povo que praguejava ou, quando dormia, roncava... e aquelas faces carrancudas, infelizes que vislumbrara por alguns minutos à luz da lâmpada... e aquele homem que coçava a cabeça e os sovacos e cujos piolhos talvez estivessem a rastejar com tenacidade até eles...

Aquele era o povo para o qual vivia?... Então por que motivo só a ideia de um contacto com ele o perturbava?... "Aquele homem a quem incumbia a tarefa de concorrer à libertação da humanidade deveria ter deixado de roncar, ter tomado consciência do seu papel na História e ter-se erguido para salvar o mundo inteiro!... É a condição humana a única coisa que nos une neste local sombrio e húmido apesar das nossas diferentes orientações: o Irmão Muçulmano, o comunista, o bêbado e o ladrão, sem qualquer espécie de diferença. Todos somos uma mesma pessoa não obstante a disparidade dos destinos e a capacidade de resistência! Porque não nos preocuparíamos por questões pessoais, como disse o oficial? Tenho uma mulher que amo e bens que me chegam. Na verdade, o homem pode ser feliz até quando se limita a ser um marido, um funcionário, um pai ou um filho mas está destinado às contrariedades e mesmo à morte quando quer simplesmente ser um 'Homem'. A despeito do que agora lhe pudesse suceder, ser condenado ou liberto, a única perspectiva que se apresentava no horizonte da sua vida continuava a ser a pesada e aterradora porta da prisão. O que me leva para este caminho arriscado ainda que admirável? Acaso não será "o Homem" oculto nos recessos do meu ser? O Homem consciente do seu ser, da sua condição humana, histórica e universal? A única particularidade que distingue o homem das restantes criaturas é que ele pode ser condenado à morte por livre escolha e com o seu assentimento pessoal!"

Ahmad sentia a humidade penetrar-lhe as pernas e o esgotamento que se insinuava nas articulações... e tudo isso, ao passo que os roncamentos dos restantes presos ecoavam sem interrupção em todos os recantos da cela. Depois, por entre as barras da pequena janela, entrou uma luz fraca e ténue...

CAPÍTULO 54

O médico abandonou o quarto seguido de Kamal que estava muito desalentado. Chegados à sala, o médico, aparentando calma, virou-se para Kamal, que o fitava com um olhar interrogativo:

- Lamento ter de te comunicar que se trata de uma paralisia total...

- O seu estado é grave? - perguntou Kamal cada vez mais desalentado.

- Sem dúvida! Houve também uma pneumonia e por isso tornaram-se necessárias as injeções para dar à tua mãe algum alívio...

- Não há a menor esperança de cura?

Após um breve silêncio, o médico respondeu:

- A vida das pessoas está sempre nas mãos de Allah; o médico, dentro das suas limitações, só pode declarar que este estado não se pode estender por mais de três dias...

Kamal acolheu com coragem o anúncio de morte... acompanhou o médico até à porta, depois regressou ao quarto.

A mãe parecia dormir ou talvez estivesse num estado entre a vigília e o sono; do cobertor grosso emergia só o rosto lívido de lábios cerrados e levemente torcidos. Aisha, que estava em pé diante da cama, veio ao encontro do irmão e perguntou:

- O que é que ela tem, meu irmão? O que disse o médico?

Umm Hanafi, junto da cabeceira, disse:

- Ela não fala, meu senhor, não diz uma palavra sequer...

"E nunca mais se ouvirá falar", acrescentou de si para si. Depois, virando-se para a irmã:

- Trata-se da pressão arterial alta que se agravou com uma leve constipação; as injeções hão-de lhe trazer algum alívio.

Aisha, como se falasse para si mesma:

- Tenho medo... e se a mãe ficar assim de cama durante muito tempo, como será possível suportar a existência nesta casa?

Kamal, voltando-se para Umm Hanafi, perguntou-lhe:

- Informou toda a família?

- Sim, meu senhor; Sitt Khadiga e o Si Yassin vêm já. Mas o que tem a sua mãe, meu senhor?... Estava de perfeita saúde esta manhã!

Sim, era verdade! Ele próprio poderia confirmá-lo! Quando havia

passado pela sala, tal como todas as manhãs era seu costume fazer antes de partir para a escola de Silihdar, para beber o café que a mãe lhe oferecera, dissera-lhe:

- Não saia hoje, está muito frio!

Com o seu doce sorriso, Amina respondera:

- E como poderei eu aproveitar este dia sem ir visitar a mesquita de el-Hussein?

E Kamal protestara:

- Faça o que mais lhe agradar! Como é teimosa, mãe!

E ela gaguejara:

- Allah é o melhor protector!

- Que Deus cumule os seus dias de felicidade!...

Aquela fora a última vez que a vira consciente. Estava ele na escola quando, por volta do meio-dia, lhe chegara a notícia de que a mãe não se sentia bem, pelo que regressara a casa na companhia do médico, que, volvidos alguns minutos, lhe comunicara que em breve estaria morta. Sim, restavam-lhe somente três dias!...

E ele, quem sabe quantos lhe restariam a viver?

Kamal aproximou-se então de Aisha para lhe perguntar:

- Como e quando aconteceu tudo isso?

Umm Hanafi respondera por ela:

- Estávamos sentadas na sala... a um dado momento, levantou-se e, ao se dirigir para o quarto para vestir o casaco e sair, dissera: "Depois de ter visitado el-Hussein, irei ter com Khadiga." A seguir, chegara ao quarto e, pouco depois, ouvi um barulho como algo que cai. Precipitei-me e encontrei-a estendida no chão entre a cama e o armário... corri para ela chamando Sitt Aisha...

- Cheguei a correr - acrescentou Aisha - e encontrei-a aqui.

Carregámo-la para a cama e pus-me a perguntar-lhe o que tinha mas não me respondeu. A partir daquele momento, nunca mais falou!

Quando falará ela de novo, meu irmão?

Kamal, angustiado, respondeu:

- Quando Allah o quiser!...

Depois recuou até ao sofá, onde se sentou lançando um olhar triste para o rosto lívido e calado da mãe. Sim, devia contemplá-lo demoradamente pois não lhe seria mais possível revê-lo!...

Também aquele quarto mudaria de aspecto, tal como toda a casa

mudaria... ninguém mais chamaria: "Mãe!" Jamais poderia ter imaginado sofrer tão intensamente pela morte da mãe!... Acaso a morte não se lhe tornara ainda familiar? Mas sim... e ademais a idade e as experiências haviam-no tornado mais forte para resistir às emoções... mas o adeus eterno provocava uma dor lancinante.., e, se o seu coração merecia alguma repreensão, era porque, não obstante todas as mágoas sentidas, insistia em sofrer qual coração fresco e jovem... Como a mãe o amara! E como amara todos eles, tal como todas as coisas do mundo!... "Mas estas belas qualidades de alma só

se notam no momento da separação... Neste instante irrevogável, na memória de quem fica, aglomeram-se as imagens dos sítios, dos tempos, dos acontecimentos que a destroçam visceralmente, mas em breve a luz destas mistura-se às trevas... o azul da aurora confunde-se com o jardim do terraço, o fogareiro da "sessão do café" e as suas lendas, o arrulhar dos pombos e as suas doces árias! Ó coração mal-agradecido, diz antes que foi um amor portentoso! Talvez amanhã hás-de dizer justamente que a morte te arrebatou a pessoa que te era mais querida... Talvez os teus olhos vertam lágrimas que nem a idade avançada estancará... Considerar a vida uma tragédia indica um certo romantismo pueril e bem melhor seria para ti com coragem encará-la como um drama cujo final alegre é a morte! Além do mais, pergunta a ti mesmo até quando passearás a tua existência destroçada! A tua mãe está a morrer após ter concluído a sua obra... mas e tu, o que fizeste?"

* * *

Kamal foi acordado pelo ruído de passos. Khadiga penetrou no quarto muito perturbada e, dirigindo-se para a cama, começou a chamar a mãe perguntando aos presentes o que sucedera. Kamal sentiu então mais forte ainda a dor que o rasgava e, receando que as suas forças o atraíssem, abandonou o quarto e foi para a sala. Pouco depois chegaram Yassin, Zannouba e Ridwan, que lhe deram um aperto de mão e aos quais ele relatou sem demasiados pormenores o mal que se abatera sobre Amina. Os recém-chegados entraram no quarto da doente deixando Kamal sozinho. A seguir, Yassin regressou e perguntou-lhe:

- O que te disse o médico?

- Paralisia e pneumonia! - respondeu desesperado. - Estará tudo terminado dentro de três dias no máximo...

Yassin, mordendo os lábios, exclamou mortificado:

- Não há poder nem força senão em Allah...

Depois, sentando-se, balbuciou:

- Coitada, tudo aconteceu tão de repente! Não se queixava de nada nos últimos dias?

- Não, como bem sabes, não tinha por hábito queixar-se, contudo por vezes tinha um ar esgotado...

- Talvez devesse tê-la levado a um médico!

- Não há nada mais insuportável para ela do que falar de médicos... Pouco depois, Ridwan, juntou-se-lhes e, voltando-se para Kamal:

- Tio - disse ele -, penso que é necessário levá-la para um hospital!...

Kamal, meneando a cabeça melancólico, respondeu:

- É escusado, o farmacêutico há-de enviar uma enfermeira de confiança para lhe dar as injeções...

Os três homens permaneceram em silêncio com os rostos empedernidos. Depois Kamal lembrou-se de algo que a polidez lhe impunha não esquecer e perguntou a Yassin:

- Como está Karima?

- Há-de dar à luz no decorrer desta semana, é pelo menos o que afirma a médica...

- Que Allah a ajude! - murmurou Kamal.

- A criança há-de nascer enquanto o pai está na prisão... - disse Yassin.

Ouviu-se a campainha... era Ríyad Quldus. Kamal recebeu-o e acompanhou-o até à sala de estudo. Riyad disse:

- Perguntei por ti na escola e o secretário contou-me a notícia. Como está?

- Teve uma paralisia e o médico disse-me que só tem três dias...

- Não há qualquer cura? - perguntou com ar consternado.

Kamal, meneando a cabeça desesperado, respondeu:

- Talvez seja bom que tenha perdido consciência e nada saiba do que a espera! - depois, num tom de zombaria, enquanto se sentavam, acrescentou:

- Aliás, acaso nós próprios sabemos alguma coisa do que nos espera? Riyad sorriu sem replicar. O outro prosseguiu:

- Muitos pensam que é uma coisa sensata meditar sobre a morte em si, mas seria mais acertado tomar a morte como um pretexto para meditar sobre a vida...

E Riyad, sorrindo:

- Seria preferível na minha opinião e assim poderíamos perguntarmo-nos face à morte seja ela qual for o que fizemos da nossa vida!

- Não fiz nada da minha... estava mesmo a pensar nisso...

- Mas ainda vais a meio do caminho!

"Talvez sim, talvez não; porém é preferível que o homem medite sobre os sonhos que o obcecaram; nesse sentido, o ascetismo é uma fuga tal como também a fé indiferente na ciência é outra fuga. Assim sendo, apenas se pode agir e para agir é imprescindível a fé; a questão é como criar para nós uma fé que se ajuste à nossa existência."

Kamal perguntou:

- Achas que cumpri a minha obrigação para com a vida pelo fervor com que me dediquei ao meu trabalho de professor e pelos artigos de filosofia que escrevi?

E Riyad, com uma certa condescendência:

- Claro que cumpriste a tua obrigação!

- Mas vivi com a consciência atormentada tal como sucede com um traidor!

- Traidor?!

Kamal, suspirando, acrescentou:

- Deixa-me que te repita o que Ahmad, filho da minha irmã, me disse quando fui ter com ele à prisão da esquadra antes de o terem transferido para o estabelecimento prisional!

- Já agora, que notícias tens dos teus sobrinhos?

- Partiram com muitos outros para a prisão de et-Tor.

- Tanto aquele que acredita em Allah como aquele que não acredita n'Ele?...

- É essencial acima de tudo "venerar" o governo para poder viver sossegado.

- Na minha opinião, a detenção é menos grave que um julgamento!

- Este é o meu ponto de vista, mas será que jamais há-de acabar esta agonia? Quando é que a lei marcial será abolida? Quando é que o poder voltará a ser da Lei e da Constituição? Quando é que os Egípcios

serão enfim tratados como seres humanos?

Riyad, brincando com a aliança que trazia na mão esquerda, disse num tom triste:

- Sim, quando?... Mas o que podemos fazer?... O que te disse Ahmad na prisão da esquadra?

- Disse-me que a vida é trabalho, casamento e dever em relação a toda a humanidade... Não é esta a ocasião para falar de dever do indivíduo para com o seu trabalho ou a sua mulher. Quanto ao dever para com toda a humanidade, este consiste na revolução perpétua, o que significa trabalhar continuamente para realizar a vontade da vida representada no seu natural desenvolvimento rumo ao ideal...

Riyad, após ter refletido um pouco, disse:

- É uma boa opinião mas dá azo a todos os contrastes...

- Sim, por isso concordou com o irmão Abdel Munim, se bem que esteja em oposição com este; e, quanto a mim, entendi-o como um apelo à fé seja qual for a sua fonte ou o seu fim e portanto atribuo a minha infelicidade aos remorsos da consciência inerente a todo o traidor. Pode parecer fácil viver no casulo do egoísmo mas é difícil nele achar a felicidade se se é deveras um Homem...

O semblante de Riyad iluminou-se apesar da tristeza do momento e ele disse:

- Este é o feliz prenúncio de uma grande mudança que está prestes a acontecer!

- Não zombes de mim - respondeu Kamal com prudência. - A questão da fé está em mim sempre presente e não resolvida, e a única coisa com que me posso consolar é que a luta ainda não acabou nem mesmo acabará quando me restarem como à minha mãe só três dias para viver...

Depois acrescentou gemendo:

- E sabes o que me disse mais? Disse-me: "Eu tenho fé na vida e nos homens e por isso vejo-me constrangido a seguir os ideais destes quando estou convencido de que são verdadeiros porque desistir significaria fugir, ser ignóbil. E vejo-me de igual modo constrangido a rebelar-me contra os ideais destes quando estou convencido de que são falsos... não o fazer corresponderia a uma traição... este é o significado da revolução perpétua!..."

Riyad, que continuava a escutá-lo meneando a cabeça em sinal de

aprovação, depois, ao constatar a perturbação e o cansaço de Kamal, disse:

- Tenho de me ir embora. O que dirias se me acompanhasses até à paragem do eléctrico?... Talvez caminhar um pouco te descontraia!

Os dois amigos levantaram-se e deixaram o aposento. À porta do apartamento do segundo andar, encontraram Yassin, que só vagamente conhecia Riyad, e Kamal pediu-lhe que os acompanhasse. Mas Yassin pediu-lhes alguns minutos para deitar mais um olhar à mãe. Ao penetrar no seu quarto, encontrou-a tal como a havia deixado, no mesmo estado de total inconsciência.

Khadiga estava sentada sobre a cama aos pés da mãe com os olhos vermelhos de chorar e no rosto aquela expressão de desalento profundo que não mais desaparecera desde que sobre os seus dois filhos se abatera a mão do governo... Zannouba, Aisha e Umm Hanafi estavam sentadas no sofá em silêncio. Aisha fumava um cigarro com uma urgência aflita enquanto olhava em seu derredor com um movimento circular nervoso dos olhos.

Yassin perguntou:

- Como está?

Aisha respondeu com uma voz dura que nela indiciava toda a sua angústia e a sua revolta:

- Não quer voltar à consciência!

Yassin virou-se para Khadiga e trocou com ela um olhar demorado feito de triste entendimento e de desespero partilhado. Depois, apressou-se a abandonar o quarto e a se juntar aos amigos. Os três homens que caminhavam com passos vagarosos em silêncio atravessaram es-Sagha rumo a el-Ghuriyya e, chegados a es-Sanadiqiyya, encontraram o sheikh Metwalli fedes Samad, o qual, apoiado na sua bengala e com passos cambaleantes, vinha de lá e se dirigia para el-Ghuriyya. Hoje cego já e todo trémulo... olhava em seu redor e perguntava em voz alta:

- De que lado fica o caminho para o Paraíso?

E um transeunte a rir:

- Na primeira ruela à direita...

Yassin disse a Riyad Quldus:

- Acreditarias em mim se te dissesse que aquele homem há pelo menos uma década que ultrapassou os cem anos?

E Riyad, sorrindo:

- Seja como for, hoje já não pode ser considerado um homem!...

Kamal olhava para o sheikh Metwalli com carinho; recordava-lhe o pai e Kamal encarava-o com um elemento típico à semelhança do antigo sebil^[177] da mesquita Qalawun e da ruela coberta de Qirmiz. Conquanto o velho encontrasse muitas pessoas que sentiam ternura por ele, não escapava às travessuras de alguns garotos que assobiavam no seu rosto ou o seguiam imitando os seus gestos.

Yassin e Kamal acompanharam Riyad à paragem do eléctrico e esperaram até este ter subido para depois regressarem juntos para el-Ghuriyya. De súbito, Kamal estacou e disse ao irmão:

- Chegou para ti a hora de ires para o café...

Mas Yassin prosseguiu determinado:

- Não, fico contigo...

Melhor do que ninguém, Kamal conhecia a natureza do irmão, pelo que insistiu:

- Não é absolutamente necessário! E Yassin, impelindo-o para frente:

- É a minha mãe tal como é a tua!

Kamal foi tomado por um repentino sentimento de temor por Yassin. Sim, ele caminhava cheio de vida, majestoso qual camelo, mas até quando poderia levar aquela existência repleta de prazeres? O seu coração encheu-se de tristeza, depois, de forma inesperada, o pensamento voou para a prisão de et-Tor.

"'Eu tenho fé na vida e nos homens', assim dissera Ahmad, por isso vejo-me constrangido a seguir os ideais destes quando estou convencido de que são verdadeiros porque desistir significaria fugir, ser ignóbil. E vejo-me de igual modo constrangido a rebelar-me contra os ideais destes quando estou convencido de que são falsos... não o fazer corresponderia a uma traição... Poderíamos interrogar-nos sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas talvez também a dúvida seja uma forma de fuga como o ascetismo e a fé indiferente na ciência...

E acaso poderás ser ao mesmo tempo um professor exemplar, um marido exemplar e um revolucionário permanente?!..."

Quando os dois passaram defronte da loja de esh-Sharqawi, Yassin deteve-se dizendo:

- Karima encarregou-me de comprar alguns objectos para a criança

que espera... desculpa-me por um instante!

Entraram os dois na pequena loja e Yassin começou a escolher os objectos pedidos para o bebé: fraldas, uma touquinha, uma camisa de dormir. Entrementes, Kamal lembrou-se de que a sua gravata preta que usara durante todo o ano pelo luto do pai estava velha e que precisava de uma nova para o triste dia que teria de enfrentar. Mal Yassin terminou, Kamal perguntou ao comerciante:

- Por favor, uma gravata preta...

A seguir, ambos saíram da loja cada qual com o seu embrulho. No lusco-fusco que entretanto se derramava numa quieta escuridão, lado a lado os dois puseram-se a caminho de casa...

FIM

[\[177\]](#) Trata-se de fontanários públicos que eram construídos por particulares como actos de caridade, destinados a dessedentar pessoas e animais. No fundo de um nicho ornado de arabescos existia um tubo estreito ligado a um reservatório interno. Na cidade do Cairo, ainda hoje são numerosos os sebil. De entre estes, podemos mencionar o Sebil de Muhammad Ali, que data de 1821, o Sebil de Qaitbey, o Sebil de Khisra Paxá e o Sebil de Abdel Rahman Katakhdá.